VARGINHA:
Narrativas de Nico Vidal

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA
Ars in Totum

PREFEITURA DE VARGINHA
ORGULHO DA NOSSA TERRA E DA NOSSA GENTE

Varginha, MG - 2021

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA

VARGINHA:
NARRATIVAS DE NICO VIDAL

1ª edição

Varginha/MG
2021

C331 Carvalho, Antônio Vidal.
Varginha: narrativas de Nico Vidal/ editor e organizador Marcus Vinicius Vallim Madeira; diagramador José Agnaldo Montesso Júnior. -- Belo Horizonte : Rona Editora, 2021.

260 p. : il. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-994386-1-5

1. História – Varginha/MG. 2. Nico Vidal. I. Carvalho, Antônio Vidal. II. Madeira, Marcus Vinicius Vallim. III. Montesso Júnior, José Agnaldo. IV. Título.

CDD: 981.51

Ficha elaborada por Eliana Cristina Costa - CRB6-1474

Foto de capa

Máquina de escrever Olivetti Lexikon 80, fabricada na década de 1940, e que era utilizada por Nico Vidal para datilografar as crônicas enviadas aos jornais da cidade. Ela compõe o acervo do Museu Municipal de Varginha desde fevereiro de 2017.
Foto: Agnaldo Montesso

Vérdi Lúcio Melo
Prefeito de Varginha

Leonardo Vinhas Ciacci
Vice-prefeito

Marco Aurélio da Costa Benfica
Diretor-superintendente da Fundação Cultural

Cláudio Henrique Martins
Presidente de Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural
Coordenador do Centro de Documentação Histórica

Equipe técnica da Fundação Cultural

Marcus Madeira - *editor e organizador*
Agnaldo Montesso - *diagramador*
Bianca Gomes da Costa - *digitação de textos*
Francine Maganha Terra - *digitação de textos*
Vonete Moreira Lima - *Setor de Suprimentos*

Fotografias

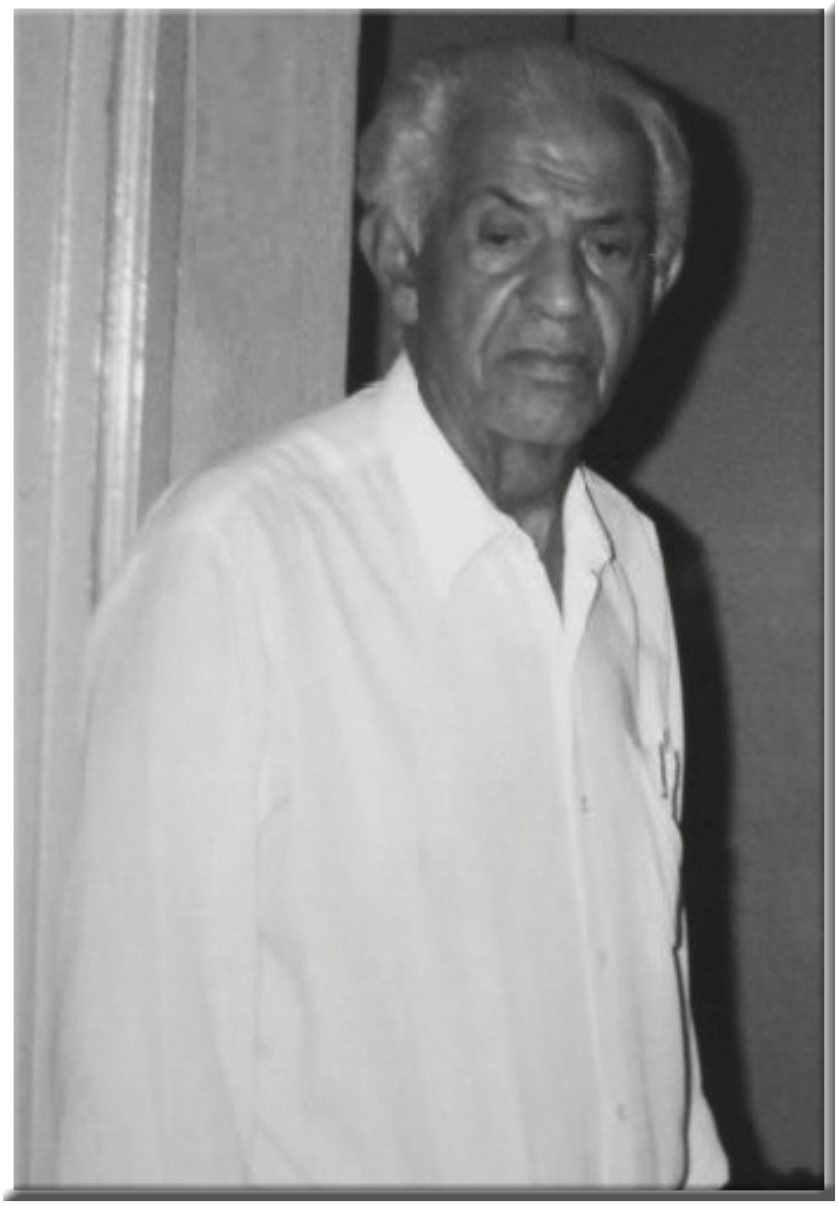
Acervo fotográfico Nico Vidal
Tombado como Patrimônio Cultural de Varginha em 12 de junho de 2018
Centro de Documentação Histórica da Fundação Cultural de Varginha

Sumário

Prefácio 9
Introdução 11
Agradecimentos 14
O Hino Varginhense 16
A expressão "Princesa do Sul" 18
Os primeiros povoadores de Varginha 20
Por que Varginha? 23
Primeiro automóvel e primeiro chauffeur 26
Nossos grandes vultos 30
O Movimento Pró-Proclamação da República em Varginha 32
A primeira aviadora varginhense 33
Os grandes vultos da história 34
Os italianos em Varginha 38
A Praça da Estação 41
A Rua Direita 45
Os bairros Bom Pastor e Barcelona 48
O Banco do Brasil em Varginha 51
Capitólio: um teatro de 62 anos 53
Cine Theatro Capitólio 55
Cinemas de Varginha 58
As igrejas 60
A Igreja de São Sebastião 65
Gazeta de Varginha 69
Jornaes de Varginha 73
A iluminação pública em Varginha 75
As Três Bicas 79
Primeiro Trem de Ferro 85
As corridas 89
As antigas serestas 93

Um voto de louvor..... 96
O café 98
O Capitólio 100
O Colégio Coração de Jesus 101
A Rua do Perpétua.....105
Afonso de Oliveira Castro.....108
Domingos de Figueiredo 112
Dr. Adhelio Justiniano de Resende e Silva 114
Jacy de Figueiredo.....117
Joaquim Paraguai..... 119
Guilherme Plum: um grande técnico da mecânica 124
Cap. Pedro da Rocha Braga 126
Antônio Pedro Mendes 134
Gente do meu tempo 137
O presidente Wenceslau Braz..... 141
Comendador Dr. Joaquim Batista de Melo 142
Política no Tempo dos Coronéis.....145
Os Coronéis.....148
A Gripe Espanhola 154
A Espanhola.....157
A "bexiga" 163
A Palangana.....168
A Manta 171
As vítimas de Chicago 175
Manifestações Folclóricas 179
Manchetes de "O Momento" 186
O Terremoto.....188
Os bares.....194
Os colégios.....196
Os esquecidos.....199
Os toureiros.....201
A Revolta 207

O "Pau do Barão" 209
O velho cemitério 213
O velho seresteiro 215
O ato variado 218
Os velhos carnavais 222
Vila da Campanha 226
Nomes do meio farmacêutico 229
Dados sobre a Magistratura e o Ministério Público 231
Ex-combatentes FEB 234
Curiosidades 1 235
Curiosidades 2 244
Curiosidades 3 246
Datas de nascimento e falecimento 249
Titular de Ruas 251
A memória da cidade cabe inteira na memória do homem 257



Antonio Vidal de Carvalho, o Nico Vidal

Prefácio

Como diretor-superintendente da Fundação Cultural para a gestão 2021-2024, honra-me, sobremaneira, apresentar aos leitores esta obra histórica, não ficcional, que trata da realidade desta cidade, das suas raízes mais profundas, sob o olhar de um contador de histórias, no seu sentido mais arraigado do mineiro da velha guarda que foi o sr. Nico Vidal.

Neste livro, o autor procura resgatar e difundir a história de Varginha, para que todos os interessados tenham a oportunidade de conhecer a trajetória desde os primeiros tempos, podendo assim, recordar as principais personalidades da vida política, intelectual e social.

Essa publicação conta com a edição e organização do jornalista Marcus Madeira, servidor concursado da Fundação Cultural e que, como Nico Vidal fez à sua época, procura registrar a história da nossa cidade, seja na Rádio Melodia FM, como também no blog e jornal particulares que administra. Madeira possui enorme amor pela terra que viu desde a infância, durante a adolescência e na fase adulta, buscando trazer os registros e os aspectos essenciais dos fatos históricos mais marcantes da realidade do município.

Estas figuras ilustres contribuíram e inspiraram, de forma efetiva, para a criação desta magnífica obra, trazendo, em si, toda cultura e todo conhecimento humano produzido e reproduzido em detalhes de uma riqueza inigualável.

Para poder interpretar algo é preciso ter um quadro de referência exterior àquilo cuja manifestação queremos interpretar. Assim como a letra e número são portadores formais de uma ideia subjacente, tudo o que é visível, tudo o que é concreto e funcional é, na verdade, a expressão de uma ideia, o mediador do invisível.

Resumindo, podemos denominar esses dois âmbitos de forma e conteúdo. O conteúdo se expressa na forma e, consequentemente, as

formas se tornam repletas de significado. E, como são repletas de significado, todas as informações transmitidas por esses dois cronistas, possibilitam ao leitor interagir com os momentos históricos que modularam e deram origem à realidade atual de Varginha que hoje existe.

Deixo aos leitores, com o apoio da atual gestão do prefeito Vérdi Lúcio Melo e do vice-prefeito Leonardo Vinhas Ciacci, uma boa leitura e o deleite da apreciação da cultura e de fatos históricos transmitidos por esses dois grandes cronistas. Um, de ontem, que formou o hoje. E o outro que mostrou a realidade antes existentes inerentes a este livro, com visão do presente que surgiu no passado.

Marco Aurélio da Costa Benfica
Diretor-superintendente
Fundação Cultural de Varginha

Introdução

Nico Vidal não era contador, nem jornalista. Era um contador de histórias. Possuía uma memória impressionante.

Tive o privilégio de entrevistá-lo por várias oportunidades. A primeira, em 1989, foi para redigir uma reportagem sobre o aniversário de 107 anos de Varginha, para o Jornal Hoje em Dia. Nico ficava em uma poltrona no seu escritório de contabilidade à Rua São Paulo, olhos fechados, circunspecto. A cada pergunta, pensava um pouco, pegava fôlego e começava. Aí não parava mais de contar histórias.

De personalidade forte, quando perguntado sobre figuras conhecidas de Varginha, era direto. Não tinha meios termos.

Ele era Antonio Vidal de Carvalho, nascido em 28 de novembro de 1911, filho de Alfredo Braga Carvalho e de Maria Vidal de Carvalho, espanhola de Barcelona que, juntamente com os pais, João Vidal Mercadé e Antonia Vidal Caral, aportou na América por volta de 1894. Seu João, chegando a Varginha, trabalhou incansavelmente nas obras da construção da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, nos anos de 1898 e 1899.

Sua família sempre teve atuação proeminente na vida varginhense: Alfredo, seu pai, fundou em 1913 a Liga Operária Varginhense. Tão preocupado com a situação do operariado, criou, na Rua do Carmo, atual Silva Bittencourt, a Escola da Liga Operária.

João Vidal Filho, outro tio, foi pedreiro que levantou casas e, depois como prefeito pelo PSD (1951 a 1954), contribuiu com a história de Varginha.

Nico Vidal trabalhou como tipógrafo nos jornais "O Capitólio" e no "Arauto do Sul". Foi aí que brotou sua veia de escritor e cronista histórico.

Formou-se em Ciências Contábeis pela FACECA, turma de 1975. Casado com Maria José Salles de Carvalho, com quem teve 9 filhos.

Foi criador do PTB de Getúlio Vargas em Varginha, em 1934. Foi vereador e presidente da Câmara em Varginha.

Permaneceu no PTB até o golpe de 1964, quando passou para o MDB de Tancredo Neves.

Em 1966 disputou o cargo de prefeito pela primeira vez, pelo MDB. Dr. Jacy de Figueiredo foi eleito com 4.193 votos, contra 3.279 de Nico Vidal.

Nico disse a este jornalista que, em outra eleição, foi eleito prefeito. Mas um político prestigiado de Varginha teria mandado capangas entrarem no Fórum à noite e trocarem as cédulas, dando a vitória ao outro candidato.

Encerrou suas atividades políticas no PDT, quando disputou a Prefeitura de Varginha ao lado de Mário Guido Miranda.

O mais conhecido historiador varginhense, contador e escritor faleceu no dia 6 de janeiro de 2011, uma quinta-feira, aos 99 anos de idade. Dois anos antes, havia me confidenciado: ficava triste quando chegava o final do dia, pois não conseguia ler mais nada.

Este livro é uma coletânea de textos publicados em jornais ou arquivados no rico acervo de Nico Vidal.

Em um sinal memorável de desprendimento, sua família concordou em doar as fotos, documentos e textos ao Município, sob a guarda da Fundação Cultural de Varginha.

Nada mais justo do que a publicação deste livro.

Para tornar a leitura mais agradável e o mais próximo da realidade do autor, decidimos por evitar ao máximo as intervenções. Estas ocorrem somente em momentos necessários para contextualizar as histórias, locais e personagens.

Há notas de rodapé e inserções entre colchetes para esclarecer ou fornecer informações. Quando surgem expressões como "portuguez", "falecêra", "joven" ou "Côrte" (Corte Portuguesa), em que são evidentes o conteúdo e a forma original de grafia, evitamos a correção, respeitando a escrita inicial.

Dito isso, prepare-se, leitor. Você vai conhecer uma Varginha inóspita, sem celular, televisão, asfalto nem carros (só carros de boi). Sem nenhum poste de iluminação. Vai conhecer figuras que enriqueceram, que deixaram sua marca na história pelo altruísmo ou pelo espírito brincalhão. Vai conhecer perigos que existiram – parecidos com histórias de faroeste. Até o lendário Sete Orelhas frequentou o Bar do Perpétua, na Rua Delfim Moreira.

Nico Vidal tem a pena azeitada. Durante inúmeras consultas a dicionários, encontrei palavras que nunca havia escutado. Em tempos de internet, onde proliferam analfabetos funcionais, é um prazer ler textos com a palavra correta sendo usada no local adequado.

Em alguns momentos, dada a devida proporção, Nico mais parece um Guimarães Rosa do Sul de Minas. Em outros, dedica parte do texto a descrever as personagens e ambientes, citando inclusive características não tão positivas dos retratados, o que rende bons risos.

Com sua narrativa, oferece ao leitor um exercício de imaginação, praticado –por quem é de Varginha- com boa dose de memória afetiva.

O que a gente vê neste livro é um resgate da história e a narração dos primórdios da cidade. Uma Varginha romântica, extremamente religiosa e, em alguns casos, ingênua. Uma cidade que, infelizmente, não existe mais.

Parabéns, Fundação Cultural do Município pela iniciativa. Obrigado, Nico Vidal. Boa leitura.

Marcus Madeira
Jornalista
Editor de Texto da Fundação Cultural de Varginha

Agradecimentos

A família do Sr. Antônio Vidal de Carvalho (Nico Vidal) vem a público agradecer as autoridades e pessoas abaixo relacionadas pela indicação, elaboração e publicação deste livro:

Antônio Silva - ex-prefeito de Varginha
Leandro Rabelo Acayaba de Rezende - diretor-superintendente 2017/2018
Lindon Lopes - diretor-superintendente 2019/2020
Edgard Ximenes Machado - diretor do Theatro Capitólio 2017/2020
Ana Luiza P. Romanielo - produtora cultural

Doação do acervo de Nico Vidal realizada em 14 de fevereiro de 2017 no Museu Municipal. Na foto esq/dir: Cláudio Henrique Martins, Bruno Jacson Pereira, Leandro Acayaba, Roney Sales Vidal de Carvalho, Abel dos Santos Ferreira e Lindon Lopes.

Reunião realizada na Estação Ferroviária em 28 de setembro de 2020 para início da elaboração do livro com os textos de Nico Vidal. Na foto esq/dir: Bruno Carvalho Ferreira, Roney Sales Vidal de Carvalho, Marcus Madeira, Agnaldo Montesso, Lindon Lopes, Ana Luiza Romanielo e Cláudio Henrique Martins.

O Hino Varginhense

Pela Lei. nº 29 de 1º de fevereiro de 1895 a Câmara Municipal de Varginha autorizou seu presidente, Major Evaristo Gomes de Paiva, a conceder ao cidadão João Francisco da Matta[1] uma gratificação de 100$000 (cem mil-réis[2]) pelo fato do mesmo haver oferecido à Câmara um hino à cidade de Varginha.

Até onde chegou nossa pesquisa a respeito desse cidadão dá-nos conta de que se tratava de um andarilho errante, maltrapilho e descuidado, perambulando de cidade em cidade a pé, arrostando toda a sorte de intempéries e com risco de ser atacado por algum animal selvagem nos trechos extensos de estradas ladeadas por matas virgens.

Durante a mocidade tornou-se conhecido por todo o Estado como um gênio musical do mais alto padrão, o que fazia com que, apesar de negro e ressumando à senzala *[sugerindo ser escravo]*, a sua presença onde quer que se apresentasse era tida como algo sensacional, merecendo a mais respeitosa acolhida, com homenagens e aplausos.

A música, na época, como todos sabem, era um dos mais caros ornamentos culturais, e mesmo uma necessidade na educação das moças de sociedade.

Mais tarde, atacado de um mal qualquer (possivelmente sífilis), que lhe afetara as faculdades mentais passou a vagar sem destino, abandonando tudo aquilo que com seu gênio musical conquistara.

Nessa época o jornal "Folha de Barbacena", em artigo de J. Paixão fez-lhe as seguintes referências:

"A administração que sinto por esse gênio peregrino impôs-

1 Músico sul-mineiro, cuja naturalidade é disputada por São João del-Rei, Lavras e Oliveira. Negro e pobre, além de músico era tropeiro, o que lhe permitiu peregrinar pelo sertão mineiro, levando sua música. Autor de 32 obras sacras. Faleceu em Serranos, município de Aiuruoca, no dia 4 de junho de 1909. Braga, F.J. *História Regional*. Disponível em: <http://www.ograndematosinhos.combr/historia_regional/33braga.html>. Acesso em: 30 set. 2020.

2 O valor aproximado da premiação, levando em consideração os valores da inflação, é de R$ 12.300,00.

-me o dever de algum dia arrancá-lo do latíbulo da incognação a que se submeteu, ou por capricho exótico dos grandes espíritos, ou pela filantropia que escalda o coração e o cérebro, devido a lhe serpentear nas veias a líria seiva da árvore genealógica malfadada, cujos frutos, embora inocentes, envenenaram a civilização de muitos povos. João da Matta é uma dessas organizações cíclicas que em todos os tempos aparecem entre as criações como fenômenos, é um desses desgraçados sublimes...”

E o articulista segue com suas apreciações complicadas sobre o estranho indivíduo. Que o mesmo tenha sido algo extraordinário sabíamos já, pois tornou-se uma figura legendária sobre a qual contavam uma série de anedotas que punham de manifesto seu gênio de musicista.

Onde estaria o hino oferecido à nossa Câmara de Vereadores no distante ano de 1895?

A expressão "Princesa do Sul"

Agradecendo o convite que lhe fora feito para colaborar na "Gazeta de Varginha", escreveu o Sr. Antonio Mendes (certamente que não o ex-prefeito Antonio Pedro Mendes) no nº 10 daquele antigo periódico local, na data de 19 de março de 1893, o seguinte:

"...Quando os homens que governam e pregam a guerra e a descaridade, que presta falar do filho do carpinteiro? Reavio-me de novo e não falarei mais em Deus e em Jesus, os dois banidos.

A Varginha vai melhorando de modo extraordinário. Quando eu era um pirralho, V.S. estava longe de nascer, esse *logar* era um *velha-çouto* de criminosos. Aos domingos armavam-se batuques estrugidores[1] nas portas da ruas e não era raro ficarem alguns foliões estripados. A polícia encolhia-se, e não fazia pouco. Hoje a cidade nascente vai-se povoando de gente chirstan[2], e despovoando de malfeitores. Oxalá seja brevemente a Princesa do Sul deste Estado, no logar de outras princesas que estão caindo de mulherinhas.

Este meu anhelo[3] não se há de frustar: Ah! Estão V.S. e os mais conselheiros districtaes, que serão infatigáveis em promover o progresso da cidade, arrumando-a, alinhando-a semeando-a e fazendo quanto possível para que Varginha seja uma cidade onde venham desopilar e refocilar de seu cansado tráfego não poucos habitantes do Rio de Janeiro.

Meu amigo, Sr. Redator já que não permite, continuarei a planejar umas rugas para a "gazetilha". Como sou hóspede de pouco mais ou menos, dê-me um logar na varanda e deixe a saída para a gente nobre.

Boa Esperança, 19 de fevereiro de 1883. Antonio Mendes"

...

1 Guinchos
2 Pelo contexto, povo cristão
3 Anseio

No mesmo número da antiga "Gazeta de Varginha", de 19 de março de 1893, encontramos o salarico (?) soneto abaixo:

"Duzentos milhões de pontos/ a pior dias inteiros;/ O rufar de mil pandeiros,/ Milhões de lobos famintos

"A contornar os recintos / Que guardam mansos cordeiros, / É mais feras os malheiros / Uivando com maus instintos;

"Sinos mil a dar rebate, / O barulho de um combate, / Tudo isso nada se aguenta

"Sem se ter tantas fadigas, / Do que suportar as brigas / De uma mulher ciumenta..."

(O soneto é de autoria de Portugal Júnior)

Os primeiros povoadores de Varginha

As versões que se têm sobre os primeiros povoadores de Varginha não são muito coincidentes. As duas mais verossímeis dão-nos como estabelecidos no lugar denominado "Tachos", com fazendas de exploração agropecuária.

A primeira estabelece que um tal de João Gonçalves de Carvalho, arrendatário das rendas da Coroa nos "passos" de S. Gonçalo, conseguiu com o governador da Capitania, para si e os seus, lá pelos idos de 1765/72, algumas sesmarias de terras nesta zona tocando uma dessas sesmarias a Manoel Gonçalves de Carvalho, seu irmão ou sobrinho. Essas terras ficavam ao lado direito do Rio Verde, entre o Ribeirão das Antas e o Ribeirão dos Tachos.

Segundo documentos oficiais Manoel Gonçalves Carvalho era *português* natural do arcebispado de Braga, advindo daí o seu apelido de Braga velho. Eram seus "paes" João Gonçalves do Monte e Ana Maria da Cruz. Manoel Gonçalves de Carvalho (o Braga velho) foi casado em primeira núpcias com Magdalena Maria de Jesus e, em segunda, com Francisca Antônia da Paixão. Dos dois casamentos tivera 24 (vinte quatro) filhos, descendendo destes todas as grandes e tradicionais famílias varginhenses.

A outra versão é defendida pelo Pe. Lefort por Antonio José Teixeira e Domingos T. Carvalho, ambos portugueses, vindo a chamado de seu tio José de Jesus Teixeira donatário de minas de ouro na cidade da Campanha da Beira, onde construiu às suas expensas a Igreja das Dôres, ainda existente naquela cidade à rua Direita. Dizem que por doação desse primo "nobre e fidalgo" Antonio, de quem também eram primos e íntimos amigos, receberam a fazenda denominada "Tachos" e lá edificaram duas moradias anexas, ainda pertencentes a herdeiros dos mesmos.

Dizem que ambos viveram nos "Tachos" a vida toda, vindo

a contrair matrimônio depois do 40 anos de idade. Até então tinham como caseira Angélica de Tal, também *portugueza* e que, segundo versão antiga, era amasiada de ambos.

Antônio José Teixeira casou-se na família Reis e Rezende oriunda de S. João D'el Rey e Domingos Teixeira de Carvalho, (o velho) casou-se na família Gonzaga Branquinho, lavrador entre Varginha e Três Corações.

Pretende esta versão que como a outra não temos condições para contestar, que são os dois - Antonio José Teixeira e Domingos T. Carvalho - o tronco de todas as tradicionais famílias do lugar.

Mesmo a caseira Angélica de Tal, que os primos ao se casarem brindaram com um belo dote em escudos e um bom punhado de alqueires de terra, é tida como a matriarca de uma das nossas mais importantes famílias varginhenses, os Franco de Carvalho.

Já a tradição oral fala nas *"treis ilhôas"*, que vieram para o Brasil para se casarem, duas das "*quaes"* se casaram com os dois primos, indo a terceira para Cataguazes, onde se casou também.

A terceira versão, do Cônego Lefort, dá como primeiros habitantes do Município de Varginha Francisco Nogueira Andrade Antonio Martins do Prado e s/ mulher Ana Maria de Jesus, Joaquim Vitoriano de Andrade etc., que para aqui vieram da fazenda denominada Anto Antônio do Bom Jardim do Rio Verde. Esta fazenda pertencia ao padre Manoel Caetano de Figueiredo, falecido no dia 25 de agosto de 1802, e conta em seu testamento - reg. na pag. 118 e seguintes do livro de óbitos de Campanha, - que era filho de Tomé João e Maria de Figueiredo, tendo nascido em Pudar, na Freguesia de S. Marinho das Moitas, no Vizeu, Portugal.

O padre Manoel Caetano de Figueiredo paroquiava a Freguesia de S. João Batista do Meriti, Est. do Rio, e deixou-a vindo para a cidade de Campanha, onde adquiriu terras a fim de desenvolver seus pendores agrícolas. Nesse sentido adquiriu a fazenda denominada Santo Antônio do Bom Jardim do Rio Verde, onde já existia uma ermida, a qual ele

passou a oficiar. Passou ali a ser o senhor "da metade de todas as terras mineiras, e de cultura, e de criar". Essa fazenda junto ao Rio Verde, fora comprada de seu patrício Ponciano Ferreira da Silva, que falecera na cidade da Campanha, "com solene testamento, em 18 de outubro de 1794". Nesse testamento alega que era filho de João Ferreira e Maria da Silva. Tendo nascido em Santa Maria do Pombeiro, em Braga. Mais tarde o mesmo Padre Manoel Caetano de Figueiredo adquiriu outros sítios denominados Santa Maria e São Paulo, o primeiro vendido pelos herdeiros de Henrique da Costa e, o segundo, por Ignácio da Silva. Ambos os sítios confrontavam com a sua primeira fazenda Bom Jardim, para onde acorreram muitas famílias, consigo levando seus escravos por volta dos anos de 1790 a 1793.

Por que Varginha?

Antigamente, a condução era o cavalo ou o burro, e como esses valentes animais também se cansavam, os "pousos" ou "pousadas" eram distanciadas uns dos outros por "uma jornada" – 6 léguas ou 36 quilômetros mais ou menos, - que era o que um animal de carga ou de montaria poderia fazer em um dia de marcha sem se estropiar. Nesses "pousos", grandes barracões ou barracas, quase sempre cobertos de sapé, haviam acomodações para os viajantes homens, para os tropeiros e suas alimárias[1], bem como segurança para seus bens, às vezes constituídos de cem ou mais mulas carregadas de mercadorias, pois era esse o único meio de transporte de cargas finas para longas distâncias.

Sempre a algumas distâncias do "pouso" ficava a residência de seus donos, onde se alojavam as mulheres e crianças viajantes, pois os ranchos eram destinados a abrigar apenas homens, que na sua maioria, eram indivíduos duros e calejados, afeitos à vida perigosa das veredas, na qual o trato com "jagunços" e criminosos de toda a casta era coisa do dia a dia.

A garrucha, o punhal e a carabina faziam parte integrante da indumentária daqueles bravos "cometas", que enfrentando intempéries e percalços de toda a sorte, era quem movimentava o comércio por esses imensos Brasis, palmilhando, a duras penas, seus infindos e perigosos caminhos.

Na Serra da Mantiqueira as mulas de carga, por motivo da quase impraticabilidade dos caminhos, seguiam em fila indiana, uma com o cabresto preso na cauda da outra, transportando mercadoria para a Côrte ou de lá trazendo para o interior. Fazendeiros das imediações mandavam seus escravos habilmente treinados roubarem os animais carregados. Em alguma curva do caminho onde parte da fila ficava fora da vista dos condutores, os ladrões cortavam rapidamente os cabrestos

1 Alimárias: animais de carga

e entravam com o animal roubado pelos valados ou ravinas. E que ninguém tentasse segui-los, pois, cairia fatalmente na "tocaia" de algum sicário[2]...

Os menestréis da época, - violeiros e repentistas dançadores de "catiras",- quase todos tropeiros ou boiadeiros, expunham os valentes caminheiros de "serra abaixo", rumando para a Côrte com toucinho, linguiça e carnes salgadas, ou de lá voltando com fazendas, armarinhos, especiaria e perfumes etc.

Eis um trecho de cantigas de Cateretê:

"Meu avô, Zé Tinguaciba,
Rei de todos violeiros,
Foi também o mais suruba,
O mais pior cacanjuba
Dos cabras da reinação...

Dançadô de recortado,
Gingongo, pé de poeira...
Brigaião que nem um galo.
Mas leve como uma penêra.
Foi o LADRÃO DE CAVALO
MAIS HONRADO E ARRESPEITADO
DA SERRA DA MANTIQUEIRA..."

As jornadas (avanços) eram medidas pelos "pousos" e, por isso, eram calculadas cronologicamente por estes: - "Tal dia estaremos no pouso tal", e que poderia ser o Pouso Alto, Pouso Alegre ou Pouso da Varginha.

Acontece que o "pouso" da Varginha, ao contrário dos demais, tinha o seu nome ligado a um acidente topográfico – vargem, - que, por si só, fixava a ideia de lugar. Não era um simples designativo como

2 Sicário: assassino pago

“alto” ou “alegre”, que como adjetivos eram pouco mais que uma abstração.

E os viajantes que memorizavam melhor os nomes dos “pousos” que dos lugarejos que lhes ficavam perto, passavam a chamar estes pelos nomes daqueles: “Fiz boas vendas em Pouso Alegre, em Pouso Alto e em Varginha”. Isto é, no arraial que ficava perto do “Pouso da Varginha”, que era o de Espírito Santo das Catandubas.

E “como o uso do cachimbo fez a boca torta”, as autoridades de então não tiveram outro recurso senão o de substituir o “das Catandubas” pelo “da Varginha”, passando o arraial a chamar-se “Espírito Santo da Varginha”.

Por questões religiosas, o “Espírito Santo” perdurou no nome da cidade. Mas pelo fato de ser citado apenas em documentos oficiais não resistiu à sanha arrebatadora da mentalidade positivista dos implantadores da nossa primeira República, passando a cidade a chamar-se simplesmente VARGINHA.

Primeiro automóvel e primeiro chauffeur

Foi numa quinta-feira, dia 1º de janeiro de 1914 que, coberto por uma lona, aquela máquina, para muitos estranha, chegara em uma prancha da estrada de ferro, no trem misto das duas horas da tarde.

Era um automóvel.

Tão logo parara o trem, os curiosos se aglutinaram em volta da prancha, tecendo comentários sobre o acontecimento. Faziam-se suposições sobre quem seria o dono daquela geringonça, já que se sabia que a mesma era destinada a Varginha.

Naturalmente que muitos já sabiam o que era um automóvel, e alguns mesmo, que já haviam estado no Rio ou em São Paulo, já os tinham visto rodando pelas ruas. A maioria dos presentes, entretanto, dada as dificuldades de comunicação da época, mal fazia ideia do que era aquilo, por isso a notícia da sua chegada correu célere fazendo com que um mundão de gente se abalasse à estação para vê-lo.

Fosse como fosse, a coisa era de admirar, se levado em consideração que o primeiro automóvel vindo para o Brasil foi em 1893, isto é, há somente 21 anos antes. Foi trazido por Henrique Santos Dumont – irmão do grande inventor. Era da marca Daimler, de fabricação inglesa e de patente alemã, e que depois veio a ser mundialmente conhecida como Mercedes Benz. Acionado a vapor, com fornalha, caldeira e chaminé, todas as tardes trafegava pela Rua Direita de São Paulo, ponto de desfile das madames e mademoiselles do "gran monde" da capital. O que estava ali na prancha era moderno, a gasolina e belíssimo com seus metais dourados e reluzentes.

Quem seria o dono daquilo?... Era indagação que se notava em todos os semblantes. O agente da estação, sr. Erlindo Costa, se aproximando e sendo imediatamente cercado pelos curiosos, com o "conhe-

cimento" na mão, deu o nome do proprietário. "Esse automóvel pertence ao cidadão (como se fala então) Zeferino Augusto da Silva.

Alguém por perto comentou: "É! Só podia ser mesmo daquele maluco!"

Era um Ford, modelo "T", tipo Double Phaeton, motor de 20cv, 2 marchas, chassis nº 216849.

Cerca das 3 e meia da tarde, com a praça apinhada de gente que também lotava a Travessa da Estação (hoje a Rua Álvaro Costa), até a venda do sr. Augusto Braga, o sr. Zeferino, acompanhado de um indivíduo usando um guarda-pó cinza que lhe ia até os pés, óculos escuros com laterais de borracha e boné branco com viseira marrom, apareceu para descer o carro e pô-lo a funcionar. O acompanhante era o técnico enviado pela firma vendedora do carro para instruir o sr. Zeferino como operar o veículo. Posto no chão – mais pelo concurso braçal dos entusiasmados circunstantes que pela ajuda dos pranchões de madeira trazidos para essa operação – o sr. Zeferino, pedindo a todos que se afastassem, preparou-se para fazê-lo funcionar.

Magneto no estribo, buzina seringa tipo "fon-fon", lanternas a *carboreto*[1], rodas de raios de madeira e capota arriada, aquilo parecia a muitos a quinta essência da ciência e da técnica.

Até 1927 a partida dos carros era dada pelo acionamento de uma manivela fixa logo abaixo do radiador. E o sr. Zeferino, depois do indivíduo de guarda-pó sentar no volante e ajeitar os "bigodes" (aceleradores) e gritar – "agora" – rodou a manivela. Não pegou. Esqueceram a gasolina. Trouxeram a caixa que continha duas latas de 20 litros, foi despejada, uma no tanque a fim de ser repetida a operação. O homem do guarda-pó subiu novamente à boleia enquanto o sr. Zeferino se preparava para voltar à carga na manivela. Circunstantes, solícitos, espicaçados talvez pelo desejo de poder depois vangloriar-se de haver concorrido para o funcionamento da máquina, se apresentaram para

1 *Carboreto:* as lanternas a carbeto de cálcio (como o composto químico é conhecido) contém água que vai pingando no carbureto, gerando gás acetileno, que é queimado gerando uma chama brilhante e clara, com um facho luminoso de até 20 metros.

mover a manivela. Foram advertidos de que ela poderia dar um "contra", machucar-lhes ou até mesmo quebrar-lhes um braço.

O motor "pegou" estrepitosamente arrancando exclamações dos circunstantes que prudentemente recuaram. O barulhão provocado pelas explosões do motor sem silencioso, a densa fumaça fedorenta da gasolina grosseira mal queimada por carburador deficiente e que escureceu a praça, estava marcando naquela hora, com letras de ouro, uma página da nossa história. Aberta, a custo, passagem entre a multidão, o carro arrancou para os lados da Rua 15 de Novembro (hoje São Paulo), atravessou a Praça da Estação, rumando pela Rua dos Comissários (hoje Alves e Silva) e dali avançando para a Praça do Mercado (hoje Quintino Bocaiúva) e Rua São Pedro (hoje Wenceslau Braz).

Então, surgindo dos lados da Rua Francisco Horácio (depois Rua do Peixe e hoje Rua Paraná), uma velha com lenço à cabeça, bata, saias rastejando o chão, espavorida a gritar: "Vou buscar minha neta na escola!... Como é que uma criança vai poder andar pelas ruas agora?... Já não bastava gente amansando cavalos, boiada estourada, cachorros loucos e outras coisas?... Agora essa bosta de automóvel!... Isso vai matar muita gente!..."- e subiu enfurecida para os lados da escola de D. Alcina.

E foi com essa recepção tão dramática e agourenta que o nosso primeiro automóvel, sempre com a molecada à cola, riscou as ruas da nossa cidade. Foi sob o mesmo estigma que surgiu em Varginha o primeiro profissional do volante, o "chauffeur" ou sinesíforo Zeferino Augusto da Silva, português de nascimento, criado no Brasil desde a infância. Este "maluco", que também teve o mérito de haver trazido para nós o primeiro aparelho de som – o gramofone – e que tinha verdadeira fascinação pelas novidades e pela progressão, fora de um coração magnânimo, sempre voltado para os infelizes e sofredores.

Creio mesmo ter sido esta última a sua característica mais marcante.

O primeiro automóvel que circulou em Varginha em 1914

O SEGUNDO

Em 1915 chegara a Varginha o 2º automóvel. Trouxe–o a firma Saraiva & Braga, que se associou ao sr. Zeferino formando a "Garagem Silva & Saraiva".

Procurando dinamizar o negócio de aluguel dos veículos, o sr. Zeferino Augusto da Silva adaptou a estrada de carros de bois que ia da cidade à fazenda do sr. José Bernardes Rezende, a fim de poder levar mais longe seus fregueses.

Um dos jornais da época, encerrando uma notícia a respeito, comentou: "Desta forma não haverá quem não se disponha a fazer esse percurso nos *levípedes*[2] e confortáveis autos".

Desta maneira, deve-se também a primeira estrada de automóveis de nosso município aos progressistas esforços do sr. Zeferino Augusto da Silva.

2 Que tem pé leve; que anda com presteza.

Nossos grandes vultos

No dia 18 de maio de 1811, nascia na pequena cidade de São José del Rei[1], hoje Tiradentes, uma das mais eminentes figuras de nossa história – O Major Venâncio José Franco de Carvalho.

Ali fez seus primeiros estudos. Com a idade de 11 anos e acompanhado de seus pais, transferiu-se para a cidade de São Tomé das Letras.

Em 1828, em companhia de seu cunhado, Capitão Esaú José Nogueira, veio para a então Capela da Varginha, pertencente a Três Pontas. Aqui se ocupou de pequenos negócios, vindo mais tarde a se estabelecer com o comércio de fazendas e armarinhos, o primeiro estabelecimento do gênero a se inaugurar em nossa cidade.

Casou-se no dia 04/02/1832 com dona Maria Custódia Nogueira, da grande e importante família Nogueira de Baependi.

Identificando-se com sua nova terra, tornou-se um dos maiores propagadores de seu progresso, tudo fazendo nesse sentido, mesmo com sacrifício pessoal, para o engrandecimento de Varginha.

Por seus esforços, fomos elevados à condição de Freguesia. Militando no Partido Conservador, com sua habilidade política, conseguiu tornar-se conhecido e estimado em toda a 13ª Circunscrição Eleitoral, o que lhe valeu o reconhecimento do governador da Capitania, que passou a encarregá-lo de diversas incumbências de interesses do governo.

Trouxe para Varginha a primeira escola pública, entregando sua direção à professora Maria Carolina de Souza Ferraz. Preocupado com a educação, foi seu visitador escolar por muitos anos. Foi ele quem conseguiu a primeira agência de Correios, ocupando gratuitamente por longos anos a função de agente. Sob sua orientação, foi construída a ponte sobre o Rio Verde no lugar conhecido como "Farinhas", ligando Varginha e Campanha.

Foi por várias vezes vereador, presidente da Câmara Municipal

1 Um dos nomes que, no passado, teve a atual cidade de Tiradentes

e juiz de Paz. Ocupou diversos cargos na atuante Guarda Nacional, na qual se aposentou como major.

Constituiu uma ilustre família, gerando os seguintes filhos: dona Leopoldina Nogueira da Fonseca, casada com o senhor João Batista da Fonseca: doutor Paulino José Franco de Carvalho; Venâncio José Franco de Carvalho; José Maximiano Franco de Carvalho; dona Anna Isabel Nogueira Lustosa, casada com Joaquim da Silva Pimentel Lustosa, residentes em São Gonçalo do Sapucaí: Emiliano José Franco de Carvalho, reconhecido rábula e professor em Guaxupé.

Dentre eles, destaca-se o doutor Paulino José Franco de Carvalho. Graduou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1863. Nomeado juiz municipal de Três Pontas, em 06 de junho de 1866, atuou brilhantemente, sendo reconduzido a 04 de janeiro de 1871. No mês de dezembro de 1873, foi despachado juiz de Direito da Comarca do Porto Imperial, Goiás. Em Três Pontas foi também Delegado de Polícia.

Exerceu também os cargos de desembargador e delegado provincial por Minas Gerais. Por tantos trabalhos, foi condecorado com o hábito da Ordem de Cristo.

O major Venâncio faleceu, carregado de méritos, no dia 19 de novembro de 1897.

E Varginha, onde viveu e por cujo progresso e grandeza lutou, não deve e não pode deixar de render à memória deste tão valioso filho adotivo as mais reconhecidas e justas homenagens.

O Movimento Pró-Proclamação da República em Varginha

O Movimento pró-Proclamação da República teve em Varginha o seu grande incentivador na pessoa do cel. José Justiniano de Resende e Silva (Zec'Alves). Líder político prestigiado por todas as 29 comarcas que formavam em Varginha o 13º distrito eleitoral do estado, o cel. José Justiniano foi o fundador do Partido Republicano em nossa cidade que contava entre seus membros destacadas figuras da sociedade varginhense de então, entre quais o dr. Antônio Pinto de Oliveira, Antônio Justiniano de Resende Xavier, o prof. Pedro Alcântara da Rocha Braga, João Gonzaga Branquinho, Matheus Tavares da Silva, João Alves de Gouveia, Herculano da Rocha, Francisco Aureliano de Paiva, José Maximiano Franco de Carvalho, e outros.

Nosso colégio eleitoral, muito significativo com seus 66 (sessenta e seis) eleitores – o que se justificava, pois para ser eleitor o cidadão tinha que comprovar uma renda anual de, no mínimo, 100$000 (cem mil réis), além de saber ler e escrever. Os eleitores, que se dividiam entre "liberaes" e conservadores, passaram, pós-Republica, a obedecer duas correntes: uma chefiada pelo cel. Antônio Justiniano de Resende Xavier e a outra pelo cel. João Urbano de Figueiredo, ambos cidadãos íntegros e respeitáveis. Já então para ser eleitor bastava que se desenhasse o nome. O eleitorado havia crescido consideravelmente, em número, mas baixado em qualidade. Era um eleitorado sui generis – havia os eleitores do cel. Tonico Xavier e os do cel. João Urbano. Assim, por ocasião de eleições, os emissários de ambos os chefes corriam a cidade e fazenda avisando: - O cel. mandou falar que amanhã é dia de eleição". A resposta era sempre a mesma: "Fala para o cel. que a gente estará lá..."

Pouco se lhes dava o nome ou a qualidade do sufragado, eles eram "eleitores do coronel" e defendiam acaloradamente essa posição, tendo o nome do "seu" coronel como intocável. Foi o começo da era dos puxa-sacos, que ainda perdura nas pequenas cidades.

A primeira aviadora varginhense

Dentro de poucos *mezes* será brevetada pelo Aeroclube de Varginha, a primeira aviadora civil varginhense. Referimo-nos à graciosa senhorita Wilma Maria Geissler, ornamento da nossa sociedade, filha do sr. Fritz Geissler, industrial aqui residente, e da Exma. Sra. d. Maria Silva Geissler.

Wilma, que é a personificação da delicadeza e da simpatia, além de ser dotada dos encantos de uma *joven* bonita, consta apenas 15 anos de idade. Quem a vê passar, risonha, "*quasi*" frágil, não faz ideia da sua coragem e da energia vigorosa que domina o seu caráter.

Matriculou-se na escola de aviação do AeroClube de Varginha em novembro.

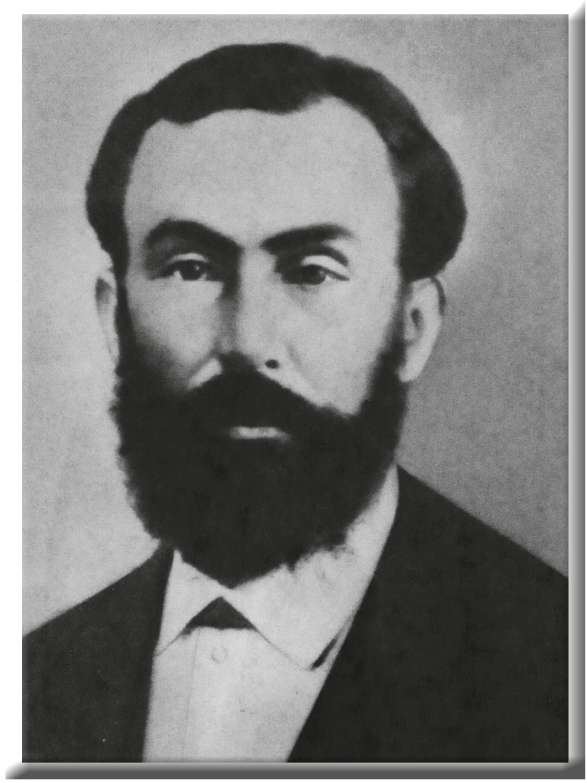
Como não temos aviões, Wilma Maria tem feito seus treinos nos aparelhos do Aero Clube de Paraguassú. Fez o primeiro "vôo" a 7 de novembro de 1944. Conta, já com quatro horas de "vôo" de treino.

O "Suplemento Ilustrado" do "O Sul-Mineiro", rendendo esta homenagem à graciosa e gentil Wilma Maria Geissler, felicita-a vivamente.

Wilma Maria Geissler Hovelacque - 1942

Os grandes vultos da história

O cel. José Justiniano de Rezende Silva (Zéc'Alves) era filho de José Alves da Silva, fazendeiro aqui falecido em data de 25 de julho de 1895. Nasceu o cel. José Justiniano de Rezende Silva no dia 30 de outubro de 1844 no então Curral do Espírito Santo de Varginha. Inteligente e combativo, seu instinto de líder tornou-se uma das mais destacadas figuras políticas da região, estendendo o seu prestígio por todas as 29 comarcas que formavam o 13º distrito eleitoral de então.

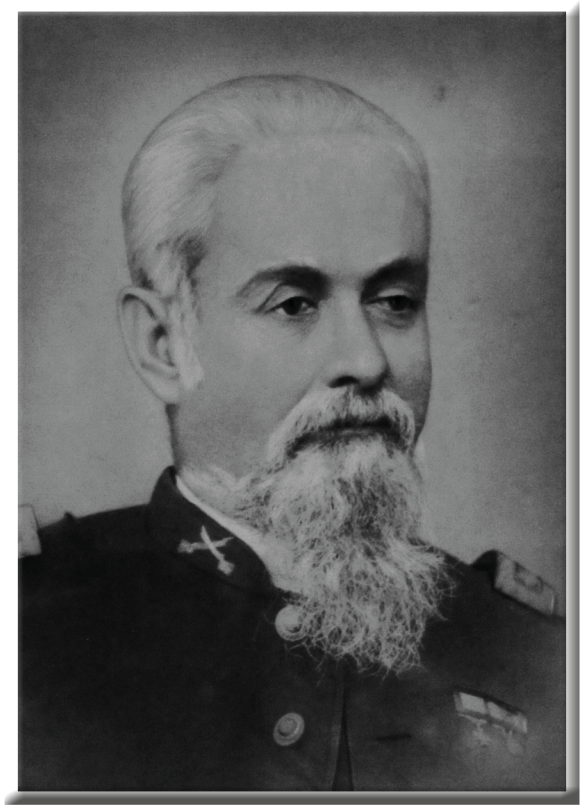


Coronel José Justiniano de Rezende e Silva

Foi dos que mais lutaram pela emancipação política de Varginha, onde em 1882 o número de eleitores era de 66, número este bastante significativo se considerar que a cidade da nobre Campanha da Princesa, já então berço de grandes nomes no cenário político e intelectual da nação, tinha apenas 170 eleitores.

Foi fundador do Partido Republicano em Varginha o qual liderou por longos anos. O governo republicano fez-lhe justiça entregando-lhe a direção política do Município. O cel. foi prefeito de 1890/1892, revelando-se, como não poderia deixar de ser, um grande administrador. No seu governo reorganizou os quadros administrativos adequando-se às novas exigências constitucionais, tudo fazendo em benefício da "considerável" população de cerca de 1.800 a 2.000 pessoas, que era o que devia ter a cidade. Dentro dos limites dos recursos disponíveis cuidou com carinho de nossas comunicações, quer internas – melhorando as estradas para as fazendas do município, - quer externas, consertando as que nos ligavam com os municípios vizinhos; proibiu terminantemente a criação de porcos nos porões e hortas da cidade; e que, à noite, perambulavam pelas ruas; cuidou para que a estrada de ferro Muzambinho tivesse todas as facilidades para o seu estabelecimento aqui; aumentou o número dos zeladores de ruas a fim de que as mesmas se mantivessem sempre capinadas e limpas; impôs multa aos proprietários que deixassem fluir para as ruas as águas servidas em suas residências etc. Incentivador da cultura da nossa gente, cooperador com o capitão Antônio Caetano da Rocha Braga na fundação do Colégio Santo Antônio em 1883, e no qual fora professor outra grande figura da nossa história – o inteligente e irrequieto cidadão Pedro Alcântara da Rocha Braga (o simpático Pepêdro). Estudaram nesse colégio entre outros, os meninos José Augusto de Paiva, Álvaro de Paula Costa, Luiz Severo da Costa, Gabriel Penha de Paiva, Zoroastro Franco de Carvalho, Mario Silva etc.

O cel. José Justiniano de Rezende Silva casou-se com sua prima Maria Benedita Teixeira de Resende em 2 de novembro de 1866, de cujo



Capitão Antônio Caetano da Rocha Braga

consórcio houve os seguintes filhos: Adélio, Emilio, Josué, José, Afonso, Hermenegilda e Natália. D. Hermenegilda viria a ser mais tarde esposa do dr. Antônio Pinto de Oliveira, cujos grandes méritos como pessoa e como cidadão, são bastante conhecidos de todos os varginhenses. Fazendeiro esclarecido e capitalista (emprestador de dinheiro), sua grande fazenda, com engenho movido a água, era uma das mais bem cuidadas e que mais produziam na região.

Muitas das pessoas que se destacaram em nosso cenário político e social no passado devem-lhe o amparo e o estímulo. Dentre estes

destacou-se de maneira especial a nobre e querida figura do cel. Antônio Justiniano de Rezende Xavier (o popular Tonico Alves) – e homem dos mil e tantos compadres, que veio a ser um dos mais brilhantes homens públicos de Varginha, devendo-se adjudicar ainda a seus grandes méritos políticos a condição de pessoa profundamente humana, cujas rasgos de bondade e justiça tornaram-se legendários.

O cel. José Justiniano de Rezende Silva faleceu no dia 8 de junho de 1907, cobrindo de mágoa o coração de todos os varginhenses, que tinham nele um exemplo de trabalho, dignidade e bondade, sempre pronto a atender quem lhe batesse à porta em busca de proteção e socorro.

Foi o construtor do prédio ainda existente frente ao Grupo Escolar Brasil[1], que fez para a sua residência na cidade, bem como do grande sobrado que existia onde hoje se localiza a residência de descendentes do sr. Lica Nogueira, na esquina da Av. Rio Branco com a Rua Dep. Ribeiro de Rezende. Este último destinava-se a receber "gente da Corte" que, infelizmente nunca chegara a nos visitar.

À Varginha cabe relembrar nessa grande figura um dos seus maiores e mais valorosos filhos, pondo-o em destaque na sua história. A sua descendência vem justificando-lhe o valor através dos tempos, dando-nos cidadãos destacados em todos os ramos de atividades, como seus filhos Emílio e José Adélio Justiniano de Resende; seus netos Wladimir, Plinio e José Pinto de Oliveira, José Adelio de Resende, e seu bisneto senador Morvan Aloysio Acayaba de Rezende.

1 No local mencionado, hoje há um terreno cercado por muro.

Os italianos em Varginha

Neste dia de júbilo para nós varginhenses, em que comemoramos mais um aniversário da nossa emancipação política, é um dever de justiça não nos esquecer d'aqueles que, vindo *doutras* terras, se atrelaram conosco ao prezado carro de progresso para fazer de nossa cidade uma das mais importantes do Estado. Não desmerecendo o concurso de outras nacionalidades – especialmente da portuguesa, - destaca-se em primeiro lugar e de maneira a mais valorosa e mais querida: os italianos.

Vindo na sua maior parte como imigrantes contratados pelo nosso governo para trabalharem na lavoura por cinco anos (findo os quais poderiam ficar no país e escolher a vida que quisessem), souberam impor em nossa gente uma mentalidade nova, modificando em parte nossos costumes com novo estilo e técnica de trabalho, já que entre eles vieram artistas, artífices a espécie como músicos, pedreiros, estucadores, pirotécnicos, trabalhadores de fábricas e em outros misteres até então desconhecidos para nós.

Seu alto senso de sociabilidade e cooperativismo fez com que já em 11 de agosto de 1895, sob a liderança de Domingos Conde, Cândido Foresti, Carlos Natalli, Vicente Rodolfo, Antônio Bertesi e outros, fundassem aqui a "SOCIEDADE ITALIANA DE BENEFICÊNCIA 4 DE AGOSTO", cuja primeira ata traz como preâmbulo:

"A laboriosa e honesta colônia italiana do Município de Varginha, que há oito anos se acha aqui estabelecida sem dar motivos de censura pela ordem e respeito que sempre manteve e continua a manter, considerando e acatando as autoridades constituídas, é digna por tão exemplar e correto comportamento da nossa estima e veneração. Hoje, oitavo aniversário da fundação da PRIMEIRA COLÔNIA ITALIANA AGRÍCOLA neste município hospitaleiro, aproveitamos o ensejo para saudá-la agora que se reúne para o humanitário fim de distribuir a caridade fundando a "Sociedade Italiana 4 de Agosto..."

Prédio da Associação Italiana em 1946

Esta sociedade teve como seus primeiros diretores os srs. Carlos Natali, presidente; Cândido Foresti, vice; Domingos Conde, tesoureiro e Vicente Levitzchi, secretário. O local da reunião foi a residência do sr. Domingos Conde no então Largo do Rosário, que ia da frente da atual matriz até a Igreja do Rosário desmanchada em 1913, e que se situava onde hoje está o lago em frente ao Cinema Rio Branco.

Entretanto não é só pelo trabalho que muito e muito devemos à gloriosa colônia italiana. É também pelo mais importante que nos deixou de sua vida: o seu sangue, que hoje circula nas veias e talvez em mais da metade de nossa população.

Como homenagem nesse dia muito grato a todos nós, relembramos abaixo os nomes de muitas das famílias italianas que aqui moureja-

ram e ainda *mourejam*[1] conosco através de seus descendentes: Amancio, Aprelini, Adriano, Alegre, Aníbal, Aliplandi, Biscaro, Bartelega, Bregalda, Baldoni, Bencivoni, Caselato, Carluci, Caldonazo, Constancio, Comunian, Ciacci, Cougo, Conde, Cottini, Corcette, Casa Grande, Cainelo, Canalonga, Donagema, Dominguito, Domiciano, Dondena, Elizei, Fenoci, Fatini, Foresti, Filardi, Françoso, Fabri, Frogeri, Geraldi, Geraldeli, Guarreiro, Dezie, Lentini, Lorenzette, Limborço, Lomonaco, Lucio, Lelo, Levitzchi, Minitli, Maganha, Mueio, Marangão, Massa, Maselli, Médes, Moselli, Miniello, Mangiapello, Módena, Navarra, Natalli, Megucci, Martinelli, Montecevechi, Ossani, Peloso, Pederiva, Perrupato, Pizzo, Petrin, Pellini, Pazzoti, Passatuto, Pazzini, Pazze, Paruci, Piceli, Rotundo, Roquim, Reghin, Reinato, Romualdi, Rosestolato, Siaquarema, Sala, Sardo, Sarto, Sigiani, Semionato, Sicatini, Santão, Sapi, Trombini, Trocoli, Tosi, Fada, Pantulli, Zanatelli, Pala, Gazelli, Rossignoli, Papalli, Vaquelli, Dalcin, Baroni, Dallesandro, Valatti, Pressato, De Luca, Regina, Lemini, Bruno, Bertoldo, Pássaro, Trombeta, Marquezini, Mazzoni, Martezzi, Borin *[não modificamos a grafia original do texto do autor]*.

1 Trabalhar muito (como um mouro, antigo habitante do Norte da África)

A Praça da Estação

O movimento ali começava cedo. O alto comércio atacadista, no qual o café era o produto principal, ali se concentrava com seus escritórios e armazéns. Cafelistas[1], cerealistas, vendedores ambulantes com seus tabuleiros oferecendo toda sorte de quitandas e doces, se mesclavam a carroceiros, compradores, agenciadores, pilantras e vagabundos de toda a espécie. Não muito distante, a importante "Casa Navarra", com seu imenso estoque oferecia toda a espécie de mercadorias, exportando-as para todo o Sul do Estado.

Era a Praça da Estação, intensamente animada, para uns era uma espécie de bolsa de valores onde se cuidavam de todos os tipos de negócios: desde a venda de um rolo de fumo, de um boi ou de um porco até uma grande partida de café que implicava em centenas de contos de réis; para outros uma perspectiva de possibilidades inesperadas que lhes pudessem trazer algum ganho.

Filas de indivíduos transportando, dos armazéns abarrotados, sacos de café para os vagões destinados aos portos do Rio e Santos. Firmas como Hard Rand & Cia., Rabelo & Cia., Antônio Rotundo, Agostinho Foresti, Joaquim Araújo etc., fortes compradores e vendedores do produto tinham seus agenciadores por todo o Sul de Minas. O café comprado vinha em longas filas de carros de bois; as mais das vezes em coco para ser beneficiado aqui.

Vendedores de bilhetes de loterias como Domingos Bicheiro; "Não me interrompa", o velho e trôpego Ambrósio, que das Três Bicas até ali deveria levar mais de 2 horas de penosa marcha, tinham a sua presença diária programada.

No começo da tarde, com os afazeres do dia já cumpridos, era comum juntarem-se executivos em pequenos grupos aqui e ali, a fim de trocarem ideias sobre negócios, política etc... Afonso de Oliveira

1 Variação de cafezista

Estação Ferroviária na década de 1950.

Castro, Joaquim Araújo, Antônio Rotundo, José Barroso M. Siqueira, Severino Vilela, Jujuca Paiva, Luiz Bueno, José Rabelo, Luiz Barba, Justo Monteiro, Crichico Paiva, José Fortunato de Almeida e outros. A "prosa" era ilustrativa e despertava o interesse de muitos ouvintes, que dali saíam munidos de farto material informativo. Carroceiros como Norberto J. Rezende, "Pergentino Venta Larga", Domingos Rossignoli, Vitório Geraldeli, Domingos "Ruão", estavam sempre em atividade transportando mercadorias que chegavam pela Est. de Ferro.

Apesar de não haver sequer espaço de estrada de automóvel, a jardineira de Elói Mendes sempre chegava na hora. Não sabemos porque milagre aquele calhambeque conseguia romper os lamaçais nas épocas de chuvas, embora existisse o recurso da "corrente" que, colocada nos pneus, evitava a "derrapagem" evitando que o veículo se chafurdasse no atoleiro.

Além dos trens de carga que não tinham horários, passavam

por aqui dois "trens mistos" – de passageiros e carga, - um descia para a Estação da Tuyuty às 11 horas, o outro subia às 2 da tarde. À noite, às 9 horas chegava outro que ficava retido na estação de Varginha e saía para Cruzeiro às 5 e meia da manhã do dia seguinte. Por causa dos jornais, a chegada dos trens das 2 horas e da noite era muito concorridas. Era seu distribuidor o Sr. Antônio Granero, que também possuía uma agência de loteria. Os maços de jornais eram abertos na plataforma da estação, começando ali mesmo a sua distribuição. Às duas horas vinham a "Noite" e a "Vanguarda", vendidos a $100 (cem réis) o exemplar. À noite chegavam o "Jornal do Brasil", o "Correio da Manhã", e alguns outros que surgiam em tempo de campanha política e desapareciam logo depois. Eram mais caros: $200 (duzentos réis) a "Vanguarda" e a "Noite". Jornais populares eram os preferidos do "povão". Exploravam em demasia o noticiário policial, descrevendo com minúcias assassinatos e crimes passionais, abusando em ilustrá-los com fotografias de todos os ângulos. Já o "Correio da Manhã", o "Jornal do Brasil" e o "Estado de São Paulo" tinham outra feição: além de excelentes artigos de redação sobre acontecimentos políticos, financeiros etc., se ocupavam também de maneira precisa e séria de todos os acontecimentos nacionais de importância, o que faziam de maneira imparcial sem quaisquer preocupações de ordem partidária ou de qualquer outra.

Os acontecimentos militantes, políticos etc., eram exaustivamente discutidos e comentados na praça da Estação: a fundação do Partido Comunista do Brasil, cujos fundadores na sua maioria agregados do movimento anarquista – já contando com uma rede de sindicatos e uma grande quantidade de publicações como jornais e revistas, e que eram severamente perseguidos pela polícia; a Semana da Arte Moderna em São Paulo, mecenizada pelo milionário Paulo Prado e da qual participaram, entre outros, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Manoel Bandeira, Graça Aranha Plínio Salgado, Oswald de Andrade, Villa-Lobos, Guiomar Novaes.

A Exposição Internacional da Independência; a vinda do Rei Alberto da Bélgica, ocasião em que foi feita a primeira transmissão de rádio no Brasil: episódios como o das cartas atribuídas ao candidato à Presidência da República Artur Bernardes, publicados no "Correio da Manhã", e que chamava o marechal Hermes da Fonseca, presidente do Clube Militar de "sargentão sem compostura" e acusando o exército de ser formado por elementos venais; a eleição de Artur Bernardes em 10 de março; o fechamento do Clube Militar pelo presidente Epitácio Pessoa; a prisão do marechal Hermes, a revolta dos 18 do Forte dos quais sobreviveram apenas Eduardo Gomes, Siqueira Campos e Luiz C. Prestes.

Todos esses acontecimentos, além dos relativos ao movimento da Bolsa de Valores e a flutuação do preço do café, eram acontecimentos que agitavam os frequentadores da Praça da Estação, centro comercial da cidade.

À vezes os ânimos se exaltavam. Com a fundação do Partido Democrático de Varginha em março de 1921 pelo dr. Alaor Barbosa Nogueira, dr. Luiz Teixeira da Fonseca, Luiz Severo da Costa, Alfredo Braga de Carvalho, Augusto Foresti, José Antônio dos Santos e outros, pela primeira vez uma organização política se aventurava a enfrentar em Varginha os "Coronéis". Era "o Partido Novo", contra o P.R.M. (Partido Republicano Mineiro), que apoiavam Artur Bernardes.

O Partido Novo havia criado força e muito prometia para as eleições municipais. Foi então que "para sossego e paz da família varginhense", os principais componentes do seu diretório, liderado pelo presidente, firmou "acordo" com o pessoal do P.R.M., dissolvendo-o.

Muito mais coisas se poderia dizer acrescentando a estas memórias.

A Rua Direita

Onde a presença humana se faz notar por alguma vez, ali fica um trecho da história. História que não pode ser de nenhuma valia, ou que pode vir a ser de capital importância no decorrer da existência de um indivíduo, de um povo ou de uma nação.

O refúgio de uma noite para o líder de um povo que luta pela sua existência e liberdade, ou mesmo o acoitamento de um criminoso por algumas horas, podem representar fato importante na história deste povo, ou a falha na justiça no preservar a segurança da sociedade. Assim, tudo em que a interferência humana se faz sentir, marcando sua presença quer por uma hora, um dia, um ano etc., é parte da memória individual e coletiva e, portanto, coisa ligada à história particular ou coletiva. É algo cronologicamente ligado a alguma coisa.

Por aí se vê que uma rua é sempre histórica, desde que nela haja vivido alguém, ou acontecido alguma coisa. Ninguém pode negar, pois, a importância da Rua PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS, antiga RUA DIREITA. Os acontecimentos que nela se deram, as pessoas que nela viveram, tornam-na talvez, a principal artéria de nossa cidade do ponto de vista histórico. Ali tiveram suas residências, muitos homens dos mais destacados de Varginha, no campo político, intelectual, bem como no das realizações importantes que foram a causa e o suporte do nosso constante progresso.

Antônio Pinto de Oliveira, Pedro Alcântara Rocha Braga, Manoel Joaquim da Silva Bittencourt, capitão Leônidas Ferreira, capitão Gabriel Severo da Costa, coronel Domingos Ribeiro de Resende, capitão Antônio Rabelo da Cunha e muitos outros valorosos e valiosos cidadãos que deram tudo de si para que hoje pudéssemos nos orgulhar de nossa cidade.

No *"chalet"* do Dr. Pinto – que se situava onde hoje se acha em frente à casa Conde [Rua Presidente Antônio Carlos] – foi a redação do primeiro jornal de Varginha: "GAZETA DE VARGINHA", que veio a lume

no dia 1º de janeiro de 1893.

No Theatro Municipal, construído em 1904 pelo prefeito (presidente da Câmara), dr. Antônio Pinto de Oliveira, foi feito o primeiro Natal dos Pobres por iniciativa de Pedro Rocha Braga. Na esquina da Rua São Paulo, no lado oposto à prefeitura, foi instalado o primeiro telefone. Quem o fez foi a CIA INGLESA que construiu a nossa usina de energia elétrica em 1911.

Era um telefone privado que ligava o seu escritório com o canteiro de obras da mesma, situado às margens do Rio Verde.

No trecho entre a Avenida São José e a Rua Santa Cruz, foi instalado em 1902 a sede do *gasômetro*, com o qual Varginha inaugurou o seu primeiro sistema de iluminação pública.

No salão do Cine Íris (o cinema começou a funcionar ali em 1910) era onde se realizavam os bailes carnavalescos, as conferências, sessões públicas, antes de ser inaugurado o Clube de Varginha, por João da Silva Frota, em 1923.

A velha e saudosa Rua DIREITA entrava antigamente num trocadilho de contrastes: "EM VARGINHA AS COISAS SÃO AO CONTRÁRIO: A RUA DIREITA É TORTA; A JOÃO BRANQUINHO É PRETA; DONA FINA (Aristofina Paiva, excelente professora), É UM BALÃO DE GORDA".

Acontece que do trocadilho até certo ponto infame, não somente João Branquinho era de fato preto. Quanto à Rua Direita, do ponto de vista geométrico, é perfeitamente reta (Direita). E Dona Fina, de fino tinha apenas uma educação esmerada – pessoa de excelente trato e competentíssima professora pública; nada mais. Possuía alguma banha, mas nada de exagerado.

Rua Direita, atual Rua Presidente Antônio Carlos

Os bairros Bom Pastor e Barcelona

Até a década de vinte o cavalo era o principal elemento de locomoção existente no interior a não ser o carro de bois moroso e inadequado. Tílburis[1] ou mesmo charretes, não podiam ser usados por falta de estradas adequadas.

Por essa razão para terem esses animais sempre à mão, quase todos os fazendeiros que na maioria moravam na cidade, indo e vindo diariamente em suas propriedades agrícolas, tinham ou alugavam pequenos pastos em volta da cidade.

Com avanço do progresso o automóvel veio tomando o lugar desses animais por oferecerem infinitamente mais vantagem, não só em comodidade como em velocidade e possibilidades de conduzirem maior número de pessoas de uma só vez. As estradas foram adequadas etc. Com isso as pequenas propriedades em volta das cidades ocupadas com pastagens perderam sua utilidade, tornando-se mesmo inconvenientes devido a impostos e outros encargos. Com o crescimento industrial da cidade e a carência de habitações pelo aumento explosivo da população, essas pequenas propriedades começaram a ser invadidas de maneiras esparsas, sem quaisquer planos urbanísticos.

Foi então que, em 1928 o cidadão José Barcelona de Oliveira resolveu lotear terrenos de sua propriedade de maneira ordenada, obedecendo planta devidamente aprovada pela prefeitura. Com suas pequenas casas destinadas a operários criou o primeiro bairro de planejado de Varginha, a Vila Barcelona.

Vieram depois Vila Andere, Catanduvas etc. Até que em 1964, o dr. José Marcos Xavier de Oliveira resolveu também lotear a propriedade herdada de seu avô.

1 Carro de duas rodas e dois assentos, com capota e sem boleia, puxado por um só animal.

A prefeitura que, de há muito tinha sentido de maneira presente a falta de moradias na cidade, dado o aumento rápido da população com a vinda de vários departamentos federais e estaduais e a migração de trabalhadores das cidades vizinhas em busca de trabalho, deu todo o apoio ao empreendimento, providenciando com presteza toda a infraestrutura necessária à urbanização do novo bairro, com água, luz, esgotos e calçamento etc.

A venda dos lotes foi rápida e o bairro surgiu de maneira explosiva. Em pouco tempo surgiram as casas e as ruas, com todas as comodidades – farmácias, escolas e tudo mais.

Voltemos atrás: logo após a aprovação da planta pela prefeitura, surgiu a necessidade de arranjar um nome para o projeto. Muitos nomes foram sugeridos mas nenhum agradou. Prometeram então como prêmio um lote a quem sugerisse um nome aceitável. Coube o prêmio ao Sr. José Boeri, um funcionário dos correios que para cá viera de Belo Horizonte. Disse-me, ele amigo que era, que quem havia de fato lembrado o nome foi a sua filhinha: BOM PASTOR.

Na década de 40, o Dr. José Marcos de Rezende começou a vender lotes ao longo da Rua Boiadeira que margeava suas terras em toda sua extensão.

Com a morte do dr. José Marcos de Rezende (o velho), o dr. José Marcos Filho, associado a seus parentes Paulo Mendes Rezende e dr. Clóvis de Souza, organizaram a Imobiliária Santa Cruz a fim de fazer um loteamento organizado, obedecendo às posturas municipais.

A imobiliária foi registrada em 14 de abril de 1965, data que pode ser considerada o começo do bairro.

Com a imobiliária é que se desenvolveu o bairro que antes constava de uma outra casa isolada.

O desenvolvimento foi muitíssimo rápido dado o poder aquisitivo da classe média da ocasião que tinha como apoio grandes industrias como a CBC, NAVARRA e outras, e a grande quantidade de funcionários.

O bairro não tem "antigamente". A venda dos terrenos pela imo-

biliária foi rápida, de maneira que as construções das casas foram feitas quase que simultaneamente. As casas são as mesmas, ou quase as mesmas construídas pelos primeiros possuidores. Todas com menos de 30 anos.

No começo as rua tinham pisos de terra, sem calçamento. Mas o asfalto veio com governo Dilzon Melo.

Dr. José Marcos

O Banco do Brasil em Varginha

O Banco do Brasil é representado em Varginha presentemente por duas agências[1], sendo a principal no centro, à Praça José Resende Paiva e a outra à Av. Princesa do Sul, no Bairro Jardim Andere. Mantém ainda um Centro de Processamento de Serviço e Comunicações – CESEC, - excelentemente instalado no Bairro Santa Luiza.

A agência do centro está comemorando 75 anos de instalação, ou seja, seu Jubileu de Diamante, cujas comemorações estão decorrendo com uma gama de comemorações e festividades com a participação entusiasmada de toda a sociedade varginhense, devendo as mesmas se estenderem até final de agosto.

A inauguração do Banco do Brasil em Varginha se deu em agosto de 1918 com a instalação de sua primeira agência à Rua dos Comissários (hoje Alves e Silva), em um prédio de propriedade do sr. Manoel Joaquim da Silva Bittencourt (Marósca), que adquiriu do sr. José Rabelo da Cunha, que fora, na parte baixa do mesmo estabelecido com negócio de Secos e Molhados. Mais tarde o referido prédio foi vendido ao Banco Hypothecario, que ali se instalou, mudando-se do prédio ao lado da Igreja Matriz – Av. Rio Branco, - onde funcionara desde a sua inauguração em 1915.

Fazendo frente ao mesmo, na esquina com a Rua 15 de Novembro (Rua São Paulo), já na Praça da Estação, havia os escritórios da firma inglesa compradora de café Hard Rand & Cia. que tinha como seu encarregado na praça o sr. José Barroso de Matos Siqueira que em seu nome comprava café para exportação. Um pouco além, quase em frente ao prédio do banco, localizava-se o grande armazém de café dos srs. J. Oliveira & Cia. e, já na esquina da Rua 13 de Maio (atual Dep. Ribeiro de Rezende) havia o bar e confeitaria do Sr. Afonso Sicarino.

Toda a Rua dos Comissários era calçada de grandes matacões de pedras bem ajustadas, como diversas outras ruas da cidade.

1 O texto é de 1990. Atualmente o Banco do Brasil possui uma terceira agência na Rua Santa Cruz. O CESEC foi desativado. O local sedia atualmente a Unifenas, no Bairro Santa Luiza.

O primeiro gerente do banco em Varginha foi o cel. Rodrigues Jardim, sendo substituído, se não nos falha a memória, pelo major Evaristo de Souza Soares. Quanto ao primeiro caixa chamava-se Manoel de Almeida Guimarães Modesto.

A agência funcionou na atual Rua Alves e Silva durante cerca de 8 anos transferindo-se então para prédio próprio que mandara construir pelos empreiteiros Antônio e Celestino Pires na esquina da Praça da Estação com a Rua Pres. Álvaro Costa (na época Travessa da Estação). Nesse local o banco funcionou por cerca de 57 anos, passando-se, em seguida, em 1961, para o prédio onde se acha instalada hoje a Caixa Econômica Federal [atualmente uma farmácia, na esquina da Delfim Moreira com Deputado Ribeiro de Rezende]. Em 1975 como também esta sede se tornara inadequada devido ao aumento do movimento da agência, foi construído o novo prédio da Praça José Resende Paiva para qual se transferiu em 7/12/78. Este prédio de seis pavimentos está equipado com dois elevadores, ar-condicionado e demais requisitos necessários para uma perfeita condição funcional, oferecendo a seus funcionários todo o conforto e segurança.

Capitólio: um teatro de 62 anos

Nem todas as pessoas de Varginha conhecem a história do Theatro Municipal Capitólio. É uma história antiga, que começa em meados do início do século, mais precisamente em 1904. Foi neste ano que surgiu o Theatro Municipal (local que abriga hoje o "Capitólio"), construído pelo então prefeito de Varginha, dr. Antônio Pinto de Oliveira.[1]

Em 1915, o Teatro Municipal se transformou em cinema, assim chamado de Cinema Íris, que mais tarde, no início de 1924, foi vendido para o sr. José Navarra, com a condição de que ele construísse outra casa de espetáculos no local, num prazo de 1 ano.

Não sendo possível construir dentro do prazo, os irmãos Navarra (Francisco e Nicolino), se dispuseram a construí-lo num prazo maior. Levaram a planta aos vereadores da época, que foi aprovada e entregue aos construtores Antônio e Celestino Pires. Três anos depois, o Cine Theatro estava pronto. O Cinema Íris havia sido derrubado e surgiu em 1927 o novo teatro.

O teatro se chamaria POLYTEAMA, porém, eles resolveram escolher o nome do novo Cine Theatro por votação popular. As urnas para votação foram colocadas em vários pontos da cidade. Surge, então, das urnas, o nome vencedor: CAPITÓLIO. Cabe aqui ressaltar, que o nome "CAPITÓLIO", poderia ter sido inspirado num teatro do Rio de Janeiro, também com o mesmo nome, pertencente à empresa Francisco Serrador, construtora da Cinelândia.

A inauguração do CINE THEATRO CAPITÓLIO, deu-se no dia 12 de outubro de 1927. Começou com uma bênção do prédio, tendo como paraninfos o dr. Antônio Pinto de Oliveira e d. Ambrosina Figueiredo, conhecida como d. Zinóca. Depois houve uma Sessão Solene, com as autoridades locais e prefeitos de diversas cidades do Sul de Minas, além da imprensa local, representada por Leopoldo de Melo Pádua e Carlos Silva, além da presença do então prefeito Álvaro de Paula Costa.

1 Texto publicado em 02/12/1989 no Jornal Gazeta de Varginha

Depois da Sessão Solene, o "Theatro" foi aberto ao público, e à noite, mais precisamente às 19 horas, o público pôde assistir à projeção do filme "Cabaret", estrelado pela atriz Gilda Gray, muito conhecida na época. Depois do filme, o encerramento da abertura do teatro ficou por conta de um trio musical, que já fazia sucesso no Rio de Janeiro.

O teatro continuou sendo dos irmãos Navarra até 1938, quando passou para o Sr. Antônio Ribeiro Nogueira (Neném) até 1943 e foi vendido para o Sr. Inocêncio Prince de Souza, dono da Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda.

Em 1930, inaugurou-se o cinema falado em Varginha e o CINE THEATRO CAPITÓLIO foi um dos primeiros em Minas a se equipar com um aparelho sonoro R.C.A. Photophone, que sincronizava o som do disco com a imagem, projetada na tela. Às vezes havia dessincronização entre a imagem e o som, mas havia um operador para evitar os desacertos e o público estava muito entusiasmado com a novidade para poder se preocupar com pequenos detalhes.

Com o passar dos anos e a melhoria da arte cinematográfica, o Theatro Capitólio foi ficando esquecido e os cinéfilos passaram a frequentar o Cine Rio Branco e o Cine Rex, respectivamente criados em 1956 e 1938.

Na década de 70 o Theatro Capitólio ficou praticamente esquecido e seria vendido para um banco ou demolido.

Com isso a população se voltou para a preservação do teatro e a prefeitura o adquiriu em agosto de 1983, e com a restauração do prédio, ele foi reinaugurado no dia 26 de outubro de 1985.

Cine Theatro Capitólio

O Theatro Municipal, mais tarde Cinema Íris, construído em 1904 pelo prefeito Dr. Antônio Pinto de Oliveira, pela lei municipal nº 511, de 22 de janeiro de 1924, foi vendido ao Sr. José Navarra sob a condição de em seu lugar o comprador construir outra casa de espetáculos no prazo de 12 meses.

A planta do novo prédio foi antecipadamente apresentada à Câmara Municipal para a devida aprovação e era de autoria do renomado engenheiro Frizotti Agostinho. Funcionaria como cinema e teatro e deveria chamar-se Polyteama; teria 3 andares e capacidade para 1.700 pessoas. Com "diversas ordens de frisas, camarotes e gerais. O palco seria enorme, a modo de poder nele trabalhar qualquer companhia, e teria ainda terraços – salões cobertos para fumantes". Esse edifício mediria 24,20m de frente por 35m de fundo, possuiria 13 amplas portas, sendo 3 de entrada e 10 de saída. Teria como área edificada 770m.", tendo sido as obras orçadas em 200.000$000 (duzentos contos de réis). Procurando garantir o cumprimento do contrato, a câmara exigiu do sr. José Navarra o abono de dois fiadores idôneos, que foram apresentados.

Aconteceu que o sr. José Navarra, que era epiléptico, passou a demonstrar temperamento instável, chegando às vezes às raias da demência, o que fez com que seus irmãos, Francisco e Nicolino, lhe sugerissem uma viagem à Itália, com recomendação de submeter-se a exames com médicos especialistas em doenças nervosas. Com isso o prazo de 1 ano para o início da construção do Polyteama foi alterado a pedido dos dois irmãos que, também, sob a alegação de que a firma (Navarra & Irmãos) não tinha condições financeiras de levar a cabo o compromisso assumido pelo irmão José em seu desvario semidemente, submeteram ao chefe do Executivo e aos srs. vereadores uma planta mais modesta, mas também de cunho arrojado e majestoso para a época. Aprovada, a nova planta foi entregue aos construtores Antônio e Celestino Pires para a realização da obra. Os trabalhos se desenvolveram com rapidez e três anos depois dos primeiros contatos do Sr. José Navarra com as autoridades municipais o prédio estava pronto para ser inaugurado.

O nome do novo cineteatro foi escolhido por votação popular. As urnas para a recepção dos votos foram expostas em vários pontos da cidade e eu mesmo, que lhes escrevo, optei pelo de "CAPITÓLIO", influenciado, talvez, pelo homônimo do Rio de Janeiro pertencente à grande empresa Francisco Serrador, que foi a construtora da famosa Cinelândia.

E no dia 12 de outubro de 1927 deu-se a inauguração, obedecendo o seguinte programa: às 2 da tarde benção do edifício pelo Padre Pedro, tendo como paraninfos o dr. Antônio Pinto de Oliveira e a Exma. Sra. D. Ambrosina Figueiredo (d. Zinóca), seguindo-se Sessão Solene em cuja mesa, garridamente preparada, tomaram lugar as autoridades locais e as das cidades vizinhas, previamente convidadas.

Compuseram-na o dep. Domingos Ribeiro de Resende, o prefeito Álvaro de Paula Costa, Antônio Rabelo da Cunha, os presidentes das Câmaras (prefeitos) de Três Pontas, Três Corações, Campanha, Lavras, São Gonçalo do Sapucaí, Paraguaçu, Machado, Alfenas, Boa Esperança, Elói Mendes, e representantes da imprensa local, Leopoldo de Melo Pádua e Carlos Silva.

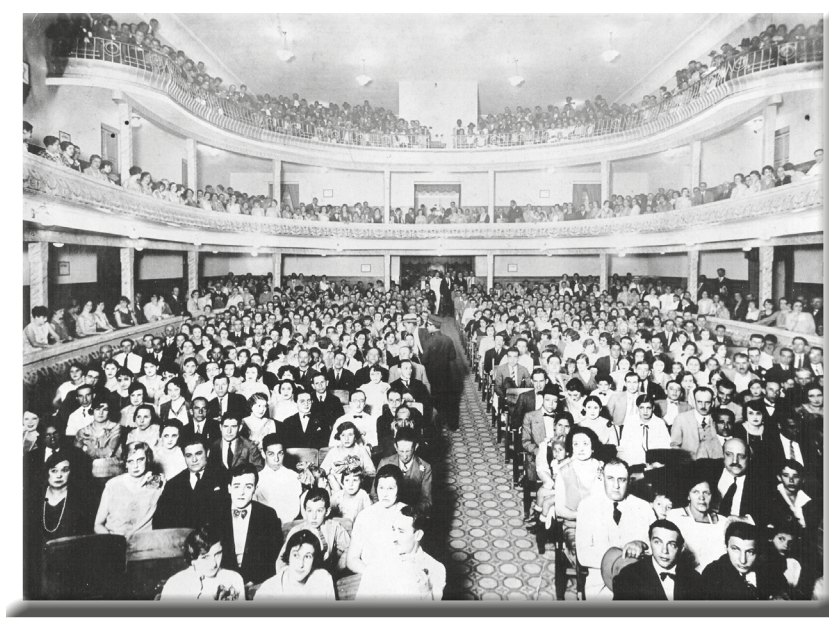
O orador oficial, a convite da empresa, foi o excelente tribuno Dr. Walfrido dos Mares Guia, seguindo-se-lhe com a palavra o talentoso acadêmico José Pelini. Em seguida, o recinto foi franqueado à visitação pública até às 4 ½ da tarde.

Às 7 horas da noite deu-se início à projeção do filme em 13 partes "Cabaret", estrelado pela magnífica atriz Gilda Gray, encerrando-se as festividades do dia com a apresentação no palco de um excelente trio, na época muito em evidência no Theatro do Rio de Janeiro.

Ao terminar o espetáculo alguém, talvez por cortesia, comentou com um dos diretores da casa: "Excelente trio vocês trouxeram".

E obteve a seguinte resposta "Bem, já disse ao Chico (Francisco Navarra), que da próxima vez nós devemos contratar um trio de cinco ou seis 'personas'"...

Em 12 de outubro de 1930, com um aparelho sonoro R.C.A. PHOTOPHONE – sincronização do som do disco fonográfico com a imagem projetada na



Theatro Capitólio em 1927

tela, - inaugurou-se o cinema falado em Varginha, sendo o Capitólio um dos primeiros em Minas Gerais a ser equipado com esse dispositivo. O filme exibido tinha o título de "UM SONHO QUE VIVEU". Musicado de ponta a ponta, tinha como intérpretes Charles Farell e Janet Gaynor. Como novidade extasiava a todos, mas como valor artístico era péssimo. Tinha 13 longas partes e foi projetado por três dias seguidos, vindo gente de Elói Mendes, Três Pontas, Paraguaçu, Campanha, Carmo da Cachoeira e outras cidades somente para assistir a ele.

Como o som provinha de uma espécie de vitrola entrosada ao projetor, às vezes surgiam desarranjos alterando a sincronização entre o som e imagem, que o hábil operador Elias Esteves Alves corrigia em instantes.

Esperamos que na restauração ora feita, e na qual está se gastando mais tempo que o gasto em construção, ele venha a se nos apresentar tão bonito como em 12 de outubro de 1927, inclusive com os "grifos" de belo tom azul que embelezavam o bojo externo dos parapeitos das frisas e dos camarotes.

Cinemas de Varginha

Primeiro cinema de Varginha e talvez do Sul de Minas, o Cinema Brasil foi inaugurado em 1908. A fotografia foi tirada por ocasião da visita do barão Homem de Melo à cidade.

Quando dos primeiros tempos do Cinema Brasil ainda não havia usina elétrica em Varginha e a energia para funcionamento da máquina era gerada por motor a querosene bastante primitivo.

É curioso recordar que o espírito empreendedor de Pedro da Rocha Braga – conhecido como Pepêdro, - que com esse motor "excursionasse" instalando-o num carro de boi a fim de se levar cinema às cidades próximas. Infelizmente não nos foi fácil fazer um levantamento dessas localidades por já não mais existirem contemporâneos dos fatos.

Esq/dir: Na calçada: Erlindo Costa e Pedro Rocha Braga. Janela: Julieta Unzer e barão Homem de Melo. Na 2ª janela: Augusto Severo de Matos e a menina Célia, filha de Pedro Braga. Na primeira porta: Elisa Severo Rocha Braga, sua esposa. Na segunda porta: Francisco Geraldi. Na calçada: Geraldo Araújo, José Umbelino, Hugo Silveira, José Jordão (pai) e Mirandinha. Local: Rua São Pedro (Wenceslau Braz). 1913

A segunda sala de projeção cinematográfica em Varginha foi inaugurada em 1914, logo após a iluminação pública. O prédio foi o do Theatro Municipal construído e inaugurado pelo dr. Antônio Pinto de Oliveira em 1904, então presidente da Câmara Municipal. A câmara alugou o prédio do sr. Sebastião de Brito – que para aqui viera com o estabelecimento da Cia. Vivaldi que aqui se instalara com a construção da usina de força e luz, e da qual o sr. Camilo era um dos sócios. Ponderou o sr. Sebastião junto aos nossos edis de então que como o prédio necessitasse de reparos demorados, a escolha e compra de um aparelho de projeção do ultimo tipo etc., o cinema poderia vir a ser inaugurado logo que a cidade fosse dotada do serviço de força e luz que estavam projetadas para princípios de 1914. Os serviços de adaptação do prédio foram bem feitos; o aparelho de projeção era de fato de excelente qualidade (para a época) etc. etc.

O contrato era cheio de absurdos que somente beneficiavam o sr. Sebastião de Brito e, mesmo assim, não fora cumprido por este.

Primeiramente deixara de atender quando da adequação do prédio a cláusula primeira que estabelecia que fosse construída instalação sanitária apropriada para homens e senhoras. Segundo: sem consultar a câmara, realugara o prédio ao sr. José Camilo. Em vista disso, quando por ocasião do carnaval de 1916, ambos se ausentaram da cidade possivelmente para evitar que o prédio fosse ocupado para os festejos de Momo, o prefeito (presidente da câmara) Afonso de Oliveira Castro – ou Afonso Megda, como era popularmente conhecido), com a assistência policial invadiu o prédio, denunciando o contrato.

O sr. José Navarra alugou-o em 1916 e, posteriormente, em 1924 comprou-o se comprometendo dentro de um ano cuidar da construção de um novo prédio mais condizente com a exigência da população e do nosso progresso. Havendo adoecido o sr. José Navarra, seus irmãos Francisco e Nicolino se incumbiram da feitura do novo cinema – o Capitólio, inaugurado em 10/12/1927.

Os maestros que geriram a musica no Íris e no Capitólio foram: a maestrina Maria (dona Manica), Lyrio Panicali, Zequinha Fonseca, Ricciopi Volp etc.

As igrejas

Por falta de elementos não podemos precisar bem que tipo de capela existia primitivamente no lugarejo denominado Espírito Santo das Catandubas; por certo algo tosco encimado por colmo [feixe de palha] de telhas coloniais ou até mesmo de sapê. Quanto à sua pequena dimensão pode-se supor pela carência de paroquianos e pelos elementos empregados na sua construção e que se dava o nome de "pau-a-pique". Devia ter sido algo bastante modesto, tendo à frente montado em um estaleiro de madeira um pequeno sino possivelmente com som tipo sineta.

Nela devem ter sido oficiado de tempos em tempos os padres Antônio José dos Santos e Gabriel de Souza Diniz, vindos de Sant'Ana das Lavras do Funil.

Em data de 1806, o alferes comandante Manoel Francisco de Oliveira, como procurador dos "povos aplicados" da capela do Divino Espírito Santo do lugar denominado Catandubas, filial da Matriz de Sant'Ana das Lavras do Funil, por ele e pelos "aplicados" requereu ao Episcopado de Mariana a patrimoniação [apropriação] do arraial e a intitulação da dita capela, por distar esta Matriz das Lavras do Funil 15 léguas e sete ou oito das capelas mais próximas. Para isso o alferes comandante Manoel Francisco de Oliveira, na qualidade de procurador, comprou do cel. Francisco Alves da Silva e sua mulher, d. Tereza Clara Rosa da Silva, em 12 de novembro de 1806, pelo preço ajustado de 400$000 (quatrocentos mil réis) em compra "Boa, mansa, de paz, firme e valiosa", todo o terreno abrangido pelo lugarejo, doando-o à Cúria de Mariana.

A petição foi despachada em 3 de dezembro de 1806, sendo a tomada de posse efetuada em 12 do mesmo mês por despacho do Juiz de Vintena[1] Antônio João Fernandes. O procurador "dos aplicados", Manoel Francisco de Oliveira, segundo o costume da época, "cavou a terra lan-

1 No Direito português, era aquele eleito pelas câmaras municipais na proporção de um para cada vinte vizinhos, com competência para julgar questões de pequeno valor.

çando-a para o ar três vezes, cortando ramos, abrindo portas e fechando-as; tirando terra das poucas casas existentes e lançando-a ao ar por três vezes, gritando: "Há aqui alguém que se oponha a esta posse e entrega ao comprador?". Na carência de protesto de qualquer contestador, foi lavrado o termo de posse "mansa e pacífica".

O edital da doação patrimonial foi afixado durante 8 dias à porta da capela ou da igreja mais próxima, segundo os costumes de então, ameaçando com "pena de excomunhão maior a todas as pessoas que soubessem de algum conluio, simulação ou pacto, por que não fosse verdadeiro e ficasse seguro o patrimônio e não o denunciasse": ameaça gravíssima naqueles tempos.

Em 18 de janeiro de 1807 o então vigário da Paróquia de Sant'Ana das Lavras do Funil, padre José da Costa, participava ao vigário-geral o cumprimento do mandado ficando, desta forma, criado o Curato do Espírito Santo. Como Curato o Arraial permaneceu até 1 de junho de 1850, quando foi elevado à Freguesia.

Em 1831 sob orientação do padre Bonifácio Barbosa Martins foi feita a primeira igreja; tipo barroco, de duas torres quadradas, muito simples, nem de longe lembrando aqueles monumentos de arte que eram as igrejas de Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João del-Rei etc. Envolviam-na, porém, talvez em maior grau, o enlevo piedoso e sincero das poucas centenas de paroquianos a que ia servir, embora a decisão de construí-la se deva ao fato de haver a primitiva capela se tornando acanhada para o já crescido número de fiéis...

A construção foi entregue ao "mestre" pedreiro Francisco Simões Pereira e foi feita no mesmo lugar da primitiva capela.

Foram seus vigários os padres Bonifácio Barbosa Martins (de 1828-1835); Francisco de Paula Diniz (de 1836-1842); Luiz da Costa Pereira (de 1843-1846); Bonifácio Barbosa Martins (1847); Manoel Furtado de Souza (de 1847-1857); José Paulino da Silva (1860-1861) e o popular padre Lica (Aureliano Deodato Brasileiro) 1883-1898.

Em 1845 os pretos cativos componentes da Irmandade de N.S. do

Rosário, com donativos conseguidos com a sua "Bandeira do Rosário" e ajuda do cap. Antônio José Teixeira, fizeram construir a Igreja de N. S. do Rosário, no lugar onde fica hoje o lago em frente ao Cinema Rio Branco, na Avenida do mesmo nome, então denominada Largo do Rosário. Foi demolida em 1913 e transferida para onde fica hoje o prédio do Varginha Tênis Clube, havendo sido encarregado dessa transferência os srs. maestro Marciliano Braga e Germano Zambotti. Esta por sua vez foi demolida em 1942 (para dar lugar ao VTC) sendo reedificada na Praça Melo Viana, onde agora se encontra.

Em 1873, por motivo de "promessa", o cel. Domingos Teixeira de Carvalho fez construir a Igreja São Sebastião. Tipo também barroco, de duas torres, nave ampla, mas sem enfeites ou ornamentatura [do espanhol ornamentação]. Suas torres eram equipadas com dois sinos. Possuía dois belíssimos candelabros de cristal, de magnífico lavor [manufatura] de mais de metro de altura. Fora remodelada em 1942 pelo pe. Bernardo Claraval.

Em 1896 sob a orientação do popular Padre Lica (Aureliano Deodato Brasileiro), cuidou-se da construção de uma nova matriz a ser localizada no mesmo lugar das anteriores. Os trabalhos foram entregues à direção do recém-chegado empreiteiro Antônio Rodrigues de Souza, sendo a torre a mais alta e imponente da região, subempreitada ao mestre pedreiro Eduardo José do Nascimento, o popular mestre Eduardo. Essa torre, pelos padrões da época, ficara caríssima, pois fora orçada em 40.000$000 (quarenta contos de réis), o que era equivalente a duas boa fazendas. Durante sua construção foram vigários na paróquia os padres: Lica, João de Almeida Ferrão, José Maria Mendes, Agostinho Martell e o cônego Pedro Nolasco de Assis, que a inaugurara em 1908, benta que fora no dia 7 de setembro, às 7 horas da manhã pelo Rvdmo. bispo Conde D. Nery, de Pouso Alegre, pois o Bispado da Campanha somente fora instituído em 1909.

No momento em que o "mestre" Eduardo e seus ajudantes, usando um emaranhado de cordas, laços de boiadeiro, roldanas e talhas, tudo

apoiado na segurança duvidosa de um altíssimo andaime, lutavam para fixar a pesadíssima cruz de ferro no ápice da pirâmide que encimava a torre, assistidos pelo cônego Nolasco de Assis, sua família e fiéis ajoelhados frente à matriz rezavam terço visando conjurar o desastre que a todo o momento parecia iminente.

O assentamento do glorioso símbolo se fez após ingentes e denotados esforços que demandaram várias horas de um labor insano, de vez que então ainda não se empregava o cimento por estas bandas. A melhor argamassa era feita à base de cal e areia que, embora não se pudesse comparar à firmeza e endurecimento rápido do cimento, tinha também excelente solidez e resistência, como se pode comprovar pelos cimalhões[2] dos velhos prédios da década de 20, ainda perfeitos e sem trincas.

O cônego, emocionado, presenteou mestre Eduardo com algo cujo valor simbólico certamente considerava dos mais significativos: a campainha que usava ao rezar a missa.

Essa campainha se acha hoje em poder do dr. Francisco Limborço e lhe fora doada como penhor de estima por uma das filhas do mestre.

Na inauguração a comissão encarregada dos festejos compunha-se dos srs. Antonio Justiniano de Rezende Xavier, Antônio Pinto de Oliveira, João Urbano dos Reis Figueiredo, Manoel Joaquim da Silva Bittencourt, Evaristo de Souza Soares, José Bonifácio de Couto, Antonio Justiniano de Paiva, João E. Tavares, Leônidas Nogueira e José Balbino Ribeiro.

Em 1929, em sua primeira reforma, modificaram-lhe a frente e deram à ponta da torre o formato bizantino, que antes terminava em pirâmide de seus lados. Tiraram-lhe também uma grande rotunda de vidros de diversas cores que no telhado encimava o altar-mor, fazendo com que se coasse sobre ele uma luz suavemente colorida. No seu interior duas séries de colunas romanas (5 de cada lado) sustentavam-lhe o teto abaulado no centro, que dava à nave uma excelente acústica. Em

2 Alto das paredes de um edifício que faz sacada onde assentam os beirais do telhado; estilo de construção português.

1951 sofreu nova reforma, com a remoção do telhado e a colocação em seu lugar de uma laje de cimento. Com isso tiraram-lhe as colunas do interior, dando-lhe aquele aspecto de barracão de fábrica.

Na década de 70, por iniciativa do padre Walmor Zucco e sob a alegação de que o templo tornara-se acanhado ante o grande numero de fiéis e não condizente com o progresso da cidade, acabaram por destruí-la, construindo a que aí está.

NOTA: sobre a antiga Capela Santa Cruz, que fora substituída por um monstrengo arquitetônico, não dispomos de nenhum dado. O "Almanaque Sul Mineiro" editado na cidade de Campanha da Princesa por Bernardo Saturnino da Veiga em 1822, cita-a como distando um quilômetro e meio da cidade. E possível que tenha sido erigida por motivo de existir ali em tempos idos um "cemitério de bexiguentos" já que os mortos pela "peste" eram enterrados longe dos lugares habitados. Em sua frente existia um grande cruzeiro, tão alto quanto ao chamado de "Santa Cruz da Boa Viagem" que se erigia no lugar onde hoje faz esquina a Praça Melo Viana e a Rua Antônio Cesário, no famoso e antigo "Gazarrá". Fincava-se no meio de um "cerrado" à beira da estrada que rumava para a cidade de Três Pontas.

Havia ainda a Capela de S. Miguel no interior do nosso primeiro Cemitério Paroquial, em cuja parede do fundo um mural maravilhoso representava o santo com uma espada na mão direita e uma balança na esquerda.

E a Capela do Pretório, no então largo do mesmo nome (Praça D. Pedro II), que fazia esquina com as ruas da Paz e do Colégio (hoje ruas Rezende Xavier e Major Evaristo de Paiva).

A Igreja de São Sebastião

Um dos patrimônios da mais alta significação histórica em Varginha é, sem dúvida, a Igreja de São Sebastião. Quando menino ansiávamos para que chegassem depressa os dias de janeiro consagrados ao santo guerreiro, a fim de assistirmos ali os belíssimos festejos.

Tido e havido como milagroso, as dádivas para os leilões do mártir eram de grande valor, quase sempre oriundas de "promessas" feitas por sitiantes e fazendeiros conjurando uma calamidade, uma peste no seu gado, um provável "malefício" ou "coisa feita". E, a julgar pelo grande número de vacas, bezerros, porcos e galinhas que vinham encher os improvisados currais erigidos na Praça da Igreja, todo mundo lograva a "graça pedida".

Nós, na nossa ingenuidade de criança, o que mais nos atraía eram os fogos de artifício confeccionados e detonados pelo simpático e grande pirotécnico Domingos Geraldi, sempre assessorado por seu filho Antônio. Havia uma salva de bombas das mais espetaculares que nos fascinava de maneira estranha, talvez por sentir inconscientemente no seu violento estampido uma simbiose de poder e força bruta, coisa que todo o moleque ambiciona para seu futuro adulto.

Posta em leilão uma daquelas peças, o leiloeiro estabelecia um preço mínimo e punha-se a convocar os licitantes: "Quanto dão por esta bela novilha?; Quanto dão?"... Feita uma oferta, ele continuava: - "Temos aqui dois contos de réis... Quem dá mais?"... "Olha que é um bonito animal, de excelente raça! Quem ficar com ela não se arrependerá"... Feito um lance maior ele continuava procurando conseguir um melhor preço, e não o conseguindo cuidava de encerrar a venda em questão: "Três contos de réis, dou-lhe uma; três contos; dou-lhe duas; três contos; dou-lhe três... Arrematada aqui pelo sr. Fulano...".

Alguns leiloeiros habilmente procuravam levantar o ânimo dos licitantes provocando-os no seu orgulho e amor próprio. Fazia-o sem

humilhá-los ou pô-los em ridículo. Eram poucos, porém, os que se aventuravam a essa técnica, pois ela demandava um profundo senso de humor aliado a uma grande capacidade no manejo das palavras e da ironia, senão a coisa poderia redundar nos mais desagradáveis resultados.

Foi o que aconteceu na cidade de Três Corações, lá pelo ano de 1898.

Quando acontecia de haver festas naquela cidade, a rapaziada e muitas famílias daqui se abalavam a fim de assistir a elas. E naquele ano havia programada ali uma grande quermesse de benefícios, de fundo religioso ou caritativo. Como era o costume, os promotores mandaram a parentes e amigos de Varginha convites, prometendo-lhes toda espécie de facilidade na acomodação.

No primeiro dia de leilão de prendas, o inábil leiloeiro, conhecedor de uma certa animosidade que infelizmente sempre houve entre varginhenses e tricordianos, tentou tirar proveito desse fato no sentido de conseguir melhores lances por parte dos licitantes. Assim, ao apresentar a leilão um grande fruto de jatobazeiro (um jatobá), tentou por em prática a perigosa técnica da provocação, e fê-lo desastrosamente:

- Quanto dão por este jatobá, para ser oferecido ao povo de Varginha, até agora sem janta?

Um dos varginhenses presentes (A. B. Carv.), lembrando-se de que aquela cidade era um grande entreposto de gado, e que quase tudo ali girava em torno dessa atividade, cobriu a oferta da seguinte maneira:

- Dou tanto, para oferecer ao povo de Três Corações, porque o dia em que o boi deixar de "sujar" nesta praça essa gente morrerá de fome!

Foi o suficiente; o negócio resultou num grande sururu, com pancadaria e cadeia.

A igreja de São Sebastião é, por si só, o resultado de quase um milagre. Foi erigida em consequência de um voto feito pelo fazendeiro Domingos Teixeira de Carvalho e sua mulher d. Francisca, mais conhecida como d. Chiquinha dos Tachos.

Aquele notável varginhense, que muito fez pelo progresso e engrandecimento da nossa terra, era um fazendeiro abastado e, como homem de bem, muito apegado à família. Aconteceu que sua única filha casou-se ainda muito jovem com um tal de sr. Monteiro (avô do dr. Estevam Rezende), vindo a falecer por ocasião do primeiro parto.

Desolado e amargurado, sentindo-se envelhecer sem um herdeiro direito que perpetuasse o seu nome e herdasse a sua imensa fortuna, o casal – apesar do netinho (Mingutão), - passou a sentir-se sem ânimo, numa triste solidão moral. Eis que, na idade de 50 anos, d. Chiquinha se engravidara. Foi o toque de aleluia!... Uma imensa alegria inundou aqueles corações; uma alegria, porém, sombreada por uma outra espécie de angústia e de medo... Da. Chiquinha praticamente já "havia passado da idade", segundo as "aparadeiras"[1], de então, e começou-se a temer que a bendita gravidez não chegasse a termo.

"Entendidas" de toda a banda foram chamadas a fim de dar sua opinião; chegavam, quase todas pretas velhas, mascando fumo de borralho ou chupando seu fedorento pito de barro, ajeitavam suas fartas banhas num banco, e deitavam falação:

"Eh, 'sinhô'; o que tem que fazê é botá esse 'bentinho' no pescoço dela, 'difumá' o quarto todas as sextas-feiras cum maracujá, 'paia' benta, manjerona e 'manjiricão'. É bão também mandá o preto véio Belisário benzê os pé-direito da casa, prá móde protegê "sinhá" dos malefío... Quando fartá pouco, fazê uma novena pr'a N.S. do Parto".

Por certo que a senhora – senhora de constituição saliente que era, deve ter sofrido bastante com aquela gravidez. Porém, de natureza amorosa e excelente formação religiosa, e o fato de se tratar de um evento desejado por todos os seus queridos, davam-lhe forças e consolo. Acrescente-se a isso o caráter quase milagroso que a sua idade emprestava em caso, o teremos a condição para alguém sofrer sorrindo e ter prazer na dor.

A medida que a gravidez se aproximava do termo, a ansiedade e

1 Bisbilhoteiras

a aflição tornava conta de todos. O número de senhoras que "perdiam a criança" naqueles tempos era muito grande, e "seu" Domingos, atormentado com a ideia de que isso poderia vir a acontecer com d. Chiquinha, acabou fazendo a promessa de mandar erigir uma igreja ao Mártir, se a criança viesse a nascer sem tropeços.

O fim dos nove meses chegou. D. Chiquinha, depauperada e macilenta, mas cheia de felicidades, enfrentara galhardamente os trabalhos do parto, dando à luz um robusto menino, que viera a se chamar Domingos de Paula Teixeira de Carvalho.

E foi por isso que no dia 20 de janeiro de 1873, abrilhantada com a magnífica banda de música do maestro João Batista da Fonseca e os belíssimos fogos de artifício de Francisco José Gomes e Francisco Ribeiro da Silva Barra, o padre José Paulino da Silva inaugurou a Igreja do Mártir São Sebastião em Varginha, rezando nela a primeira missa.

Estilo barroco, com duas torres quadradas, dois campanários com sinos e espaçosa nave, era, pelos padrões da época, um excelente templo. Seu altar-mor era artisticamente modesto, mas seus dois maravilhosos candelabros de cristal de rocha tinham mais de um metro de altura e um lavor artístico do mais apurado gesto. Cintilavam com reflexões iriadas [das cores do arco-íris] ao refletir o mais tênue raio de luz.

Por aí se vê: O promitente fora pródigo ao pagar a promessa; sinal de que avaliara bem a grandeza da graça recebida. E os pósteros [gerações que vêm depois de quem escreve] tiveram sobejas oportunidades de comprovar que ele estava com a razão – Domingos de Paula Teixeira de Carvalho, o seu tão desejado rebento, fora um honrado e valoroso cidadão, cuja distinta prole ai está perpetuando e dignificando o seu nome.

Em 1875, Da. Maria de Almeida Carvalho (mãe do sr. Zoroastro Franco de Carvalho); talvez por achar a praça fronteira à igreja esbatida demais pela canícula, que lhe dava aspecto de desolação, plantou ali quatro palmeiras, das quais ainda resta uma.

Gazeta de Varginha

Nunca o dia de ontem foi melhor que o de hoje, nem o de hoje será melhor que o dia de amanhã. Quase todos pensamos ao contrário, mas é porque inconscientemente não queremos reconhecer que o que há, é que a idade nos marginaliza no plano do relacionamento humano, dando a nossos amigos da mocidade, como a nós também, encargos e responsabilidades que acabam modificando o nosso comportamento, nos isolando uns dos outros, nos embotando ainda toda aquela disposição despreocupada que é apanágio dos moços. Em compensação nos aumenta o sentimento de afetividade, que se recua no tempo a fim de fixar-se em tudo que gostamos e amamos em nossa mocidade.

É a saudade. Os moços também são atingidos por ela, mas de maneira diferente. Parece que eles a pressentem no futuro, daí o fascínio de muitos deles pelas coisas do passado... Aliás a extensão da vida tem que se alongar às suas raízes, ultrapassando a infância e o próprio nascimento, estendendo-se aos antepassados. O indivíduo é apenas um número na multidão; mas a pessoa é um conjunto de valores físicos e morais que pressupõe uma longa série de disciplinas acumuladas na hereditariedade, vindas através de gerações e gerações. Daí as características familiares com seus defeitos, tendências e valores.

Essa a essência do saudosismo. Ele vive na inconsciência; aquém e além da vida.

Como saudosista, vou lhes relatar fatos e coisas de Varginha de antanho. Coisas ligadas ao nosso povo e à nossa gente; a gente comum das ruas, com sua simplicidade, sua graça e as suas desgraças...

Em 1913 as diversões em Varginha eram poucas. O recém-fundado "Cinema Brasil", do sr. Pedro da Rocha Braga – o Pepedro – era apenas uma promessa de diversão, embora se tratasse de uma novidade

interessante. Os filmes em preto e branco com descontrole nos claros e escuros, a movimentação das imagens ora ultrarrápida, ora ultralenta, cansava a vista do espectador. Os "letreiros" (legendas), quase ninguém os conseguia ler por borrados e saltitantes. No meio da sessão havia o "intervalo" – dez minutos – para que os espectadores "descansassem a vista"...

Além do mais, demorava muito para vir um novo filme substituir o último em poder do Cinema Brasil.

"Seu" Pedro, para compensar os gastos, punha toda a aparelhagem do cinema em um carro de boi – que ia chiando pela estrada afora – e rumava para o Pontal (E. Mendes), C. Cachoeira e outros lugares vizinhos "passando cinema"...

O negócio era manivelado à mão, e um dínamo acionado à querosene fornecia a luz para a projeção, luz essa produzia por arco-voltaico entre duas barras de carvão. O "motor" era barulhento pra cachorro e, às vezes engasgava, parando. Aí, então, o cheiro do querosene mal combustido invadia o ambiente, provocando náuseas aos assistentes "mais delicados"!... Nessa hora o Sr. José Jordão (o velho), movimentava-se rapidamente a fim de reparar "a máquina".

Havia o circo de cavalinhos. Todos o apreciavam, e em muitos deles – quando bons - chegava-se a suspender a venda de bilhetes por excesso de concorrência.

Os palhaços eram as suas figuras principais: traziam novas "modinhas" e dedilhavam bem o violão... As moças e os rapazes compravam os livrinhos com as letras, e estes iam em grupos convidar os palhaços para uma cerveja a fim de que eles lhes ensinassem as músicas das peças cantadas no picadeiro. Como isso já fazia parte das "relações públicas" do circo, os palhaços aceitavam o convite de bom grado. Também, se não o fizessem, corriam o risco de ser vaiados na próxima função, pois os rapazes da época eram muito briosos e se agastavam com pouco!...

O circo ia mas as modinhas ficavam, cantadas nas serestas e es-

goeladas a plenos pulmões pelas domésticas, onde quer que se fosse na cidade... Os homens as assobiavam na rua, no trabalho ou em suas horas de lazer!... Era a "coqueluche", como se costumava dizer.

Hoje as moças já não cantam mais; perderam o senso do romantismo que faziam belos os seus sonhos e amena a sua vida. O mercantilismo agressivo, com seus filmes pornográficos e revistas eróticas, de permeio com a necessidade de enfrentar todo tipo de ambiente a fim de ganharem a vida, tirou-lhes aquela aura de inocência e aquele não sei o quê de delicadeza que a gente via em todas as mulheres...

O assobio tornou-se algo desrespeitoso: coisa de moleques... São poucos os que conseguem fazê-lo bem hoje em dia. E estes são raríssimos, pois se precisa ser completamente desligado da preconcebida e idiota ideia "do ridículo" para se por na rua, andando por aí, a assobiar.

As touradas? Ah!... As touradas!... Eram coisas mais de homens. Espetáculo violento, não se coadunava bem com a sensibilidade feminina de então. Eram poucas as mulheres que se apreciavam uma boa corrida de touros.

A modalidade de touradas no Brasil tinha características próprias, muito diferentes das práticas adotadas no resto do mundo: - aqui se "pegava o boi à unha", procedimento perigoso e, muitas vezes, fatal.

Os fazendeiros emprestavam de bom grado seus animais para serem toureados. Seus nomes saíam nos "programas" e o gado ficava mais manso.

Eis um boletim da época.

"ATENÇÃO!

Na Praça Sta. Cruz, às 3 horas da tarde, um extraordinário espetáculo de tauromaquia. Entre os toureiros da melhor qualidade encontram-se "Valete de Ouros", "Treme-Terra", Estevam da Nicóta e ou-

tros.

Os animais, escolhidos a dedo entre os mais bravos, foram gentilmente cedidos pelo Cel. Luiz Gonzaga.

Não percam este grande espetáculo.

Atuarão ainda os impagáveis palhaços Pedro Veríssimo e Manezinho Braga".

À hora marcada a banda de música subia rumo à praça executando bonitos "dobrados", tendo à cola a garotada suja e insuportável de então, pulando ao ritmo da música possuída do seu natural entusiasmo. Enquanto isso soltavam-se foguetes na porta do circo.

Jornaes de Varginha

A "GAZETA DE VARGINHA" – 1893/1897 – Antônio Pinto de Oliveira e Pedro Rocha Braga.
1894 – TRIBUNA POPULAR – Com. Joaquim Batista de Melo.
1900 – "O CORREIO DO POVO" – Francisco Quintino da Costa e Silva.
1906 – "O PÂNDEGO" – Humorístico, de Erlindo Costa, Octavio Gama e Jujuca Paiva (Caricaturas feitas em madeira).
1908 – "O INGENTIVO" – Joaquim Costa.
1915 – "O MOMENTO" – João Liberal e Honório Armond
1914 – "O EXCELSIOR" – João Liberal
1921 – "O LABÔR" – Leocrácio Paulino da Silva e Joaquim Lourenço Teixeira.
1925 – "ÍRIS CINEMA" – Carlos Silva e Elias Esteves Alves.
1923 – "ARAUTO DO SUL" – Leopoldo de Melo Pádua
1922 – "O INDEPENDENTE" – Wenceslau Rosa
1922/23 - "O PROGRESSO" – José Vicente Ferreira
--- "A VANGUARDA" – Câmara Santiago (?)
1927 – "O CAPITÓLIO" – Carlos Silva.
1924 – O BILONTRA" – (Humorístico) – Alberto Ferreira.
--- "O BANDEIRANTE" -. ..... Miranda.
--- "O INDEPENDENTE" – Wladimir e Plinio Pinto.
1929 – "CONCENTRAÇÃO" – Dr. Manoel Rodrigues, Dr. Joaquim A. Ferreira, Dr. Luiz Teixeira de Fonseca e Dr. Vicente de Módena.
1930 – "O SUL MINEIRO" – Armando Nogueira.
1945 – "CORREIO DO SUL" – Rosemburg – Dr. Francisco Rosemburg.
- "O SANITARISTA" – Dr. Vicente Módena e Donato Valle.
- "O BINÓCULO" – Carlos Silva e Benedito Domiciano. – Humorismo.
- "A FLAMA" – Casado Viajante do Brasil.
- "ECO MARIANO" – Congregação de S. Vicente de Paulo.

- “FLASH NOTÍCIAS” – Edson David.

- “O CRUZEIRO” – Toninho Bittencourt (Não confundir com Ant. Nunes B).

1955 – “TRIBUNA VARGINHENSE” – Paulo Ramos de Resende e Cícero Acayaba.

1959 – “O TRABALHO” – Flodoaldo Rodrigues e Pedro Júlio.

- “ARAUTO CRISTÃO” – Pastor Mário Barbosa.

- “A VERDADE” – Poeta Edgar de Brito.

1956 – “A RAZÃO” – Célio Segundo Sales, Paulo Carvalho Júlio e João Procópio

- “FOLHA DE VARGINHA” – (?). Editado em Lavras

1967 – “A GAZETA” DE VARGINHA – Wilmar Augusto Neves – 07/09/67

1980 – “JORNAL DO SUL DE MINAS” – Benedito Nicácio de Almeida – 23/01/80

- “A VOZ” – Jorge Marçal

- “JORNAL DE DOMINGO” – Eutêmio Tavares

A iluminação pública em Varginha

Um dos melhoramentos mais ansiados pela população varginhense até 1896, foi, sem dúvida, a iluminação pública. Com ela instalada, pensavam, acabaria o incômodo de ter de sair à noite, carregando a pesada lanterna de querosene nem sempre muito eficiente. Por isso a população se exultou quando, no dia 17 de junho de 1893, foi eleito para presidente do Conselho Distrital o Capitão Pedro Alcântara da Rocha Braga, conhecido que era por seu espirito progressista e realizador. Aliás era um dos que também se manifestara ansioso pelo advento desse melhoramento.

Para conhecimento do leitor devemos informar que naquela época, gerindo os negócios do Município, existiam dois poderes com atribuições não muito bem definidas: Câmara de Vereadores e o Conselho Distrital. Este era composto de três membros: presidente, vice-presidente e secretário. O estranho é que tanto o presidente da câmara quanto o conselho tinham Poder Executivo, parece que cada qual em áreas distintas, sendo privativo da Câmara a elaboração de leis, direito de representação etc. O Conselho fiscalizava os serviços públicos, baixando normas estabelecendo multas e outras penalidades a infratores. Não raro, um invadia as atribuições do outro criando as mais acirradas polêmicas e confusões.

No caso do prolongamento da Rua da Harmonia (Rua 15 de Novembro, hoje, São Paulo), da casa do capitão Bernardino José Paulino até a linha férrea, o presidente da câmara, comendador Joaquim Batista de Melo, irritado, chegou a acionar a polícia a fim de impedir os serviços iniciados pelo conselho. Prevaleceu, porém, a enérgica reação do presidente do conselho, capitão Pedro da Rocha Braga, que fez ver ao delegado que se apresentou acompanhado de vários praças que no caso não cabia a sua intervenção.

Capitão Pedro da Rocha Braga, durante sua gestão à frente do

Conselho, foi quem tomou as primeiras providências para execução do projeto da primeira iluminação pública da cidade. Mandou publicar edital de concorrência para feitura de 50 postes de madeira no dia 1º de outubro de 1893, estabelecendo o preço de 50$000 (cinquenta mil réis) por unidade.

Logo depois, em 24 de dezembro do mesmo ano foi a vez de serem postos em concorrência os lampiões. Interessante é que nenhum dos dois editais estabelecia as características dos objetos postos em concorrência, mas levando-se em consideração o modo simples de se encarar as coisas por aquela época, é de se presumir que ficava subtendido que o interessados deveriam procurar o conselho afim de receber as demais instruções.

Parece não ter havido concorrentes interessados e o próprio Conselho teve que fazer as coisas por conta própria.

Enquanto isso a "Tribuna Popular", jornal de propriedade do presidente da câmara, comendador Joaquim Batista de Melo, e que fora fundado no dia 25 de março de 1894, não poupava o conselho e seu presidente com suas críticas e ironias.

Finalmente em 5 de agosto de 1894 chegaram os lampiões, ficando marcado o dia 15 de novembro daquele mesmo ano para a inauguração daquele melhoramento tão esperado.

Sem festas ou foguetes a inauguração foi feita na data marcada para grande alegria da população como era de se esperar. Mas acontece que os 50 postes mostraram-se demais para o tamanho da cidade e em 12/05/1895 a câmara mandou suprimir os lampiões da periferia recomendando que funcionassem apenas os localizados nos largos (praças) mais movimentados.

Tinham razão os senhores camaristas. Da linha férrea para baixo somente a Rua Muzambinho (Rio de Janeiro) possuía uma meia dúzia de pequenas casas, o mesmo acontecendo para os lados do matadouro municipal recém-inaugurado. Ruas Doutor José Bíscaro, Ana Jacinta, Silva Bittencourt e Major Venâncio eram simples estradas. O Bairro das

Três Bicas não teve a sorte de receber sequer um lampião, tinha apenas algumas mansardas [janelas sobre o telhado para iluminar e ventilar seu interior] cobertas quase todas de sapê.

Sete anos depois, em 1902, o presidente da Câmara Dr. Antônio Pinto de Oliveira inaugurava a iluminação à gás acetileno, talvez a primeira instalada no Sul de Minas. Nos festejos de inauguração contou-se com a presença de uma companhia teatral com um grande elenco que trazia um corpo de bailado de oito bonitas jovens que, bastante pra frente foram causas de muitos "mal-entendidos" entre casais da cidade.

Embora muitíssimo superior à anterior, a iluminação à gás tinha também os seus defeitos. O cheiro não era bem tolerado por todos e a chuva causava-lhe transtornos. Para a época a sua manutenção era cara mas, por dispensável ou mesmo por economia, era acesa de poste a poste ao escurecer e às dez ou dez e meia da noite. Também depois desse horário as ruas eram transitadas somente por raros boêmios, malandros ou magotes de vivandeiras retardatárias, habituês da birosca do português Perpétua ou vindas dos lados perigoso bairro do "Gazarrá". No mais, além desses impenitentes retardatários, o movimento das ruas nessas horas era de cachorros, vacas, porcos, cavalos etc. que, de madrugada, exigiam dos zelosos fiscais da câmara ingentes esforços para prendê-los no "currar do conselho". Para retirá-los, seus donos se submetiam a multas - a maioria das vezes perdoados por intermédio dos coronéis.

Em 1911, por razões diversas, a iluminação a gás vinha se mostrando deficiente e falha. Além dos mais, a cidade necessitava urgentemente de energia elétrica a fim de incrementar seu progresso. A cidade e a população haviam crescido muito naqueles sete anos. Uma florescente indústria e um comércio dos mais promissores – estimulados pelo café - fizeram com que o então presidente da câmara major Manoel Joaquim da Silva Bittencourt assinasse contrato com a Cia. Vivaldi, em data de 17 de fevereiro de 1912, para a construção de uma usina de

força no Rio Verde e consequente instalação da luz elétrica em Varginha.

A Cia. Vivaldi instalou seus escritórios à Rua Direita (Presidente Antônio Carlos) numa casa que existia onde hoje está localizado o prédio de propriedade dos irmãos Salum David ao lado da prefeitura, na época da esquina das ruas Direita e 15 de Novembro (Pres. Antônio Carlos e São Paulo).

E foi assim que no dia 12 de abril de 1914, com a presença do Exmo Sr. presidente da República Dr. Wenceslau Braz e do também presidente do Estado Exmo Sr. Dr. Delfim Moreira foi inaugurada a luz elétrica em Varginha. Aproveitou-se a data e a presença dos ilustres visitantes para o lançamento da pedra fundamental do Ginásio Municipal Coração de Jesus.

Companhia Vivaldi - 1914, primeira à direita

As Três Bicas

A localidade das Três Bicas, por ter sido sempre indicada por esse nome, pode ser considerada o primeiro bairro da cidade. Havia o "Gazarrá", mas aquilo era apenas uma zona e não um bairro. Determinava apenas uma parte da cidade na qual o comportamento da maioria de seus moradores e frequentadores destoava – e como - das demais pelo seu caráter de licenciosidade, promiscuidade e violência. A "pinga", o mulherio livre e a gana de comerciantes inescrupulosos pelo dinheiro, faziam do "Gazarrá" ambiente duro, próprio para pusilânimes e valentes – aqueles por sua condição passiva, destituídos de brio e de vergonha, fugiam covardemente a qualquer confronto; e estes, afeitos à fereza dos embates de vidas passadas em ambientes tumultuados, onde a "garra" e a brutalidade eram condições para sobreviver, tinham o local como seu habitat.

A faca e a garrucha entravam em ação ali em quase todos os fins de semana, quando a concorrência era maior pelo comparecimento dos desavisados "roceiros" que vinham fazer compras e dos trabalhadores braçais, quase todos dados à cachaça. Mesmo algumas das mulheres estadeavam [ostentavam] valentia, levando o pânico nas suas arremetidas aos próprios "durões". Desacatavam e enfrentavam a própria polícia, que raramente conseguia prender alguma. Imbuídas de um fortíssimo "espírito de classe" a fim de enfrentar o duro "habitat" que era o "gazarrá", tinham as suas aguerridas "líderes", algumas delas de compleição robusta e possante. Balandina, Trezentos e Onze, Francess, Maria Café, Barra Bol, Augusta e outras, enfrentavam todo, quer no braço, no... [TEXTO CORTADO].

"Hei, Lafuché!..."

A resposta vinha dura, contundente:

"Lafuché é o!..."

E, de volta com a resposta, vinha a pedrada jogada com mão firme

e certeira. A gente pulava de lado desviando-se: "Pito pitô, num acertou...". E saía em desabalada carreira, camisola esvoaçante ou calças mal-ajambradas feitas de saco de açúcar sustentadas por uma simples tira à guisa de suspensórios, pulando buracos e fazendo malabarismos incríveis a fim de evitar enterrar o pé naqueles malditos e malcheirosos montículos que pontilhavam a curto espaço em toda a sua extensão, os tortuosos caminhos que eram aquelas ruas... E atrás, como uma fúria, e resmungando tudo o que sabia "abaixo" do baixo calão, aquele "desgramado" atirando pedras na gente.

Mais tarde, no jogo do pinhão ou da malha, a gente "ficava de bem" outra vez e, em bando com outros garotos, ia para os lados do Antônio Augusto, do Cemitério Novo ou do Matadouro, comendo tudo quanto era fruta do mato que encontrava, desde o "grão de galo" à "banana do brejo"... Avançávamos como correção de formiga, nada nos escapava.

De outras vezes, quando não estávamos assaltando alguma chácara, como a do "seu" Joaquim dos Ferros, Casa Grande ou João Ponciano, juntávamos cipós nos pastos a fim de montar em cavalos e bezerros que por ali pastavam. Muitas e muitas vezes fomos atirados ao chão, como os demais... [TEXTO CORTADO]

[TEXTO CORTADO] ... abandonavam o "avanço" da Estrada de Ferro Muzambinho em 1892 para aqui ficarem. Outra remessa de pessoas destacadas que "beberam água das Três Bicas" foi a que trouxe Miguel Alves, Manoel Calças, Manoel Gonçalves e outros em 1913, que vieram para a construção da "Vila Vica", prédio onde hoje funciona o Fórum [atualmente, Pequenas Causas]. Não havia na cidade pedreiros para serviços finos, então, d'aí ter o sr. Antônio Rodrigues, construtor do prédio, que os buscou no Rio de Janeiro.

Nessa época, não sabemos sob que motivos, aportara-se aqui também um tal de Astolfo Espinheira. Vindo do Rio de Janeiro e trazendo consigo uma bonita esposa. Ambos portadores de esmerada educação e maneiras refinadas, logo passaram a ocupar um largo ambiente no seio

da melhor sociedade varginhense de então. Promoviam à miúde excelentes festas seguidas de animados saraus dançantes, nas quais distribuíam lindas prendas às moças e às senhoras, conquistando a todos pelo carinho e delicadeza com que sabiam receber.

As festas dos Espinheiras passaram a ser "coqueluche" dos "refineé" de então, e na verdade eles vieram dar vida à pasmaceira do ambiente social do "grã monde" (naquele tempo gastava-se muito o francês por aqui) local da época.

Prestigiados, irradiando simpatia, foi-lhes fácil captar a amizade e confiança de todos. Resolveram, então, depois de trabalhar todo o mundo com a sua insinuante conversa, estabelecer em Varginha uma sociedade de auxílio mútuo, como era comum entre as colônias de imigrantes naqueles tempos. Ora, por quem era, ninguém sequer se furtou a... [TEXTO CORTADO].

O epicentro de toda a vida do "Gazarrá" de então foram o famoso buteco de Antônio da Rosa e o Bar do Carluci.

As Três Bicas eram a antítese do "Gazarrá": ali nunca ia a polícia; quase todas as casinhas que existiam pertenciam a seus próprios ocupantes, que nelas criavam os filhos n'um ambiente de familiaridade e compreensão. Todos se davam e se respeitavam como irmãos. Em caso de doença em uma daquelas humildes famílias, a casa se enchia de gente amiga e prestativa, ungida da melhor boa vontade no sentido de ajudar e amparar: o mulherio se agitava logo lavando a roupa, fazendo a comida, preparando o banho de bacia, o chá da horta ou o mingau para o doente, a fim de que a dona da casa tivesse todo o tempo livre para ficar junto ao acamado ou tomar outras providências que a situação viesse a exigir.

Maria da Chácara, Phelomena do Edhesio, Gabriela Raymundo, Beata do "seu" Geronymo, Vitalina Elias, Maria Raymundo, Servina, Chica Velha, Presciliana Rosa e muitas outras – que apesar de minha saudade e do meu carinho à sua memória, seria fastidioso mencionar aqui, - faziam Três Bicas de há sessenta anos uma ilha de paz, de amor e de bondade... Mesmo os mexericos tão a gosto do mulherio, tinham ali

conotações diferentes, assumindo o caráter de lamentações: "Coitadinha, tão boazinha... Mas também vivia aí com o ... campeando... Tinha que dá nisso!..."

Era assim nas Três Bicas. Não se recriminava, não se atassalhava a moral de ninguém. Era uma gente boa, sem amargura ou agressividade. Toda ela na sua pobreza e humildade, na sua feiura de oprimidos e mal alimentados, trazia no coração a mansidão e a paz.

Pelo menos era assim que eu a via e sentia...

As ruas – as mesmas de hoje, - invadidas pelo mato, eram simples caminhos estreitos e tortuosos, cheios de buracos enormes de enxurradas e montículos de cocô d'aquele mundão de crianças sujas, piolhentas e catarrentas que passavam os dias em correria para cima e para baixo, juntando a gritos e assobios os mais feios palavrões da língua pátria.

As três fontes, ou nascentes, que deram nome ao bairro (que a tolice de algum vereador por sorte se esqueceu de mudar como o fizeram com o Areião, Matadouro e Vila Barcelona), ficavam mais ou menos equidistantes: uma junto à linha férrea, num fundo e grande buracão, no final da Rua São Paulo; a segunda se situava a uns dez metros acima do cruzeiro da Praça Nossa Senhora Aparecida e, a terceira, ficava nos fundos da chácara do Pannain, mais para os lados do matadouro municipal. Eram de água puríssima, cristalina. E um mundão de lavadeiras delas se serviam para lavarem roupas de "encomenda", muitas delas do Internato do Colégio Varginhense de Da. Elsa Fonseca.

Meio-dia, sol a pino, calor insuportável pondo na gente aquela horrível modorra [sono], vinha em nossos ouvidos, vindos das fontes com o plá-plá-plá das roupas nos "batedouros", a bonita voz de Alcina Benta ou da Maria do Salvador cantando a plenos pulmões, como todos faziam por aqueles tempos:

"Oh pé de anjo, oh pé de anjo, És rezador, és rezador..."

Às vezes era a voz estridente da Beata, que protestava energicamente: "Menino, n'um mija na água!". Por certo dois moleques safados apostando quem mijava mais longe...

A primeira fonte (a do início da Rua São Paulo) era a preferida para a captação da água. Toda a população do centro da cidade, todas as tardes mandava seus caseiros colher água ali para se servirem dela para beber. Era de uma pureza absoluta, com transparência de cristal. Filtro nenhum poderia conseguir pureza igual. D'aí talvez o fato da firma Francisco Dionísio das Chagas & Cia. haver montado junto à segunda fonte (na hoje Praça N. S. Aparecida) a sua fábrica de cerveja em 1891. Dizem que a fabricação da cerveja exige água de alta pureza e boa composição química.

Um ditado antigo revelava a magia dessas águas: "Quem toma água das Três Bicas, fica...", tal era o número de pessoas que aqui se aportava e ficava: Antônio Rodrigues, José Limborço, Antônio Raimundo e muitos outros.

Tempos depois, como os associados eram todos pessoas de posses e não necessitavam de nenhum "auxílio", a caixa da sociedade acusava um excelente saldo, cuja guarda, como é óbvio, ficava sob a exclusiva responsabilidade do sr. Espinheira, pessoa da mais alta finura e respeitabilidade.

Foi aí que um estranho fenômeno aconteceu, fenômeno que constitui um dos poucos mistérios registrados pela história da cidade: - Em uma bela noite desapareceram o sr. Espinheira e sua linda esposa, e ninguém sabe o destino que tomou os "fundos" da sociedade. Um homem sério, fino, respeitável como o sr. Espinheira não iria fugir com o dinheiro dos amigos...

Mas, embora pareça mentira, ninguém lamentou o prejuízo monetário que tivera. O que todos lastimavam era a ausência dos Espinheiras, a falta daquelas pessoas extraordinárias e maravilhosas que trouxeram para o "Grã monde" varginhense horas inesquecíveis de alegria e de prazer.

Eles não beberam água das Três Bicas...

***

NOTA DO AUTOR: - A origem popular das coisas, embora sem-

pre pitoresca, quase nunca tem um nascedouro pronto, definido. Neste caso os apelidos são os mais bem enquadrados. Nascem de uma similitude numa esquina, n'um boteco provocada pela aparência, por um gesto ou ato das pessoas. Tivemos em Varginha "O Senhor dos Passos", "Os Amarelos", isso para não citarmos tipos populares como "Zambaiado", "Lafuché", "Leite Gordo" e outros infelizes pelo estilo. D'aí perderam-se as origens dos apelidos de "Berrabol" e "Francesa", esta última como "Trezentos e Onze", negra retinta possante.

Ao substituir as velhas e pequenas locomotivas "Maria Fumaça" de nºs 3, 11, 13 etc., que não tinham força suficiente para arrastar os longos trens de café, a Estrada de Ferro mandou para o Sul de Minas bojudas e poderosas máquinas, pretas e feias, entre as quais viera uma com o número 311. A gentalha, ao deparar com aquela negrona imensa, poderosa e agressiva, n'uma comparação instintiva e irreverente, pregou-lhe logo o apelido: "Trezentos e Onze".

Primeiro Trem de Ferro

O primeiro "trem de ferro" chegou a Varginha em 1891. Não viera até a primeira estação improvisada que foi aquele prédio recém-demolido ao lado da Igreja de São Sebastião, nem até a outra estação, também improvisada constituída de carros da própria Estrada de Ferro Muzambinho e que se localizava mais ou menos onde mais tarde foi construída a primeira estação definitiva. Segundo informações fidedignas de "testemunho ocular da história" (o popular Júlio Mondengo), o primeiro trem chegara apenas até as Três Bicas, uns 80 metros do lado direito de quem desce a Rua São Paulo, no ponto onde esta faz junção com a Rua da Fonte.

"Correra o boato" de que os dormentes que vinham sendo trazidos pelos "troles" iriam pela primeira vez n'um trem. Os "boatos" eram o meio de difusão das notícias na cidade de então, não só devido ao analfabetismo que atingia a população em quase cem por cento, como por não existir quaisquer meios de informação, já que a "GAZETA DE VARGINHA" – nosso primeiro jornal – somente veio à luz em 1893 [TEXTO CORTADO].

(...) de ferro", no correr do boato, foi se aproximando cada vez mais do bicho papão: - "Era um troço imenso que fazia a terra tremer à distância de mais de quinhentas braças; soltava fogo p'ra riba n'uma altura danada e, às vezes, acontecia da caldeira arrebentar!... Se isso acontecesse era um negócio do diabo: - sumia tudo que tivesse por perto, era um estrago que Deus me livre!"

No [local] onde deveria parar a locomotiva havia até há pouco uma "cava" – trecho de estrada com barrancas altas, onde o povo, entremedroso e decidido, para lá se abalou [fugiu] em massa, postando-se cavaleiro da estrada que corria lá embaixo.

Mais ou menos no horário [TEXTO CORTADO].

(...) seus ternos de sarja grossa de jaqueta comprida, colete, cha-

Chegada do primeiro trem em Varginha para descarregar dormentes

péu de vários estilos e corrente de relógios presa à lapela, e o "povão": - vestido de camisa de riscado grosso, calças feitas por "costureiras" em pano "tecido pá"; um ou outro ex-escravo ainda estonteado com a recém-liberdade dada pela Lei Áurea e uma criançada barulhenta e irrequieta correndo todos os sentidos n'uma algazarra dos diabos.

A "coisa" era mais estupenda do que se pensava : Aquele troço imenso, todo de ferro e complicadíssimo jogo de rodas, quase que ia além da imaginação. Parecia arte do tinhoso. Comia lenha como 'não sei o que' e também levava na sua caldeira – segundo diziam – um mundão de água. Aquilo era o trem... Essas deviam ser as considerações que corriam pela cabeça da maioria daquela gente simples, de vida integrada na natureza bruta como parte do jogo comum dos seus desígnios. O poder da sua mente media-se pela rudeza do ambiente em que se movia. Poucos eram esclarecidos pela estupenda luminosidade de um "Caraça", de um "Sion" ou das excelentes escolas da capital do

Estado (Ouro Preto). Eram [TEXTO CORTADO].

(...)nhoras caindo e desmaiando, homens deixando para trás seus chapéus, n'uma covardia instintiva iam pulando por cima de moças e senhoras estendidas no chão".

Foi esse o testemunho do Julio Mondengo. Pode ser que ele tenha exagerado um pouco no relato. O pânico houve e não poderia ser de outra maneira. Aquela gente nunca havia ouvido um apito de trem. O negócio foi a coisa mais alta que seus ouvidos escutaram, e um montão de "decibéis" é coisa de arrasar...

O fato deve ter sido mesmo muito constrangedor para os que nele tomaram parte, pois ninguém daquele tempo gostava de conversar sobre o assunto. O caso tornou-se uma espécie de tabu, coisa tacitamente proibida. É que todos procuravam esconder que haviam participado da tragicômica correria!... Se o Mondengo não fosse criança então e não houvesse participado com a sua esvoaçante camisola daquele acontecimento histórico, que foi a chegada do primeiro trem a Varginha, nós não teríamos podido relatá-la aqui.

Mas, apesar de se afirmar que "a voz do povo é a voz de Deus" não é de se crer que Deus se saia muito bem nesta espécie de "informática", visto ser da sabedoria popular o aforismo e que "quem conta um conto aumenta um ponto"... E o nosso trem [TEXTO CORTADO].

(...) em que era esperado, começou-se a ouvir, ainda abafado pela distância, lá para os lados do "pontilhão" (um pouco além do IBC), o resfolegar do "bicho...".

À medida em que a locomotiva vinha se aproximando, com o consequente aumento da que [TEXTO CORTADO].

(...) Algumas senhoras vestidas pesadamente como se exigia à época: uma ou outra moça trajada festivamente com vestidos de gola alta, apertadas em seus casaquinhos de camafeu ao pescoço prendidos a fitinhas pretas, "senhores" empertigados em [TEXTO CORTADO].

(...) os que "mandavam", os que (...). Eram os (...) – os capitães, os coronéis etc.

Nessas alturas, o medo já se havia aplicado um pouco; os "caminhoneiros" se moviam no descarregar dos dormentes, enquanto os "grandes" subiam as planchas (vagões abertos) e entravam na locomotiva para examinar-lhe os controles com explicações dadas pelo orgulhoso maquinista, o herói do dia. Foi aí que um dos "coronéis" inadvertidamente resolveu descansar o braço n'uma cordinha que, quase junto ao teto da locomotiva, corria longitudinalmente ao lado direito do maquinista.

O apito violento que se seguiu foi a onda de choque que galvanizou o pânico. A debandada morro acima, de toda aquela gente, rumando para o lado do Colégio Santos Anjos, era acompanhada de um frêmito de pavor. Meninos gritando [TEXTO CORTADO].

As corridas

Em 1893 a cidade de S. Paulo já com cerca de 200.000 habitantes era surpreendida por um acontecimento memorável: a chegada do seu primeiro automóvel. Trouxe-o o irmão de Santos Dumont, Henrique Santos Dumont. Pilotando aquela gerigonça movida a vapor, com fornalha, caldeira e chaminé, o irmão do futuro "pai da aviação" transitava pelo centro da capital, subindo e descendo a Rua Direita, atrapalhando o trânsito de tílburis e pedestres, bem como o comércio daquela importante via, fazendo juntar por todo o seu percurso uma multidão de curiosos. As rodas do veículo eram calçadas com borracha maciça, sem câmera de ar. Era da marca DAIMLER, fabricação inglesa de patente alemã, e que mais tarde passou a ser "Mercedes Benz".

No Rio de Janeiro o famoso jornalista e abolicionista José do Patrocínio, que se destacava também por sua impertinência boemia, em 1897 saía pela ruas dirigindo o seu automóvel movido também a vapor, de fabricação francesa. Olavo Bilac, seu amigo, que também adorava novidades, invejando da imponência de Patrocínio no volante daquela "maravilhosa" máquina, pediu-lhe que lhe ensinasse o manejo da mesma. Patrocínio após um ou dois dias de "lições" entregou o volante a Bilac. Resultado: Bilac, na estrada velha da Tijuca "barbeirou", arremessando o carro contra uma árvore, espatifando-o. Não se sabe se Patrocínio foi ressarcido do prejuízo pelo amigo Bilac, mas se não o fora é bem possível que tenha perdido nada: seu grande coração não lhe permitia exigir de ninguém o que se lhe deviam, mas, em compensação, também não lhe impunha a obrigação de atender devidamente seus credores.

Em São Paulo, em 1900 o prefeito Antônio Prado instituiu uma taxa anual sobre veículos automotores e, em 1903 tornou obrigatória a inspeção desses veículos pela prefeitura, fixando-lhes na parte posterior uma placa com o seu número de matrícula e limitando sua velocidade nas ruas de muito trânsito à velocidade de "um passo de homem". Em

qualquer outra situação, a velocidade não poderia ultrapassar 30 km horários. Em 1904 foi instituído o exame para motoristas, sendo o primeiro cidadão a se habilitar o Sr. Minotti Falchi, dono da conhecida fábrica de chocolate Falchi. Henrique Santos Dumont, pão-duro, não se conformou com a taxa criada sobre veículos, entrou em choque com a prefeitura e teve a sua carteira de habilitação cassada.

Em data de 26 de julho de 1908, no Parque Antártica, uma multidão se juntou a fim de assistir o que seria a primeira corrida de automóvel da América do Sul. O evento foi denominado "Circuito de Itapecerica", com 70 quilômetros de itinerário, com prêmio e tudo. Vence-o o milionário Sylvio Penteado com seu Fiat de 40 CVA, que chegou a desenvolver, em certos trechos, a velocidade de 50 quilômetros horários. Faziam parte também na corrida algumas motocicletas...

Rali - competição automobilística - ocorrido em 1927

Em Varginha, o primeiro automóvel foi trazido por Zeferino Augusto da Silva, no dia 1º de janeiro de 1914. Foi um Ford, modelo T, acionado, como todos os outro carros, à manivela. O segundo foi trazido pela

firma Saraiva & Braga em 1916, firma essa, se não nos falha a memória, constituída dos senhores Artur Braga e Gumercindo Saraiva, seu cunhado. Daí para cá o interesse pelo automóvel em Varginha foi tanto que em 1926 já tínhamos rodando em nossas ruas carros de todas as marcas e tipos. Pelo número de agentes revendedores das diversas marcas, pode-se aquilatar o interesse despertado em Varginha pelos automóveis na décadas de 1920/1930:

AGENTES VENDEDORES

FORD: Navarra & Irmãos
BUICK: Walter de Paiva Resende
DODGE-BROTHERS: João Manoel Azze & Cia.

CHEVROLET: Lucio & Cia. (G. Lucio)
OAKLAND: Lucio & Cia. (G. Lucio)
OLDSMOBILE: Benedito Lobato
FIAT: José Fenoci
CHRAYSLLE: Alberto Moraes
STUDBAKER: Pires, Resende & Cia. (Luiz Teixeira)

(Interessante é que já por essa época o Sr. Domingos Teixeira de Carvalho fabricava e oferecia aos donos de carros GASOGÊNIOS[1] a baixo custo).

Já em 1923 o "corso" carnavalesco fora feito com um bom número de carros que, circulando a Igreja Matriz subia até a altura da Av. São José, fazendo a volta, tornava a descer.

No dia 14 de novembro de 1926 foi feita a primeira corrida de automóveis da cidade, do lugar denominado Açude de Doce ao Alto do Cruzeiro, em Varginha. O circuito era de 6 quilômetros. Participaram da mesma os corredores:

1 Equipamento que produz gás combustível para alimentar motores de combustão interna

Francisco Hermann (Chico Alemão) pilotando um RUGBY
Gumercindo Lúcio: CHEVROLET
Agenor Braga: DODGE
Manga: CHEVROLET
Francisco Geraldi: WIPPET
Antônio Bernardino Paiva: FORD

Um dos corredores inscritos, Argemiro (Bodinho) acabou por ser excluído do certame. Era um tanto quanto indisciplinado e havia provocado certa reação entre os colegas corredores.

Muitas outras corridas vieram depois, e delas participavam, entre outros, Francisco Hermann – o popular Chico Alemão, Dr. Francisco Rosemburg, José Sério, Agenor Braga, Pantaleão Pássaro, Otávio Cornélio (o Campanha), Orlando Elisei, José de Paula Luiz (o Treme-Terra), Luciano Parisi, Duílio Fenoci, Francisco de Tal (Chico Gato), Argemiro etc.

Na última corrida de que temos notícia, e que se deu no Stadium do AVEA, em 1938, um acidente vitimou um dos corredores conhecidos pela alcunha de Amendoim.

Cada corredor tinha a sua corte de fãs. Havia apostas e a torcida chegava, às vezes, à violência, com pontapés e bofetões. A assistência se postava junto à Igreja do Rosário, no pasto que havia onde hoje se localiza o estabelecimento comercial do Sr. Paulo de Almeida, de onde se avistava ao longe um grande trecho da pista de corrida (principalmente a parte conhecida então como "reta", que vinha até onde se encontra agora o Automóvel Clube). E quando aparecia o primeiro corredor envolto em densa poeira, o delírio tomava conta de todos. E vinham os palpites: "É o Rosemburg; é o Chico Alemão; não; deve ser o Argemiro; garanto que é", e assim por diante.

Era um bom tempo. Aqueles trambolhos pesados, com molas retas e sem amortecedores; de pouca ou nenhuma estabilidade e partida de "manivela", na mão daqueles loucos chegavam a desenvolver "tremenda" velocidade naquelas estradas primitivas: 80 e até 90 quilômetros por hora.

As antigas serestas

As serestas eram apreciadas por todos. Foi uma tradição em Varginha, como o é em quase todas as velhas cidades mineiras. A polícia, infelizmente com o seu pouco amor à cultura popular, deu para implicar com os seresteiros, como o faz com as "Folias de Reis" e do "Rosário". Ouro Preto e Diamantina tiveram que ir ao Judiciário a fim de poder manter essa tradição.

O bom seresteiro em Varginha tinha o seu renome. Era solicitado, agradado e até bajulado. Havia-os entre todas as classes. Manoel Moreira de Meireles, José Carrinho, Teléscio, Lesbão, José Fenoci e outros fizeram vibrar os corações das donzelas do fim do século passado, com sua voz e seu violão.

Mais recentemente vieram surgindo outros "bambas" como João Batista, André do João Luiz, João Paulino, Alfredo da Phelomena, José Brígida, Joaquim Perneta, Artanagildo José Lelo, Janjão, Nau Pinto e alguns poucos mais, que encantaram nossas noites com melodia e rima belíssimas de velhas "modinhas" acompanhadas ao "pinho"...

Dos mais novos – de há 50 anos, - alguns com acompanhamento do magnífico Sebastião da Raimunda, outros como Dilermando Paiva – também excelente violinista, Edmundo Braga de Carvalho, Targininho Nogueira, João da Maria Benta, Brício Paiva, Capoeirinha e Agenor Baltazar foram alguns dos melhores destaques. Já Hermínio Baiano e José Manoel tiveram o seu valor, mas abusavam um tanto da bebida... Isso os estragava.

Os seresteiros faziam "ponto" em todas as esquinas e praças da cidade, e eram benquistos em todos os lugares. Havia um, porém, que todos evitavam: o Largo do Mercado, nas imediações da grande jaqueira.

A belíssima árvore erguia-se majestosa justamente onde se encontra hoje o prédio dos Correios. Em 1913, no prédio fronteiro ao velho mercado (e do novo também), residia o Sr. Xisto Pelini, com marmoa-

ria na parte baixa do mesmo. Um pouco acima, fazendo esquina com a R. S. Pedro (W. Braz) do lado esquerdo de quem sobe, morava o Sr. João Miranda (o velho) e, do lado direito – onde hoje se localiza o posto de gasolina do Sr. Zozó, n'uma grande casa antiga, morava o Sr. Joaquim Custódio de Oliveira.

Instados por alguém, Joaquim Perneta, Alfredo da Phelomena, José Lelo, José Brigida, Jonas e Janjão, foram cantar ali. Postando-se debaixo da jaqueira onde o terreno era mais cuidado e limpo, Joaquim Perneta começou, com seu vozeirão possante e afinado, uma bela modinha em tom maior:

"Só a ti flor do céu que me refiro,
Neste trino de amor, nesta canção,
Vestal dos sonhos meus por quem suspiro
E sinto palpitar meu coração"...

Logo nas primeiras estrofes uma voz belíssima e de tonalidade cristalina começou acompanhando-o em dueto. Era voz de mulher, porém. O lugar completamente às escuras, pois a iluminação das ruas então - a gás acetileno, - eram apagadas às 10 ½ da noite, não deu para os companheiros notarem quem estaria, por moça como julgaram, fazendo a voz de falsete. Terminada a modinha entre risos, José Brígida dirigiu-se ao José Lelo que era o mais brincalhão da turma: - "D'agora em diante é melhor você cantar como mulher, tua voz é muito melhor dessa maneira".

Lelo naturalmente respondeu que não fora ele o duetista, que aquilo deveria ser coisa do Jonas. Entre risos e negativas, Alfredo da Phelomena começou outra "modinha". E a estranha voz voltou mais sentida e maviosa:

"Boa noite Maria, é tarde, é tarde,
A lua na janela bate em cheio;
Boa noite oh! Maria é tarde, é tarde,
Não me apertes assim contra teu seio"...

Já de sobreaviso, foi que notaram que a voz não pertencia a ne-

nhum dos presentes; que partia de entre eles mas de lugar indefinido, só que belíssima e pura!...

Foi a debandada!...

Joaquim Perneta que equilibrava seu corpanzil de 90 e tantos quilos em uma única e grossa muleta, com o violão em uma das mãos, soube mostrar que apesar de ter apenas uma perna também era excelente corredor; Jonas, também aleijado, disparou manquitolando pela Rua São Pedro, rumando para o lado da Rua Municipal. Já os outros tomaram rumo oposto pela Rua dos Comissários, vindo parar no beco da D. Pureza.

No dia seguinte o caso for assunto em todas as rodas. Nêgo Cirilo e Francisco Parreira das Chagas (o popular Francisquinho), esclareceram a coisa: no fim do século passado, em 1894 ou 1895, um boiadeiro por ciúmes matara ali perto (na esquina das atuais ruas Presidente José Paiva e Tiradentes), uma bonita "moça da vida" chamada Guilhermina que, quando "donzela", costumava, com seus irmãos, também participar de serestas, cantando muito bem!... Segundo o Sr. Francisquinho, alguns anos antes dois outros rapazes passaram pela mesma experiência ali, e um deles chegara até a desmaiar.

E desde então as imediações da imensa e frondosa jaqueira ficou sendo zona proibida para seresteiros...

Um voto de louvor

O voto de LOUVOR aprovado por quase a totalidade dos vereadores da Câmara Municipal de Varginha, ao lamentável golpe militar desfechado contra o governo legítimo e democrático de João Goulart, em 1964, golpe que teve como principais mentores a CIA e o FBI norte-americanos, através do então embaixador Lincoln Gordon, é algo que só se pode completar se se levar em conta a completa falta de formação democrática dos nossos vereadores, aliada a uma grosseira desinformação sobre aquele lamentabilíssimo acontecimento que avulta as páginas da nossa história. Até certo ponto, pode-se perdoá-los: muitos deles não têm mesmo condições de compreender o que foram aqueles vinte e tantos anos de arbítrio, obscurantismo, repressões e iniquidades, período em que os mais comezinhos direitos humanos foram pisoteados e a vida dos cidadãos dependia da boa vontade das autoridades dos detentores do poder. Qualquer irresponsável, usando a palavra "comunista" como senha, podia infernizar a vida de um indivíduo e de sua família, entregando-os à sanha homicida da polícia política da ditadura. Nós mesmos fomos honrados com esse qualificativo por uma alta "autoridade" local, que nos denunciou junto ao Tribunal Regional Eleitoral como sendo "destemperados comunistas". Ganhamos manchete de três colunas na primeira página do "Estado de Minas", mas como já havíamos passado pelo crivo do DOPS, a coisa não deu muito resultado.

As reivindicações trabalhistas apoiadas por Goulart não eram, em magnitude, nem sombra das de agora, outorgadas pela atual constituição. A dívida externa, na época, não ia além de uns seus bilhões de dólares, e só mesmo gente sem a mínima noção da realidade, poderia admitir tivesse Goulart pretensão de subverter a hierarquia militar em nossas forças armadas, pois toda a estrutura dessa instituição reside justamente no princípio hierárquico e, Goulart, mais que ninguém, tinha absoluta noção dessa realidade.

O que houve em 1964 foi a repetição do que comumente acontece em todas as "repúblicas" da América do Sul. Os eternos detentores do poder, vendo-se ameaçados em suas posições e mordomias pelo povo oprimido, põem em movimento seus dispositivos de defesa. Nada mais. Nas democracias de verdade, golpe militar é coisa absolutamente inadmissível. As forças armadas são conscientizadas das suas altas funções e sabem perfeitamente bem que também os civis são igualmente patriotas e que qualquer golpe contra um governo legalmente instituído é um golpe também contra o povo e contra a nação. Uma dessas nos EEUU, França, Inglaterra etc., é coisa que está fora da racionalidade.

Nossos edis deveriam meditar bem antes de proporem qualquer coisa à aprovação da câmara. Tem-se visto coisas tão idiotas serem apresentadas no plenário daquela casa, que a gente fica a duvidar do bom senso de alguns daqueles nossos representantes.

O café

O café originário da Etiópia onde já era utilizado desde tempos remotos, em meados do século XVII atravessou o Mediterrâneo chegando à Europa, tendo logo sua bebida popularizada entre a sociedade ociosa do tempo. No século seguinte popularizou-se por intermédio de estabelecimentos comerciais denominados "Cafés". Os intelectuais passaram a ter a bebida como "estimuladora de ideias". Dessa maneira o café tornou-se a bebida preferida de escritores, artistas e pensadores, alguns dos quais, como Lord Bacon, atribuíram-lhe a virtude de "dar espírito a quem não tinha". Eça de Queiroz, anos depois, chegou a afirmar que "do fundo das negras taças havia brotado o raio luminoso de 89", referindo-se aos eventos que promoveram a Revolução Francesa. João Batista Bach chegou a compor uma "Sonata do Café", sentado em uma mesa de um Café de Viena. Schubert o fez em um guardanapo de um desses estabelecimentos. Aqui no Brasil nos cafés do Rio de Janeiro em muitos dos quais se juntavam também a boemia intelectual como Guimarães Passos, Olavo Bilac, José Veríssimo, Emílio de Menezes etc., muitos versos e quadras foram feitos em torno da famosa bebida.

Não tendo ambiente de cultura na Europa, os diversos países interessados começaram a cultivá-lo em suas colônias tropicais. E foi de uma delas – Guiana Francesa – que o oficial português Francisco de Melo Palheta trouxe as primeiras mudas para o Brasil no ano de 1727. Recebeu-as de presente das mãos de Mme. D'Orvilliers, esposa do Governador de Caiena, embora a saída das sementes e das mudas dessa rubiácea fosse terminantemente proibida pelo governo francês. Plantou-as no estado do Pará onde floresceram sem dificuldades. Em 1781 João Alberto Castelo Branco trouxe-o para o estado do Rio de Janeiro de onde penetrou no Vale do Paraíba chegando em S. Paulo e Minas Gerais, vindo a tornar-se, já em 1880, o principal produto de exportação do Brasil.

Em Varginha o seu plantio começou por volta de 1870, sendo seus primeiros plantadores os coronéis Matheus Tavares da Silva, Domingos

Teixeira de Carvalho e João Urbano de Figueiredo. Primeiramente o trato do cafezal era feito pela mão do escravo, pouco hábil e interessado, influência da campanha abolicionista que já avassalava todo o território nacional. Por outro lado o preço de um escravo tornou-se proibitivo, alcançando quase o preço de uma fazenda, o que levou os agricultores a apelar para a mão de obra livre, que pouco abundante no Brasil, fez com que nosso governo firmasse convênio com o da Itália visando a vinda para a nossa lavoura de imigrantes daquele país. O governo brasileiro financiava sua vinda e os mesmos teriam que assinar contrato com os fazendeiros se comprometendo a trabalhar em suas lavouras durante cinco anos, findo os quais poderiam dispor de sua vontade para se ocupar livremente de outras atividades dentro do Brasil, voltar para a Itália ou renovar o contrato extinto.

Os primeiros imigrantes vindos para o Brasil, trouxe-os o senador Nicolau Vergueiro para trabalharem em sua fazenda em Limeira-SP. Vieram da Alemanha, e não obstante ser o senador ferrenho abolicionista impôs-lhes um tratamento de semiescravidão, chegando mesmo em aplicar pena de reclusão em cárcere privado de sua fazenda a alguns desses imigrantes que se mostraram descontentes. Avisado, o coronel alemão acionou nossas autoridades obrigando o senador a repatriá-los.

As primeiras levas de imigrantes italianos, começaram a chegar em Varginha antes mesmo da libertação dos escravos, contratados no entreposto imigratório de Pinheiros, um pequeno lugarejo junto à cidade de Cruzeiro-SP.

A fim de trabalharem nas lavouras de café das fazendas "Pitangueiras", "São Domingos dos Tachos" e "Pedra Negra" de propriedade dos três pioneiros acima citados. Em pouco tempo a produção cafeeira de Varginha cresceu de maneira extraordinária, e devido à sua qualidade excelente foi considerado um dos melhores cafés do mundo.

E a esses italianos deve Varginha parte substancial do seu invejável progresso. Operosos e inteligentes, muitos deles vieram a se tornar grandes fazendeiros, comerciantes, industriais e artífices, trazendo nova mentalidade mais esclarecida e operosa.

O Capitólio

Nós – os velhos - que vimos passar pela tela de nossas vidas cenas e coisas memoráveis que nos ficaram como que gravadas na retina e no coração, é que sabemos medir o valor afetivo das coisas pela metragem sentida na saudade. E é por isso que vemos com prazer e interesse o louvável movimento desses moços que, sem nossa vivência, se agrupam lutando com ardor pelo tombamento do prédio do Teatro Capitólio como patrimônio da comunidade.

Talvez exagerem um pouco no seu amor pela causa, pois como obra artística o prédio não oferece muito: sua feitura não apresenta labor de mestres e nada de notório se passou nele que o possa ligar à nossa história. Mas foi lá que muitos desses moços assistiram, talvez, o único espetáculo teatral, que já lhes fora dado ver; que vibraram com o primeiro filme ou se acompanharam de sua primeira namorada.

E tudo isso é querido a seus corações, formando um patrimônio afetivo que dá extensão a suas existências. Destruir o Capitólio é destruir um pouco de suas vidas; seria mutilá-las e machucá-las de maneira impiedosa, trazendo-lhes um sentimento de amargor e mágoa para o resto de seus dias.

Não façamos isso. Eles serão os velhos do amanhã e aí, então, hão de nos culpar de, por tão pouco, havê-los privado de poder apontar a seus filhos e aos filhos de seus filhos com emoção e carinho algo ligado ao seu passado e que lhes toca o coração muito de perto. A vida é o que passou, não o que há de vir, que pode ter a duração apenas de um segundo.

Não vamos fazer com o Capitólio o que outros antes de nós fizeram com monumentos históricos ligados às nossas raízes, como a Casa da Instrução, a Casa da Justiça, os Pretórios, as velhas igrejas etc. etc., cuja destruição todos nós lamentamos.

Demos as mãos aos rapazes e vamos ajudá-los nessa cruzada.

O Colégio Coração de Jesus

A Sociedade "Culto à Sciencia" foi fundada no dia 23 de março de 1913 com o propósito único de dotar Varginha de um ginásio para meninos, já que nossos rapazes, concluído o curso primário, que ia até a 4ª série, tinham de continuar seus estudos em outras cidades. Um ginásio soube representar um importante elemento de progresso/a cidade, evitando que esses moços tivessem de abandonar o convívio da família, além de redundar em substancial economia para seus "paes".

Um de seus idealizadores foi o dr. Antônio Pinto de Oliveira, por sinal um dos mais ativos propulsores do progresso e da grandeza da nossa cidade. Ele e sua digníssima esposa d. Hermenegilda de Rezende Pinto foram os doadores dos 3 alqueires de terra requeridos para a construção do ginásio, e que na época, para efeito de escritura, foram avaliados simbolicamente em 2.000$000 (dois contos de réis).

A primeira diretoria da novel sociedade foi composta dos srs:

Dr. José Alcebíades da Silva Frota – Pres.

Pe. Leônidas João Ferreira – Vice.

Sebastião Mendes de Brito – Tes.

No Conselho Fiscal:

Dr. Antônio Pinto de Oliveira

Dr. José Marcelino de Rezende

Dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia

José Barroso de Matos Siqueira

Major Evaristo de Souza Soares

Cel. Antônio Justiniano de Rezende Xavier

Ao legalizar a sociedade acoplou-se o sistema de capital aberto constituindo em sociedade anônima afim de que se pudesse lançar um empréstimo público da elevada quantia de 40.000$000 (quarenta contos de réis), importância em que fora orçada a construção pelo engenheiro, autor do projeto, Dr. José Adhelio de Rezende e Silva.

A confiança e credibilidade que desde os primeiros momentos essa diretoria mereceu do público em geral, fez com que as 400 ações de 100$000 (cem mil réis) em que fora dividido o capital fossem quase que imediatamente subscritas.

Entregue a responsabilidade dos trabalhos de construção e direção do hábil e renomado construtor Sr. Antônio Rodrigues de Souza, constatou-se que a rede de água que abastecia a cidade não alcançava o local da construção. Instituiu-se então um (...) no córrego da Biquinha (fundos do Bairro Vila Pinto) e que forneceu toda a água necessária ao bom andamento dos trabalhos.

Em 12 de abril de 1914, na presença do Exmo. Sr. presidente da República dr. Wenceslau Braz e do exmo. sr. presidente do estado dr. Delfim Moreira foi lançada a pedra fundamental daquela casa de instrução, com banda de música, discursos e foguetes. Esse dia tornou-se de grande importância na história da cidade, já que fora inaugurada também nessa data a nossa luz elétrica.

Terminando o importante edifício, o que se deu em fins de 1915, tratou de procurar pessoal habilitado para fazê-lo funcionar. Por indicação do sr. Vivaldi, proprietário da Sul Mineira de Eletricidade, a diretoria entrou em contacto com o dr. Antônio Noronha, proprietário e diretor do Colégio Luso-Brasileiro de Petrópolis – RJ, no sentido de organizar e gerir o estabelecimento. Firmando o contrato o dr. Noronha instalou-o como filial do Colégio de Petrópolis, dando-lhe o mesmo nome (...).

Em março de 1916 houve a inauguração com a realização de sua primeira aula com grande número de alunos. Além do externato aceitavam-se também alunos internos. Quanto aos professores quase todos foram trazidos do estado do Rio, sendo apenas uma pequena minoria de três ou quatro contratados aqui.

Acontece que o dr. Antônio Noronha nomeou seu subdiretor um tal de dr. Antônio Orrico, a quem pôs-se toda a responsabilidade do estabelecimento. Esse indivíduo logo de início se revelou ser pessoa gros-

seira, arrogante e gananciosa, tal era o seu rigor na exigência das taxas e o irrisório salário que teimava em pagar aos professores. Solteiro, foi chamado de imoral no relacionamento com seus alunos, tal os assuntos e palavreado usado em suas conversas com os mesmos. Ocupando a cátedra de português, a sua dicção defeituosa fazia-o trocar o "X" pelo "S", o "U" pelo "C", e abrandava o "R" no princípio das palavras, como o fazem os italianos menos cultos quando chegam ao Brasil. Os alunos, em pouco, passaram a denominá-lo de dr. Burrico, mesmo porque, além do mais, suas lições não eram lá muito elucidativas.

Censurado pelo instrutor militar dos alunos, tenente Isaltino, aliás, muito querido em nossos meios sociaes e intelectuaes, dispensou-o do colégio, o mesmo fazendo com o ilustre professor Honório Harmond, por discordar dessa sua atitude.

Foi então que o Jornal "Momento", em uma série de artigos, começou a alertar a população sobre as inconveniência do tal subdiretor. A diretoria da Sociedade "Culto à Sciencia" que também de há muito estava mal satisfeita com a situação, pediu ao dr. Antônio Noronha a substituição do seu preposto aqui. O dr. Noronha se recusou a fazê-lo sob a alegação de que não dispunha de mais ninguém para exercer o cargo. Desfez-se o contrato e fechou-se o estabelecimento em 1917.

No primeiro ano de funcionamento do Luso-Brasileiro foram seus alunos e prestaram exames nos dias 11, 12 e 13 de dezembro de 1916, Vladmir e Plínio Pinto Manoel Procópio, Walfrido Silvino dos Mares Guia Filho (Zizi), Agnaldo Rezende, Aristides Paiva (Tide), Artur Braga, Ataulfo Paiva, Duilio Fenoci, Fausto Pinto, Emilio Rezende Filho, Gentil, Reis Gualter Ferreira, Haroldo Figueiredo, Jayr Paiva, José Frota Filho, Orestes Reis, Luiz Prado etc.

Em dezembro de 1917 entrou-se em contato com a Congregação Marista por intermédio do Pe. Leônidas João Ferreira, resultando disso um contrato com esses educadores. E no dia 4 de fevereiro de 1918, reabriram-se as aulas.

Ninguém pode negar a excelência do trabalho dos Maristas em

Varginha e o inestimável serviço pelos mesmos prestado à nossa cidade e a nossa sociedade. Lamenta-se apenas o seu espírito de usura agora demonstrado para com a cidade que os acolheu e os tratou com tanto carinho e consideração. O velho prédio é de capital importância para a instrução da nossa mocidade, mocidade esta irmã daquela mesma sociedade que foi entregue à eficiência da Irmandade Marista para receber instrução e ter moldado o caráter. Um acordo viável entre a Irmandade Marista e a Prefeitura de Varginha viria acentuar ainda mais no coração dos varginhenses esse profundo sentimento de carinho, consideração e respeito que todos nós temos para com aqueles excelentes educadores, muitos dos quais passaram metade de suas vidas entre nós, convivendo ao nosso lado. Não teríamos que nos ver na contingência de pagar aluguel por algo que tanto custou ao nosso povo, e a comprar ou expropriar por imensa quantia o que por ocasião da sua construção foi o grande orgulho de todos os varginhenses.

O entusiasmo na época era tal, que alguém, no pomposo e grandiloquente estilo de então, escreveu o seguinte no jornal local "O MOMENTO":

"No templo à Minerva, ali em cima erecto, já começa a mocidade a cantar suas esperanças, que são o nosso orgulho e nosso alento, como cadenciando o trabalho canta o lavrador que semeia, antecipando o outono da colheita!..."

A Rua do Perpétua

É possível que ainda exista alguém que se lembre da Rua do Perpétua. Não sabemos se então ela, oficialmente, já se chamava Rua Municipal. Hoje, é a movimentada Rua Delfim Moreira. Por certo que, oficialmente a rua nunca tivera aquele primeiro nome, mas o povo assim a apelidara. Isso era comum para facilidade de identificar, dado ao fato da maioria da população, hoje denominada "povão", ser analfabeta. Designavam-se os logradouros pelos nomes de seus moradores mais eminentes ou populares: Rua Chico Horácio, Beco da Da. Pureza, Beco do Dr. Domingos, do Evaristinho etc.

Também por designação de Largo do Perpétua era conhecida uma grande praça em frente a seu boteco, localizado onde hoje fica a casa de residência do Sr. Homero Frota, há pouco falecido[1]. Essa praça, como não existia ainda a Av. São José (aberta em 1913), vinha da bifurcação da Rua Sta. Cruz com a Av. Ruy Barbosa – ambas estradas para Três Pontas - se alargando em forma de triângulo, até um pouco abaixo do hoje Hotel Central.

Maltratada, erodida por enxurros, aquela vasta área esbatida de sol, era tomada toda ela por renque de espinheiros, mamona e assa-peixe, enrodilhados no fastígio das secas por cipós de S. João ostentando flores de um vermelho vivo, tudo meio esmaecido por um mundão de poeira, que dava ao verde das folhas e às próprias flores, uma tonalidade desagradável, tirada à marrom. Nas chuvas, o lamaçal vermelho e pegajoso tornava os trilhos que recortava em vários sentidos simplesmente intransitáveis.

Na ponta do triângulo formado pela Rua Sta. Cruz e Av. Ruy Barbosa, e tomando toda a extensão da sua base, n'um grande casarão acaçapado, funcionava o mais famoso bordel destas paragens. Ele, mais

1 A casa ainda existe. Há alguns anos funcionava uma livraria do local. Hoje, há um restaurante. Homero Frota faleceu em 1992.

a movimentada birosca do Perpétua, formavam o que vulgo [o povo] apelidara de "zona".

Ali comparecia gente de toda laia: assassinos de aluguel como "Galinhaço", "Dente de Ouro", "Sete Orelhas" e outros; capoeiras famosas como Alfredo Gonçalo, Adelino Elias, Veríssimo; tropeiros e boiadeiros das mais longínquas procedência e de passados obscuros, com suas guaiacas largas [cinto de couro] todas enfeitadas de prata, bota rústica de cano alto, chapéus de abas largas desabadas, punhal e garrucha à cinta, acostumados às lides duras das estradas e afeitos a toda sorte de tropeços e perigos em que eram pródigas as veredas desertas dos sertões.

Todos se tratavam com maior respeito e cortesia, medindo-se uns aos outros como que querendo adivinhar-lhes as intenções. Comportamento estranho entre aquela gente, na qual o menor incidente fazia aflorar uma explosão de ira e brutalidade inusitadas, na qual se mesclava a valentia e a covardia, pois as sua reação terrível não havia sequer laivos de piedade.

Corteses todos, tinham com o mulherio vagabundo que ali pululava, rescendendo à benjoim e mastigando cravos, um tratamento de "cavalheiros"... E que parece ter sobrevivido até aquela época os espírito dos aventureiros da idade média, para os quais uma "dama" era algo sempre frágil e delicado, a quem se devia respeito e proteção.

Brancos, pretos, mulatos e mamelucos de envolta com aquele mulherio de todas as cores e raças, ali se mesclavam num desregrado consumo de vinho, cerveja, pinga e restilo, naqueles ambientes de festa e perigo, onde não raro um era espetado à faca ou furado à bala. O cheiro acre do pito e do cigarro de palha misturado ao perfume barato das mulheres, tornava o ar quase irrespirável, mas, por vezes, o descante na viola ou a chorosa modinha ao violão fazia cessar aquele vozeiro ensurdecedor, e toda aquela gente, desconcertantemente heterogênea pelo sangue, pela raça, pelo caráter e pela educação, se quedava absorta, muda e atenta à mensagem do cantor. O sentimentalismo do bra-

sileiro – que todos o eram, - os irmanavam na saudade sugerida pela voz dolente do mascate, do jagunço ou simplesmente do seresteiro ali a seu lado dedilhando a viola ou o violão. Era a lembrança da mãe, da esposa ou da filha querida, da namorada, da amante que ficara distante a muitos e muitos dias ou meses de viagem por aqueles sertões afora. A figura amada se lhes aflorava à mente, e alguns até se envergonhavam de lembrá-la ali naquele ambiente de orgia e de pecado.

Se se portassem bem, poltrões ou não, todos tinham condescendência com os filhos dos "coronéis". Eram os filhos dos que mandavam, e que por muitas razões acabavam por merecer a consideração e o respeito de todos. É que cientes do seu status, do seu poder e do respeito que todos costumavam lhes devotar, os coronéis faziam tudo para serem lembrados como bons e magnânimos, procurando, sem demonstrar igualdade, serem amigos de todos, inclusive de matadores e foragidos, aos quais, por vezes, até mesmo protegiam e se serviam para a solução de "certos" problemas para cuja resolução haviam falhado todos os outros recursos...

Com o progresso, tudo foi se modificando. A civilização foi apagando tudo aquilo, e a baiuca do português Perpétua lá pelos anos de 1903/04 já não era nem sombra do que fora nos fins do século passado. A rua que antes havia tido o seu nome passou por uns tempos pelo nome de "Cá te espero", outro antro de mariposas mais evoluídas, num ambiente mais sofisticado que existiu cá em baixo, no começo da rua, na esquina com a Rua João Urbano.

Já as placas azuis com letras brancas indicavam: Rua Municipal. Em 1914, com a vinda aqui do governador seu nome foi trocado para Rua Delfim Moreira.

Afonso de Oliveira Castro

Afonso de Oliveira Castro, mais conhecido por Afonso Megda, nasceu em Varginha no dia 15 de julho de 1887. Farmacêutico pela tradicional Escola de Ouro Preto, era filho do cel. João de Oliveira Castro, conhecido por João Megda, "comprador de café", que em 1914 construiu o grande prédio ainda existente defronte à Estação Ferroviária, no qual se estabeleceu o "Grande Hotel Megda", que, diga-se de passagem, era tido como o melhor da região.

Depois de um acordo entre as duas facções políticas locais, que há anos vinham empenhadas em querelas e chicanas que não deixavam o Município progredir, Afonso de Oliveira Castro foi eleito vereador e escolhido por seus pares, por unanimidade de votos, o chefe do Executivo. A eleição da câmara era feita no dia primeiro de novembro, sendo a posse dos eleitos efetuada em primeiro de janeiro do ano seguinte.

Destacavam-se no cenário político varginhense dessa época: cel. Joaquim da Silva Bittencourt, cel. José Marcelino Teixeira de Resende, cel. Domingos Ribeiro de Resende, vereador "especial" pelo Distrito de Carmo da Cachoeira, major Antônio de Souza Oliveira e capitão João Batista Braga.

Afonso Megda teve como vice-presidente o sr. João Batista Braga, comerciante, mais tarde escrivão do 2º Ofício, cidadão prestativo e que muito serviu ao nosso povo e a nossa terra.

A gestão do novo presidente, que devido a ser reeleito governou até princípios de 1919, foi profícua, embora marcada por duas das maiores tragédias que se abateram sobre nós: a terrível geada do dia 24 de junho de 1917 e a gripe espanhola, em 1918. Esta ceifou milhares de vidas de varginhenses e brasileiros, sendo sua mais ilustre vítima o presidente da República de então, dr. Rodrigues Alves.

A geada, que atingiu todo o Sul de Minas, castigou de maneira severa a nossa lavoura, salvando-se apenas alguns cafezais situados

em terrenos elevados. Felizmente o preço do café, que estivera durante quatro anos retido nos armazéns devido à Grande Guerra (1914-1918), teve uma repentina alta, tirando muitos agricultores das difíceis condições em que se encontravam.

Na época existiam em Varginha uns inúmeros prédios, mais 1800 outras habitações, em sua maioria pardieiros contra os *quais* os jornais de então faziam cerradas campanhas.

"O Momento" em uma de suas edições dizia: "É uma vergonha o estado lastimável em que se encontra a nossa cidade em questão de higiene. As ruas principais não dão o mais ínfimo sinal de asseio, e por isso estão transformadas em verdadeiras pocilgas; isto devido às águas sujas que vomitam os bueiros dos quintaes, depois de utilizadas pelos particulares, seduzidos pela influência do meio e esquecidos de que a falta de asseio e de higiene não só dizem mal do característico dos seus costumes, como também põe em flagrante perigo a saúde dos que vivem sob esses tetos malsinados e respiram esse ar infecto e insuportável".

Com a exígua renda bruta da câmara (prefeitura) que não ia além de 92.000$000 (noventa e dois contos de réis), pode-se calcular: os esforços necessários para se governar uma cidade de pardieiros como era a Varginha de então, cheia de problemas e necessidades.

Apesar de tudo, Afonso de Oliveira Castro no curto espaço de 3 anos, remodelou ruas, tirando-lhes o calçamento de pedras brutas, adotando em muitas delas o sistema de abaulamento com sarjetas e meios-fios; construiu passeios à mosaicos (ladrilhos). Elaborou e fez aprovar lei obrigando a reforma dos muros, na época em sua grande maioria feitos de adobes que a chuva corroia, ficando à mostra hortas mal tratadas, cheias de renques de bananeiras, berços de moscas e pernilongos. A lei obrigava que os muros tivessem cobertura de tijolos ao invés das negras telhas coloniais sobre as *quaes* chegavam a nascer e crescer até algumas plantas arbustivas, e que fossem caiados e uniformes. Cuidou de pontes e caminhos ruraes, afim de facilitar o escoa-

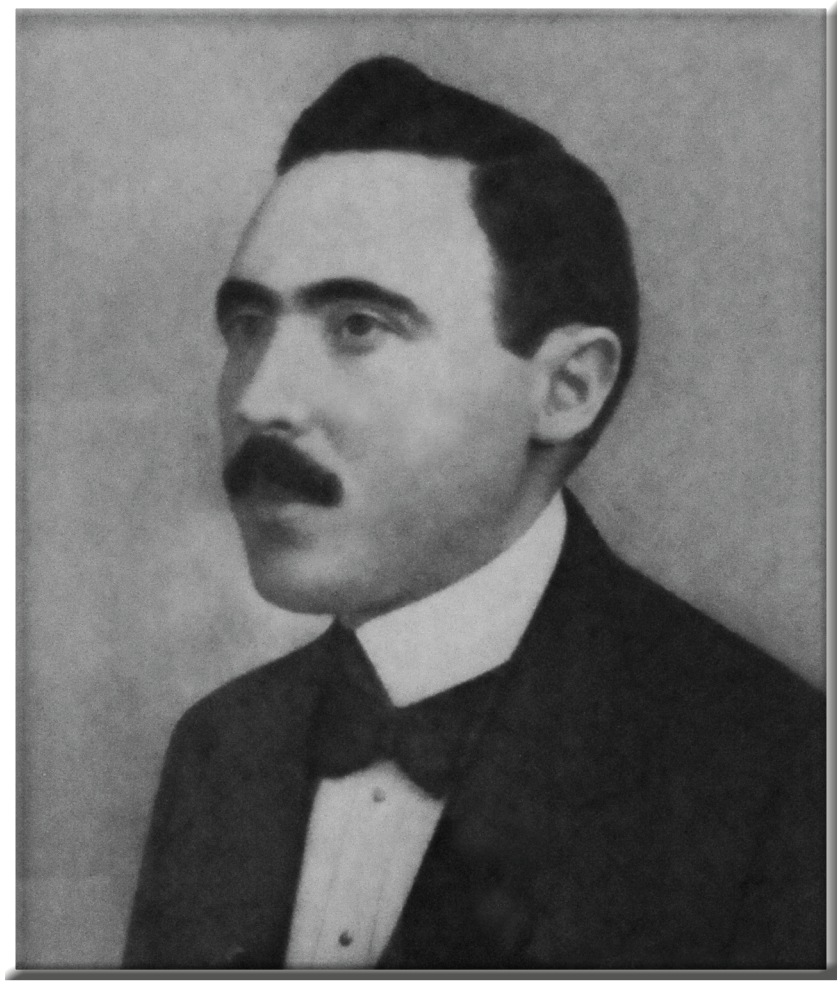
mento da nossa produção agrícola; lutou contra o próprio escoamento das águas servidas pelas ruas, estabelecendo multas aos recalcitrantes; empenhou-se de todas as maneiras para manter a cidade limpa, devidamente capinada, mandando prender no "currar do conselho" e só soltar mediante multa, aquele mundão de animais: - vacas, cavalos, burros e até porcos, - que à noite eram soltos nas ruas por seus donos afim de aproveitarem o capim e *ervas* que nelas abundavam, não obstante os esforços dos "capinadores de ruas".

A renda da Estação da Estrada de Ferro, à época, em Varginha, era das mais altas da região por causa da exportação do café. Em nossa cidade havia: quatro médicos, seis cirurgiões-dentistas, 5 farmácias, mais de cento e vinte negócios de vendas de atacado e varejo, dez salões de barbeiro, seis alfaiatarias, dois hotéis e três pensões, três oficinas de sapateiro, duas relojoarias, uma ourivesaria, dois grandes depósitos de mobília, três magníficos bares, um cinema de primeira ordem, dois salões de bilhar, duas marmorarias (Xisto Pelini e Vicente Désio), um excelente ateliê de fotografias, duas tipografias, duas papelarias, vários ateliês de costura, entre os quais os da sra. Fenina, d. Hortensinha e d. Cocota Batista.

Em seu governo foi aberto o novo cemitério na atual Rua Rosinha Amâncio. Também deu realce aos carnavais, organizados pelo italiano José Navarra, incentivando a confecção de ricas alegorias puxadas a carro de boi. O carnaval tinha auxílio da prefeitura.

Merecem destaque também a excelente Orquestra do Maestro Oscar Louzada, que se apresentava no Cinema Íris, a Banda Santa Cruz, do Maestro Marciliano Braga, e a Banda 15 de Novembro, do Maestro José Augusto de Lima.

Afonso de Oliveira Castro faleceu no dia 16 de abril de 1930. Foi o 18º presidente da Câmara de Varginha.



Afonso de Oliveira Castro

Domingos de Figueiredo

Nascido em 1º de agosto de 1873, filho do coronel João Urbano dos Reis Figueiredo e d. Inocência Carolina dos Reis Figueiredo. Nasceu em Carmo da Cachoeira, então distrito de Varginha. Fez o curso secundário no Colégio São Luiz de Itú, na cidade de Itú, estado de São Paulo, dirigido pelos Jesuítas. Fez o curso de Direito a princípio na Faculdade de Direito de São Paulo, transferindo-se no último ano para a Faculdade de Direito de Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, onde se bacharelou em 1894. Casou-se logo a seguir com Ambrosina Paiva Figueiredo, conhecida familiar e socialmente por d. Zinoca.

Depois de formado, foi nomeado e exerceu o cargo de promotor público na cidade de Três Pontas por dois ou três anos, onde se destacou como criminalista e brilhante orador.

A seguir, recebendo do pai como doação a fazenda "Bela Vista", situada no município de Três Pontas, transformou-se em agricultor, passou a exercitar a advocacia, principalmente na área criminal, consagrando-se como grande orador.

Acompanhando a posição política do pai, o cel. João Urbano de Figueiredo, na campanha civilista de 1910, fez campanha política a favor da candidatura de Ruy Barbosa, fazendo-se regionalmente conhecido.

Nas eleições seguintes, contando com o apoio de antigos elementos da campanha civilista e sobretudo com a amizade e simpatia do dr. Wenceslau Braz, já eleito presidente da República, disputou como candidato avulso, um lugar de deputado federal pelo então 4º distrito eleitoral, conseguiu eleger-se, desempenhando o mandato no triênio 1915 a 1917.

Em fins de 1918, vitimada pela "gripe espanhola", como ficou conhecida, perdeu sua filha caçula, de nome Ivone, pela qual tinha uma imensa afeição. Esse golpe feriu-o de maneira irreparável. Abandonou

as atividades e aspirações políticas e passou a cultivar a memória da filha, pois ia diariamente visitá-la no cemitério local. Além dessa saudade imensa cultuava os bons livros e música clássica, de que era profundo conhecedor. Raramente falava. Quando o fazia era sempre com o brilho dos velhos tempos. Faleceu em 19 de janeiro de 1944, com 70 anos de idade.

Ambrosina Paiva Figueiredo, nascida em 21 de agosto de 1877 filha do major José Justiniano de Paiva e d. Ambrosina Andrade Paiva. Conhecida por D. Zinoca. Casada com o dr. Domingos de Figueiredo. Atuou muito na restauração da Santa Casa de Caridade e, depois, na fundação do Hospital Regional do Sul de Minas, faleceu em 20 de dezembro de 1944.

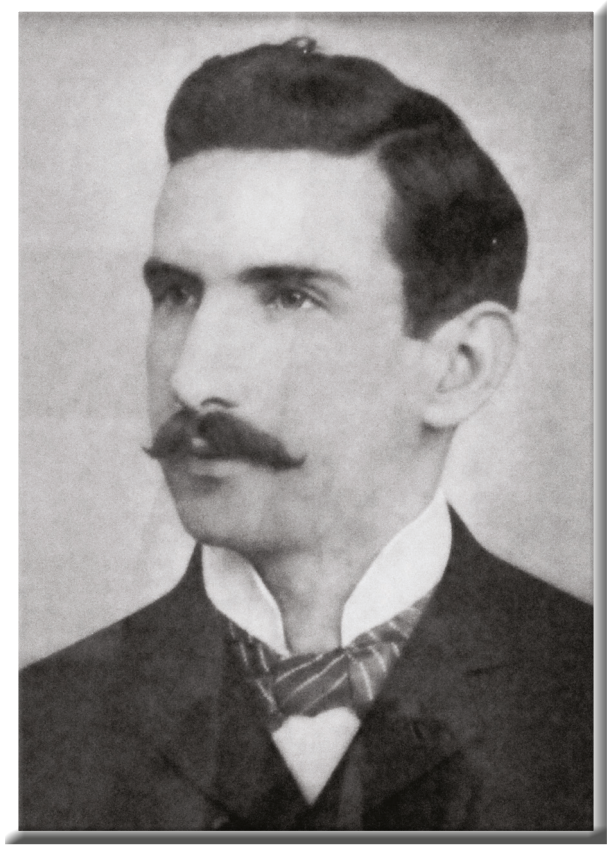
Dr. Adhelio Justiniano de Resende e Silva

O **dr. Adhelio Justiniano de Resende e Silva** nasceu em Varginha no dia 4 de agosto de 1875, sendo filho do cel. José Alves Justiniano de Resende e Silva e de d. Maria Benedita Teixeira de Resende. Suas primeiras letras aprendeu-as no Colégio S. Pedro - exclusivo para meninos (a primeira escola mista foi aqui inaugurada em 1909 por Astorlinda e Alice Macedo), colégio esse fundado em Varginha em 1883 pelo capitão Antônio Caetano da Rocha Braga, e que teve como um de seus primeiros professores Pedro da Rocha Braga, a quem Varginha deve muitíssimo de seu progresso nos tempos idos. É possível também que tenha tido como brilhante aluno a venerada professora Ana Umbelina Ferreira Nogueira que fora esposa do cel. Targino Hermógenes Nogueira.

Concluído o primário seguiu para o Aracá, a Escola de Minas de Ouro Preto. Sempre conquistando os primeiros lugares na sua turma, transferiu-se para a Escola Politécnica de S. Paulo, diplomando-se com louvor, o que valeu-lhe o prêmio de uma viagem a Europa, da qual desistiu, a fim de se casar com sua prima Mariana Ribeiro de Resende (irmã do Cel. Mingutinha).

Religioso, era fervoroso devoto de N. S. das Dores. Ledor [leitor] impenitente e conversador brilhante, era senhor de vastos conhecimentos gerais, o que fazia dele fonte de toda a espécie de consultas e polo de todas as atenções onde quer que estivesse.

Conhecia muito bem nossa flora medicinal, manejando com pericial aplicação terapêutica, o que o fizeram conhecido como hábil curandeiro. Talvez por isso, sua vontade fora de seguir a carreira médica, estudando Medicina. Mas a família não o permitiu sob a alegação de que a Bahia era muito longe e o Rio de Janeiro, um matadouro de febre amarela.



Dr. Adhelio Justiniano de Resende e Silva

Pessoa grandemente desprendida, sempre pronta a obsequiar os amigos ou atender os muitos que o procuravam em busca de amparo e socorro; nunca o abatiam os revezes; acontecesse o que acontecesse, não se queixava. Nesses momentos a sua fortaleza de ânimo e de caráter sempre falava mais alto.

Dominava perfeitamente o inglês, o francês e o latim, havendo sido prefeito de Varginha em 1909 e de Guararema SP – cidade onde

também residiu - nos princípios da década de 30.

Modelo de honestidade e simplicidade fumava, como todos os bons mineiros de outros tempos, cigarros de palha feito por ele mesmo. Por vezes fora visto em traje de rigor, com casaca e cartola em reuniões elegantes com tufos de palha de milho a emergir dos bolsos.

Trabalhador, gostava de plantar, cuidando com estímulo e carinho de suas lavouras. Em Guararema as laranjas por ele cultivadas chegaram a ser exportadas para a Inglaterra, tal a sua excelente qualidade. Foi dono da Fazenda dos Coqueiros aqui em Varginha, mas possuiu também terras em Guararema e Araçatuba, no Estado de SP.

Discorria com facilidade sobre a genealogia das antigas famílias varginhenses, sendo profundo conhecedor de fatos e coisas da nossa história. Pena que não nos deixou escritos.

Com a primeira esposa tivera os seguintes filhos: - José, Clarinda, Adelino e Geraldo. Com a segunda, D. Alice Coutinho, filha do farmacêutico Fernando Nato de Souza Coutinho e D. Maria Leopoldina de Freitas Coutinho, nasceram-lhe os seguintes: Paulo, Lúcio, Maria Benedita e Silvestre.

Em Varginha, foram seus os projetos para a construção do Ginásio Coração de Jesus, do antigo Banco do Brasil, o traçado da Vila Pinto etc.

Morreu na capital de S. Paulo no dia 11 de novembro de 1958. Seus restos mortais repousam na colina do Aracá.

Jacy de Figueiredo

Varginha amanheceu de luto, ontem, com o falecimento de um dos grandes homens de sua história.

Político desde a infância, Jacy de Figueiredo foi um lutador valoroso nesse terreno em prol da cidade de Varginha, sua terra que muito amou.

Chefe do antigo PR (Partido Republicano), deputado e prefeito, agindo com a maior correção e dignidade, foi dos que mais fizeram pela nossa terra e pela nossa gente.

Enfrentou lutas terríveis com adversários poderosos e inteligentes, nem sempre levando a melhor, mas sempre se havendo, com firmeza e bravura, enfrentando os revezes com aquele estoicismo que só aos fortes assiste, com a consciência de estar agindo com justeza e lealdade.

Aliado ao também grande varginhense deputado Domingos Ribeiro de Resende, comandou os destinos da nossa cidade por muito tempo, justamente na época em que ela mais progrediu, criando a estrutura necessária para estabelecimento aqui dos grandes melhoramentos que o fizeram crescer de maneira tão vertiginosa.

Apesar de na política ter tido uma escola calcada nos velhos moldes, quando os coronéis, para ganhar as eleições, tinham os recursos dos jagunços e da polícia, Jacy de Figueiredo sempre primou pelo sentimento de justiça, pela lhaneza [afável] no trato e pelo espírito da concórdia. Nunca usou dos métodos antiquados de luta, e sempre apoiou aos que lhe procuravam em busca de proteção e justiça.

Varginha está de luto com o desaparecimento de um dos seus últimos grandes homens.

Jacy de Figueiredo

Joaquim Paraguai

Ficamos conhecendo Joaquim Paraguai mais ou menos no ano de 1912. Era amigo de meu pai e amiúde aparecia em sua oficina de sapateiro para consertar seus calçados e dar um dedo de prosa com meu velho. Garoto curioso, eu me punha de alerta a fim de escutar-lhe, pois quase sempre a conversa girava em torno da Guerra do Paraguai, na qual ele tomara parte, advindo daí o seu sobrenome: Paraguai. Foi para a guerra como voluntário da pátria, tomando parte em quase todas as batalhas nela travadas.

Daí para diante, minha curiosidade crescera, e sempre que possível inquiria-o sobre o assunto. Perguntei-lhe porque havia se apresentado voluntário e de onde ele era.

"Sou de Aiuruoca" – respondeu-me - "e tinha um grande amigo que se chama Juvêncio. Éramos amigos de infância e mais unidos que dois irmãos. Sempre estávamos juntos, e juntos trabalhávamos na roça: nos fins de semanas vínhamos para a cidade a fim de assistir missa e divertir um pouco. Nenhum de nós dois fazia nada sem a assistência do outro, tal o nosso bom entendimento".

E prosseguiu:

- Num domingo durante a missa, o padre falou que depois da missa uns enviados do governo iam dar uma explicação ao povo na porta da igreja. Ao sair da igreja já deparamos com um aglomerado de pessoas junto a um monte de pedras, e de pé, sobre o mesmo, um senhor simpático discursando de maneira inflamada. Era um capitão do Exército. Fomos ouvir e o orador, muito eloquente, fez uma descrição pormenorizada do que estava se passando no sul com a invasão do nosso território por um inimigo bárbaro, fortemente preparado para a guerra, e que vinha praticando contra as populações brasileiras toda a sorte de selvageria. Terminou o discurso fazendo veemente apelo a todos os que pudessem para se apresentarem como voluntários, a fim

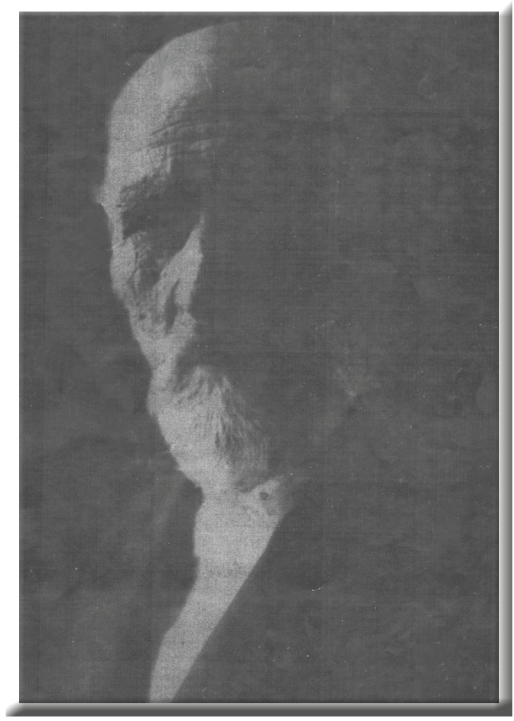
de expulsar do solo pátrio o bárbaro invasor. Juvêncio, meu amigo inseparável, foi o primeiro a se apresentar e, consequentemente, fui o segundo. Outros se inscreveram também, mas após quatro anos de lutas e sofrimentos os mais severos, somente eu e meu amigo voltamos para nossa cidade, certos de havermos cumprido com o nosso dever para com a pátria, atendendo ao seu chamamento.

- E as batalhas em que o senhor tomou parte?

- Foi uma luta demorada, quase sempre às margens de rios ou nos alagados que por lá têm o nome de "choco". Os rios eram o mais fácil meio de comunicação da época, e tudo era feito pelo inimigo para bloquear nossos transportes. Devido às cheias provocadas pelas chuvas, nossas barcaças ficavam meses à espera de estiagem, parando toda ação bélica, uma vez que também os pântanos se tornavam intransponíveis. Estávamos, porém, sempre alertas, pois os paraguaios, conhecedores profundos do terreno e dominando melhores posições estratégicas, movidos pelo verdadeiro fanatismo que devotavam ao seu comandante, o ditador Solano Lopez, sempre achavam jeito de organizar ataques. Seu ditador Lopez – 'El Supremo', como os paraguaios o chamavam - era de fato um valente, nossos chefes bem o sabiam, por isso não se descuravam de trazer sempre em ordem a nossa defesa.

Certa feita, os paraguaios, depois de já se haver retirado do solo brasileiro, recuaram para uma fortaleza, a Cavaleiro, na qual dispunham de forte guarnição, grande quantidade de víveres e munições. Urgia aos brasileiros dominar tal fortaleza, sem o que a guerra se prolongaria indefinidamente, coisa que nossas forças não podiam suportar. Tentamos por várias vezes um ataque, mas fomos facilmente repelidos com muitas baixas. Muitos dos nossos que chegaram a alcançar as primeiras muralhas da fortaleza e tentaram escalá-la ao levar as mãos ao parapeito a fim de pular para dentro, tinham-nas (as mãos) decepadas a machadinhas afiadas.

Diante de tanta perda e insucesso, os nossos comandantes suspenderam todas as atividades, tentando estudar um meio de se resolver



Joaquim Paraguai

o problema de forma menos sangrenta.

Os brasileiros estavam inativos e procuravam das torres de madeira, árvores altas e elevações de terreno observar o que se passava no interior da fortaleza paraguaia, de onde os soldados gritavam insultos às nossas forças, criticando-as pelos insucessos.

Um dos nossos oficiais de artilharia, irritado com aquela algazarra que os paraguaios faziam insultando os brasileiros, pediu a seu chefe permissão para fazer alguns disparos a fim de fazê-los parar. Eram 8 horas da manhã quando foi feito o primeiro disparo que, não se soube porque, foi atingir justamente o bem surtido paiol de munição da fortaleza. A explosão foi tão grande que fez tremer a terra, e uma nuvem de fumaça negra escureceu o céu, sobrevindo um profundo si-

lêncio.

O Paraguai possuía antes da guerra fábricas de munições e de armas, bem como de excelente estaleiro construtor de Navios de Guerra. Solano Lopez arredou-se a fim de, por meio da guerra, conquistar às expensas do território brasileiro, um porto de mar.

E o Brasil com sua tradição de pacifista, quando atacado se viu em dificuldades, pois embora dispondo de uma armada superior à do Paraguai, seus navios não eram adaptados à navegação fluvial. Não dispúnhamos também de um exército regular, tornando-se necessário a convocação de "voluntários".

Tivemos algumas derrotas, uma das quais ficou célebre, pois explorada por poetas e pintores: a retirada de Laguna. E só depois de formada a Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai (este último forçado pelos outros), foi que se conseguiu vencer a guerra.

A população do Paraguai de cerca de um milhão e cem mil habitantes ficou reduzida a pouco mais de trezentos mil. A desproporção entre os sexos era de 28 mulheres por cada homem vivo. Morreu o Paraguai.

- Como foi que o senhor deixou sua cidade natal vindo para Varginha?

- Depois da guerra o governo tentou auxiliar a todos os ex-combatentes. E quando recebemos baixa, o meu amigo era tenente e eu, praça. O Juvêncio tinha algum preparo, mas eu era apenas um pintor de paredes, e fomos para a nossa terra continuar a nossa vida.

Como na cidade pequena que era Aiuruoca não havia serviço suficiente, o Juvêncio escreveu aos nossos ex-comandantes, vindo a receber um emprego público em Varginha. E fez questão que o acompanhasse para cá. Morreu aqui depois de muitos anos e eu senti que jamais poderia deixar Varginha, tal o amor que tomei pela terra e o círculo da amizade que conquistei entre os varginhenses.

Depois de trabalhar anos e anos comecei a me sentir velho e alquebrado, e então me aconselharam a procurar o cel. Thomaz Silva, que

era coletor federal aqui em Varginha, e ele conseguiu para mim o soldo a que tinha direito um ex-combatente: (doze mil réis mensais) 12$000 (doze centavos de cruzeiros).

Fui ordenança do capitão Floriano Peixoto que sempre me tratou como amigo. E agora, sem forças e sem recursos tenho nas ruas de Varginha recebido ajuda dos que me conhecem, mas não peço esmolas, pois a vergonha não me permite.

Chegamos em 1920. Os 12$000 de soldo de Joaquim Paraguai eram, nessa época, mais que irrisórios. Resolvemos então juntar amigos e financiar-lhe uma viagem ao Rio de Janeiro a fim de que ele, com toda a sua documentação de ex-combatente fosse ao Ministério da Guerra reclamar uma pensão condigna.

Seu Joaquim disse-nos depois que foi bem recebido: que o sargento que o recebeu mostrou-se muito gentil e atencioso. Dias depois voltando ao ministério para saber o resultado de seu requerimento, ficou sabendo que o mesmo fora atendido, que ele deveria ser recolhido num asilo para inválidos. "Seu" Joaquim não aceitou, e pediu que só lhe concedessem uma modesta pensão para que pudesse continuar a viver aqui mesmo, em Varginha, junto à sua velha esposa, onde possuía a sua casinha e os seus amigos.

Não pôde continuar no Rio de Janeiro cuidando de seus interesses. Um desarranjo intestinal violento forçou-o a voltar precipitadamente para casa em busca de socorro. Alguns anos depois morreu sem haver conseguido a pensão desejada.

Por iniciativa do sargento Liberalino Bento Ramos e José Dalía lhe foi prestada uma significativa última homenagem com a ereção de um túmulo no cemitério local onde ele foi inhumado [sepultado] e cuja lápide, comemorativa que o cobre, fala da vida valorosa do voluntário patriota Joaquim Paraguai.

Guilherme Plum: um grande técnico da mecânica

Ha indivíduos que nascem para determinada profissão ou arte. Guilherme Plum, o Willie conhecido e estimado de todos os varginhenses, nasceu para a mecânica, e, apesar de muito jovem, já é considerado, pela sua competência, pela sua habilidade e pela segurança com que resolve os casos mais complexos da complexa arte que abraçou, um dos profissionais mais abalizados do estado.

Dirigindo a grande e importante oficina mecânica da Cia. Sul-Mineira de Eletricidade, em Varginha, Willie tem se revelado de uma proficiência extraordinária. Ali não se fazem apenas consertos: fabricam-se peças delicadas e constroem-se máquinas e aparelhos complicados, com perfeição admirável, sob a orientação desse jovem, que não é apenas um profissional capaz, mas um artista consumado.

Da sua capacidade, temos a prova em casa. As nossas oficinas haviam adquirido uma máquina de impressão, tipo "Diamant", modelo antiquado. Faltavam-lhe, assim, o tinteiro e o rolo distribuidor.

Conversávamos com Willie. "Eu falo a modernização da máquina", - respondeu-nos ele.

Depois dos necessários entendimentos com a diretoria da Cia. Sul-Mineira, que gentilmente nos cedeu a sua oficina e o técnico, Willie meteu mãos à obra, reconstruindo uma máquina desconhecida para a sua especialidade.

Após dez dias a máquina voltou. Modernizada, com um tinteiro magnífico, com um rolo distribuidor e inteiramente reajustada.

É uma das melhores máquinas da nossa secção de obras.

Esta homenagem ao talento e ao engenho de Guilherme Plum podia ser dispensada, porque o pessoal da indústria Gráfica Armando Nogueira já o havia homenageado expressivamente, batizando com o

nome de “Willie” a máquina reconstruída.

Contudo, nós queremos que todo o Sul de Minas conheça, através das nossas páginas, o Willie, esse grande técnico da arte mecânica, ainda ontem, menino de calças curtas, porém, já devotado ao trabalho.

Cap. Pedro da Rocha Braga

Ao discursar no enterro de Pedro da Rocha Braga, dr. Luiz Teixeira da Fonseca disse: "Pedro da Rocha Braga, a figura mais popular desta terra varginhense, não desaparecerá nunca da memória deste povo que sentiu os benefícios que o morto de hoje lhes proporcionara em dias passados".

Na realidade esse homem extraordinário que foi Pedro da Rocha Braga pelo seu valor, pelo seu desprendimento, pela sua bondade e realizações a bem da cultura, do bem estar, da saúde, do civismo e mesmo do lazer do povo varginhense, merece na nossa história, na história de Varginha, um lugar de demarcado destaque, pois foi um dos que mais fizeram pela sua grandeza e pelo seu progresso.

Alegre, bonachão, amigo de todos e principalmente das crianças, as quais adorava e tudo fazia para divertir com o seu sorriso pronto sempre a aflorar-lhe às faces, o "seu" Pedro era um mundo de bondade e paciência.

Entre os moleques, com as suas molecagens sempre divertidas, era tido como "companheiro" e amigo, e qualquer deles o abordava na rua certo de ser ouvido com sincera atenção fosse qual fosse o seu problema.

A "sonoplastia" de seu cinema era piada... Garotos com caixões, latas, pedaços de trilhos e outros "troços" mais, que eram atirados ao chão, martelados etc., atrás da tela, a fim de coincidir com as cenas desenroladas. Suas duas garotas, Carmem e Carmelita faziam a dublagem nas cenas de crianças substituindo com suas vozes os ilegíveis "letreiros"...

Brincalhão, tinha as suas "maldades"... Mas mesmo essas pela graça com que eram envolvidas e, principalmente, pelo fato de ser Pedro Braga, eram aceitas pelas próprias "vítimas" como apenas "espirituosas"... Era o caso da moeda quente, levada ao fogo, e que a gente

achava na rua bem em frente à sua farmácia; da nota que saltava quando se agachava para pegá-la (um puxão no retrós preto feita por mãos invisíveis as tirava da gente, que levava um bom susto devido a deficiência da iluminação da época). Não é necessário dizer que "seu" Pedro estava sempre na porta da farmácia para apreciar o desponto da gente. As lutas "romanas" que promovia entre a molecada n'uma arena cuja metade, engenhosamente disfarçada por grossa camada de serragem de madeira, nada mais era que um fundo buraco todo cheio de barro mole e mal cheiroso, era uma das "peças" que mais o divertia. O incauto ia lutando com outro lutador previamente industriado e acaba se chafurdando todinho na lama.

A verdade, porém, é que a gente apesar de vencido saía dali satisfeito, levando para casa bem enroladinhos no papel 1$500 ou 2$000 (mil e quinhentos ou dois mil réis) um bom dinheirinho naquele tempo. Por fim o negócio acabou perdendo a graça: - a garotada ao ver no fundo da horta do Cel. Emílio de Resende a tabuleta, fazia fila para conseguir o lugar do "perdedor":

"LUTAMUS PORLUTATIBUS

Luta romana no pátio da Farmácia Braga"

Outra "brincadeira" bem a seu gosto era a "prata elétrica". A sua farmácia, a Farmácia Braga (onde hoje estão localizadas as "Casas Pernambucanas") tinha, como quase todas as farmácias da época, à guisa de balcão, uma bela balaustrada de madeira (óleo bálsamo) impecavelmente envernizada, e ele vendia saquinhos de balas de guaco fabricadas por sua senhora que, segundo diziam, eram boas "para os peitos..."

Como cada saquinho trazia pequenas estampas coloridas de santinhos junto às balas, os meninos costumavam colecioná-las como hoje muitos o fazem com os álbuns de figurinhas. A gente chegava e pedia: - "Seu Pedro, eu quero um saquinho de balas...". – "Pois não, garoto", e ia lá para dentro como se fosse buscar as ditas balas.

O garoto acabava por ver uma moeda de prata (da República, com barrete frígio) de 2$000 como que esquecida na aba da prateleira,

Pedro da Rocha Braga e família – 1920

bem ao alcance da sua mão. Ele olhava para todos os lados, espiava lá para dentro meio aflito de indecisão e não vendo ninguém nem barulho de "seu" Pedro no interior da farmácia, metia a mão na prata... Com o choque recebido vinha o berro do garoto, e também "seu" Pedro com ar solene, sem rir, sem mostrar que houvesse percebido qualquer coisa, mas que estivera o tempo todo espiando pelo buraquinho feito na prateleira do fundo da farmácia.

E, mantendo aquela afetada solenidade, mas de maneira afetuosa, passava na gente aquela bruta descompostura, falando de dignidade, honestidade e de uma porção de valores morais que muitos de nós com o tempo viemos a compreender serem os melhores e mais lembrados conselhos que recebemos em toda a nossa vida. A prata era colocada molhada sobre a cabeça de um prego cuja ponta por baixo da aba da prateleira, era ligada a um fio elétrico...

Nascido em Campos, Estado do Rio, Pedro da Rocha Braga para aqui viera em 1886 para dirigir o Colégio Santo Antônio, primeiro colégio para meninos aqui fundado por seu pai, Capitão Antônio Caetano da Rocha Braga. Ótimo professor e entusiasta da instrução, nesse colégio tivera como seus primeiros alunos José Augusto de Paiva (o Zezeca), Álvaro de Paula Costa, Luiz Severo da Costa, Gabriel Penha de Paiva, Zoroastro Franco de Carvalho, Mário Silva, Manoel e Antônio Reis e muitas outras figuras tradicionais de Varginha.

Casou-se em 1888 com D. Elisa Severo da Costa, época em que se estabeleceu com a hoje tradicional Farmácia Braga.

Grande patriota e republicano ardoroso, Pedro da Rocha Braga promovia por sua conta com foguetes, banda de música, discursos e passeatas, as comemorações das datas históricas nacionais, coisa na época descuradas pelas autoridades públicas. Em 1889, para desgosto de alguns ex-senhores de escravos varginhenses, promoveu com grande pompa uma manifestação em comemoração ao dia 13 de maio, que contou com elevado número de ex-escravos.

- Foi o primeiro em Varginha a fazer o Natal dos Pobres, não obstante a manifesta má vontade de muitos pela sua crença religiosa (espírita).

- Juntamente com o Dr. Antônio Pinto de Oliveira fundou o nosso primeiro jornal "GAZETA DE VARGINHA", no dia 1º de janeiro de 1893, e que trazia como subtítulo a seguinte informação: "Órgão semanário, Litterario Scientifico e Noticioso", que mais tarde fora substituído por "Órgão Republicano Constitucional".

Esse periódico publicou um sem número de caricaturas e retratos cujos "clichês" eram por ele mesmo gravados em madeira ou zinco à canivete ou ponta de estilete.

- Como presidente do CONSELHO MUNICIPAL (***) em 1896 instalou em Varginha a primeira iluminação pública "tão boa como a usada na cidade de Londres", e por ser à querosene, um sujeito todas as tardes ia, de escadinha às costas, acender lampião por lampião, que

voltava a apagar às 10:30 horas da noite. Calçou a lajes de pedra a primeira rua da cidade, a "Travessa da Estação" (hoje trecho da rua São Paulo) promoveu a abertura de várias ruas e construiu o primeiro matadouro municipal. Houve sério desentendimento entre Conselho e a Câmara quando da abertura do trecho da Rua São Paulo que vai da Avenida Rio Branco até a linha férrea (começo da Rua da Fonte, nas Três Bicas). Mas Pedro Braga, vencendo todos os obstáculos, conseguiu fazer valer a autoridade do Conselho.

- Com o Dr. Paulino de Carvalho, Juiz de Direito em disponibilidade, criou em Varginha o primeiro Clube Operário, com cooperativa e escola noturna, e que funcionou durante muito tempo.

- Fundou em 18 de setembro de 1894 o "Partido Beneficente Popular". Era um partido político, uma sociedade de auxílios mútuos e uma espécie de instituição educacional, e que manteve por algum tempo uma bem concorrida escola noturna para adultos. Os primeiros a se inscreverem como sócios desse partido foram os Srs. Presciliano Synphronio da Fonseca, Cornélio Mendes de Oliveira, Melquíades Camilo de Oliveira etc.

Com Totila Unzer – elemento a que Varginha também muito deve, - construiu em Varginha a primeira pista de corrida a pé que conquistou de pronto um grande número de aficionados.

Era, inclusive, bastante popular em "certas zonas" da cidade.

Em 1898 trouxe para Varginha a "Lanterna Mágica": sombras projetadas em uma tela e que se agitavam, dançando, correndo, pulando, lutando, e cujo tamanho não ia além de 30 centímetros. O estrupício [barulhada] funcionava debaixo do prédio de seu sogro, Cel. Gabriel Severo da Costa, na esquina à direita do atual Fórum de Varginha e onde estavam instaladas também sua farmácia e sua tipografia. As funções eram grátis e públicas, já que a tela onde apareciam as sombras era fixada na janela que dava para a rua. O povo se juntava ali para assistir ao espetáculo, e como o mesmo só poderia ser à noite, a gente mais velha que descia da reza da Matriz ao ver aquilo se benzia espantada: - "Cruis

Credo: Isso é coisa do Diabo; bem q'ueles diz Q'uesse home é espírita e 'mação'"...

- Em 6 de novembro de 1904 com os senhores Leonardo de Freitas, Erlindo Costa, Ernesto Carneiro Santiago – certamente seus companheiros nas sessões espíritas que realizava em sua residência, - fundaram a Casa de Caridade n'um edifício que existia ao lado da velha rodoviária, na Praça Getúlio Vargas. Nesse mesmo prédio por ocasião do último surto de varíola "bexiga"[1], que sofreu a cidade, Pedro Braga e Totila Unzer estabeleceram um espécie de lazareto[2], isolando os primeiros atacados pelo mal. Auxiliados pelos médicos Dr. Antonio da Costa e Tonico Alves (este último sem diploma mas tão bom quanto qualquer outro) conseguiram conjurar o grande perigo que ameaçou a cidade.

Foram voluntários como enfermeiros desse lazareto Zeferino Augusto da Silva e Evaristo de Paiva (o "Caixa D'água"), irmãos do Sr. Jair Paiva que, apesar dos grandes e relevantes serviços prestados à cidade por seu ilustre pai e pelo seu irmão, vive ao desamparo os seus últimos dias de vida a vender doces pelas ruas.

Em 1905, com a finalidade de angariar recursos para a Casa de Caridade, montou ao lado de sua farmácia o primeiro parque de diversões que a cidade conheceu. Com carrossel, barraquinhas, jogos de tombola e de prendas, funcionou durante bastante tempo, tendo alcançado grande sucesso.

Em 1906, com a mesma finalidade acima, fundou, com Joaquim Araújo, a Sociedade Dramática de Varginha, que, com auxílio de moças e rapazes promoveu uma grande série de espetáculos teatrais, sempre com grande concorrência de público. Djalma Indiano, Oliveira Santos e o alfaiate Américo Cassino de Oliveira, foram alguns de seus melhores atores.

Fundou em 1909 o primeiro cinema de Varginha, o Cinema Brazil

1 Bexiga: nome dado antigamente à varíola
2 Lazareto: local usado para colocar de quarentena pessoas que podem ser portadoras de doenças contagiosas.

(com "z", como então se grafava), que manteve com bastante sacrifício procurando habituar o povo a esse novo tipo de diversão. O motor à querosene que fornecia a força para o "arco-voltaico" que projetava a "fita", acendia também algumas lâmpadas de filamento à carvão na frente do prédio do cinema. Embora fraca, aquela claridade inusitada pôs em movimento as moças e rapazes que aguardavam o início da sessão "da cinema" e que, n'um vai-vem quase involuntário dentro do círculo iluminado, criaram ali o primeiro "footing" da cidade.

Figura respeitável quando as circunstâncias o exigiam, o seu espírito brincalhão, dado à molecagem e à galhofa, era presa de uma grande curiosidade pelas novidades e pelas brincadeiras. Assim é que ao lado da sua luta política e jornalística por um Brasil maior, chegando ao ponto de festejar às suas expensas as nossas datas nobres, procurando por todos os meios difundir a instrução pública e preservar a nossa cultura, Pedro Braga se metia com os moleques, pregando-lhes peças, animando-lhes as brincadeiras, auxiliando-os e aconselhando-os em suas necessidades.

Foi o primeiro do "entrudo" em Varginha. Seus "Zé Pereiras" todos os anos, para tristeza e aborrecimento do Padre José Maria Mendes que não o apreciava muito, enchiam as noites inteiras da velha e pequena Varginha de então com os gritos da molecagem e o barulho ensurdecedor da zubumba. Promovia "mascaradas" e organizou os primeiros carros alegóricos puxados a bois. Prometia no seu jornal coisas do outro mundo para os três dias de carnaval e punha em frente da sua farmácia um boneco com luvas, botas, fraque e cartola que, com seus grandes óculos de aros de arame, encantava a criançada e a gente simples daqueles tempos que ficavam horas rondando a farmácia e apreciando aquele movimento.

Fundou um tal "Ideal Clube Phylosophico" que nada mais era que um grupo de músicos liderados por ele, que visitavam de improviso residências promovendo excelentes saraus musicais, sempre visando boas comilanças e boas bebidas. Eram sempre recebidos com alegria

por todos e quase sempre eram brindados com excelentes ceias. Faziam parte do tal Clube o Tenente Vilela Nunes, Alfredo Olyntho, o italiano Bertoli, Jorge Silveira etc. Jorge Silveira, também bom garfo mas que de música não entendia nada, fora nomeado orador oficial do Clube.

Muito mais coisa poderíamos acrescentar a este pequeno histórico se necessário fosse, mas cremos que o exposto dá bem para se aquilatar da grandeza desse grande varginhense de coração que foi o querido Pedro da Rocha Braga.

*** Antigamente existiam dois poderes no Município: a Câmara e o Conselho Distrital (ou Municipal). Nos parece que o Conselho assumia as funções do Executivo junto ao presidente da Câmara (prefeito) e em Varginha esses dois poderes estiveram sempre em luta. A "Gazeta de Varginha", de Pedro Braga, era pelo Conselho, ao qual defendia com unhas e dentes e a "Tribuna Popular", do Major Francisco Quintino da Costa e Silva, defendia a Câmara. Embora o Major Quintino da Costa e o Capitão Pedro Braga fossem concunhados, isso não impedia que se atassalhassem [destroçassem] de maneira bastante contundente através de suas brilhantes penas. O presidente do Conselho era uma espécie de primeiro ministro nos governos parlamentaristas.

No dia 11 de outubro de 1928, como uma sombra de tristeza, correu célere pela cidade uma dolorosa notícia: às 14 horas, vitimado pela arteriosclerose, morria o Cap. Pedro da Rocha Braga aos 65 anos de idade.

Antônio Pedro Mendes

Fazendeiro abastado, culto e estimado por todos, **Antônio Pedro Mendes** foi admirado também por seu espírito aberto às grandes ideias. Devido a sua lhaneza [fineza] de trato, tinha a facilidade de fazer amigos. Inteligente, trabalhador e honesto, foi um dos grandes coadjuvantes do progresso de Varginha e de sua terra natal, Elói Mendes. Pertencia à família de Joaquim Eloy Mendes, um dos maiores beneméritos da cidade vizinha.

Pedro Mendes foi vereador especial, atuando na Câmara de Varginha pelo Distrito do Pontal (Elói Mendes), na época sob a tutela de nossa cidade.

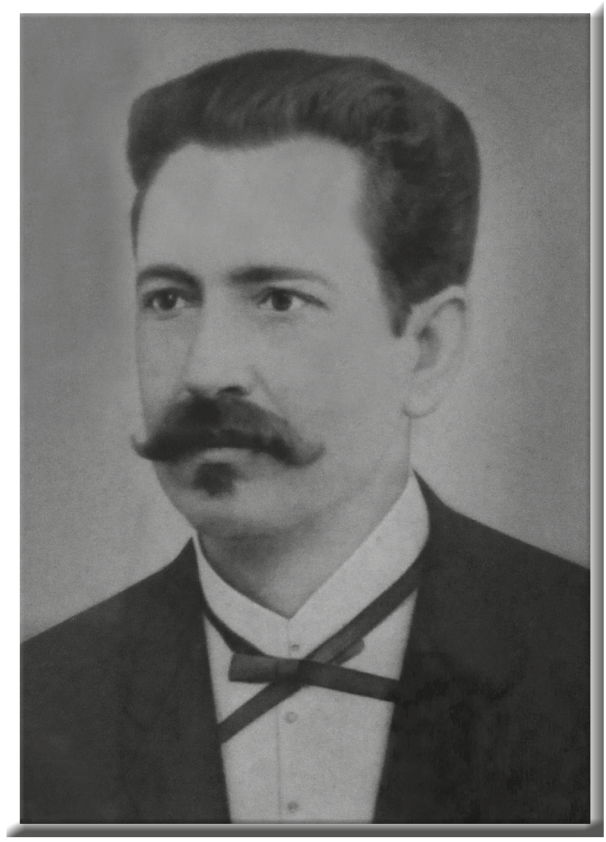
Eleito em 1908, assumiu a presidência da nossa Câmara, tornando-se um dos chefes mais ativos que tivemos, embora as razias[1] entre as duas facções políticas do Município lhe tivessem trazido sérios embaraços.

Encarou com firmeza os serviços começados pelas administrações anteriores, especialmente no tratamento e distribuição da água. O serviço de captação de água havia sido grandemente incrementado pelo Cel. Tonico Alves no lugar denominado "Bomba", e a caixa fora construída pelo prefeito anterior, Evaristo Soares, no "Alto do Tide".

Por esse tempo, já havia dissipado o receio do povo quanto à poluição da água pelo cemitério que existia no alto da Av. Rio Branco, um pouco acima da caixa distribuidora que se erigia onde, hoje, é a Concha Acústica. Essa primeira água, a supostamente poluída, era captada nas cabeceiras do "córrego dos Pinheiros" e puxada por intermédio de "carneiros".

Deu o prefeito Pedro Mendes grande impulso ao calçamento das ruas, trabalho iniciado no princípio do século XX na administração do Major Evaristo de Paiva. Combateu a existência de chiqueiros na peri-

1 Malefícios praticados por um grupo contra outro



Antônio Pedro Mendes

feria da cidade.

Procurou disciplinar o trânsito de carros de boi, proibindo a circulação pelas ruas de carros de "cordões". Carros de boi de cordões eram os que tinham as rodas revestidas com grandes "cravos" de cabeça redonda, a fim de terem mais firmeza em estradas barrentas. Estragavam muito as vias e ruas por onde passavam por ocasião das "secas". Impôs também multas aos condutores cujos carros "carreiros" circulassem "cantando" pela cidade, com os eixos mal azeitados.

O cantado ou chiado dos carros de boi era provocado pelo atrito do eixo móvel de madeira dura com os "cocões", mancais rústicos [espécie de rolamento] feitos também de madeira dura. O chiado era forte e podia ser ouvido a vários quilômetros. Para que não fizesse o chiado e para evitar o desgaste das rodas, os carros traziam dependurado em um dos "fueiros" um chifre de boi cheio de azeite de mamona grosso, que era passado com uma brocha nos cocões.

Dentro do possível, fez tudo para estimular e amparar as instituições religiosas e culturais: irmandades, escolas particulares, bandas de música, congadas, bandeiras do Divino, folias de reis e carnaval, que na época era organizado e animado pelo velho "Pepêdro", Pedro da Rocha Braga, o maior folião de Varginha de todos os tempos.

Em 1882, casou-se com Dona Rita Emília da Silveira, irmã do Cel. Silveira Bragança, o qual residiu em Varginha por longo tempo, tornando-se muito popular. Desse consórcio, nasceram os seguintes filhos: Álvaro, nascido em 05/11/1893; Argentino, nascido em 22/08/1895; Alvarina, nascida em 30/12/1897, casada com o sr. Homero Frota; Argentina, nascida em 25/05/1899.

Antônio Pedro Mendes foi um dos que mais souberam honrar o alto posto ocupado, tendo sido o 13º prefeito de Varginha.

Gente do meu tempo

É com carinho que do fundo da nossa memória ressurgem as sempre queridas figuras da Ti'Ana, Madr'Iria, Inhaninha e Lálá. As duas primeiras já em idade bastante avançada, o que não importa que tenham ocupado um largo espaço na nossa vida, já que um ano na vida de uma criança é tempo comprido demais.

A Ti'Ana, devido ao fato de haver fraturado uma perna que fora mal curada, andava com dificuldade se arrimando num pedaço de pau à guisa de bastão. Ela franzina, do tipo nervosa, sempre pronta a se irritar por "dá cá aquela palha", o que não excluía da sua personalidade sinceramente religiosa aquele sentimento humilde e profundo de uma bondade sem ostentação, sem a conhecida pretensão dos que, com isso, vissem compensações de ordem religiosa ou social. Era boa por ser boa... Lasca de fumo no canto da boca, que de vez em quando chafurdava na cinza do borralho, a Ti'Ana lidava o dia inteiro, sempre fazendo algo de positivo como crivo [peneira], crochê ou se ocupando dias e dias no seu tear feito de bambu, cuidando de urdidura do antigo e resistente "tecido cá". Sempre ocupada em algo útil. Sua maior preocupação, depois do seu "menino" (o Lalá que era seu filho e tinha bem uns 55 anos), era o maldito do Tetéia, um cachorrinho feio, sem graça, sem raça, chato e antipático, do qual não gostávamos nada.

A Madr'Iria, se mais nova que a Ti'Ana devia ser muito pouco. Cabelo branco encardido de quem não costuma tomar sol, era do tipo acomodada e paciente. Acostumada às impertinências da irmã, passava os dias a manejar a picadeira de fumo (uma faca presa a uma tábua por uma argola) e alisar com um grande caramujo palhas de milho escolhidas para a feitura de seus famosos cigarros, que vendiam a $200 (duzentos réis) o maço de vinte unidades. Às vezes se ocupava da roça, pegando punhados de algodão caldado e transformando-os em fios, ajudando sua irmã que devido à perna doente não tinha condições de pedalar o rústico aparelho.

Éramos um dos que, às vezes, íamos buscar raízes de aroeira ou anil (indigo) para o tingimento dos fios mais tarde usados na tessitura dos tecidos executados pelas mãos particularmente hábeis de Ti'Ana.

O fogão em que eram fervidas as raízes para a extração da tintura ficava no terreiro, junto à cozinha. E nós, tendo sempre em mente as frutas sempre abundantes no vasto pomar, procurávamos ajudar a Madr'Iria catando lenha, gravetos, soprando o fogo etc. Como a Madr'Iria tinha a responsabilidade dos trabalhos da cozinha e do arranjo da pequena casa, aceitava de bom grado a nossa ajuda, fazendo-nos crer que tinha aquele nosso gesto como uma simples manifestação de simples bondade e vontade de servir. A Ti'Ana, porém, nos olhava por cima de seu pince-nez antigo [óculos sem hastes, presos pelo nariz], deixando escapar, de envolta com o seu costumeiro azedume, uma espécie de resmungo que nunca nos deixava à vontade: "Hum!... Hum!... Esses meninos da Maria Vidal são do... riscado!"

Como bom entendedor, saímos como se não a houvéssemos ouvido, sopesando uma cana de açúcar ou com um saco de laranjas às costas...

Para o alvejamento dos fios ou de alguma peça de algodãozinho cru era necessário estrume fresco de cavalo. Como no tempo não existiam ainda automóveis e o meio comum de locomoção era de fato o cavalo, aquele que por ali passasse tivesse "vontade"... A folha de pita também servia como alvejante, mas seu manejo era mais trabalhoso.

O Lalá, cinquentão muito popular e que quase nunca parava em casa, durante toda a sua vida fora caixeiro dos "Conde". Pesadão, de gordura balofa, paciente e alegre era o "dodói" da freguesia da Casa Conde, gozando também de geral estima na cidade. Excelente balconista, fazia chocante contraste com seu companheiro de trabalho, o Pinho, que embora também cortês era muito sisudo e fechado.

Chapéu gelo, bengala no braço, botinas de abotoar sempre bem polidas, e sempre risonho, o Lalá era um excelente "papo" pelos parâmetros da época. Estava sempre a par das últimas fofocas e dos "disse-me-disse" que corriam na cidade, e que as "comadres" antes de passar à frente,

batiam simbolicamente na boca por três-vezes, murmurando: "Deus que me perdoe!"

Com gestos cabalísticos e meias-palavras passava às "comadres" os casos mais "cabeludos", sem contudo ferir-lhes o sensível pudor. Era um mestre, um artista nas sutilezas da comunicação. O Elias Badu – o alfaiate – outro mestre da difícil arte, sequer lhe chegava aos pés. Tanto um quanto o outro eram tidos e válidos como fonte segura de notícias exclusivas, daquelas notícias que por sua natureza fugiam do normal e do conveniente...

A Inhaninha (Ana), sobrinha das duas velhas beirando os 60 anos, era viúva. Costureira de "mão cheia", além de "aparelhos", calças e paletós, fazia também com perfeição ceroulas e camisas. Cabelos pretos ajuntados em coque, a pele clara e sem brilho dava a sua graça do seu constante sorriso. De estatura mediana, parecia não ter pressa para nada. Andava calmamente "contando os passos", como se costumava dizer. Falava mansamente como se cada palavra fosse medida no Coração de Maria e, embora fervorosa quanto à religião, isso não a impedia de ter como sua melhor amiga minha mãe, que quanto à religião "nunca foi lá essas coisas". Vestida invariavelmente de preto ou de cores escuras como era de bom tom às viúvas daqueles tempos, a Inhaninha parecia ser ligada ao seu finado marido Batista de Tal, mais do que por um simples laço de afetividade. Dir-se-ia que, uma ponte de "ectoplasma" envolvia a alma de ambos, tal a frequência que o "finado" vinha à bala em suas palestras.

As visitas dela à minha mãe eram frequentes, como também se pode falar de reciprocidade, pois minha mãe também a visitava amiúde. E a conversa começava:

"Sabe Maria: o Batista sempre dizia..."

Não chegamos a conhecer o Batista. Mesmo pelos padrões da época o Batista morrera moço ainda, segundo todas as evidências, massacrado pela cachaça. Tipo mediano, vermelho como um pimentão, devia ter na sua ascendência algum português. Traz-os-Montes, pois pouco ou nada tinha dos nossos caboclos beira-rio. Por outro lado mesmo o nome,

Batista, não lhe endossava nas veias sangue italiano, embora na época nossa população fosse composta de mais de 10% de italianos. Tinha os cabelos claros, bigodes retorcidos e amarelados pelo fumo do cigarro de palha constantemente pendente pela boca. Funileiro de profissão (folheiro), entre uma cachaça e outra, vivia fazendo lamparinas, chocolateiras, soldando velhas bacias e urinóis. Desleixado, mantendo as calças presas a suspensórios, prosa como que, era, entretanto, uma pessoa de que todos gostavam. Tocava mal violão e esguelava [esgoelava, berrava] bonitas modinhas. Sua presença era sempre requerida nos saraus e serenatas.

Apesar dos pesares, o seu casamento com a Inhaninha deve ter sido dos mais felizes, não obstante sua escancarada ficha de malandro. Sua imagem vivia no coração da viúva como num relicário e, seus feitos eram por ela cantados em prosa e verso.

Há muito todos já se foram, mas volta e meia estão surgindo na nossa mente vindo do nosso coração. Até o malsinado[1] cachorro Tetéia, que morreu de "bolinha" e longe das velhas, jogávamos-lhe em cima o grande e furioso "Tufão" – grande bichano de propriedade do Eurico Alves – tem seu espaço na nossa saudade.

1 Malsinado: no sentido da palavra, significa censurado. Acreditamos que aqui o objetivo era considerá-lo chato, mesmo.

O presidente Wenceslau Braz

O presidente Wenceslau Braz veio acompanhado do presidente do Estado, Delfim Moreira. Vieram para a inauguração da luz elétrica e o lançamento da pedra fundamental do Colégio, mais tarde dos Irmãos Maristas. Ficaram hospedados no Hotel Megda, recém-construído.

O Sr. João de Castro Megda, alegava que o banquete de 84 talheres ficou muito caro, pois havia na sobremesa doces de 20$000 o kilo (Cr.$ 0,20). Houve champagne e concentração dos mais eminentes políticos do Sul de Minas.

O Dr. Domingos de Figueiredo fez um brilhante discurso, no que resultou no apoio do Presidente da República à sua candidatura como depurado federal. Eleito, esteve de porfia, na tribuna, com o deputado Maurício de Lacerda, pai do Carlos de Lacerda, com o qual, segundo dizem, não levou a melhor.

Comendador Dr. Joaquim Batista de Melo

O comendador Dr. Joaquim Batista de Melo governou Varginha no triênio 1892/1894, na qualidade de presidente da Câmara Municipal. O cargo correspondia ao de prefeito d'agora e, apesar de Varginha ser praticamente uma pequena cidade de casebres pequenas casas de pau-a-pique que já nasciam velhas, o cargo oferecia já alguns sérios problemas, porquanto Varginha já podia gabar-se de ser das melhores cidades da região.

Já tínhamos, então, como distritos as vilas do Pontal (Elói Mendes) e Carmo da Cachoeira, que tinham uma subadministração de pessoas nomeadas pela nossa câmara. Na ocasião o agente executivo do Conselho Distrital de Pontal era o Major Francisco Quintino da Costa Silva (avô do Sr. Estevam Costa e Silva), e o da Cachoeira era o Padre Aureliano Deodato Brasileiro, o popular padre Lica.

Culto e inteligente o comendador Batista de Melo reorganizou o governo municipal. Em 24 de janeiro de 1983 criou o Regimento Interno da câmara, inexistente até a época, já havendo, em 13 do mesmo mês mandado à Camara para aprovação e discussão o anteprojeto de Estatuto Municipal (Código de Posturas).

Quando da sua posse na Presidência em 7 de março de 1892, prometeu incentivar a cultura em nosso meio, dando substancial apoio à Biblioteca Pública, já existente e que fez suprindo-a de novos livros e nomeando um bibliotecário. Nossos intelectuais da época como Portugal Junior, Pedro da Rocha Braga, Dr. Antônio Pinto de Oliveira, Ana Macêdo, Amélia da Rocha Braga, e muitos outros, davam a Varginha preeminência intelectual na região, somente ofuscada pela velha Campanha de Princesa.

Uma mostra da nossa importância na região está num relatório da antiga Farmácia Braga [Rua Wenceslau Braz] dando o movimento de aviamento de receitas, e que vem estampado na "Gazeta de Varginha" –

nº 33, de 3 de setembro de 1893.

Pharmacia Braga

Estatística da receitas aviadas nesta pharmacia durante os três últimos meses: Dr. Teixeira de Abreu...308 Dr. Naves da Rocha .....44 Dr. C. Junqueira (Pontal) ...5 Dr. Mathias Vilhena (C. Cachoeira) 7 Dr. Sales Gomes (T. Cor) ...9 Dr. Júlio Veiga (Campanha) 3 e 1 de cada um dos seguintes médicos: Marioso (S. Paulo); Vidigal (Rio) e Américo Luz.

O comendador Batista de Melo era filho adotivo do Barão de Varginha, Joaquim Eloy Mendes, que lhe legara toda a sua grande fortuna. Durante sua gestão frente nossos destinos, era juiz de Direito titular o Dr. Francisco Carneiro Ribeiro da Luz e Juiz substituto, o Dr. João Evangelista da Silva Frota. Foram registrados em 1982 o nascimento de 283 crianças e a morte de 467 pessoas, houve 11 casamentos. Houve portanto um decréscimo de 184 indivíduos na população vegetativa. Se levar em consideração que a cidade tinha então cerca de apenas 2.800 habitantes, é estranho que o fato tenha sido aceito como corriqueiro. Se acontecesse hoje na mesma proporção com o número de habitantes que tens isso seria uma hecatombe.

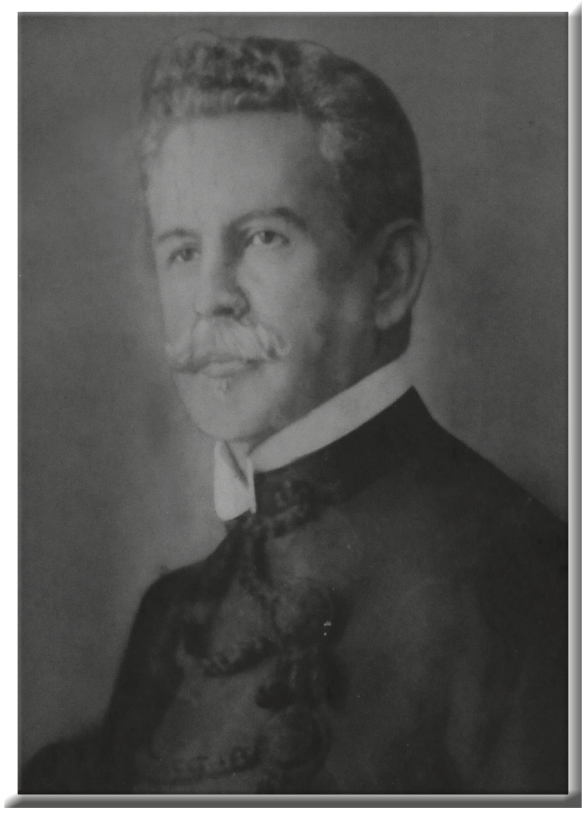
Batista de Melo saneou as finanças da comarca, fazendo com que a arrecadação de maio de 1892 fosse de .... 10:209$310 (dez contos, duzentos e nove mil trezentos e dez réis), 5.107$710 a mais de que havia arrecadado o extinto Conselho de Intendência no mesmo período do ano anterior.

Na época a cobrança dos impostos de Ind. e Profissão, Predial e Territorial Urbano e Rural, e de transmissão de propriedades passaram do Estado para os municípios. Consolidando esses impostos, o comendador enviou à Câmara para aprovação um projeto criando o "Regimento Tributário" (hoje Código) no qual disciplinava o sistema de cobrança e aplicação desses impostos, extinguindo o "Imposto Pessoal", de "Matança de Porcos" e de "Moinhos de Fazendeiros" (moinhos de fubá). Na arreca-

dação entravam também os rendimentos de fretes de barca do porto dos Buenos, cuja ponte já estava projetada em vias de ser construída.

O comendador Batista de Melo foi deputado federal de 1911 a 1915, mas ao tentar reeleger-se em 1914 foi derrotado pelo Dr. Domingos de Figueiredo, que com a amizade e simpatia que gozava entre os componentes do 4º Distrito Eleitoral conseguiu eleger-se como deputado avulso.

O comendador que fora eleito presidente da câmara por ser vereador especial pelo distrito de Pontal, fez em Varginha um governo dos mais experientes progressistas.



Comendador Dr. Joaquim Batista de Melo

Política no Tempo dos Coronéis

A política dos "coronéis" era aqui executada com todo o rigor e eficiência, e a voz do povo – na sua expressão pelas urnas - nunca pensou em se manifestar, mesmo porque seria temeridade demais alguém tentar fazê-la ser ouvida. Isso não quer dizer que aqui não se tenha travado memoráveis lutas no campo político entre os Conservadores e os Liberais, lutas estas, porém, que outra coisa não visava senão a troca de "mando", já que no fundo ninguém pensava na realidade em quaisquer tipos de reformas que viessem beneficiar o povo, quer do ponto de vista administrativo quer do ponto de vista social. Também num país de economia eminentemente agrária como era o nosso, não havia de fato muito o que se modificar.

A questão toda era a troca de mando. De maneira que o próprio eleitor definia sua posição "política" com um simples: "Eu sou do cel. Fulano...", o que significava uma expressão de "coragem cívica", pois implicava, não raro, atrair sobre si a mágoa do outro coronel, que se sentia com isso "desrespeitado" e ofendido.

E o negócio era sério: Um coronel, - mesmo o nosso boníssimo Cel. Tonico Alves, - nunca deixava, quando a oportunidade se lhe apresentava, de lançar na cara do "safado" a sua "queixa" pela falta de "consideração e amizade".

E o indivíduo, de qualquer maneira sempre por baixo quer de lá quer de cá, se desculpava desajeitado e humilhado: "O sr. me desculpe coroné, mas é que eu devia um grande favor pro seu "fulano". O sr. sabe, não fosse isso de maneira nenhuma eu votava n'eles... Uai! Nóis lá em casa sempre fumo do seu lado...Até a muié me xingou por ter feito aquela besteira... O sr. pode ficar descansado; eu não vou fazer mais isso..."

De vez em quando, porém, "a bem da harmonia da família varginhense e dos altos interesses do nosso glorioso Estado", todos se uniam sob uma só bandeira, estabelecendo-se uma paz armada, com espiões de lado a lado. Foi o que aconteceu por ocasião da Campanha Civilista em

1910. Nessas ocasiões os fiscais da Câmara e cabos eleitorais menores iam de casa em casa da periferia da cidade avisando: "O Cel. mandou dizer para você ir votar amanhã..."

O camarada ia. O coronel apontava com o dedo uma linha no livro: "Assina aqui." E o voto estava dado...

As mulheres não votavam...

A memorável contenda entre o "Correio do Povo" do Major Francisco Quintino da Costa e Silva, fundado em 24 de junho de 1896 e a "Gazeta de Varginha" do Cap. Pedro da Rocha Braga, fundada por este e pelo Dr. Antônio Pinto de Oliveira em 1 de janeiro de 1893, mostra como a paixão partidária se manifestava com mais intensidade que hoje.

O Major Quintino, de suspensórios cruzados às costas, chinelos de fibra trançada, devido à largura de suas calças dava a impressão que se trazia sempre caindo. Era por natureza um lutador inteligente e birrento. Seus artigos traziam sempre uma agressividade ferina, diluída porém na elegância da forma e na delicadeza do estilo. De um modo geral, suas implicâncias jornalísticas com tudo e com todos – se bem que corretas e justas, - acabaram por não torná-lo muito simpático. Seu jornal, bem feito e excelentemente redigido, e que não viera sendo editado até 1908, não tinha o número de assinantes que merecia ter. Também, naqueles tempos, uma tiragem de 100 exemplares por aqui devia ser um grande sucesso.

Já o Cap. Pedro da Rocha Braga, - O Pepêdro, - na sua imensa simplicidade era extrovertido e brincalhão, um comportamento de liberalidade quase chocante para a época. Tipo marcadamente boêmio (no bom sentido), galhofeiro e expansivo, muitas vezes após formar entre os maiores da terra a fim de resolver sérios problemas de interesse da comunidade, e onde pontificava com a sua brilhante inteligência, bom senso e excelente cultura, vinha reunir-se à molecada da rua para se meter nas mais aberrantes patuscadas.

Era assim o Pepêdro, jornalista também brilhante, politicamente se alinhava aos conservadores. O Major Quintino, republicano ferrenho, era seu concunhado.

Em 1921 sob a chefia dos recém-formados Drs. Alaôr Batista Nogueira, Luiz Teixeira da Fonseca e José Gomes Nogueira com o apoio dos cidadãos Luiz Severo da Costa, Antônio Francisco de Oliveira, Alfredo Braga de Carvalho, José Antônio dos Santos, Venâncio Franco de Carvalho, Augusto Foresti, Ibraim Chaves e Antônio Amorim, foi fundado em Varginha o Partido Republicano Democrático. Com as costumeiras expressões latinas, tão a gosto da época, e tiradas intelectuais muito além da compreensão do vulgo, lançou-se um manifesto convocando o povo:

"Acostumados como somos a ter os olhos fixos no caminho da nossa honestidade, e a frente também levantada em sinnal de independência, não podemos supportar que este peso opprima esmagadoramente os nossos hombros já curvados pelas luctas da vida... Unidos por uma comunhão de ideaes, ligados pelos laços mais fortes da nossa recíproca confiança, pelo amor à causa santa que é o fruto da nossa Varginha fundamos o Partido Republicano Democrático..."

E terminava:

"Alea Jacta est – e vós, ó companheiros, abraçae com ânimo os nossos ideaes, para juntos, agitarmos a bandeira da vitória!"

Todo esse ideal tão bombasticamente confessado não evitou que, findo o primeiro empate no qual o partido não deixou de ter uma votação bastante significativa, os seus treze chefes – "a bem da harmonia da família varginhense" abandonassem os companheiros e se aliassem ao situacionismo que, segundo se falou depois, lhes proporcionara uma boa série de vantagens.

E assim morreu o "Partido Republicano Democrático de Varginha".

Os Coronéis

Descendo as tortuosas trilhas marcadas pelo uso forçado, por motivo das irregularidades dos buracos de enxurrada nos becos da periferia da cidade, e fazendo toda a espécie de torsões e contorções para fugirem à pega em suas roupas dos picões, carrapichos e amor-seco que compunham o mato alto e também para não pisarem em "coisas" deixadas pelas crianças e mesmo por alguns adultos "em certas dificuldades", João Tobias de Carvalho, Francisco Antônio de Oliveira, Joaquim Antônio das Chagas, João Gonçalves de Carvalho e outros pequenos auxiliares da administração da cidade, iam levar a mensagem do "coronel" aos eleitores da periferia:

- O coronel mandou avisar que amanhã é dia de votar; Óia lá, não vai faltar.

E ninguém faltava, pois só o fato de o coronel mandar um emissário especial fazer "o convite" era coisa das mais honoráveis.

- O coronel mandou lá em casa me avisá... Não posso deixar de ir!...

E ia. O coronel apontava no livro com o dedo: "Assina aqui"...

O "eleitor" rabiscava qualquer coisa à guisa de assinatura cumprindo, assim, o seu "sagrado dever democrático".

Era como se processavam as eleições de antanho. A maioria dos eleitores não tinha a menor noção do negócio.

- Pra quem ocê votô?

- Pro coroné, uai!...

Os mortos também votavam, como ainda acontece em certas regiões desses Brasis.

Muitos consideravam "aquilo" uma "bobagem"; mas o coronel mandava chamar... Diziam que era para trocar os homens do poder, mas na realidade era apenas uma mudança de "paus mandados", pois no fim quem mandava mesmo era o coronel: mandava nos que eram trocados e nos que faziam a troca.

Acirravam-se os ânimos quando no lugar haviam duas correntes políticas, cada uma sob o comando de um "coronel", como aconteceu em Varginha.

De um lado o Coronel João Urbano (o velho), do outro o Coronel Antônio Justiniano de Resende Xavier.

Personalidades absolutamente diferentes, quer na formação, quer no temperamento – um "liberal". O outro, "conservador", tinham a nivelá-los a dignidade e a bondade natas.

João Urbano de Figueiredo, escravocrata e o primeiro plantador de café do município, era do tipo duro, abrangente, inarredável em suas convicções e, como todos os "coronéis", o prestígio lhe era uma necessidade natural.

Formado que fora na escola dura dos antigos senhores de terras, trazia destes o arrojo e a firmeza de decisões.

Malandros e vagabundos – que já os havia como sempre os houve, - sabiam-lhe o fraco, e dele temerariamente se acercavam a fim de "morder-lhe"...

- Coroné; as coisas se atrapaiaram pra mim. Tô C'ôas criança doente e nem um tostão em casa. Queria que o senhor..."

Nessa altura o Cel. já fuzilando de raiva cortava-lhe, aos gritos, a palavra:

- "Isso é porque você é um vagabundo, um sem-vergonha, um filho da ..., que não quer trabalhar; Onde já se viu um cabra forte como você ter que pedir ajuda para tratar da família..., Ora, meu Deus; que coisa!"

E seguia por aí a fora espinafrando o indivíduo que ouvia tudo calado, chapéu à mão, encenando a mais convincente humildade, certo que estava de que no fim os "cobres" saíam.

Com exceção do Cel. Brasiliano, de Elói Mendes, foi o Cel. João Urbano um dos últimos na região a dispor das duas forças que, de fato caracterizavam o "coronel" tradicional. A força política e dos "jagunços".

Já Antônio Justiniano de Rezende Xavier (o popular Tonico Alves), apesar do imenso prestígio que gozava como chefe político e como cida-

dão, tinha muito pouco da figura do "coronel". De origem humilde e formado na escola dura do trabalho braçal, parecia pedir desculpas a todos pelo espaço que ocupava. O poder irradiante daquele "poço" de humildade e bondade é que dominava e conquistava a todos. Basta dizer que seus afilhados andavam pela faixa dos 1.500, o que o obrigava a chamar indistintamente a todo o mundo de "compadre", receoso de melindrar muitos dos que de fato o eram mais de que ele não se lembrava mais...

Nascido em 1856, aos 8 anos foi empregado pelo Cel. José Alves da Silva (Zec'Alves como era chamado e a quem Varginha deve assinalados serviços) e posto a trabalhar como menino de recado e lavador de vidros na farmácia deste. Acabou uma espécie de "agregado" do Cel. José Alves, visto haver ficado órfão com a morte de seus pais, José Bernardes Xavier e Ana Felizardo de Rezende, muito embora vivesse sob a responsabilidade de seus tios José Alves da Silva e d esposa deste, Maria do Carmo.

Sem recursos e sem tempo para estudos, mas inteligente e vivo, acabou se transformando com o tempo num excelente prático de farmácia, examinando doentes, e formulando diagnósticos, receitando, chegando mesmo a praticar intervenções cirúrgicas ligeiras. Valeu-lhe muito os conhecimentos da medicina indígena aprendida com sua tia Da. Maria do Carmo, excelente curandeira.

Prestou inestimáveis serviços à população como "médico" por ocasião do último grande surto de bexiga que assolou a cidade em 1890, tendo sido "apontado" nessa época pelos grandes do lugar como "chefe político".

Foi presidente da Câmara Municipal (prefeito) de 1904 a 1907, reforçando o abastecimento d'água e saneando as finanças municipais. Construiu em seu governo a caixa d'água ainda existente nos terrenos da fazenda dos herdeiros do Sr. Aristides Paiva.

Embora como "partidário" fosse irredutível, nunca se negou a atender como "médico" a qualquer adversário. Com o seu bonito cavalo pampa, o Vesúvio, lá se ia ele, debaixo de chuva ou sol causticante, guarda chuva aberto, atender os "chamados". Já na garupa, em uma bolsa

de couro, o acompanhava um pequeno arsenal terapêutico: a "lancêta", (para uma eventual sangria), as ventosas, as sanguessugas, sal amargo, rosa, maná e outras drogas a fim de atender a situações de emergência.

- "Onde irá o compadre Tonico, meu Deus?!...

E todo o mundo ficava de "orelha em pé", pronto para levar à casa do possível doente a sua ajuda, o seu concurso.

"Seu" Tonico era um "coronel" às avessas: vencia pela brandura. Da. Ana Jacyntha, sua extremosa esposa, irritada às vezes pelo fato de ele deixar de tomar certas decisões contra pessoas que o prejudicavam, chegava a lhe pedir que lhe tomasse as saias e lhe desse as calças...

Os "conservadores" do Cel. João Urbano tinham a defender-lhes na imprensa local "O Correio do Povo", do major Quintino (Francisco Quintino da Costa e Silva) e os "liberais" do cel. Tonico Alves (Antônio Justiniano de Rezende Xavier) contavam com a "Gazeta de Varginha", dirigida pelo Dr. Antônio Pinto de Oliveira e Pedro da Rocha Braga.

Penas brilhantes, de lado a lado, se esmeravam em alinhavar belíssimos artigos, violentos às vezes, mas obedecendo princípios éticos hoje totalmente esquecidos, estadeavam [ostentavam] cultura para meia dúzia de leitores. Era um esgrimir inútil de talento, já que suas mensagens só chegavam à compreensão imperfeita do "povão" através da exegese de poucos em condições de entendê-las e comentá-las.

Os comentários de rua diziam bem do que afirmamos:

- "Diz que o Dr. Pinto acabou com o pessoal do coronel João Urbano no jornal..."

- "É... a coisa tá ficando preta. Vamos ver no que vai dar isso"...

Como sempre, a coisa dava em nada. Apesar de um lado radicalizar as suas posições a ponto de se tornarem inimigos pessoais, os "laços de família" manejados por terceiros bem intencionados, acabavam prevalecendo.

Assim sendo, não sabemos porque cargas d'água os dois grupos, em 1910, acabaram se unindo no apoio à Campanha Civilista. Resolveram se juntar no apoio à candidatura Ruy Barbosa. A coisa funcionara mas não

cem por cento. Houve um voto contra: o do Dr. Joaquim Afonso Ferreira que, passado o pleito, se sentiu no "imperioso dever" de, "respeitosamente", o apresentar aos "dignos coronéis" as suas "ponderáveis razões"...

Em tempos mais remotos o prestígio dos senhores de terras no Brasil, longe dos grandes centros, era inquestionável e a abrangência de sua personalidade interferia até mesmo com a vida íntima dos indivíduos que viviam sob seus domínios. Na realidade ele era o ponto de equilíbrio de toda a comunidade – inclusive de vilas e pequenas cidades encravadas nos ínvios sertões brasileiros. Era o juiz, o assistente social, o provedor executivo a quem todos recorriam em suas dificuldades.

Seu imenso prestígio não era carga fácil de carregar, mas a importância do seu renome era uma questão de honra que ninguém deveria por em dúvida. Tinha no "jagunço" – homens que lhe eram dedicados até à morte – a força que alicerçava o seu poder.

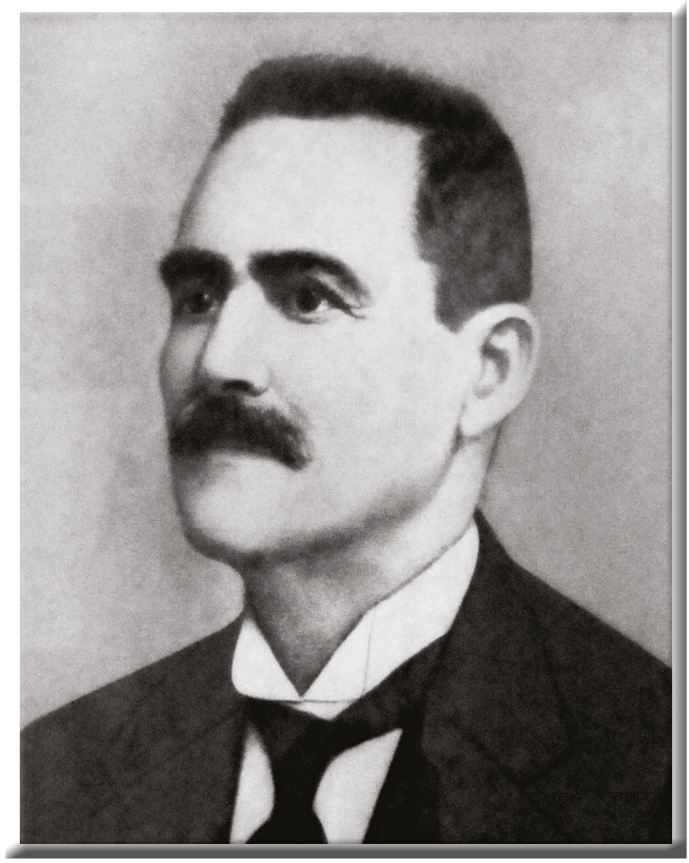
O governo central, para integrar essas poderosas forças dispersas e estanques, que de uma maneira ou de outra não deixavam de ser também órgãos de administração pública, criou a "Guarda Nacional" dando a todos esses "chefes" o posto do coronel do Exército. Não tinham direito a soldo, mas gozavam de todas as demais regalias do alto posto, com direito ao uso da farda, à respeitosa continência dos menos graduados etc. etc. O fato aumentou-lhes grandemente o prestígio conferindo-lhes um maior "status", mormente quando visitavam a Corte, onde a farda lhes conferia um tratamento especial em toda a parte.

A corrupção, como sempre, solapou esse engenhoso arranjo do governo: por intermédio de políticos de influência e de pessoas graduadas aos altos escalões do exército, indivíduos ricos de menor valia – e mesmo sem validade nenhuma, - mediante propinas começaram a conseguir sua inclusão na Guarda nas patentes de capitão e coronel, relaxando a dignidade do posto e obrigando o governo a dissolver definitivamente a pouco gloriosa instituição.

No meio social ficou e perdurou o título como um sinônimo de

distinção, que passou a ser dado a todos os indivíduos de mais idade com alguma predominância na comunidade. Daí, o coronel fulano de tal, o capitão sicrano etc.

No centro sul, Getúlio Vargas com as suas leis sociais tirou-lhes muito das forças, e a dissolução de costumes e irreverência da mocidade que vieram com a 2ª Guerra Mundial, acabou com o resto. Entretanto, lá pelo norte do país, a coisa ainda funciona; o "coronel" ainda manda.



Cel. Antônio Justiniano de Rezende Xavier

A Gripe Espanhola

Dois acontecimentos marcaram a nossa história como testemunhos dos sentimentos de solidariedade humana que irmanam os varginhenses: a terrível "gripe espanhola" e a construção da nova Casa de Caridade.

O primeiro mobilizou toda a população em condições de maneira indiscriminada no afã de levar toda assistência possível às famílias carentes, que chegavam, às vezes, a terem todos os seus membros acamados, atacado pelo mal.

A maldita peste, de contágio violento, em poucos dias paralisou todas as atividades na cidade. O único remédio que surtia algum efeito – o quinino - se esgotou das farmácias em poucos dias. Os médicos tudo faziam para minorar o sofrimento dos doentes, atendendo a todos os chamados que eram muitos num só dia. Sabiam que nada podiam fazer contra o mal desconhecido, mas tinham consciência dos efeitos *morais* de suas visitas, que aproveitavam para com palavras, pacientes e bondosas, inquirir ânimo e paz aos doentes e suas famílias. Faziam-se de confiantes e amigos, deixando, ao se despedirem, um clima de conforto e esperança.

A tragédia parecia também ter parado o país. As cidades ficaram isoladas. Automóveis eram apenas uma rara novidade. A não ser o telégrafo da Estação de Ferro, pouco eficiente, notícias que aqui chegavam eram trazidas pelos poucos jornais como a "Noite", o "Correio da Manhã" e a "Vanguarda". As notícias eram apaixonantes. Só em SP em 4 dias morreram 8.000 doentes.

Os trens da Rede Sul Mineira iam e vinham vazios, sem passageiros.

Tudo era desolação. Sol à pino, calor abrasante, ninguém pelas ruas. Nenhum chiado de carros de bois. Até os pássaros pareciam haver deixado de cantar. A tristeza havia invadido tudo. Mesmo os sinos da matriz deixaram de tocar anunciando os enterros que seguiam para o cemitério, como era costume.

Havia na cidade um ambiente de desolação e de dor. A aflição flagelava a todos com desesperança no dia do amanhã.

Foi então que alguns cidadãos de projeção na cidade e alguns Irmãos Maristas do Colégio Coração de Jesus, em reunião levada a efeito no Íris Cinema, se organizaram afim de levar assistência à população carente da periferia que vinha sendo impiedosamente desanimada.

A cidade foi dividida em zonas, cujos encarregados deveriam convocar auxiliares a fim de visitarem diariamente os doentes da sua área levando-lhes auxílio e assistência.

A 1ª zona ficou a cargo dos Irmãos Maristas, cobrindo os serviços do cemitério;

A 2ª zona coube ao Sr. Zeferino Augusto da Silva, responsabilizando-o pela Av. São José, Rua Santa Cruz e adjacências. Posteriormente entregue ao sr. Erlindo Costa.

A 3ª zona tocou ao sr. Severino Villela e Antônio Gomes Sobrinho (Toinho), que deviam atender o bairro da Estação Férrea e adjacências.

A 4ª zona – Sr. Valério Máximo dos Reis – Batistinha e Sr. (...) etc.

A 5ª zona – Três Bicas e adjacências ao Sr. João Batista Braga;

A 6ª zona – Várias Ruas – Sr. José Augusto de Paiva, então prefeito.

Coube às senhoritas Cynira Silva e Ernestina Ferreira a incumbência de organizarem uma comissão de moças a fim de angariarem donativos entre a população, e que chegou a conseguir 3:000$000 (três contos de réis) em dinheiro e outros auxílios em roupas e (...) etc.

O Bar do Jardim, de propriedade do Sr. José Augusto de Lima, localizado à Praça D. Pedro II, é que recebia, distribuindo, de acordo com as requisições dos encarregados de zonas. Para isso, contava com o auxílio dos rapazes José Paiva, José Gaspar Paiva, Orestes Reis, Álvaro Paiva e outros.

A comissão de moças também colaborava à parte, visitando os diversos bairros, facilitando o contato com as mulheres doentes. As vizinhas de bairros em condições acorriam, sempre solícitas, se ocupando da limpeza das casas dos doentes, lavando roupas, tomando conta de crianças, cuidado da cozinha etc.

Parece que a terrível epidemia aqui chegara trazida pelos estudantes Luiz Teixeira e Wladimir Pinto, que foram atacados nos colégios onde estudavam e vieram para serem tratados no seio das respectivas famílias.

- Numa população estimada, então, em 6.000 habitantes mais de 3.000 foi atracada pelo mal, com elevadíssimo número de mortos. O pequeno cemitério, devido sua exiguidade de tamanho, encheu-se rapidamente e os coveiros, com panos amarrados protegendo a boca e o nariz, começaram a exumar corpos ainda recém-enterrados para dar lugar aos mortos que chegavam constantemente.

O mau cheiro empesteava toda a parte alta da cidade, até que alguém, à revelia das autoridades municipais, passou os enterramentos para o cemitério novo, que, há cerca de dois anos se achava pronto e, por razões de desacordo entre a câmara e a igreja, ainda não havia sido benzido pelo bispo.

Foram quarenta e poucos dias de agonia. De fins de outubro a meados de dezembro, que deixaram muita dor e desolação, há que muitas famílias contaram em seu seio com até três ou quatro mortos. Muitas viúvas e viúvos e um número incontável de órfãos chorando a perda de seus entes queridos.

O primeiro varginhense a ser ceifado pela peste foi o Sr. Aureliano Bernardes, tio-avô do Sr. Alaor Bernardes, da Gráfica Catanduvas.

Os primeiros brasileiros vítimas da gripe foram os tripulantes de uma força naval que o Brasil enviou para a Europa depois de sua entrada da primeira guerra em 27 de outubro de 1917. Ao fundear em Dakar para abastecimento a tripulação foi acometida pelo mal. Morreram 156 tripulantes. Os jornaes brasileiros em grandes manchetes noticiavam o caso como o MAL DE DAKAR.

O destino da frota era o estreito de Gibraltar. Quando chegou lá a guerra já havia acabado.

A Espanhola

A cidade pequena com seu casario pobre e sujo da periferia, parecia desabitada. O frontispício das casas, o arvoredo e tudo o mais à vista sob grossa camada de poeira tinham a monotonia de um marrom-escuro desagradável. A claridade e o calor intensos do forte sol de novembro, o ar estampado que não movia a mais leve folha nas árvores e o profundo silêncio, davam àquele meio-dia um aspecto de irrealidade e desassossego que bolia fundo com os nervos da gente. Nas ruas ermas do chão batido não se via um cão, uma galinha ou qualquer outro ser vivente. Muito raramente se encontrava alguém que necessidade imperiosa fez sair de casa, e que, trôpego, exaurido de cansaço, trazia no rosto estampada profunda preocupação ou a dor de um coração recém-ferido pela perda de um ente querido. Não se ouvia, perto ou distante, o latido de um cão, o canto de um galo ou de um passarinho; nenhum som, nenhum indício de qualquer atividade industriosa. Tudo havia parado. O temor e a desesperança avassaladora faziam com que todos dirigissem seus olhares esgazeados para os céus, numa súplica muda e angustiada. Muitos procuravam as igrejas para orar, "renovando suas promessas" a fim de conjurar o mal para longe dos seus. Velas votivas acompanhadas de "novenas" queimavam nos "oratórios" de todas as casas. Tudo, tudo em vão, pois apesar da luminosidade estonteante d'aqueles dias fatídicos a sombra da morte estava em toda a parte, inexorável e muda, pesando como um cutelo sobre todas as cabeças.

E, assim, vidas e mais vidas continuavam ceifadas num crescendo alucinante. As ruas dos bairros chegavam a cheirar mal; os casebres, em muitos dos quais todos os moradores se encontravam acamados, não recebiam nenhum cuidado higiênico e, às vezes, pelos desvãos de sus portas ou janelas semicerradas, vinha um choro baixinho, soluçante, quase a medo... Alguém exaurido de forças, velando o cadáver do pai, da mãe, do marido ou d'um irmão morto, talvez há dois ou três

dias!... Não havia gente suficiente para o enterramento dos mortos. Dos treze filhos que compunham a família Luis Pazotte, onze foram ceifados em apenas 45 dias.

Os primeiros brasileiros atacados pelo mal foram membros de uma missão médica que o Brasil rumara a Europa. O navio em que se encontrava a missão (...) ao porto de Dakar, já em viagem de regresso. Os (...) brasileiros noticiaram o fato classificando a doença como "o mal de Dakar", citando alguns casos fatais como a morte do Tenente José Brasil da Silva, integrante da missão. Apesar das severas medidas tomadas pelo governo para preservar nosso país do ataque do virulento mal, algumas cidades portuárias do norte já estavam sendo invadidas pela doença.

Um mês depois das ocorrências de Dakar – outubro de 1918, - "A Noite", a "Vanguarda", o "Correio da Manhã" e o "Estado de São Paulo", traziam notícias apavorantes: a nova moléstia, de etiologia desconhecida e tremendamente contagiosa vinha ceifando milhares e milhares de vidas pelo Brasil afora com impressionante rapidez. Em 15 de outubro, os médicos já haviam notificado vários casos em nossa cidade. Poucos dias mais e a cidade estava toda tomada pelo mal que, na sua impressionante virulência já havia atingido também a zona rural.

Para Varginha trouxe-a o Dr. Luiz Teixeira da Fonseca, que se enfermara na faculdade e viera para casa dos pais em busca de melhor tratamento. O segundo fora seu amigo de infância que o visitara amiúde, Dr. Wladimir Pinto. Ambos rapazes bem nutridos e dispondo das melhores condições de tratamento e conforto, conseguiram resistir ao mal. Não fora isso e a cidade de Varginha não poderia ter contado com os grandes e assinalados serviços que ambos lhe prestaram.

Em Varginha, todos os recursos foram mobilizados para atender à população, especialmente a faixa mais carente. Os farmacêuticos de então como Pedro da Rocha Braga, Tonico Alves, "Seu" Thomaz e José Gomes Nogueira, bem como a classe médica de então: Dr. Juca Marcelino, Sr. José da Silva Frota e os da nova geração, Dr. Alaor B. Nogueira,

José Marcos, Manoel Rodrigues etc, foram de uma dedicação inexcedível, digna de todos os encômios [elogios].

Farmácias houve em que se trabalhava até às 4 horas da manhã aviando receitas que, no final, quase de nada valiam. O quinino, única droga que surtia algum efeito contra o mal, em poucos dias desapareceu das farmácias devido à grande procura. Pessoas maldosas chegaram a insinuar que determinado farmacêutico, visando lucros, pôs-se a vender cápsulas recheadas de farinha de trigo à guisa de quinino. Todos em condições de fazer alguma coisa se prestavam dedicadamente aos maiores sacrifícios, lutando em todas as frentes em que se fazia mister.

O primeiro varginhense a sucumbir à maldita peste foi o Sr. Aureliano Bernardes, negociante na Fluvial. O recrudescimento do contágio assumiu caráter de calamidade em poucos dias. O agravamento da situação levou a população pobre ao completo esgotamento de recursos. Faltavam-lhe remédios, viveres e, em muitos casos, até quem levasse à boca dos doentes um copo com água.

Foi então que um grupo de varginhenses se reuniu no Theatro Municipal (Iris Cinema) sob a chefia do Irmão José Borges, recém-chegado a Varginha para fundar o Ginásio Coração de Jesus, a fim de conjugarem esforços no sentido de angariar recursos para o atendimento da população carente, que vinha sendo ceifada impiedosamente. Ficou assentado que a cidade seria dividida em diversas zonas de atendimento sob a chefia de um elemento ao qual competiria reunir auxiliares para o desempenho de suas tarefas. O 1º posto de atendimento que compreendia a Av. São José, a rua Santa Cruz e adjacência, seria chefiado pelo Sr. Zeferino Augusto da Silva (que pouco depois abrangia o bairro da Estação de Ferro e adjacências, fora entregue à direção dos Srs. Severino Vilela e Antônio Gomes Sobrinho (Toinho Gomes); o 3º que compreendia o bairro das Três Bicas e parte da rua João Batista Braga (único dos membros da comissão que a "espanhola" respeitou; finalmente o 5º posto ficou com o Sr. José Augusto de Paiva (Zezéca), sem zona definida.

Um grupo de senhorinhas saiu às ruas angariando recursos. Formava o aguerrido grupo as gentis senhorinhas (madamoiseles como se falava então), Áurea Resende, Marieta Liberal, Maria Paiva, Carmelia Teixeira, Ophelia Alvarenga, Nininha Bueno, Maria Rosemary, Alda Resende, Adelia Avelar, Adelina de Oliveira, Ana Isabel de Oliveira, Srta. Sicard etc. Também cooperaram colhendo donativos Da. Ernestina Ferreira, Da. Maria Teixeira Reis, Da. Mariquinhas Chaves, Da. Eufemia Foresti e Da. Sinira Silva.

Leite doado às centenas de litros, gêneros alimentícios, açúcar, sal e até verduras; cobertores, roupas usadas recebidas de graça, e outras coisas compradas abaixo do custo, começaram a ser distribuídos. No começo a distribuição era feita de casa em casa dos necessitados, passando, depois a ser feita às 2as. e 5as. feiras no Bar do Jardim pelos Srs. José Augusto de Paiva e Valério Reis, auxiliados pelos jovens José Resende Paiva e José Gaspar de Paiva. O Bar do Jardim se localizava à Praça D. Pedro II.

Os remédios e as necessidades particulares de cada família carente, como cuidados higiênicos etc, eram objetos da maior atenção por parte dos membros das equipes responsáveis pelos bairros, cujas visitas aos humildes casebres da periferia representavam, além do mais, um alentado conforto moral para os necessitados. É surpreendente ler-se hoje a lista daquele mundo de pessoas que acorreram ao chamamento das comissões com toda a sorte de auxílio. Infelizmente já não vive nenhum dos membros daquelas comissões que nos pudesse prestar de viva voz subsídios para este despretensioso trabalho que tenta dar ideia do que fora uma das mais belas, admiráveis e dignificantes páginas da história de Varginha.

Ocorreu-nos à lembrança a figura humilde de nossa querida avó, Antonia Vidal Caral, em companhia de 4 ou 5 netos, descendo as difíceis veredas das Três Bicas, levando café, chá, leite, canja, mingau, bolachas e torradas, bem como alguma roupa, inclusive de cama, visitando de porta em porta toda a população do bairro. Quando necessário,

apelava pela ajuda de alguma vizinha ainda em condições de fazê-lo, para troca de roupas da doente ou da cama, e até mesmo na remoção d'algum cadáver, caso em que avisava seu genro, Alfredo B. Carvalho, a fim de que fosse providenciado o enterro. O estranho é que ninguém de nossa família fora atacado pelo mal.

Do dia 8 ao 30 de novembro o número de mortes chegara a 146, mais que suficiente para fazer transbordar o pequeno cemitério situado no alto da atual Av. Rio Branco, que pertencia à Cúria, do qual mais da metade era ocupada por túmulos já antigos. Os coveiros se viam obrigados a exumar corpos ainda em franco estado de putrefação, com um ano ou menos de enterrados, para juntar aos mesmos os cadáveres que vinham chegando às dezenas. O mau cheiro era tanto que chegava a atingir pontos distantes da cidade. Propalou-se depois que no atropelo, provocado pelo grande número de pessoas a serem inhumadas (sepultadas), muitas foram enterradas ainda com vida.

O cemitério "novo", já construído há mais de ano, continuava fechado. D. Ferrão – o primeiro bispo da Campanha – como não o conseguira para a Cúria, exigira uma importância absurda para "benzê-lo", muito além das possibilidades financeiras do erário municipal.

O prefeito (pres. da Câmara) Afonso de Oliveira Castro, temendo a reação da população, praticamente toda católica, temia autorizar a abertura do novo campo santo sem que o mesmo recebesse a necessária bênção. Foi então que Alfredo B. Carvalho – alinhador de ruas, encarregado do serviço de água (não havia rede de esgotos, então) e mestre de obras da câmara, resolveu fazê-lo por sua conta e risco à revelia das autoridades. Para isso juntou aos coveiros dois de seus serventes, mais dois e três presos da cadeia que lhe confiara o delegado, mandando que abrissem várias covas. Quanto as autoridades vieram a ter ciência do fato, já se achavam enterrados ali cerca de dez defuntos.

Em princípios de dezembro o número de mortes começou a decrescer. Do dia 1º ao dia 8 morreram apenas 43 pessoas que, numa população de aproximadamente 10 mil pessoas, corresponderia a 5,37

mortes ao dia. Hoje, com cerca de 100.000 habitantes, o número de óbitos deveria ser de 53,7 diariamente.

Do dia 8 ao dia 30 de novembro o número de mortos foi de 146, isto é, 6,63 por dia numa população de 10.000 o que corresponderia a 66,3 na nossa atual população de cerca de 100.000 habitantes.

Por toda parte da cidade, além do bem organizado e excelente trabalho das comissões, pessoas de todas as classes por sua própria iniciativa desempenharam ações de verdadeira fraternidade, de verdadeiro amor ao próximo. A dedicação, a bondade e a caridade do nosso povo foram algo de excelentemente sublime, digno das bênçãos de Deus.

A "bexiga"

A varíola, comumente chamada "bexiga", tida pelos antigos como "peste", era o terror das populações do interior que, desassistidas da medicina incipiente de então, se apegavam às "benzenções" e "simpatias". Fazia-se tudo para exorcizá-la, mas a maldita a nada se curvava: recrudescia cada vez mais, ceifando vidas e mais vidas.

O medo era tanto que os mortos por ela eram inumados em cemitérios à parte, para não empestearem os cemitérios comuns.

Eram os cemitérios dos bexiguentos.

Em Varginha havia um ao lado da Capela da Santa Cruz da Boa Viagem, no lugar onde se acha instalada atualmente a Fábrica de Bebidas Sta. Cruz. Conhecíamos outro em terras da Fazenda Possidônio, dentro do mato. Havia ainda um terceiro para os lados da Fazenda das Posses.

A última grande incursão do mal no sul de Minas deu-se nos anos de 1879/80. Todos os dispensáveis da população procuravam escapar ao mal fugindo para outras cidades ou fazendas. Tudo em vão; seguindo-lhes os passos acompanhava-os os "miasmas" da doença, isto é, o eflúvio dos corpos dos doentes, fazendo do fugitivo um agente contagiante.

A bexiga cobria o corpo do doente com pústulas enormes, quase do tamanho de tumores. Se agrupava mais no rosto, provocando no doente uma febre altíssima, e deixando nos poucos que escapavam da morte sua marca para toda a vida.

"Ele tá c'oa peste!..." Era o veredito sinistro que corria rapidamente pela cidade, qual rastilho de pólvora precedendo uma grande explosão.

De imediato de todas as casas passava a recender o acre cheiro das fumigações – bosta seca de vaca, "palha benta", alecrim de cheiro e manjericão ou arruda, ardendo em uma bacia com brasas, - conjurando os "malefícios"...

Aqui uma estranha coincidência: - o fumigamento [tratamento com fumaça, vapores ou gases] naquele tempo era feito com a intenção

de combater possíveis "malefícios", "coisa feita" ou "má assistência" que acaso houvesse tomado "posse" da casa trazendo a seus moradores não só a peste como outros danos. Nem por "linhas tortas" acorria-lhes a ideia de que a fumaça, espantando os mosquitos e outros insetos portadores do mal, era um elemento natural de defesa dos mais eficientes, valendo por todas as novenas, terços, bentinhos etc.

Espargia-se água benta com um galho de arruda ou ramos de guiné nos quatro cantos das casas a fim de fechá-las ao mal. Tudo em vão; a doença se alastrava de casa a casa, de fazenda a fazenda como uma maldição.

Os curandeiros e benzedeiros só achavam uma saída para o seu fracasso em conjurar o mal: - "Tem jeito não; É castigo de Deus; o negoço é rezá!..."

E todos apelavam de unhas e dentes para a religião: Enchiam-se os pescoços de "bentinhos" (escapulários) tendo dentro, escritos à mão, orações as mais absurdas como a de S. Marcos, "o bravo", tida e havida como uma das mais "fortes" do breviário dos temidos feiticeiros "da linha das almas". Verônicas [medalhas] gravadas com todos os tipos de santos juntavam-se aos bentinhos, ou eram trazidos nos "corpetes" ou cintos pelas mulheres, e na lapela ou correntes de relógios dos homens.

Faziam-se as mais estranhas "promessas"; promoviam-se novenas com enorme concorrência de pessoas; terços rezados em procissões que partiam de uma fazenda a outra, ecoavam nos ermos da mataria ou nos desníveis do cerrados em lúgubres ladainhas cantadas à luz de velas e archotes, no ritmo remorado dos romeiros transido de medo, mas sustidos por inabalável fé.

Era o desespero.

A agonia e o desassossego deixavam a todos desvairados.

Descura-se [descuidava-se do] o trabalho deixando à matraca [peça de madeira com uma plaqueta usada em cerimônias religiosas para fazer barulho] as lides das fazendas. A escravaria, acostumada pelo rigor da disciplina a não tomar qualquer atitude própria, desorientava-se, movendo-se encabulada de um lado para outro à espera de ordens que não

vinham.

E não fora a influência carismática do "coronel", essa estranha figura da nossa história, a quem competia nas mais graves das circunstâncias sobrepor-se a tudo e a todos, - e a ordem seria sublevada, sobrevindo o demando e o caos, como na Europa da Idade Média por ocasião da "peste negra".

Com a aplicação compulsória da vacina salvadora, que no entanto provocara o vergonhoso levante da Escola Militar em 1904 no Rio de Janeiro, a varíola no Brasil passou a ter surtos esporádicos aqui e ali sem contudo apresentar proporções epidêmicas, até se extinguir de todo.

Em Varginha ela reapareceu em 1909, encontrando a cidade já aparelhada pra combatê-la eficientemente, o que foi corretamente feito com o isolamento dos primeiros doentes. Aproveitou-se para isso o prédio da Casa da Caridade, na época isolada da parte residencial da cidade, edificada que era na atual Praça Getúlio Vargas, nas imediações do cemitério velho.

Contando já com um corpo de excelentes médicos como os Drs. José Frota, José Marcelino de Rezende, João Meinberg, Tonico Alves e o alemão Dr. Levy, a população foi alertada no sentido de se evitar o pânico. Mesmo assim não se conseguiu ninguém que quisesse funcionar como enfermeiro para os doentes.

Apelou-se para o voluntariado. Dois abnegados, ambos imbuídos do mais alto senso de solidariedade humana e de caridade cristã, se apresentaram. Um era espírita; o outro, "feiticeiro".

Pela sua condição de pais de família não deviam ser os mais indicados, mas foram os únicos que se dispuseram e, embora ao que se saiba nenhum dos dois entendesse nada do "metiê", tiveram de ser aceitos.

Atendendo ao chamamento abandonaram esposa, filhos, interesses particulares e se isolaram com os doentes, entre os quais várias mulheres as quais deviam de atender também, não obstante os compreensíveis entraves de ordem moral, rigorosos na época.

Zeferino Augusto da Silva, português de nascimento mas brasileiro

E [maiúsculo] varginhense por tudo o mais, era uma pessoa "sui generis", sempre afeita a assumir responsabilidades ou colaborar com tudo que dissesse respeito ao bem da comunidade ou dos desprotegidos da sorte. Era de personalidade irrequieta, nervosa e altamente sensível.

Sempre empenhado a angariar auxílios para toda a casta de necessitados, seu coração bondoso não lhe permitia distinguir o merecimento ou não do ajudado. Ele apenas via o sofredor, o desgraçado, o infeliz, cuja situação de penúria pintava – com a voz embargada pelas lágrimas, - da maneira mais dolorosa e aflitiva. Todos o conheciam e sabia-o um ser à parte, sincero e correto; ninguém se lhe afastava a mão. Foi um progressista.

Viajante da Loja da China – uma espécie de Mesbla S/A que existia antigamente em São Paulo, - nas suas lides comerciais conduzia sua tropa de burros por todo o Sul de Minas, onde em cada conhecido tinha um amigo. Foi o introdutor do primeiro automóvel em Varginha, que aqui chegara em 1º de janeiro de 1914. Era um Ford, modelo "T", tipo Faenton.

Evaristo de Paiva Junior, o segundo voluntário, vulgarmente alcunhado "o Caixa D'agua", não sabemos se por sua barriga avantajada ou pela sua extraordinária capacidade de consumir cerveja e outras bebidas, era a antítese do seu companheiro. Destemido, operoso e inteligente, era um tanto quanto dado à boemia. Excelente atirador, quer de arma de fogo, quer de bodoque (arma rústica parecida com um arco de flecha, mas muito eficiente e perigosa), chegava, com qualquer das duas, a atingir urubus voando. Saia-se bem dos "entreveros" em que sempre entrava, e era respeitado como "bamba" mesmo no então "gazarrá", zona de população noturna violenta e desabrida.

Dado à feitiçaria, fazia questão de demonstrar seus conhecimentos de magia, impressionando os crédulos com números de prestidigitação, do qual tinha algum conhecimento. Falava-se do poder de seus olhos, que fazia murchar as flores e morrerem plantas delicadas como alecrim de cheiro etc. Bastava sua presença por perto para "zangar" qualquer sabão ou doce que estivesse sendo feitos e que ninguém mais conseguia "apu-

rar". A massa desandava e nunca mais chegava ao "ponto". Era lenda a sua ação destemida contra um bando de ciganos ladrões e da quadrilha de Antônio Silvino. Juntando-se à polícia ele, com a sua pontaria infalível, havia matado dezenas de ciganos e bandidos. Coisas da época entre a gente simples, mas como onde há fumaça há fogo!

Na realidade, porém, o que se destacava nesse homem, ao par da sua impenitente boemia, era o caráter nobre de uma personalidade independente e digna. Ligado à administração municipal na qual servira como secretário da câmara por muitos anos, sempre se houve com eficiência e seriedade. E apesar de sua vida mais ou menos turbulenta, nunca inquinou [manchou] com os seus feitos o nome ilustre da honrada e tradicional família de que era descendente.

Esses foram os homens que, enfrentando o perigo do contágio de um perigoso mal, ajudaram a salvar a cidade, talvez, de uma catástrofe. Eles, enquanto estiveram com os doentes isolados, visitavam a família vendo-a do meio da rua, não estrando em casa nem acariciando os filhos, pois tornaram-se perigosos como possíveis portadores do vírus da doença. Falavam-lhes à distância, o mesmo acontecendo relativamente aos amigos, na rua. Eles eram "os enfermeiros dos bexiguentos"!...

Que a municipalidade neste centenário lhes tribute com homenagens o penhor da sua gratidão. A hora é boa.

A Palangana

De uma das janelas do casarão voltadas para o curral a "mucama" gritou para a jovem e bonita escrava que passava em baixo levando a cabeça um balaio com roupa para lavar: "Dalvinha, chama a Deolinda e traz a palangana."

Descansando o balaio sobre o banco tosco encostado na parede, Dalvinha apressou-se em cumprir a ordem recebida. Ao contornar o casarão pelo passeio de lajes que o circundava a fim de procurar a companheira, deu com o feitor à sombra da paineira junto a cerca do curral. Percebeu-o sem o encarar, mas sabia-o com os olhos cravados nela. Com o desgosto estampado nas faces, encenou um rápido sinal da cruz, monologando: "T'esconjuro, desgramado!... Bugre dos inferno!..."

Na realidade o feitor com seus olhos rasgados, nariz demasiadamente achatado, tez de coloração acobreada e cabelos negros e lisos, não tinha como esconder a mestiçagem de negro e índio, gritante na sua pele. Chicote à mão, garruchas à mostra, chapéu de palha com copa alta e abas largas, botas de mato subindo acima dos joelhos, colete preto de cassa [tecido fino] ordinária e calças folgadas jungidas [emparelhadas] à cintura por cinturão largo de quatro fivelas enfeitando com moedas de prata, nada nele despertava simpatia e era, para a escrava, uma agonia de se ver.

Contudo, não era tão mau como se podia supor: não raras vezes tinha dado mostras de compreensão e paciência fazendo de desentendido em deslizes e falhas na disciplina de alguns escravos.

Deolinda, avental branco, pano à cabeça como quase todas as escravas, bem encorpada na sua meia idade, trazia escarranchado nos quadris um garoto da casa grande e equilibrando na cabeça, sem rodilha, sem nada, um grande pote com água.

"Sinhá diz p'ra nóis levar palangana..."

- "Deixa ponha pote na cozinha, deixa nenê lá"

- "Intão vai..."

Pouco depois, uma adiante outra atrás, subiam a escada de pedra da cozinha levando o pesado utensílio.

Palangana era uma grande gamela oval, funda e com varais em ambas as extremidades para que duas pessoas pudessem manejá-las mais facilmente. Era uma espécie de banheiro cujo uso era feito quase exclusivamente pelas moças donzelas, mensalmente, quando "incomodadas". Nesse banhos, as preocupações que se tomavam para evitar o perigo de uma pneumonia ou "estupor" era quase um cerimonial. É que a sensibilidade das "sinhazinhas" e a delicadeza da sua saúde requeriam uma soma de cuidados meticulosos a fim de não expô-las a um "golpe de ar" ou a imersão em água muito quente ou muito fria. Além do mais, mesmo uma constipação banal poderia resultar n'uma perigosa "suspensão" – coisa temida na época, - capaz de resistir ao "vinho quente com arruda", bom até para aborto e de cujo tempero eram mestras as velhas "mucamas". Imprudência no banhar havia levado muitas moças a contraírem "tísica" tão violenta que nem os "bons ares" e o "óleo de bá com mel de pau" conseguiram debelar.

O banho não devia ser durante a cheia [lua]. Podia ser na nova ou na crescente, mas o melhor é se pudesse ser feito na minguante. Havia o perigo de apanhar "corrimento" dos brabos, duro de se cuidar, e que só mesmo o chá da "erva de São João" e banhos de "arnica do mato" conseguiam dar jeito.

No dia anterior ao banho a "menina" não podia comer "comida pesada" e tinha de evitar se cansar muito. No outro dia, de manhãzinha, tomava apenas uma xícara de chá com um pequeno pedaço de broa ou bolinho de fubá.

A palangana era instalada no quarto; fervia-se a água nos panelões e enchiam-na. A água devia esfriar por si até chegar no "ponto". Enquanto isso fechavam-se todas as janelas, obturando-lhes com trapos as frinchas. Metia-se a sinhazinha na palangana, esfregavam-na e, antes que a água esfriasse, tiravam-na. O "cordial" de flores de laranjeira ou folhas de manga lhe era servido de imediato, tão logo as mucamas a envolvesse em

mantas e cobertores.

As escravas eram consideradas de "natureza bruta": nada lhes fazia mal. Seus corpos quase despidos eram resistentes a tudo. No cabo de uma enxada ou no saracoteio do batuque, seus corpos luziam à luz do sol ou da fogueira, fortes e elásticos. A não ser a lepra ou a "bexiga" quase nada lhes enfermava o corpo.

Quanto às "senhoras", para o banho de "asseio", usavam o urinol. A água era fervida com folha de fumo ou ramo de arnica e usada bem quente. No mais era como os homens: um pires com álcool ou cachaça, um chumaço de algodão, alguém para esfregar-lhes as costas, e tudo bem: molhava-se o algodão no álcool e esfregava-se no corpo. E para não feder, usava-se bastante "cheiro" (perfume).

É verdade que sempre houve o costume de se lavar os pés antes de ir para a cama, uma vez que quase todo o mundo andava descalço. Mas mesmo assim se tomava o cuidado de usar água bem morna e enxugá-los bem.

Na verdade a não ser quando criança de colo, os homens e, pode-se dizer, mesmo as mulheres, só tomavam banho duas vezes em sua existência: para casar e para ser enterrado. Contou-nos o sr. Francisco Parreira das Chagas – o Francisquinho – que aqui em Varginha certa ocasião um rapaz no dia do casamento foi se banhar no Ribeirão de Santana – que devia na época ser menos poluído e mais caudaloso, - e acabou desmaiando e se afogando.

A uma tragédia que, então, todos debitaram ao "mau costume" de se tomar banho...

Mais tarde, com os baciões de cobre trazidas pelos ciganos, e que pela afinidade no uso passaram a se chamadas também de palanganas, o pesado utensílio de madeira usado pelas nossas avós foi abandonado por incômodo e menos prático.

A Manta

Uma das facetas que caracterizava o bom comerciante antigamente, formando o seu conceito de indivíduo esperto e inteligente para negócio, era a habilidade no "passar a manta". Na realidade "a manta" era o resultado da esperteza, da negaça e mesmo da falta de escrúpulos aplicados no processo de compra e venda, e que resultava no logro do negociante mais ingênuo. Era louvada como prova da inteligência viva e criadora do indivíduo, quase transformada em virtude. O "passador de manta", - na consideração dos antigos, - era "um camarada de futuro", destinado a "ir longe".

A perspicácia do "passador de manta" às vezes atingia as raias do prodígio. Arquitetava a sua ação com o esmero do artista e a precisão do calculista.

Coisas d'aqueles tempos; mas muitos dos casos de "manta" passaram a ilustrar a nossa história, não só pelos laivos da genialidade com que foram "passadas" como pelo seu caráter de ineditismo...

O bonito livro de reminiscências de autoria do nosso inteligente e pranteado conterrâneo Joel Reis, "Lâmpada Queimada", relata um desses casos, referente à venda de uma partida de fumo ordinário...

Outros surgiram com o mesmo sabor de piadas, como a que aconteceu em 1910 entre o cap. JB e "seu" Gustavo Ferreira, ambos comerciantes de "secos e molhados".

Naquele tempo, como que obedecendo a um decreto, a meninada inconscientemente estabelecia épocas para os diversos jogos e brinquedos, nos quais se ocupavam quando não estavam no exercício de coisas piores como roubar frutas nas muitas "chácaras" que por aqui existiam, nadar em lagões e ribeirões, "pegar" o trem ou ferrados em brigas de "quadrilhas", que eram formadas por eles em cada bairro da cidade, para se defenderem da meninada de outros bairros.

Parece que a chuva, o sol, o vento e mesmo a safra de pinhões ti-

nham alguma influência nas causas dessas divisões que independiam de calendário. Havia a época dos piões, dos pinhões, das bolinhas de gude, dos papagaios, dos bilboquês, dos diabolôs etc.

Jogava-se o pinhão com a unha do polegar, tendo como arremate do jogo um pequeno buraco cavado na terra. E que ambição e empenho a gente tinha nesse jogo!

As bolinhas de gude eram jogadas de diversas maneiras, sendo a mais frequente a "de veras", na qual ganhava-se ou perdia-se a bola.

O pião era jogado "na roda": riscava-se uma circunferência no chão e atirava-se o pião para rodar dentro dela. Os piões que não rodassem ou caíssem rodando fora da "grama" (círculo ou roda), iam para dentro do círculo para ser tirado pelo impacto dos outros piões atirados pelos que tomassem parte no jogo. Aquele que os tirasse, ganhava-os.

O diabolô, que era formado por dois cones de madeira ou folha de flandres ligados pelos ápices, tinha o tamanho de 15 centímetros e era acionado por uma corda ligada às extremidades de dois bastonetes de madeira que o fazia girar até zunir. Atirado à grande altura, vinha girando até se equilibrar novamente na corda do seu arremessador.

O bilboquê, como todos sabem, consiste em uma bola de madeira com um furo amarrada a um cordel que a une a um pequeno bastão. O jogo é disputado fazendo com que a ponta do bastão seja introduzido no furo da bola.

Tanto o bilboquê como o diabolô eram mais preferidos pelos rapazes e moças, que formavam por toda parte da cidade grupos de disputas.

Havia ainda o "tempo" dos papagaios, mas estes, ainda em voga, dispensam explicações.

De todos esses brinquedos, porém, havia um preferido pela molecada: era o pião. Havia garotos jogadores de "grama" que traziam seus piões em bornal [embornal] a tiracolo.

Logo que ia passando o período das chuvas – que naquele tempo ocorria invariavelmente durante três meses a fio - os comerciantes tratavam de se abastecerem desse brinquedo esperando a procura intensa que

lhe promovia a criançada.

Às vezes acontecia, entretanto, de passar um ano ou mais sem que "voltasse" a febre dos piões, e os negociantes tinham que guardar a mercadoria e esperar por outro período, que mais dia menos dia voltaria fatalmente.

Muitas das mercadorias, devido aos meios difíceis de transporte de então, costumavam vir embaladas em barricas. Era um invólucro muito seguro e fácil de ser manejado. Por isso os piões também vinham em pequenas barricas em número de 200 ou 300 em cada.

O cap. JB, havendo comprado diversas barricas que se encalharam por não ter vindo naquele ano o "tempo" dos piões, tentou passar parte deles a outros negociantes. Não o conseguindo, resolveu arquitetar uma "manta" contra "seu" Gustavo Ferreira, seu colega mais próximo, e que mais tarde fora agente dos correios.

A venda do cap. JB ficava no Largo da Matriz, (hoje Praça G. Valadares), bem de frente para a igreja. A do "seu" Gustavo ficava mais abaixo, seguindo a Rua da Paz, junto à casa de Da. Ambrosina de Paiva, bem em frente ao Largo do Pretório. O Largo do Pretório, hoje Jardim do Sapo, era apenas um relvado onde as crianças brincavam todas as tardes. Havia nele algumas árvores de casuarinas, cujas folhas ciciavam ao embalo da brisa. Os brinquedos das crianças eram a "roda", o pulo à corda, o maré, pula-mula, o "pique", o "passar o anel", "chicotinho queimado" e outros que as crianças de hoje desconhecem.

O capitão viu na meninada que descia da parte alta da cidade para as escolas de Da. Amélia e da Casa de Instrução, um excelente elemento para estimular o "seu" Gustavo a comprar-lhe parte dos piões encalhados. Por isso, a cada garoto que passava dava umas tantas balas desde que ele se comprometesse a fazer a "seu" Gustavo uma simples pergunta lá na sua venda. João Marcelino, Sebastião Martins, Francisco Oswaldo (o Chico do Matheus), Francisco Pássaro (o Táta), João do Esterlino e outros tomaram parte na trama, ajudando a se arquitetar uma das mais engenhosas "mantas", que se não se destaca pelo lucro ou prejuízo que ocasionou

traz, entretanto, o sabor de uma "peça" de primeira, pois é de se acreditar que a intenção do capitão fora mesmo a de gozação, pois todos conheciam de sobra o seu espírito brincalhão e mesmo o valor quase irrisório da transação não permite outro juízo.

E os meninos começaram a bombardear o "seu" Gustavo com a pergunta:

- "Seu" Gustavo, tem pião?

"Seu" Gustavo, seco de corpo e de trato, - embora bondoso e educado, - voz cava e meio soturna, rosto anguloso quase inalterável e de sorriso raríssimo, respondia a contragosto:

- Não tem.

Isso repetindo-se oito ou dez vezes no dia, acabou por mudar a decisão de "seu" Gustavo a respeito da oferta que lhe havia feito o capitão. Procurou-o e manhosamente como todo o bom comerciante da época, abordou-o:

- João. Pensando bem resolvi considerar a tua oferta de piões... Como não tenho nenhum em estoque achei que deveria adquirir alguns pois quer me parecer que o "tempo dos piões" vem aí...

- Vem não – respondeu o capitão JB – tô vendendo pião que é uma coisa!... Mas como sou seu amigo, vou te ceder duas barricas...

- Não; ficarei apenas com uma. Duas é muito...

- Que muito?!... Tô vendendo de 15 a 20 piões por dia; sábado vendi quase 30!...

As duas barricas foram vendidas, e daí em diante cessou a impertinência da garotada em bombardear o "seu" Gustavo com a pergunta:

- "Seu" Gustavo, tem pião?...

As vítimas de Chicago

Em primeiro de maio de 1886 a cidade de Chicago amanheceu em completo silêncio. Cidade industrializada com um comércio muito ativo, o fato inusitado de estar mergulhada naquela estranha quietude, dava-lhe um aspecto de uma antessala de velório. É que os operários, numa poderosa expressão de força de coesão, se achavam em greve total, lutando pela adoção da jornada de 8 horas. Pelas 10 horas da manhã, uma imensa massa de trabalhadores lotou a Avenida Michigan, rumando para a Praça Haymarket. Em ali chegando, ouviram-se diversos oradores quase emocionados, e em discursos inflamados, atacaram a sanha e a cupidez da "burguesia desumana e exploradora"...

Os jornais divulgando o acontecimento, deram-lhe realce nacional, muitos deles considerando como razoáveis e justos os motivos do movimento, encheram de ânimo e esperanças os grevistas. A greve continuou e, no dia 3 de maio a polícia dissolveu a tiros um grupo de trabalhadores na porta da fábrica Mc. Cormick Harvester, matando seis e ferindo cinquenta.

Na tarde do dia 4, com o ânimo acirrado pela brutalidade policial do dia anterior, uma imensa massa humana lotou a Praça Haymarket e adjacências numa inflamada manifestação de protesto, e no propósito firme de manter a greve até conseguir o que pleiteava: a jornada de 8 horas diárias. Inopinadamente tropas da polícia, vindas de todos os lados, fecharam todas as saídas e puseram-se a metralhar o povo, assassinando centenas e centenas de pessoas. A própria polícia se encarregou de enterrar os mortos à noite em lugares ermos, a fim de evitar a revolta popular. No sangrento episódio foram massacrados homens, mulheres e crianças.

Três anos depois, no congresso de fundação da Segunda Internacional que reuniu em Paris 391 delegados trabalhadores, em homenagem às "vítimas de Chicago" resolveu-se adotar o dia 1º de Maio como o "Dia do Trabalho".

No Brasil a cidade de Santos – SP foi a primeira a comemorar o 1º de Maio, em 1895.

Varginha, já em 1913, comemorou-o com a fundação da "Liga Operária

Varginhense". Foram seus fundadores: Joaquim Francisco da Silva Penha, João Vidal Mercadet, João Garcia de Oliveira, Alfredo Braga de Carvalho, Benjamin Elisei, Marciliano Braga, Reynaldo Braga (que compunha a primeira diretoria) e outros.

Nos anos seguintes as comemorações se resumiram em sessões solenes em recintos fechados, até que em 1919, o "Clube Recreativo Operário", clube de dança da cidade sem qualquer finalidade reivindicatória, resolveu promover uma passeata, que depois de percorrer várias ruas da cidade "saudando as autoridades", indo se encerrar no jardim principal (Jardim do Sapo). O orador oficial, e que se encarregou de todos os discursos, foi o inteligente advogado, (rábula), LUIZ ALVAREZ RUBIÃO, uma das glórias das nossas letras do passado.

Sede da Associação Operária em 1944

Em 1920/1921, a Liga Operária Varginhense, já fortemente influenciada por ideais anarco-comunistas assumiu a responsabilidade das comemorações, dando a elas um caráter de luta reivindicatória e revolucionária. Nessa época, sob a direção de Alfredo Braga de Carvalho, Leocrácio Paulino da Silva, João Vidal Filho, Agostinho José da Silva, Joaquim Lourenço Teixeira (o Joaquim do Nho'quim), Arlindo Parreiras e outros, e com assessoria de um jornalista carioca

aqui residente, Silvino Silveira, os próprios operários faziam-se de oradores em suas passeatas, e, em arrebatado entusiasmo, citavam Karl Marx, Engels, Malatesta, Lenin, Proudhon etc., fazendo uma mistura de anarquismo com comunismo, às vezes numa algaravia [linguagem incompreensível] das mais confusas, mas que o orador terminava calorosamente aplaudido pela multidão com vivas e palmas, ao som da banda de música e estrugir de foguetes... E a passeata com os trabalhadores cantando a plenos pulmões, ora o Hino do Trabalho, ora hinos revolucionários de inspiração anarquista ou comunista:

"Filho do povo sofrei em extremo,
Lenta agonia, sem luz e sem ar;
Que a liberdade na vida nos une,
Força suprema nos braços nos dá...
Ação, ação, (...) pedir leis,
Valor e união que livre sereis;
Haveis de ver o bem estar
Se contra o burgues lutar, lutar...

Havia a "Marselhesa de Fogo", de caráter nitidamente anarquista:

Correi, correi filhos do povo!
Deixai a pena e vinde ver
Vinde assistir ao quadro novo.
O burgo vil a arder, arder...
A chama a crepitar,
Em círculo forma,
Marchai, marchai,
De Archote aceso,
Do mundo fulminar...

Revolução social
Alvorada da anarquia,

Viva a pátria universal
Que a Rússia nos anuncia.

De angústias e privações
O nosso viver tem sido
Oh! Senhores dos salões
Chegou a hora, sentido!

A passeata prosseguia. O entusiasmo fazia com que a inspiração subisse à cabeça d'algum, que numa praça qualquer subia em qualquer coisa para se destacar na multidão e pedia a palavra... Às vezes, até mesmo elementos estranhos à classe se julgavam com o direito de mostrar seus dotes oratórios, e punham-se a discursar sobre coisas que não entendiam, mas que também não eram entendidas pela "massa". A questão era mostrar erudição, coisa muito importante para os semialfabetizados, que eram legião, então. Iam indo até que uma "claque", já previamente preparada pela direção dos festejos se pusesse a aplaudir o orador com palmas e vivas, enquanto a banda de música ia puxando o préstito [marcha] sob o espocar de foguetes...

Encerravam-se os festejos com um culto solene nos salões do Teatro Municipal (Íris Cinema), com nova discurseira ou alguma conferência feita por algum simpatizante da "causa", como o Dr. Ibrain Chaves (a quem este modesto narrador presta aqui a sua humilde homenagem, como a um dos homens mais cultos e inteligentes que Varginha teve a glória de ter), Dr. Mengale etc.

Com um insulto [acidente] cerebral que inutilizou completamente seu líder máximo – Alfredo B. Carvalho, - a Liga Operária, em 1924, sofreu uma espécie de colapso, vindo a se extinguir. Em 1929 sob a liderança de Amâncio Silva, Leocrácio P. Silva, e alguns dos antigos membros da Liga Operária Varginhense, fundou-se a Associação Beneficente Operária, que, com a ascensão de Getúlio Vargas, pouco teve por que lutar e reivindicar. Acabou se transformando em Associação Recreativa como a conhecemos agora.

NOTA: - o Estranho de tudo é que nos EEUU o Dia do Trabalho é comemorado em 18 de julho.

Manifestações Folclóricas

Eram muitas as manifestações folclóricas de cunho religioso na Varginha antiga. Além do tétrico e impressionante "Viático", tivemos de "Bentos" e "Inocências" nos velórios, a "Bandeira do Divino, a "Bandeira do Rosário", a "Folia de Reis" e as "Congadas".

O "Viático", já de há muito extinto, era o sacramento da comunhão ministrada ao enfermo em sua própria residência conjuntamente com a extrema unção. Saía da igreja o padre conduzindo o Santíssimo, ladeado por duas lanternas dessas que são levadas à frente das procissões. Precedia-o a cruz, empunhada firmemente por um dos acompanhantes. Atrás alguns beatos seguidos do "matraqueiro" que, agitando o instrumento com movimentos de pronação da mão, marcava a cadência do préstito [procissão] com seu brá-brá-brá...

O negócio era lúgubre, já que ligado à ideia da morte; e o solene da cadência aliado ao ar de concentração espelhado no semblante de todos, deixava na gente uma incômoda impressão. Os nervos ressentiam-se, e uma onda de desgosto impregnava os transeuntes que paravam, faziam o sinal da cruz, e rezavam uma Ave Maria.

E o "Viático" seguia...

Em Varginha, pelo que nos consta, o "viático" era mais discreto: os acompanhantes rezavam silenciosamente, sem o uso da "matraca".

A "Bandeira do Rosário" era promovida pela Irmandade do Rosário, congregação de caráter religioso formada exclusivamente de pretos. Destinava-se a angariar recursos para a construção da Igreja e realização festas litúrgicas à santa de sua devoção, que era Nossa Senhora do Rosário.

A primeira igreja do Rosário construída em Varginha era situada onde se encontra hoje o lago da Avenida Rio Branco, em frente ao cinema do mesmo nome. Tinha à sua frente um alto cruzeiro e uma altíssima árvore de eucalipto. Era de adobe e fora erigida com os donativos conseguidos pelos pretos através da "Folia" com o auxílio do Cap. Antônio José

Teixeira.

De acordo com os costumes antigos, atrás desses templos existiam quase sempre um cemitério privativo dos membros da irmandade. Ser enterrado ali era, entre aquela humilde gente, uma das aspirações mais aneladas, pois a igreja, como a casa de Deus que era, punha ao longe todos os "malefícios" e tentações do além que pudessem vir afligir as almas dos recém-mortos, tentando desviá-las do caminho de Deus, tornando-as "perdidas"!... E as "almas perdidas" eram, entre as assombrações, as mais temidas pela gente simples de então.

Essa igreja fora demolida em 1913 pelo maestro Marciliano Braga, a quem coube a incumbência de transferi-la para o lugar onde está hoje o prédio de festas do VTC. A construção da nova igreja teve o concurso do sr. Germano Zambotti que, junto ao maestro Marciliano Braga, teve a satisfação de vê-la batizada pelo Revdo. Pe. Leônidas João Ferreira em 1916. Foi sua "madrinha" a sra. Carmen Braga Jordão.

Nessa época já se extinguira, de há muito, a "Irmandade do Rosário" em Varginha...

(FALTA TEXTO) tida como casa de vadios, sujeita à imposições da polícia e desprezada pela nossa "gente civilizada". É uma bela manifestação folclórica mas para nós brasileiros pouco afeitos à tradições e costumes, ela é apenas tida como uma reminiscência detestada de tempos da ignorância e atraso.

A "Folia de Reis" funcionava ininterruptamente (dia e noite), de 1 a 6 de janeiro de cada ano, encerrando-se com os seus componentes adentrando a igreja para a Missa de Reis. Compunha-se, como ainda hoje de cantores, instrumentistas e "marungos" (dançarinos e palhaços). Seus componentes revezavam-se para descanso, mas a folia não podia parar.

Ninguém lhes fechava a porta: era pecado.

À margem da história das "folias" há casos de guerra entre festeiros de uma e outra e que faziam desandar os intestinos dos "marungos" ou das melhores figuras do grupo rival. Havia ainda os benzedores de chuvas, que as desviavam para cair em outra parte a fim de não prejudicarem

a sua folia etc.

As "Congadas" tinham mais pompa e efeito cênico que as demais atividades folclóricas de que nos ocupemos aqui, às vezes com 60 ou 70 figurantes ricamente vestidos no estilo típico da Europa dos fins da idade média. Era na realidade uma representação teatral algo deturpada, mas cuja distorção não lhe prejudicava em nada o brilho e a imponência de espetáculo.

Os figurantes, na sua maioria negros magistralmente ensaiados, tinham sempre excelente desempenho. Seus reis e rainhas, embaixadores, almirantes etc., vestiam-se ricamente de veludo e seda de todas as cores, com calções, vestidos, gibões, "gargantilhas" e demais peças esmeradamente confeccionadas.

A representação baseava-se em sagas das Cruzadas de envolta com a lenda da "Nau Catrineta", na luta do ocidente contra os "infiéis", visando a retomada da "Terra Santa".

Pandemônio na assistência. O acesso de riso levou alguns a perder o fôlego...

E o Rei da França foi expulso dos ensaios... e desfez-se todo o conjunto.

De outra natureza nas também ligado à religiosidade do vulgo, era o "velório". Os "velórios" daqueles tempos tinham implicâncias e conotações outras que não esse velório de agora. O velório de hoje é o velório que sempre foi feito entre a gente instruída – cheio, enervante e simplesmente convencional. O velório do "povão" antigo era completamente diferente: era uma espécie de válvula de escape para as mulheres velhas e mães de famílias pobres, cuja sina era passar longe e parir filhos catarrentos e cheios de mazelas. Tinha comes e bebes e se cuidava, de fato, da alma do defunto. Não havia carpideiras de aluguel [profissional feminina cuja função consiste em chorar para um defunto alheio]. O "choro" era sincero, animado à cachaça, toucinho assado na brasa, broas de pau à pique e outras coisas mais.

A gente enchia a barriga.

Quando todos se achavam "satisfeitos", alguém puxava a reza. Depois de um terço interrompido de tempos em tempos por um ou outro dos rezadores a fim de tomarem "mais um gole", vinham os "bentos" e as "incelências". Eram ladainhas intermináveis com letras as mais absurdas. (FALTA TEXTO) de música impressionante, cantadas a duas ou três vozes, e na qual se casavam harmoniosamente o som cavo de extraordinários "baixos" com a puríssima e cristalina voz de puro "contralto", de negros e negras de tórax possante, como os havia então.

As "incelências" eram cantadas à cabeceira do defunto: os "benitos" do lado dos pés. O negócio era revezado: ora cantava um, ora cantava o outro.

No dia 27 de janeiro de 1921, velava-se um defunto em uma pequena casa que existia no lugar onde se encontra agora o novo prédio do Banco do Brasil. Como na época o caixão era confeccionado individualmente, "seu" Quinzinho Sério mandava entregá-lo, às vezes, quase na hora do enterro. Enquanto isso o defunto jazia sobre uma mesa, cama etc., envolto em lençóis entre quatro círios.

O "nosso" defunto, porém, se encontrava estendido sobre um daqueles bancos toscos sem encosto, comuns em casa de pobres que não podiam comprar cadeiras. O piso da saleta era de chão batido todo irregular, e que por si só dava no banco um equilíbrio mais ou menos preciso. Lá pelas tantas – mais precisamente à 1 e meia da manhã – com o pessoal já "alto" pela ingestão de pinga, tudo começou a tremer, o banco tombou e o defunto foi ao chão. No seu espanto, ninguém notou que não era o defunto que tremia e era bem possível que nenhum deles pudesse compreender o que estava ocorrendo.

Foi o estouro, aos gritos de "Nossa Senhora", "Deus do céu", toda aquela gente se precipitou rumo à porta, levando-a de roldão, desprega-da de suas dobradiças. Foi o único terremoto de que se tem notícia haver ocorrido em Varginha.

A "Bandeira do Divino" nada tinha a ver com a "Irmandade do Divino Espírito Santo". Era um grupo de pessoas empunhando violões,

violas, rabecas, adufes [pandeiro], sanfonas e tambores rústicos, quase sempre executados com maestria, acompanhando um conjunto de vozes invariavelmente magníficas na sua pureza e compasso. Era belo de se ver e se ouvir. Bandeira colorida com a efígie do Divino, violas e violões enfeitados com fitas de todas as cores, fazia do conjunto uma bela visão.

Melodias lindas e dolentes [melancólicas] à feição de litanias [ou ladainha, é uma forma de oração que consiste em uma série de preces organizada em curtas invocações alternadamente entre um solista e a assembleia produzindo um efeito encantatório], eram cantadas a duas e três vozes num efeito cênico de impressionante beleza.

A cena valia a espórtula recebida [donativo em dinheiro], e que ninguém regateava.

Uma música de Ivan Lins cantada por Milton Nascimento, cobre em sua trilha sonora um dos "cantos" da "Bandeira do Divino"...

A Folia de Reis, como espetáculo cênico, era mais ou menos como se apresenta hoje, mas com a diferença de que antigamente era tida como uma legítima manifestação religiosa e como, foi respeitada por todos. Muitas pessoas nela tomavam parte "cumprindo promessa". O instrumental era quase o mesmo usado hoje. Mas a ordem e o respeito de que se cercava uma "folia" desapareceram.

O sultão Saladino, que resistiu e venceu Segunda Cruzada, figura no enredo enfrentando D. Luiz, rei da França, embora ambos, segundo nos parece, tenham vivido em épocas diferentes.

Os principais promotores das "congadas" aqui pouco antes da sua extinção, foram os irmãos João, Antônio e Aristides Baiano, Geronymo Braga (ex-negro dos Bragas), Geremias da Maria Raymunda, Edhesio da Phelomena, Alfredo Batista, Constantino Venta Larga, Eugênio Elias, Chico Batista, Francisca Elias (Chica Elias, irmã do cônego José Paulino da Silva, vigário de Varginha de 1860/81), e muitos outros cujos nomes no momento não me ocorrem.

As "congadas" tinham sempre como "padrinho" uma pessoa influente, e que de bom grado se prestava a isso, pois o fato se constituía

numa deferência toda especial, já que valia por uma excepcional prova de consideração e apreço e que, politicamente, sempre rendia bons juros. O último "padrinho" de congadas em Varginha foi o tenente Gabriel Penha de Paiva.

Em 1925 foi feita a última tentativa no sentido de se reavivar as "congadas" em Varginha. Começaram-se os ensaios n'um terreno baldio que existia no final da Av. S. José. Aquilo para a maioria dos varginhenses menos idosos era um fato novo, pois há muito havia parado de se fazer a bela encenação. Juvenal de Oliveira (o Nau) era um dos figurantes do papel de D. Luiz, rei da França. Em uma das cenas cabia-lhe receber o embaixador do sultão Saladino – e que vinha em missão especial do soberano mouro. O Rei da França (Nau Pintor), de acordo com o seu papel, deveria se mostrar altaneiro e meio agressivo a fim de demonstrar a superioridade da cristandade frente ao "infiel", recebendo o embaixador com palavras não muito diplomáticas. O mouro se apresentava (cantando): "Licença, senhor, licença de vós e de toda a vossa fidalguia!" e, pegando a espada pela ponta procurava entregá-la ao rei em sinal de paz.

O rei retrucava: "Entrai embaixador desanimado, parece que estais com medo! Dirija vossa embaixada da maneira mais moderada, ou tão fielmente como ordenou o vosso infiel monarca!".

Aí viria a resposta do mouro: "Meu monarca e senhor de meio sol, senhor de meia lua, senhor de baraços e cutelos [o que exercia poder de vida e de morte sobre seus vassalos, na época feudal]; domina toda a Mauritânia (terra dos mouros), que vai de Mar Vermelho até o norte de Jerusalém: Ele pisa no sepulcro do vosso Deus!".

O Nau (rei da França) deveria replicar: "Mouro infiel e indigno, volta e diga a seu infiel monarca que somos guerreiros de Deus, com a ajuda do qual haveremos de vencê-lo.".

Acontece que o Nau naquele dia já se achava bastante "alto" com umas oito ou dez doses no cachaço e, visando impressionar ainda mais aquele mundão de gente que ali ia para apreciar os ensaios, dando ênfase na voz, peito levantado, cabeça erguida, simulando desembainhar uma

hipotética espada, bradou com energia: "Mouro... filho de uma...!"

A decadência de tudo isso deve-se ao fato de não sermos tradicionalistas. Somos um povo com uma grande destinação, e com olhos apenas no futuro.

Os ingleses têm outra mentalidade: Nomeado diretor de um grande jornal de Londres, um indivíduo descendo de elevador em um fim de semana o grande prédio onde se encontrava instalado o importante diário, notou que um senhor portando uma pasta, girou a chave na porta de um dos cômodos do térreo e entrou. Intrigado, o diretor foi após ele e o encontrou preparando uma refeição em um fogareiro portátil. Discreto como todos os ingleses, perguntou-lhe apenas o que fazia ali e o que havia na maleta. O estranho respondeu simplesmente que a maleta continha moedas de ouro, que era empregado do Banco da Inglaterra e que para ali ia em todos os fins de semana a mando do Banco já há 31 anos.

Investigando junto ao Banco o diretor veio a saber que há cerca de cem anos atrás o jornal não pôde mandar um repórter para fazer a cobertura da Batalha de Trafalgar, por haver a mesma ocorrido n'um fim de semana e estarem os bancos fechados, não podendo, por isso, ser levantado o dinheiro para as despesas da empreitada. Acertou-se então que daí por diante em todos os fins de semana o banco mandaria um empregado com a quantia de mil libras esterlinas em ouro fazer o plantão no prédio do jornal a fim de atender outra possível emergência...

Manchetes de "O Momento"

Manchetes do Jornal "O MOMENTO" n. 21 – 19 set. 1915:

- João de Castro Megda. Proprietário do Hotel Bela Vista.

- Dr. Batista de Melo Filho, proprietário do Jornal "A Pátria", de Varginha.

- Major Paulino Gonçalves da Cunha – proprietário do Hotel do Comércio.

O SPUTNIK II foi lançado no dia 3 de Nov. de 1957 pesando 508,3 à altura de 11.700 quilômetros. Orbitando.

GUARDA NACIONAL = Milícia criada durante a Regência Trina Permanente quando era ministro da Justiça o padre Antônio Diego Feijó, foi regulamentada pela lei de 18 de Agosto de 1831 e era por pessoas da elite agrária. (Enciclopédia Folha, pág. 425 – Tomo I).

DIA DO FICO – D. Pedro – 9 de janeiro de 1822

INAUGURAÇÃO DA ANTIGA SANTA CASA DE VARGINHA – 6 de novembro de 1904

Primeira Diretoria:

Pres. Dr. Antônio Pinto de Oliveira.

Ernesto Carneiro Santiago – Secretário

João Machado – Tesoureiro

Leonardo de Freitas e Erlindo Costa – Procuradores

DIA DO FICO: - 9 de Janeiro de 1822

DECLARAÇÃO DE GUERRA À ALEMANHA

1ª guerra: 17 de agosto de 1917

2ª guerra: 22 de agosto de 1942

Em 05 de setembro de 1944 segue para a Itália o primeiro contingente da FAB de 25.000 homens.

A FAB conquistou Monte Castelo, ocupando Castelo Novo.

O dia 8 de maio é festejado como dia da Vitória.

Os expedicionários desembarcando de volta ao Brasil no dia 18 de julho de 1945.

O Terremoto

Coisa inusitada em nossas paragens, aquele tremor de terra causou uma série de acontecimentos inusitados. Foi à 01:30 hora da manhã do dia 27 de fevereiro de 1922, e que fez que para muitos o dia amanhecesse mais cedo, já que depois daquela hora quase ninguém conseguiu pregar os olhos, saindo às ruas, formando aqui e ali pequenos grupos comentando o fato.

O abalo, segundo os jornais da época, teve a duração de um minuto, o que nos parece muito, mas embora tenha sido considerado bastante forte pelos mais entendidos. Felizmente não chegou a causar nenhuma vítima ou prejuízos apreciáveis, a não ser rachaduras em alguns pardieiros já combalidos pelos anos.

Entretanto o impacto emocional no solo da população foi bastante suficiente para provocar desvios de comportamento até mesmo em algumas pessoas reconhecidamente ponderadas e comedidas.

Naquela noite, em uma pequena casa situada no lugar onde hoje se acha o prédio do Banco do Brasil, estava havendo um velório. O morto, membro de numerosa família que ali residia, e que embora pobre gozava de grande estima, jazia estirado sobre um banco tosco coberto por um lençol.

Por aquela época pobreza era condição absoluta, pobre era pobre mesmo. A dureza de sua condição de vida não constituía, porém, motivo para vexame ou discriminação. Todos a aceitavam como algo contingente, quando não conforme a vontade de Deus. O fato de se andar com a roupa remendada devido ao desgaste do uso não diminuía o conceito de ninguém, desde que a mesma estivesse asseadamente limpa. Ricos ou pobres, todos se estimavam e se respeitavam. Tanto a população quanto a cidade eram pequenas e quase todos se conheciam mutuamente. Quando acontecia de alguém ficar doente o auxílio mútuo era prontamente acionado: o médico encarregado do tratamento fazia até três visitas ao doente

em um só dia, mostrando seu interesse pelo caso, e os vizinhos acorriam prontamente a fim de auxiliar no que lhes fosse possível.

Quando morria um elemento influente da cidade fechava-se o comércio, cancelavam-se a realização de bailes e festas, o cinema e até mesmo algum circo de cavalinhos que por aqui estivesse, deixavam de funcionar naquele dia.

Mães de famílias pobres, naquela época, sofriam como cão danado. E um velório para eles – embora sentindo sinceramente a perda do amigo - constituía uma espécie de fuga de suas agruras do dia a dia. Enclausuradas, quase sempre com uma ninhada de filhos maltrapilhos, verminados e piolhentos em exíguas casinhas de 3 a 4 resumidos cômodos: dormindo os garotos em colchões de palha de milho aos três e quatro juntos e estendidos no chão, faziam malabarismos para alimentá-los, colhendo pelas beiradas de muros (das ruas cheias de mato), carirús, brodoegas, ora-pro-nobis, serralhas, cambuquira, taioba e às vezes, em falta dessas "verduras", até mesmo o pouco gostoso mentrusso [mentruz], a fim de melhorarem o pobre "menu" que a pouca renda do casal conquistada a duras penas conseguia lhes proporcionar. O caso é que, apesar de tudo, conseguiam fazê-lo e bem; conhecedores que eram da estranha mas rica cozinha africana. E junto ao arroz "quirera", ao feijão bastão e ao angu bem cozido, aquelas "verduras" tornavam-se bastante comíveis e até de gostinho todo especial.

Minha avó materna, embora espanhola, às vezes por razões que não me atino se aventurava no preparo desse tipo de cardápio. E dava-se bem.

A toda essa gama de privações e sacrifícios juntava-se ainda a agonia do permanente isolamento, sem a mínima perspectiva de uma fuga, de um minuto de lazer. Assim pode-se compreender o paradoxo de um velório ser para elas um motivo de alegria e satisfação: com a "broa de pau-a-pique", a "broa-rosada", sequilhos e até bons salgadinhos, o "quentão" e a cachaça eram distribuídos fartamente. Ainda mais, a comunicação do tipo "comadre" estava presente com toda a sua mídia. Colhia-se ali jus-

tamente daquelas notícias tão a gosto do mulherio simples: a maledicência... Eram prato cheio para comunicar-se depois com as vizinhas por todo aquele ano ou até o próximo velório.

O fato de ser um velório justificava plenamente a fuga daquelas "mães de família" por algum tempo do círculo vicioso do lar. Não fora isso e os vizinhos muito ciosos da dignidade da "mãe de família", e que faziam das janelas de suas casas a judiciosa tribuna do censor, por certo que exclamariam para os que lhes estavam perto no escuro da casa mal iluminada (como eram então), - "hum hum – onde irá aquela criatura a estas horas?!... Depois não querem que falem... O marido também é um banana"...

Ao chegar ao velório, a infeliz afivelava ao rosto o ar mais compungido possível, se aproximava do corpo, suspendia o lençol que cobria o cadáver, fazia o sinal da cruz permanecendo em silêncio por algum tempo, como que rezando... De repente levantava a cabeça murmurando um compungido "coitado", ia para a cozinha, tomava um bom trago de cachaça ou de quentão, e à socapa [disfarçando], ia se aproximando de um grupo de conversa já estabelecida por uma corte também de "sofridas"...

As mulheres, não tanto como intenção objetiva, mas inconscientemente por razões subjetivas, procuram destacar e valorizar suas próprias "virtudes" na comparação com os valores morais de outras mulheres. Daí o prazer feminil de falar da vida alheia, como disse o poeta.

E no grupo a que nos referimos, uma velha solteirona, ratazana de sacristia e que apesar de ingentes esforços, como era sabido, não conseguira conquistar o galardão do casamento, destilava veneno sobre uma infeliz qualquer:

- Imaginem vocês: a sem vergonha foi à missa usando um vestido cor de rosa e ainda por cima com um decote que Deus me livre!... E não faz nem três anos que o marido morreu!... Pode uma coisa dessas?... O padre devia ter mandado ela para fora da igreja...

De qualquer maneira era a informação, era a "comunicação" da preferência daquelas pobres e virtuosas mães de família... Depois de ouvir aquilo cada qual se sentia mais valorizada nas suas virtudes, no seu

decoro.

Um pouco adiante da casa do velório (onde hoje se acha a "Sorveteria Sem Nome" [galeria ao lado do Banco Itaú]) havia uma casa de "mulheres". Era uma casa de um bom tamanho, construção antiga acachapada, puxada à "meia-água" de um só piso, pertencente a Sra. Da. Mariquinhas do Nico Claro, virtuosa viúva muito estimada na cidade. Acontece, porém, que quando Da. Mariquinhas alugou a casa não cogitou das intenções da locatária, como é óbvio.

Assim que "as moças" ali se instalaram, começaram a serem mencionadas como "as moças da casa da D. Mariquinhas do Nico Claro". Com o tempo, porém, por uma inconsciente manobra dialética, aquele prostíbulo acabou sendo simplesmente mencionado como o "puteiro de D. Mariquinhas do Nico Claro", em flagrante desrespeito às excelsas virtudes da veneranda matrona.

E o velório prosseguia. O defunto, um preto de meia idade com raízes na senzala recebia de seus irmãos de raça as homenagens do ritual africano, realizadas com toda a cerimônia requerida. Assim é que não sabemos se como simples expressão de carinho e amizade ou com a intenção de ajuda e alento à alma do morto, cantavam longamente junto ao cadáver as "incelências".

As tais "incelências" eram uma litania [ladainha] impressionante. Um canto lúgubre e triste, arrepiante na sua melodia estranha. Mais parecia um lamento choroso de agonia... Era de fato um canto de morte... Cantadas em perfeita harmonia por duas ou três vozes, baixas, profundas e de contraltos de pureza infinita. Ajoelhados, fitando o nada como em transe, pareciam encarnados por deuses ou demônios, irradiando de si uma força estranha que paralisava a gente e que extrapolava o limite da compreensão. A gente acabava por acreditar que aquilo tinha de fato o poder de avançar pelo desconhecido. Indo alcançar a alma do morto onde ela estivesse.

Em espaços, uma terceira voz vinha se agregar, também lamentosa e da mesma pureza, àquela estranha melodia, fazendo-a mais sentida e

impressionante!

Por aquela época, pobres na expressão legítima, não tinham cadeiras nem mesas. No geral as salinhas exíguas das pequenas casinhas de piso de chão batido, à guisa de móveis eram mobiliadas pelo próprio morador. Nas salinhas um comprido banco de uma só tábua que o usuário tinha de se encostar à parede para o equilibrar. Como mesa, uma caixa de bacalhau com cerveja emborcada, tendo como pés quatro sarrafos toscos. Invariavelmente entupiam-nas com um feio e grosseiro oratório tendo dentro uma imagem do Sagrado Coração, e, em volta, outras imagens menores sujas e descoradas de uma parafernália de toda a espécie de santos, algumas com os pés, pernas e braços quebrados, tudo de envolta com palha, velas "bentas", verônicas e bentinhos de toda a espécie. À frente, em destaque, a imagem de Santo Onofre tendo aos pés um recipiente com cachaça... Dizia-se que ele agradecia e cumulava seus devotos de muitos favores...

O defunto jazia sobre o banco esperando que "seu" Quinzinho lhe levasse o caixão. "Seu" Quinzinho já o havia medido com a fita métrica no comprimento do corpo e na largura dos ombros. Essas medidas já deveriam ter sido passadas a "seu" João Tereza para a confecção da parte de madeira do caixão. Feito esta é que "seu" Quinzinho cobriria a armação com as "mortalhas" condizentes: se defunto casado, mortalhas roxas; se solteiro, mortalhas brancas com galhões prateados.

O velório prosseguia... Agora à uma e meia da manhã, num ambiente de ar irrespirável pelo acúmulo de fumaça de cigarros de palha e da piro, agravado pelo forte cheiro de suor e de cachaça, tudo isso mais o calor abafado daquela noite de fevereiro, faziam da pequena casa uma verdadeira sauna. Até o defunto parecia suar...

Foi quando um barulho surdo como o desmoronar de montanhas pôs todo o mundo tenso e mudo, olhando uns para os outros espantados num ansiar interrogativo!...

A dolorosa expectativa durou pouco. Tudo de repente começou a tremer. O banco tombou atirando o defunto aos pés da mesa. Aos gri-

tos, aquela gente como ensandecida atirou-se contra as portas estreitas e acanhadas da casinha tentando ganhar a rua. Estas foram arrancadas "no peito" com os portais e partes das paredes, havendo quem se ferisse. Dizem que alguém no desespero de se ver comprimida e atropelada, atirou pela pequena janela a criança que tinha no colo. Por sorte ela não se machucou.

E no puteiro de Da. Mariquinhas do Nico Claro o espanto não fora menor... A anarquia e o desespero pareciam ser os mesmos. As "moças" vieram para a rua espavoridas e em trajes mínimos (que, aliás, hoje seriam até demais...). O lugar ali, entretanto, era meio desolado, já na periferia da cidade: à frente os muros do cemitério que embora já desativados em 1918, estes ainda não haviam sido desmanchados. Aquele trecho apesar de sombreado por imensos pés de eucaliptos tinha iluminação bastante precária. Mais além, a rua do Colégio com apenas algumas poucas casas.

Em outras partes da cidade houve também manifestações de pânico, mas não tão intensas. Na praça de São Sebastião, um morador descontrolou-se e saiu para a rua de revólver em punho atirando para o ar.

Os bares

Tive o prazer de ler uma bonita crônica do muito apreciado critico literário e meu prezado amigo José de Souza Pinto (Zanoto), na qual ele focalizava, e muito bem, os movimentos dos bares de Varginha de quando era moço, e das andanças que fazia com seus companheiros da turma.

Gostei, e gostei muito; buliu em mim naquele saudosismo que está sempre vivo em nós, trazendo em nossa mente imagens e fatos do passado, às vezes, infelizmente, nem sempre felizes.

Ilusões que morrerão, esperanças fraudadas, doenças, e outras muitas tristezas e dificuldades por que passamos, mesmo elas no bojo da nossa saudade, vêm adocicadas com a gloria de havê-las sentido e vencido.

Bares existiram muitos em Varginha, não botecos ou barzinhos como se conhece hoje. Bares onde poderiam entrar, mesmo desacompanhadas, uma moça ou uma senhora, embora essa espécie de negócio fosse, então, considerado lugar mais apropriado para reuniões masculinas.

Existiram bares como o de José Agostinho e Argelo Carlucci exclusivamente dedicado à boemia. Funcionavam das oito da noite às 4 ou 5 da manhã. Gente de todas as classes ali se irmanavam, animados pela cerveja e cachaça com tira-gosto de pão e linguiça. Uma sanfona de oito baixos, um pandeiro e um violão animavam um baile debochado num ambiente empesteado pelo odor forte de suor, de fumo e de cachaça.

Como bares (bares e confeitarias) poderíamos citar o Bar do Jardim de José Augusto de Lima, o Bar Liberty de (...) com seus jogos do baú, das flores etc. onde o Sylvestre Fonseca Luiz Prado e João Liberal faziam uns versinhos enigmáticos, dando a "dica" aos apostadores. Certa feita, dando uma dica, a última das três quadrinhas dizia:

Vejam como o jogo anima:
Até o Boróro, o sovina,
Perdeu o amor duns cobres
E comprou um queijo Colina.

Seu Júlio – Júlio Cesar de Oliveira, coletor estadual, - cujo apelido vinha do tempo em que jogou no Varginha Sport Club" no princípio não gostou muito da brincadeira mas acabou também achando graça da coisa.

Os dois mais importantes bares da cidade foram o Ponto Chic de Antonio Campos e o Capitólio. Ambos foram inaugurados na década de 30. O Ponto Chic, mais antigo, teve a inauguração, possivelmente em 1923, e sempre pertenceu ao sr. Antônio Campos. Tornou-se logo ponto de reunião das pessoas de destaque da cidade, que para ali acorriam à noite para a cervejinha e o bate-papo. A geladeira da época não gelava nada. Era um espécie de armário com paredes entrapadas [cobertas] de cortiça para conservar a baixa temperatura gerada pelas barras de gelo que punham em seu interior junto com serragem de madeira. Mais tarde apareceram as geladeiras que funcionavam a querosene, isto é, a fogo. O bar tinha restaurante e, à parte, em compartimento reservado, jogos de cartas.

Houve muitos outros bares em Varginha: "Parucci", "Recreio", "José Fonseca", "Nilo", "Bar da Estação", para citar apenas os de maior porte, mas o que calou mais fundo na mente e no coração de cerca de três gerações de varginhense foram incontestavelmente Ponto Chic e Capitólio. Fundados respectivamente pelo Sr. Alberto Mário Lúcio e seu cunhado, sr. Francisco Hassun e o segundo pelo sr. Antônio.

Os colégios

Em 1870 já se encontravam em Varginha cuidando da instrução publica uma brilhante educadora, Ana Cândida de Macêdo e o não menos competente professor Francisco Dyonisio das Chagas.

As escolas não eram mistas. D. Ana Macêdo cuidava da instrução das meninas e o professor Dyonisio, da dos meninos. Estas escolas tinham como inspetor municipal Major Venâncio José e como suplente de inspetor o Sr. Benedito Ferreira de Carvalho.

Na instrução particular, naquela época, existia a Escola D. Maria José Sabina e, um pouco mais tarde a escola de D. Maria Dionísio Chagas (Marica Cega).

É possível que alguns coronéis de então tenham contratado para seus filhos preceptores, que ministravam às "sinhazinhas" e aos "sinhozinhos", o ensino das primeiras letras, religião, bons modos etc.

De 1883 para cá tivemos uma sucessão de colégios para meninos e para meninas (em separado), alguns com vida efêmera. Outros, como o Colégio Varginhense de D. Elisa Fonseca e o Sagrado Coração de Jesus, funcionaram por diversos lustros.

Em 1893 o Colégio Santo Antônio, fundado pelo saudoso Cap. Rocha Braga, para qual veio como professor o Sr. Pedro da Rocha Braga, e que tornou-se um dos mais eminentes cidadãos varginhenses.

Em 1893, Colégio da Varginha para meninas, que funcionou durante pouco tempo. Eram seus diretores Maria Isabel Coutinho da Fonseca e J. Pinto da Fonseca;

Em 1895, Colégio Freitas, para meninos, diretor José da Cruz Freitas;

Em 1896, Colégio Varginhense, fundado em 21/06/1896 pelo Dr. J.P.M.G Migueland, que foi seu diretor; deve ter tido efêmera vida ou seu controle foi passado a outras mãos, pois, em 1897, em maio, como diretora do Colégio Varginhense, para meninas, foio nomeada a pro-

Ginásio Municipal de Varginha (Colégio Marista)

fessora Elisa Cândida da Fonseca, normalista formada pela Escola Normal da Campanha.

Em 1897 – Ginásio Varginhense – Diretor Prof. Vicente Vargas.

Em 1908 – Colégio S. José, do prof. Jorge Silveira.

Em 1908 – Colégio Antônio Chaves, do prof. Antônio Chaves.

Em 1916 – Colégio Luso Brasileiro, que funcionou no prédio do depois Gynasio Sagrado Coração de Jesus.

Em 1917 – Ginásio Sagrado Coração de Jesus.

Em 1919 – Escola Evangélico Americano, União Presbiteriana.

Em 1920 – Escola noturna da Associação Operaria de Varginha.

Em 1923 – Colégio Santos Anjos.

Em 1924/1925 – o primeiro grupo escolar – Afonso Pena.

Em 1926 – Maestro Marciliano Braga.

De lá pra cá temos o Colégio Batista, Catanduvas, Cetem etc.

Algumas antigas professoras das escolas públicas:

Ana Cândida Macêdo
Alcina Ferreira Carvalho
Elisa Braga Severo
Amélia Braga da Costa e Silva
Hortência Ferreira
Emília Ferreira
Alice Macedo
Astorlinda Macedo
Inhalú
Marieta (D. Tuta)
Aristolfina Paiva (D. Fina)
Gasparina Ferreira de Paula
D. Guiomar Silva
D. Mariquita Silva
E o professor Marciliano Braga

Os esquecidos

O homem tinha atitudes e comportamento às vezes surpreendentes, mas sempre no sentido do bem. Ora se desdobrando em esforços a fim de auxiliar uma família desvalida em penúria, angariando aqui e ali entre seus muitos amigos ajuda em dinheiro, remédios, mantimentos e até mesmo em roupas usadas como agasalhos etc., o que fazia às vezes com lágrimas nos olhos. Todos o sabiam um poço de sinceridade e bondade e não havia ninguém que pusesse em dúvida a honorabilidade e o profundo sentimento humano daquele homem moreno, magro que irradiava simpatia por todos os poros.

Era assim Zeferino Augusto da Silva. Português de nascimento, se criou no Brasil, ainda radicando-se em Varginha, onde se casou constituindo família. Sempre pronto a assumir responsabilidades em quaisquer movimentos de finalidades nobres, em 1906, havendo sido atingidos por varíola uns tantos habitantes da periferia da cidade, as autoridades para evitar que se alastrasse o mal entre a população, isolaram-os na antiga Casa de Caridade.

Aconteceu que os médicos não conseguiam quem quisesse auxiliá-los com enfermeiros. O recurso foi apelar para voluntários. Dos dois unicos que se apresentaram, um foi Zeferino Augusto da Silva, já casado e pai de dois filhos, que nos poucos momentos que lhe permitiam vê-los, ia até frente sua residência e de longe pedia à mulher que os trouxesse à janela a fim de vê-los sem o perigo de contagiá-los. Assim, durante três meses ficou isolado da família cuidando de alguns homens e mulheres atacados do perigoso mal.

Zeferino Augusto Silva tinha muitas outras virtudes. Uma delas era o amor às novidades e ao progresso. Foi quem trouxe o primeiro automóvel para Varginha em 1º de janeiro de 1914, o que, entre a gente mais simples, serviu para justificar sua fama de "maluco". Em 1916 trouxe também o primeiro gramofone, encabulando muita gente sempre que ao ouvi-lo

não podia compreender como a música e as vozes saíssem daquela caixinha.

O outro abnegado que atendeu ao apelo dos medidos se apresentando espontaneamente como voluntário foi Evaristo Gomes de Paiva Filho. Indivíduo inteligente, sempre ligado a serviços da administração publica, embora de trato ameno e de apreciável cultura, era tido pela gente mais simples da pequena cidade da Varginha de então como um indivíduo sinistro. Ligado a bruxarias e com poderes estranhos, tendo por mais de uma vez enfrentado e dominado lobisomens, e outros trasgos que, às vezes, apavoravam aquelas longínquas noites varginhenses. Exímio atirador, individualista, não se prendendo a nada que estivesse além da sua compreensão natural. Era um agnóstico, vivendo uma filosofia própria de boêmio.

Corpulento e de respeitável barriga, era apelidado pelos os amigos como "o Caixa D'água", aliás, o que nada tinha a ver com o fato de ter sido seu pai – Evaristo Gomes de Paiva), ter sido o prefeito (presidente da Câmara) que em junho de 1896 tinha dotado a cidade com a sua primeira água encanada.

Não era, porém, grande somente no corpo: era também grande de coração, nunca se negando a prestar um favor, uma ajuda a quem quer que fosse.

Esse negócio de cidadania não existia naquele tempo no sentido e que é tido hoje em dia. Cidadão era uma palavra que traduzia valores essenciais como dignidade, espirito de justiça e de consciência humana.

Esses dois tinham tudo isso, mas foram esquecidos. Cada um merecia uma estátua; mas não lhes deram, sequer, um nome de rua.

Nota: até hoje, ano de 2021, não há ruas em Varginha com os nomes de Zeferino Augusto da Silva e Evaristo Gomes de Paiva Filho.

Os toureiros

Era ainda menino quando vim a conhecer Juvenal de Oliveira, o Nau como era popularmente conhecido. Extrovertido, irrequieto e conversador impenitente, qualidades estas aliadas a um belo físico corretamente emoldurado por excelentes ternos de casimira ou linho da melhor qualidade, - que sua mãe, D. Silvéria, cuja profissão de engomadeira lhe proporcionava ótimos ganhos, fazia questão de esconder suas múltiplas deficiências. Era analfabeto e destituído de quaisquer resquícios de comedimento e prudência. Entretanto, cara aberta sempre num sorriso, de perene e excelente humor, fazia seu qualquer ambiente, alargando-o a seu bel prazer com seu palavreado avesso à gramática, e pontilhado de "gírias" e "ditos" os mais estranhos e grosseiros. Tudo se lhe era perdoado; sua graça de narrador e sua imaginação prodigiosa fazia-o um consumado artista.

Pintor de paredes, dos ruins, amigo bastante íntimo da cachaça; seresteiro e boêmio, vivia se enrascando nas mais absurdas encrencas. E mais tarde ao narrá-las fazia delas verdadeiras epopeias cheias de lances tragicômicos engenhosamente engendrados que prendiam a atenção de todos que os ouviam pela sua boca. Havia uma particularidade interessante em todas elas: ele se apresentava sempre como o vilão.

Certa feita ele e um seu amigo toureiro (também dos ruins) conhecido como Estevam da Nicota, por razões que não sabemos mas que deveria ser pressão ambiental, já que a polícia era sempre obrigada a intervir em suas peripécias, resolveram "correr mundo", como se dizia.

A não ser pela estrada de ferro não havia outro meio de condução senão o cavalo. A estrada de ferro, porém, tinha seu percurso limitado a poucas cidades, deixando muito a desejar. Já o cavalo, para os nossos amigos, era de manutenção incômoda além de bastante onerosa. Daí o fato de não sabermos como é que os dois foram dar com os costados em Ribeirão Vermelho, uma vez que a Rede Mineira de Viação ainda não havia feito conexão com a Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Fosse como fosse, o fato é que o não muito dinheiro que possuíam acabou quase todo diluído em cachaça, e os dois entraram em penúria. Puseram-se, então, a se desfazerem dos parcos haveres, cujos resultados em dinheiro iam direto para o primeiro botequim que encontrassem pela frente. No jejum forçado que sobreveio depois, a falta da cachaça lhes era mais sentida que a da comida!...

E foi assim, sujos, barbados e quase maltrapilhos que resolveram encerrar a viagem de volta a pé. Não estabeleceram itinerário algum pois, sequer sabiam fazê-lo; as paragens onde se encontravam eram-lhes desconhecidas, quase o "fim do mundo", e se sentiram desnorteados. Naquele tempo as estradas eram para carros de boi e animais e se seguissem as de piso mais batido, não correriam o risco de tomarem por uma vicinal. Raciocínio, aliás, mais ou menos válido, mas que espelha bem o seu completo estado de desorientação.

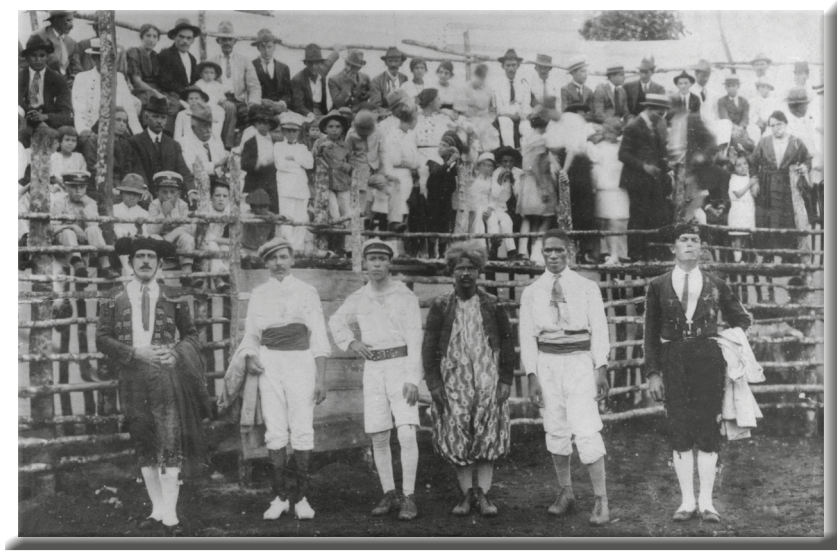
Vieram se aguentando com espigas de milho verde, melancias, bananas e até mandioca surrupiada às roças por onde passavam. Às vezes conseguiam um prato de comida que lhes estendia alguma mão caridosa de roceiro.

E nessa situação chegaram à cidade de Lavras, onde havia na praça principal um belo e bem montado "circo" de touradas.

As touradas eram um dos poucos muito apreciados divertimentos da época. O futebol ainda incipiente, embora já contasse com estrela com Friendereich[1] (1), ainda não havia nos atingido cá no interior. De forma que os toureiros é que eram os ídolos populares, como "Ás de Espadas", "Treme Terra", "Veludo" etc. Um, entretanto, se destacava pela sua elegância, coragem e habilidade nas lides do burro: "Valete de Ouros". Sua fama avassalava fronteiras e diziam que era conhecido até na Argentina e no México.

Estevam, mulato pernóstico, mas grosso e passadão; exibindo uma musculatura poderosa apesar da cachaça, viu naquele circo a salvação de ambos: dele e do Nau. Acontece que como toureiro tinha apenas a perigo-

1 Arthur Friendereich, atacante conhecido por *El Tigre*, atuou em clubes como Santos, São Paulo, Flamengo e seleção brasileira. Registros apontam ser o brasileiro com mais gols do que Pelé (seriam 1329 contra 1284 do tricordiano).



Circo de Touros 1919

sa e estúpida função de "pegar o bicho à unha", entre os chifres do animal para derrubá-lo ou mobilizá-lo. Isso se dava depois do boi "Corrido" (isto é, depois do boi toureado). Acontece que, às vezes, o indivíduo se dava mal. Eram conhecidos muitos casos em que o toureiro havia sido trespassado pelas guampas (chifres) do bicho, ou espremido no cercado do picadeiro.

Não lhes foi fácil, a ele e ao Nau, explicar a razão de seu estado de miséria e sujeira. Disseram haver sido assaltados em estrada deserta por um bando de malandros que pareciam ciganos, e que lhes havia levado não só as montarias como todos os demais haveres. A explicação não deve ter convencido de todo o diretor do circo, mas acontecia que ele conhecia bem a espécie de gente que eram os nossos toureiros e não se preocupou muito com isso. E como tinha de fato necessidade de mais um ou dois digníssimos na trupe deu, embora de má vontade, o lugar pedido pelo Estevam.

Olhando para o Nau, impressionou-se com aquela figura de porte esguio e imponente que se furtava da roupa imunda e da barba crescida e mal cuidada.

- "E este?" – perguntou.

A resposta veio do próprio Nau, e quase fez o Estevam "cair duro", como se diz na gíria: "Sr. Diretor, fico envergonhado de me apresentar porque acho que o Sr. não está dando muito crédito à nossa triste história que, apesar de estranha, é a pura expressão da verdade. Entretanto, como faz questão de saber quem sou não posso deixar de dizê-lo. Chamam-me o 'Valete de Ouros', mas meu nome é Clementino de Souza".

Entre surpreso e incrédulo, tendo estampado na fisionomia um misto de estupor e espanto, o diretor repetia aos gritos:

- "Quê?!... Valete de ouros?!..."

- "Sim, sou ele..." retrucou o Nau.

A notícia causou reboliço entre o pessoal do circo, espalhando-se célebre pela cidade, que em pouco assunta ares de festa, como que orgulhosa de hospedar tão inédita personagem.

- Está aí o Valete de Ouros, e dizem que vai tourear hoje à tarde...

Era o que se ouvia por toda a parte.

Imediatamente contratados, o diretor cuidou logo de alojá-los no melhor hotel, depois de fornecer-lhes dinheiro e roupas condizentes. Queria na passeata uma apresentação em grande estilo do renomado estilista da arena. Valete de Ouros em sua equipe era uma consagração na história de seu circo, pois era a glória máxima dos picadeiros que ali estava.

O Estevam e o Nau – aquele na sua obtusidade e este na sua irresponsabilidade – logo que se viram de posse dos Cr$ 50,00 (na época 50$000 – cinquenta mil réis) dados a cada um e puderam se desvencilhar do mundão de entusiasmadas fãs que os assediavam, rumaram para um boteco escondido em uma rua mais afastada, "mandando" cada um a martelos [copos] de cachaça.

Pouco depois receberam chamado do diretor para verem o "gado" que havia chegado para ser toureado. Eram bois zebus, pesando por três miúras (gado criado na Espanha especialmente para touradas). Dada a sua longa familiaridade com o álcool, ainda se achavam em condições de mostrarem equilíbrio e garbo. E foi assim, que vestidos tipicamente com colete,

meias, calções, sapatilhas e gorra de três bicos, se puseram na rua para realizar o préstito [desfile].

Por onde passavam ouviam-se palmas e vivas ao Valete de Ouros, e as moças, ao verem o garbo da impressionante figura do mancebo perdiam a compostura e se punham a saltitar e a gritar, como simples "macacas" de auditório dos nossos dias.

Garotos distribuíam boletins pelas ruas por onde passavam, estampando o clichê de um toureiro espanhol apenas com a intenção de ilustrá-lo e encher espaço, mas que todos julgavam ser o Valete de Ouros.

Ao terminar a passeata já à porta do circo se achava uma verdadeira multidão disputando entradas para o espetáculo.

O Nau e o Estevam, já mais ou menos conscientes da enrascada em que se meteram, nas poucas horas em que se antecediam o espetáculo fizeram várias visitas ao boteco, pois no intervalo de uma e de outra como que hipnotizados voltavam a visitar o terrível e maldito touro negro, que de cada vez se mostrava mais feroz, enchendo-lhes a imaginação dos mais pressagos augúrios.

Na porta do circo a confusão se estabeleceu, com o povo se empurrando e se socando no afã de conseguir entrar, pois a julgar pelo mundão de povo que ali se agitava nem metade conseguiria lugar.

Já por essas alturas a resistência dos dois novos toureiros se achava bastante minada, pois as idas e vindas ao boteco eram entremeadas cada vez com maior quantidade de cachaça. Embora ainda se mantivessem aparentemente sóbrios e mantendo um difícil equilíbrio, sua visão já estava sendo afetada com a focagem de figuras indecisas, tendendo a duplicidade.

Foi então dado início ao espetáculo. Enquanto como preliminar eram corridos animais mais mansos pelos profissionais da casa, o público pôs-se a gritar: "Cadê o Valete de Ouros, queremos o Valete de Ouros... Ponham o Valete de Ouros na arena...".

E a pateada[2] nas tábuas das arquibancadas tornou-se ensurdecedora,

2 Pateada: ruído que se faz com os pés nos espetáculos teatrais em sinal de reprovação.

manifestando o desagrado da assistência.

Chegara o supremo momento! ... O diretor, temendo coisas piores, anunciou a entrada em cena do "grande, do magnífico, do insuperável Valete de Ouros"!

Os vivas entremeados de gritinhos estéricos "das donzelas" estrugiram de maneira ensurdecedora, ao surgirem garbosamente nos seus belíssimos uniformes de toureiro os dois malandros.

Passamos a palavra ao próprio Nau:

- Quando entrei no picadeiro logo atrás do Estevam, o delírio do povo era tão grande, que apesar do meu estado de embriaguez, cheguei a pensar que era mesmo um grande toureiro. Fechada a porteira atrás de nós, vi surgir pela frente não um, mas três demônios negros, executando os mesmos passos e movendo-se sincronizadamente como um corpo de bailado.

Fiquei sem saber qual das três figuras deveria enfrentar; e foi nesse momento que vi três bois apanharem "três Estevams" pelo traseiro e pô-los sentadinhos sobre uma confusão de várias cercas. Depois disso praticamente não vi mais nada. Quando voltei a mim senti-me surdo e cego e percebi que uma pasta quente e viscosa cobria-me a cabeça. No auge da agonia levei instintivamente a mão no rosto a fim de me livrar daquilo que julgava ser sangue e que me estava sufocando. E então percebi com alívio que não estava cego e nem surdo, e foi com imensa satisfação que ouvi os berros da plateia: "Tirem o Valete de Ouros da bosta!.... Tirem o Valete de Ouros da bosta!..."

Depois é que vim a saber que o boi costuma defecar sobre o toureiro caído. Não esperamos pelo pagamento, e mesmo vestidos de toureiros sumimos da cidade..."

Nota do autor: Devo esclarecer aqui que sempre fui um grande amigo do Nau; admirava-o também. Todas as suas peripécias, que foram muitas, se deram quando o mesmo era solteiro e integrado numa maré de vida fácil. Com a idade ele se modificou sofrendo pronunciada mudança de personalidade. Só que não perdeu seu vezo pela seresta, porque o seresteiro não muda.

A Revolta

O varginhense, apesar de laborioso e empreendedor, é propenso a não se entusiasmar com nada. Aceita os acontecimentos com calma; dando a sua cooperação dentro dos limites do razoável, nunca deixando, porém, se levar pelo colorido das miragens ou pelos acordes de flautas mágicas, que obscurecem os sentidos deixando os indivíduos à mercê dos sonhos. É pragmático, não um sonhador. Às vezes é tratado por orgulhoso e presumido, devido a sua insensibilidade diante de fatos ou coisas que desvanecem e arrebatam outros que por aqui não tenham raízes. E esse modo de sentir e se comportar parece contagiante, pois mesmos os filhos de adventícios aqui nascidos vão aos poucos se moldando a esse comportamento psicológico, desprezando padrões pré-estabelecidos sem se exorbitar, guiando-se por princípios éticos calcados na razão e na realidade.

É assim o varginhense: vive e deixa viver, aceitando todos os que por aqui se aportam sem reservas ou discriminações. Somos uma sociedade permeável que com os imigrantes absorvemos valores que nos propiciaram progredir rapidamente, tornando nossa cidade uma das melhores do Sul de Minas. Basta dizer que dos 34 prefeitos que tivemos desde a nossa emancipação política, 19 não foram varginhenses – inclusive o que aí está, - tendo havido entre eles portugueses e italianos.

Comedidos em tudo, o seu modo de pensar e de agir não invalida em nada o seu profundo sentimento de brasilidade. Neste particular podemos pecar por incompreensão, mas nunca por má fé; nunca por faltar-lhe o sincero e vibrante amor à nossa pátria.

Por isso, os lamentáveis acontecimentos de 1875 e que vemos exagerados n'uma velha publicação em nosso poder, tiveram a sua razão de ser. Certamente que se as autoridades responsáveis houvessem promovido uma campanha de esclarecimento, agindo com mais cautela e prudência nada haveria acontecido, e o velho almanaque Sul

Mineiro da Campanha da Princesa não teria que anotar em seus relatos que:

"Derão-se na freguesia lamentáveis factos em scenas violentas, em que grande multidão perturbou os trabalhos da junta de alistamento, tomando e inutilizando os papeis em que aquelles trabalhos erão feitos".

É que os nossos patriarcas de antanho, temendo pelos seus filhos, escorraçaram d'aqui a Junta Militar que viera para proceder alistamento dos moços em condições de responderem a uma eventual convocação. Temores justificados, pois pouco antes a guerra com o Paraguai havia custado ao Brasil grande messe de vidas preciosas.

De qualquer maneira, porém, o fato não deixa de ser um capítulo mal encaixado na história da nossa cidade, muito embora tenha sido uma autêntica "revolução", uma genuína manifestação da vontade popular...

É; é isso!...

O "Pau do Barão"

Passávamos por alí sempre, rumando para os lados da chácara do Dr. Pinto ou do Areião e parávamos para ouvir a conversa, pois, embora fôssemos ainda crianças, já tínhamos a noção da importância do lugar como fonte difusora das notícias na cidade. Era um simples pau tosco, lavrado só na parte que ficava para cima e arrimado em dois cepos fincados na terra à guisa de pés. O tempo e a chuva o enegreceram por baixo já que era exposto às intempéries. Por cima, porém, pela constância do atrito do traseiro de seus usuários, era lustroso como que envernizado... Era o Pau do Barão.

Ali se abancavam elementos de todos os segmentos sociais, desde "coronéis" a cachaceiros. Raro era o momento do dia ou da noite em que o mesmo poderia ser encontrado sem alguém nele aboletado. Situava-se na Avenida Rio Branco, na altura da Rua Santa Cruz, fazendo frente ao boteco do "Barão" – João Vicente, - que era quem o pusera ali e que pertencia ao grupo mais respeitável de seus frequentadores.

Durante o dia pedidores de esmolas com suas placas numeradas da Câmara Municipal ao peito (na maioria pretos velhos ex-escravos) e vagabundos de todos os matizes, iam nele descansar suas mazelas. Do meio da tarde até a entrada da noite, porém, a "arraia miúda" se punha respeitosamente ao longe, quedando por ali "escutando a prosa...". Era a hora dos "grandes", com sua troca de informações e comentários: a hora das notícias.

Naquela época, embora todos se tratassem reciprocamente com estima, as camadas sociais eram muito demarcadas. Talvez não tanto por razões econômicas ou outra qualquer; a questão parecia mais de cultura no sentido de saber, de conhecer. Parece que a sombra dos senhores de escravos fazia-se sentir ainda sobre aquela sociedade de caráter tipicamente agrária, que era de Varginha na ocasião. A população negra, nas suas pessoas mais idosas, ainda se identificavam como

"negro" do coronel fulano ou do capitão beltrano, e o faziam com um certo orgulho como se isso lhes emprestasse alguma validade ou "status". Qualquer tipo de "doutor" merecia do vulgo o mais subserviente e respeitoso tratamento. Descia-se do passeio para se lhes dar passagem e tirava-se o chapéu para cumprimentá-lo: "Bom dia doutor..." Até certo ponto eles o mereciam, pois eram todos atenciosos e corteses.

Lá pelas 4 horas da tarde vinha aparecendo a turma: Bié Paiva, Jujuca, Antônio Fortunato, Joaquim Getúlio, Erlindo Costa, Pedro Braga, Juca Lisbôa, Severino Vilela etc. etc. Por vezes até mesmo a figura respeitabilíssima do prof. Chaves.

Outros ocasionalmente por ali apareciam trazendo a sua contribuição de notícias ou buscando alguma coisa ou informação. Era o caso de Zeferino Augusto da Silva, sempre atrás de auxílio para ajudar alguém. Era dos que sofriam com os outros, e em benefício dos que fazia, com a sua emotividade extrema, apelos veementes: "A rapariguinha está morrendo à mingua: sem um remédio, sem um pão, sem nada...". E lágrimas corriam-lhe dos olhos!... Coração imenso aquele.

Outro tipo, popularizado pelo constante inconformismo, que ocasionalmente visitava o "Pau do Barão" era Alfredo Braga de Carvalho, também conhecido por Alfredo Gonçalves. Sempre revoltado com as injustiças sociais, criticando acerbadamente as leis, as autoridades e tudo que tresandasse[1] à disciplina. Tinha ideias anarquistas. Exímio assobiador, estava sempre trauteando[2] uma velha valsa ou xote, o que o denunciava ao longe, pois o seu assovio, de tonalidade muito grave, era inconfundível... "Vem aí o 'gambá'", comentava alguém; "prepare-lhe um café". Seu apelido, Gambá, vinha-lhe da mocidade, devido ao seu estranho gosto pelo ovo cru.

Zelador d'agua, fiscal de obras, alinhador de ruas da Câmara Municipal andava por toda a cidade e, como pessoa grada em toda a parte, "seu" Alfredo se intrometia em todas as contendas e querelas

1 Provocar confusão
2 Cantarolar

que aconteciam por aí... Por isso era considerado um dos melhores informantes do "Pau do Barão".

O "Barão" – João Vicente, mulato alto, de imenso bigode e não menor barriga, com suas calças de quase um metro e meio de cós sustentadas por suspensórios de talas largas bifurcadas nas costas, era bonachão, movimentos lentos e medidos, sempre de bom humor, cuidava com carinho o seu boteco, onde se podia comprar fumo de-quatro-cocha, do melhor, e pinga da boa. Brincalhão, sarcástico e inteligente, era impiedoso nas suas críticas ferinas, o que fazia com mordacidade e arte. Peidando e arrotando alto, estivesse onde estivesse, ele não o fazia por desrespeito ou menosprezo a ninguém. Era o seu natural; não se desculpava e nem notava, por isso, o menor laivo de vergonha ou acanhamento. Para alguns ele era um vexame, para quase todos, porém, era uma pessoa amada e querida... Era o "Barão". E o improvisado e tosco banco que ele erigiu em frente ao seu boteco ternou-se uma espécie de coisa de utilidade pública: Dalí partiam as notícias, não só locais como nacionais (pois seus frequentadores eram dos poucos que liam a meia dúzia de jornais que aqui apareciam). Vez por outra, José Fenoci ou Luiz Mazelli, sobraçando o "Fanfula", encaixavam no contexto do dia alguma notícia internacional sobre a sua gloriosa Itália.

- O negócio parece que tá feio pro lado do fulano!... Tão falando que é capais de dá cadeia!

- Uai!... Que isso!... Quem te contou?!...

- Eles faláro lá no "pau do Barão"...

- Êh!... Intão o negócio é sério!

A maledicência fazia também parte do currículo do "Pau do Barão". Aqueles respeitáveis senhores tinham também esse fraco. E sabedores disso, mulheres com alguma "passagem não muito bem esclarecida" não passavam por ali em determinadas horas do dia. Eles vigiavam tudo: Mesmo alguma pobre viúva que não trouxesse a cor do vestido dentro do cânones de então (preto ou de cores escuras – consideradas cores respeitáveis), tornava-se "suspeita" ou, pelo menos, le-

varia a classificação de "regateira" ou "serigaita", que era muito pior...

Mas à passagem de um enterro, rumando para o cemitério situado um pouco acima (na hoje Praça José de Resende Paiva), mesmo que fosse no "caixão das almas" ou no "banguê", todos se viravam respeitosos, silenciosos, chapéu na mão, numa homenagem comovente ao desconhecido morto!... Alguns se persignavam...

É que a morte tinha o seu valor naqueles tempos... CAIXÃO DAS ALMAS – Caixão de pano preto desbotado que ficava armazenado num canto do cemitério a fim de ser emprestado a defunto pobre, sem condições de adquirir caixão próprio.

Como o defunto do "banguê" [padiola para transportar cadáveres], era posto na cova simplesmente embrulhado num lençol ou outro pano qualquer...

O velho cemitério

Alguém nos sugeriu que escrevêssemos algo sobre o velho cemitério de Varginha. Todo mundo sabe, e muito bem, da finalidade macabra de todos os cemitérios: inhumar defuntos. Sempre há, porém, em todos eles relação de coisas que os caracterizam e os "individualizam": o tamanho, a localização, a disposição dos túmulos, a ordem imposta por seus administradores etc., isso na sua "vida" estática, diremos assim, na sua "vida" material.

Porém, os acontecimentos a eles relacionados através dos tempos, faz deles objetos de interesse histórico, muito embora esses acontecimentos não se revistam de muita importância.

Ligado ao nosso "cemitério velho", que passou a ser designado assim depois da inauguração do atual, contam-se coisas que de algum modo merecem ser relatadas:

No fim do século passado, lá pelos idos de 1898, corria por toda a cidade a notícia de que toda sexta-feira uma mulher vestida de branco saía do cemitério e descia largo (avenida) abaixo, contornando a Igreja do Rosário e desaparecendo nas imediações da Igreja Matriz, então em construção. Uma turma de destemidos rapazes resolveu interceptá-la a fim de saber quem era, já que também naqueles bons tempos aventuras amorosas eram, como sempre o foram, motivo de curiosidade mais ou menos mórbida. Nêgo Cyrylo, Alfredo B. Carvalho, José Gonçalo, Francisquinho, (Francisco Parreira das Chagas), Teléscio e outros, esquematizando um plano, ficaram aguardando a hora no boteco do Perpétua. Pouco antes da meia-noite se abalaram d'ali, rumando cada um para o seu posto. Por aqueles tempos a atual avenida Rio Branco se dividia, a partir do cemitério em Largo de S. Miguel, Largo do Rosário e Largo da Matriz. O primeiro, devido à capela de S. Miguel que existia dentro do cemitério, quase junto ao portão; o segundo, motivado pela Igreja do Rosário – desmanchada em 1913, - localizada um pouco aci-

ma do lago fronteiro ao atual cinema Rio Branco; e o terceiro, por causa da Igreja Matriz.

Com cada um dos rapazes fechando uma esquina, viram surgir, na escuridão de uma meia-noite sem lua (a iluminação à gás só foi inaugurada em 1902), aquela figura esguia, vestida com uma camisola de imaculada brancura, saindo do portão do cemitério. Seus passos lépidos pareciam sobrelevar-se ao chão poeirento como se seu corpo levitasse. Alertando os companheiros, Francisquinho que fechava a esquina da rua Santa Cruz junto ao "pau do barão", gritou: - "Aí vai ela!"

Os rapazes que fechavam as outras esquinas, à medida que ela passava, iam atrás, fechando o cerco. Ninguém conseguia alcançá-la, porém. Com a algazarra de moçada atrás, ao chegar nas proximidades da Igreja Matriz (então em construção), aquela criatura elevou-se no ar e, flutuando, foi-se colocar sobre os altos andaimes da igreja.

No estupor que se seguiu, sobressaía-se a voz lamentosa e apavorada de Adelino Elias (o sanfoneiro), que, se apoiando em Alfredo B. Carvalho para não desmaiar, gritou: "Que qui é aquilo, Gambá!!... Cruz credo. Ave Maria!... Oh, meu Deus!..." e, de fato, perdeu os sentidos.

Outro fato um tanto estranho que resultou, como não podia deixar de ser, em prisão, foi o relatado pela "Gazeta de Varginha" (nosso primeiro jornal), em seu número de 18/02/1895, e também em conotação com o velho cemitério:

Eis a notícia: - "Foi preso no dia 14 do andante nesta cidade o já conhecido José Barbosa, português, por ter roubado no cemitério os ossos de um cadáver, a pedido de uma mulher. As autoridades já tomaram conhecimento do fato".

O velho seresteiro

O mais antigo dos seresteiros que conhecemos em Varginha foi Manoel Moreira de Meireles.

Boêmio incorrigível, aqui chegara lá pelos idos de 1885/86 como anspeçada[1] da polícia. Mulato escuro, de boa altura, com advento da República em 1889 fora expulso ou dera baixa da milícia, tornando-se cidadão comum.

Baiano de nascimento, muito habilidoso com as mãos, além de barbeiro era excelente marceneiro, bom músico e entendido em relojoaria. Fabricava, como artesão, violões, violas, cavaquinhos, gaiola para passarinho, bengalas e outras utilidades de uso pessoal na época. Profissionalmente, era barbeiro; como seresteiro era fanhoso e feria as cordas do violão com a mão rijamente aberta, tirando delas uma sonoridade um tanto violentada, mas correta. A voz, contudo, tinha os seus valores: - era afinada e de ritmo perfeito.

Conhecemo-lo já bastante idoso lá pelos idos de 1922, porém vigoroso e ativo, sempre no meio de serigaitas e marginais, embora sua barbearia fosse frequentada por muitas das pessoas respeitáveis de então, não só por sua perícia com a navalha e a tesoura como pela estima que sabia despertar em todos.

Nessa época muitas vezes tivemos a oportunidade de vê-lo, violão ao peito, passo cadenciado pelo ritmo da música, lá pela meia noite, rumando para o seu quarto desarrumado de solteirão impenitente, cantando antigas modinhas das mais belas e sentidas:

“ – Só a ti, flor do céu que me refiro.
Neste trino de amor, nesta canção.
Vestal dos sonhos meus por quem suspiro
E sinto palpitar meu coração...”

Sempre ladeado por alguma mulata ou crioula embriagada, a sua

1 Anspeçada: graduação de praça entre marinheiro/soldado e cabo.

voz na quietude da Rua Santa Cruz de então, tornava-se de uma doçura impressionante, fazendo parar extasiados os raros transeuntes que tivessem a ventura de ouvi-lo.

Rua poeirenta de poucas casas e muitos muros rabiscados de ponta à ponta, com as palavras mais obscenas da nossa língua, como era de gosto da molecada de então, aquilo, na penumbra da iluminação deficiente, tinha nuances de romance e de saudade.

Manuel Moreira de Meireles (os três emes como ele mesmo gostava de se chamar), apesar de suas veleidades serem de fato positivas em vários sentidos, como velho malandro que era, seu comportamento não podia deixar de ter os seus deslizes: - de vez em quando se via envolvido com a polícia, embora por questões não muito sérias.

Outra faceta negativa de seu caráter era a falta de modéstia. Parecia muito cônscio de seus valores (talvez pelos elogios amiúde recebidos de amigos e admiradores). Ouvimo-lo certa feita no bar do Ângelo Carlucci, localizado na Rua Santa Cruz – esquina com o final da Av. S. José, - vangloriar-se de seus próprios méritos, deixando transparecer francamente a sua amargura para com a cidade de Varginha que, apesar de tudo, amava como sua própria terra:

"Aqui nesta cidade não se dão valor aos artistas; imaginem os senhores que nesta minha viagem a Muzambinho fui disputado para cantar e tocar, e fui fervorosamente aplaudido em todos os salões dos melhores bordéis de lá!... E aqui, quem é o Meireles?... Apenas um negro tocador de violão..."

De há muito integrado nesse meio, o fato para ele deveria revestir-se de um caráter social da maior relevância...

Era assim o Meireles. Foi em todos os sentidos uma figura marcantemente popular: músico, teve a oportunidade de na banda do sr. João Batista da Fonseca saudar a chegada do primeiro trem de ferro em Varginha em 1892; soldado, habilidoso artesão, excelente barbeiro, bom seresteiro, deixou à margem da nossa história um rastro bem demarcado.

Em 1898, sob a épigrafe "Notícias Policiais", a "Gazeta de Varginha", jornal aqui editado pelos srs. Pedro da Rocha Braga e Dr. Antônio Pinto de Oliveira, trazia o seguinte:

"Na noite de quinta-feira, o indivíduo que atende pelo nome de Manoel Moreira de Meireles com um violão, José Carrinho com uma viola, (...), foram a um boteco da Rua Municipal (atual Delfim Moreira, então popularmente conhecida como Rua do Perpétua), fazendo gastos cujo montante se negaram pagar. Constatou-se que todos se achavam embriagados, e a polícia, chamada a intervir, prendeu-os...

Talvez ele nunca soubera que fui um seu admirador, e que por muitas vezes me extasiei com o seu violão e com as suas modinhas. E, ao rememorar os seresteiros do passado: Joaquim Perneta, Alfredo da Phelomena, José Lelo, Janjão, João Batista, José Brígida, Atanagildo, Nau Pintor e outros, a figura inconfundível daquele baiano vem lá do fundo da minha memória, violão ao peito, acompanhado por uma sirigaita qualquer, modulando na voz rouquenha uma velha e bonita modinha:

" – À sombra de enorme e frondosa mangueira,
Coberta de flores, da tarde ao cair;
Oh, virgem formosa, morena garbosa,
Cantava o amante meiguices a rir..."

ADUFE – (Pandeiro quadrado de fabricação artesanal).

O ato variado

Em 1.902, comemorando a inauguração da iluminação a gás acetileno da cidade, o Dr. Antônio Pinto de Oliveira, presidente da Câmara (prefeito) e executor do importantíssimo melhoramento público, programou grandes festividades. Fazia parte dos festejos a vinda de uma importante companhia teatral, com grande número de artistas.

A dita companhia – que era uma companhia "dramática", - levava à cena, além dos dramas, atos de variedades cuja natureza não fora esclarecida ao nosso respeitável e sisudo Dr. Pinto de Oliveira, seu contratante.

Em aqui chegando com um grupo de lindíssimas "demoiselles", a rapaziada de então se assanhou, fazendo movimentado o "largo" do Pretório, onde se localizava o hotel do sr. José Justiniano de Paiva (avô do Dr. Jacy de Figueiredo) e no qual se hospedaram as moças. Bié e Luiz Lalá, Alfeu Paiva, e muitos outros ali revezavam-se a estadear o seu "charme" junto às lindas moças que, para escândalo das matronas e donzelas varginhenses, não se faziam muito de rogadas, dando-lhes toda "bola"! Até mesmo José Rosa, o tipógrafo-poeta, tresandando a cachaça, cravo vermelho na lapela, lá aparecia arrastando a sua perna semiatrofiada, no seu pacholismo de mulato...

O povo de Varginha adorava o teatro. Talvez não tanto pela sua cultura – pois poucos dos nossos cidadãos a tinham então, - como pela falta quase absoluta de distrações. O fato é que as funções teatrais tinham aqui sempre a casa cheia, e que algumas peças como a "Tomada de Bastilha" – na qual se celebrizou o ator Silvério Cunha, - por incrível que pareça foi reprisada em Varginha seis vezes seguidas.

As peças eram levadas à cena no prédio da Casa da Instrução (construída quase totalmente às expensas do sr. Domingos Teixeira de Carvalho a fim de que Varginha pudesse passar à cidade), prédio que além de possuir um grande salão, apropriado a esse gênero de espetáculos, dispunha também de um magnífico palco. Nele representaram artistas de grande

renome nacional como Apolônia Pinto, que fez em Varginha uma temporada de meses, o já citado ator Silvério Cunha e outros.

"Morgadinha de Val Flor", "A Dama das Camélias", "Os Sinos de Corneville", "A Cabana do Pai Thomaz" e muitas outras grandes peças de renome foram lá representadas de maneira magnífica e, como sempre, com enorme sucesso.

Do meio para os fundos do vasto salão, enfileiravam-se os compridos bancos sem encosto pertencentes à escola, para servirem aos assistentes "de segunda classe", que pagavam 50% mais barato... Os assistentes "da 1ª classe", que ocupavam a parte da frente da plateia, tinham que levar as cadeiras de suas próprias casas a fim de assistirem aos espetáculos. Por isso, ao aproximar-se a hora da função, desciam "largo" abaixo família inteiras – o chefe, a mulher e as filhas, - trazendo acolá empregados caseiros sumidos debaixo de montes de cadeiras que, para não serem confundidas com as outras pessoas quando terminado o espetáculo, já levavam fitinhas coloridas, barbante e até amarrados em lacinhos no encosto...

Às oito da noite, em formação perfeita, marchando ao ritmo da batuta do Maestro Presciliano Sinfrônio da Fonseca, descia com todo o garbo pelo "largo" do Rosário a banda "15 de Novembro", executando o "Capitão Caçula", o "Federalista" ou o "Batista de meio", belíssimos "dobrados" do seu excelente repertório. O fogueteiro, postado à porta da "Casa da Instrução", à chegada dos músicos, mandava para os ares meia dúzia de fotografias anunciando o início do espetáculo.

A banda entrava e se aboletava em seu banco junto ao palco, executava uma ou duas peças – geralmente valsas, - até que o povo se aquietasse em seus lugares.

Naquele dia, como sempre, a casa estava cheia à cunha. A expectativa era grande quanto ao ato variado que segundo o boletim fartamente distribuído por toda a cidade, seria apresentado pelo corpo de bailado da grande companhia. Isto é, pelas belíssimas "demoiselles"...

Trajando um bonito casaco cinza-pérola que lhe ia até quase aos

joelhos, calças creme de listas finas, gravata de plastrão[1], polainas de cetim azulado sobre finíssima botina de excelente cromo alemão, um dos diretores da companhia se apresentou no palco, cartola à mão, para a saudação de praxe ao "generoso povo e às respeitáveis e distintíssimas famílias varginhenses". Voz embargada pela estrondosa salva de palmas do "respeitável público", pediu silêncio com um gesto de mão, a fim de acrescentar que o ato variado a seguir, seria um bailado muito em voga no "Moulin Rouge" que se avultava imponente sob os efeitos da vivíssima luz de gás-acetileno – pela primeira vez iluminando o teatro, afastou-se acrescentando ao seu discurso os "sinceros e cordiais agradecimentos da companhia", deixando em todos a impressão, sentida mas não expressa, de que Varginha havia se tornado um novo polo de progresso e cultura no sul de Minas, ombreando-se, - ou superando mesmo, - a nobre, ilustre e intelectual Campanha da Princesa.

Foi nesse ambiente de empolgante euforia que a banda atacou uma música ligeira, de ritmo quente e saltitante. Abriram-se as cortinas e irromperam no palco, somente de corpete, e cada uma com diversas anáguas grandemente rodadas e de variadas cores, aqueles oito pedaços de pecado, n'um saracoteado vivo e bonito, no maluco passo do "Can can"! A vivíssima luz de acetileno dava ao conjunto fulgurações de arco-íris, pondo em marcante destaque aquelas belíssimas pernas, mostradas em toda a sua extensão!...

Foi o choque. Para os padrões morais da época aquilo era dose para elefante. A reação não se fez esperar: O "respeitável público", representado pelos seus mais probos e valorosos expoentes, acudiu pressuroso com uma tremenda vaia, pondo-se a atirar sobre as "frágeis figurinhas" o que tinha mais às mãos: as cadeiras...

O escândalo deixou marcas em algumas delas, e o Dr. Tonico Xavier, chamado às pressas, se esmerou em pensar-lhes os ferimentos!

Na qualidade de autoridade convidada presenciou o fato o Revdmo. Padre João de Almeida Ferrão, então vigário da Paróquia. E nossa egrégia

1 Plastrão: gravata larga com pontas que se cruzam.

Câmara, tendo à frente o sr. chefe do Executivo, à guisa de desagravo foi no dia imediato à Casa Paroquial levar-lhe as excusas da cidade. Foi uma medida aprovada por todos, pois S. Rvdma. – modelo de virtudes, era o censor e orientador espiritual do nosso povo, que o estimava sobremaneira e lhe tributava o mais profundo respeito e admiração.

Oh! Aqueles tempos...

****

Para bem da verdade, porém, temos de assinalar que "aqueles respeitáveis senhores", não fossem suas esposas e filhas que os acompanhavam, bem que adorariam o maravilhoso espetáculo... Na sua maioria não passavam de refinados "mulherengos", acostumados à permissividade das senzalas e aos regabofes promovidos pelo famoso Perpétua, cujo boteco – na Rua Municipal, onde está hoje a casa que pertenceu ao sr. Homero Frota, - era um vespeiro de vivandeiras de toda a sorte.

Os velhos carnavais

O barulho ensurdecedor da zambumba atroava na noite escura e sem lua de 1894, passeando as poucas ruas da cidade, executado por um magote de rapazes sob o comando do irrequieto e incrível Pedro da Rocha Braga. Não existia ainda a iluminação pública, e os gritos rítmicos do "Zé Pereira" iam acordando todo mundo por onde passava. Muitos se levantavam para vê-los. Era o prelúdio do carnaval. Aquele carnaval de mascarados, "limões de cheiro", bisnaga de água e farinha de trigo. A coisa fervia de verdade e o entusiasmo atingia todas as camadas sociais. Circunspectos coronéis já entrados em anos se fantasiavam de "pierrot", de máscara e tudo e entravam na folia para valer e todo o mundo achava a coisa muito natural e divertida. Fantasias que hoje se nos afiguraria piegas eram admiradas como lindas e espirituosas.

Desde manhã, passeavam pelas ruas grupos de mascarados, cobertos com lençóis brancos à guiza de fantasma, fazendo a todos, com voz de falsete, invariável pergunta:

- "Você me conhece?"

Pedro Braga punha nas ruas para gáudio da criançada, que os acompanhavam entusiasmados e aos gritos, os seus "mucugês" – bonecos por ele mesmo confeccionados e movimentados por indivíduos que se lhes punham dentro. Era um casal de bonecos – marido e mulher, - que paravam na rua e punham-se a discutir coisas engraçadas engendradas pelo Pedro Braga e que provocavam gostosas gargalhadas entre os ouvintes. Ele com voz cavernosa e de baixo. Ela, com vozinha de falsete. Aquilo ia de manhã à noite, sempre com o acompanhamento de muitos curiosos...

Promoviam-se bailes em residências particulares ou na "Casa da Instrução", mas que não avançavam, nem um minuto sequer, além da meia-noite de terça-feira. Seria um absurdo se assim o fizessem; um desrespeito aos sagrados ditames da igreja.

À aproximação do carnaval - ou entrudo – velhas, moças e meninos num estranho movimento junto ao fogão ou fogareiro, fundiam numa chocolateira com água pelo meio, espessa camada de cera. Espetavam em uma fina haste de madeira ou ferro pequenos limões ou laranjas. Umas das velhas dispunha o carmim, o anil ou o verdete para o colorido da massa. As moças tomavam de um canivete a fim de incisarem as pequenas esferas depois de fundidas. Com a cera "no ponto", retiravam do fogo a fim de baixar a fervura. Metiam no lastro oleoso e colorido da cera os limões previamente untados ao sabão. Ao lado havia uma tigela com cera morna que servia para soldar as bandas separadas pelo canivete. Findo o processo, enchiam as delicadas cápsulas coloridas com água aromatizada com cravos, canela, rosas etc. Estava pronto o "limão de cheiro"...

As "demoiselles" delicadamente rodeavam o "cavalheiro" e o brindavam com um banho daqueles... O cavalheiro, lisonjeado, sentia-se orgulhoso de haver sido alvo de tanta "delicadeza" e diferencia das gentis "demoiselles"... E tocava para casa a fim de trocar de roupa...

Já os rapazes não eram tão "delicados". Munidos de esguichos feitoS de um gomo de bambu, sacola de farinha de trigo à tiracolo, saíam pelas ruas aos bandos, ou se escondiam nos desvãos dos portões à espera de suas vítimas. Quando se encontravam duas dessas súcias[1], a coisa ficava feia. O grupo mais fraco em número se via forçado a debandar, a não ser que quisesse engolir farinha com água... Isso na melhor das hipóteses: não raro um instrumento diferente "tirava em ação" a garrucha.

Além dos bailes do Íris, foram realizados também na casa do Cap. Luiz Severo da Costa. "Em ambos a alma da mocidade se mergulhou no delírio, sem o rigorismo dos preconceitos"!

Houve baile também na casa do Cel. Jardim.

O Clube dos Democráticos Varginhenses, a cuja frente se pôs o Sr. José Navarra, num esforço digno dos mais francos aplausos, fez exibir 3 belíssimos carros alegóricos, que patentearam de uma maneira irrefutável sobretudo digno com que essa associação se houve para com o público

1 Súcias: bandos, farras.

Carro alegórico em 1919

varginhense dignificando-o e elevando-nos à categoria de centro culto e civilizado...

Às seis horas da tarde era simplesmente maravilhoso o aspecto que apresentava a Rua de São Pedro, de onde saía o cortejo. Numa extensão de 300 metros a rua estava apinhada de povo.

À meia luz do sol, o esforço indeciso às portas do ocaso, a vista se perdia na confusão daquele soberbo torvelinho de gente. Cavaleiros em número de 12, uniformizados, galgando ricos e fogosos animais compunham a vanguarda.

O primeiro carro (puxado a boi) era uma homenagem à Ruy Barbosa, tendo ao centro o busto do mesmo cercado de flores e de dísticos simbólicos dos 21 estados da União. Conduzia-o de "nicho luminoso a interessante senhorita M. Fenoci".

O segundo carro era uma homenagem aos aliados na guerra contra a Alemanha. Apresentava uma ornamentação multicor encantadora. Trazia em seu centro diversas torrinhas em as quais se portaram crianças representando as nações aliadas da Primeira Guerra: Dalina Oliveira representando o Brasil; Ubaldina Araujo representando Portugal; Maria José Miranda representando os Estados Unidos; Clotilde Foresti representando a Itália; Nelida de Sio representando o Japão; Maria Castro e Rebelo representando a Inglaterra, e Aurora Maselli representando a Bélgica.

O 3º carro – "Estrada Luminosa", era uma rica alegoria em cores cambiantes representando uma cascata;

Por fim uma carroça coberta de folhas de palmeira ocultando um ensurdecedor "Zé Pereira".

Cada carro era escoltado por oito cavaleiros fantasiados de vermelho, com os respectivos cavalos também enfeitados. As altas laterais, formadas pela multidão, conduziam fogos de bengala de cores diversas, dando ao cortejo um aspecto deslumbrante.

A Banda Musical "Santa Cruz", garbosamente fantasiada e com os músicos montando lindos e "aparelhados" cavalos, seguia o cortejo com seus lindos dobrados.

Em todas as três noites houve bailes no Íris, no Clube Operário (localizado à Rua do Carmo) e na residência do Cel. Jardim. O entusiasmo era geral. Cantou-se muito também o "Al Felomena" e o "Meu Boi Morreu", já difundidos pelos discos de gramofone.

Houve pouca animação no Carnaval de 1920. Em 1921, a exemplo do que acontecia no Rio, começaram em Varginha os "corsos" de automóveis. Os seis ou sete carros que existiam na cidade faziam o circuito da atual praça Benedito Valadares, subindo até à travessa Monsenhor Leônidas descendo novamente pela avenida. Moças e rapazes sentados nas capotas arriadas dos carros atiravam serpentinas uns aos outros.

Com a inauguração do 1º Clube de Varginha, o carnaval foi sendo interiorizado.

Vila da Campanha

A Vila da Campanha, ou propriamente Vila da Princeza da Beira, que alcançamos cedo, no mesmo dia, pois dista apenas quatro léguas a noroeste de São Gonçalo, está situada sobre alto outeiro, e é, depois da Vila de São João del-Rei, a mais importante e populosa da comarca do Rio-das-Mortes. As minas de ouro, que, só há poucos anos foram em parte abertas na vizinhança, incluem-se entre as mais ricas das atualmente exploradas, e deram grande opulência aos habitantes, entre os quais travamos relações com o capitão-mor, um compatrício nosso, irmão do sr. Stockler, governador das Ilhas dos Açores. Aqui, vimos diversas e bonitas casas de dois pavimentos, providas de janelas envidraçadas, um dos mais custosos ornamentos no interior do Brasil. Com a riqueza e o comércio, parece-nos que o luxo e a corrupção dos costumes andam de par.

Como médico, tivemos, sobretudo, oportunidade de observar a incrível difusão da sífilis e as suas incalculáveis consequências no físico e no moral dos habitantes. Não só a generalização do contágio vai reduzindo bastante a população, mas também o despudor, com que dela se fala abertamente, ofendendo o sentimento moral, além de lesar os direitos do sexo feminino, ao qual não é permitido exercer influência sobre o modo de pensar dos homens, não pode fundamentar a felicidade conjugal. Estas tristes condições, que são a mancha mais sombria na pintura do caráter brasileiro, ainda mais se agravaram pelo grande número de escravas negras e concubinas (mulheres de cama) manteúdas, com as quais em geral se rebaixam os mestiços de ambas as raças. Como o trabalho manual da lavagem do ouro é exclusivamente executado pelos escravos negros, o senso perturbado dos brancos também faz que repilam como desonrosos qualquer serviço, mesmo o da lavoura e criação de gado. São tantos aqui os desocupados, que se costuma chamá-los como a uma classe: a dos vários. Aqui, portanto, observa o

viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, os da indigência e da depravação. Os habitantes, cujas necessidades o solo, embora rico e fértil, não satisfaz, estão sempre, por isso, descontentes, comparando a sua região com a das comarcas de Minas mais ao norte, e, para ali, encaminham os estrangeiros, como para um verdadeiro Eldorado, onde, com o gozo de maior abastança, já encontrariam os costumes europeus, cultura de espírito e prazeres da vidam enquanto eles permanecem muito atrazados.

HISTORIANDO

Embora nos mereça o maior respeito o ilustre e prezado historiador Alcebíades Viana de Paula, nos parece que o mesmo não foi feliz quanto às fontes em que se baseou na feitura de seu artigo estampado na edição do "Correio do Sul", do dia 23 de março p.p.. Diz o Dr. Alcebíades em seu estudo que Marcius em seu livro teria dito "que devido ao esgotamento das minas de ouro formara-se na Vila da Campanha da Princeza uma numerosa população de escravos desocupados que passou a ser denominada a classe dos vadios". Quanto a Marcius, parece-nos ter se enganado em classificar a exploração do ouro em Campanha. O trabalho era feito a céu aberto, sem qualquer perfuração do solo, que é o que caracteriza o que se chama de "mina". Quanto aos "vadios", a referência foi feita não aos cativos como afirmara o Dr. Alcebíades, mas sim, aos senhores dos escravos que se empregavam na extração do ouro, mesmo porque escravos quando não eram empregados no serviço de seu senhor, eram alugados a terceiros como "negros de ganho". Viúvas houveram que, pobres e sem recursos, criaram seus filhos mercê da dedicação e honestidade de um ou dois "negros de ganho" que lhes couberam por herança.

Eis o que diz Marcius sobre a cidade da Campanha de então:

"Também as 'congadas', como as vimos por aqui lá pelos idos de 1919-20, não nos pareceram em nada como de origem africana. Eram

mais uma representação teatral de bonito visual, e na qual apareciam cantos, danças e batalhas simuladas, à feição dos espetáculos levados nas praças públicas da Idade Média. Eram baseadas nas sagas das Cruzadas e no poema épico "Não Catarineta". Misturavam amores ingênuos com as guerras movidas pelos reis cristãos a Saladino pelo controle da "Terra Santa", então em poder do grande guerreiro mouro. O número dos congadeiros, às vezes, contavam-se por centenas, usando roupas caríssimas trabalhadas em veludo de várias cores e cambraia finíssima. Só que vestiam-se como os nobres da corte da XV, coisa anacrônica, já que a II Cruzada se deu na segunda metade do século XIII, e fôra comandada por São Luiz (o santo) rei da França".

Nomes do meio farmacêutico

Vamos retornar ao ano de 1947 e reverenciar a memória de farmacêuticos e práticos de farmácia que muito fizeram, esta data em diante e em diante e em datas anteriores, para o bem estar da população: José Bueno de Almeida, o Juquinha da Farmácia, prefeito inesquecível, Mário Reis, Quinca Paiva, Pedro Braga, Jair Santana, Benevenuto Braz Vieira, Tonico Xavier, o mais antigo de todos, Ernesto Dendena, Paulo Figueiredo, Luiz Barbosa Tavares e ainda vivos: Nilo Terra e Augusto Barolli. E outros nomes que me escapam da memória...

Foram exímios manipuladores! Esses nossos amigos eram mestres incomparáveis na preparação de um remédio e os resultados eram superiores aos obtidos com muitos medicamentos da atualidade. E eram muito mais baratos. Tivemos a felicidade de conviver com essas boníssimas criaturas, que merecem o "Honra ao Mérito" de nossos conterrâneos.

Eles prestaram relevantes serviços à nossa Varginha. Épocas que não voltam mais. Uma pena!

Esses profissionais da farmácia não podem ser esquecidos e seus nomes jamais devem ser esquecidos pelos varginhenses. Façam uma fervorosa oração pela alma dos que já nos deixaram e pela conservação da saúde aos que ainda estão entre nós. Muito devemos a eles, principalmente os mais humildes que tanto se valeram de seus préstimos.

ALÔ ALÔ, NICO VIDAL!

Antônio Vidal de Carvalho, o estimado Nico Vidal, segundo tenho conhecimento, é a pessoa indicada para escrever artigos sobre Varginha antiga.

Conversei com alguns amigos e todos foram unânimes em indicá-lo para esta missão. Meu caro Nico, Varginha precisa de sua contribuição!

Pegue a caneta e a sua máquina de escrever e dê a partida...

É uma "intimação" deste seu amigo. Concordas?

Tenho certeza, pois o conheço muito bem, que atenderá ao meu pedido, ao pedido dos seus amigos e conterrâneos.

Aguardamos sua decisão, não demore por favor.

Acho que a história de Varginha precisa ser contada e muita coisa interessante precisa ilustrar as páginas de nossos jornais. Além de Antônio Vidal de Carvalho, outros devem contribuir, pois somente assim podemos conhecer melhor os nossos ancestrais.

A semente está lançada e espero que os frutos surjam logo.

O dr. José Marcos de Oliveira Rezende é médico em Varginha e escreve às terças e sextas-feiras no CS.

1ª farmácia de Varginha

Dados sobre a Magistratura e o Ministério Público

A Comarca de Varginha foi criada pelo Dec. Nº 34, de 2 de abril de 1890 (Sinopse Estatística do município de Varginha – IBGE – 1948), e foi instalada em 20 de maio do mesmo ano – (Álbum "MINAS GERAIS", de Roberto Capri), tendo sido elevado a 3ª entrância em 28 de julho de 1935 ("MINAS GERAIS", DE 29/7/35).

JUÍZES DE DIREITO

1 – José Maria Vaz Pinto Coelho ..... Tomou posse em 1890
2 – Francisco Carneiro Ribeiro da Luz..... Tomou posse em 1892
3 – Antônio Luciano de Souza Lima..... Tomou posse em 1897
4 – Antônio Pinto de Oliveira..... Tomou posse em 1911
5 – José Benício de Paiva..... Tomou posse em 1928
6 – Fidelis de Andrade Botelho Júnior..... Tomou posse em 1939
7 – Heitor Mendes do Nascimento..... Tomou posse em 1941
8 – Arnaldo de Alencar Araripe..... Tomou posse em 1943
9 – Alfredo de Araújo Lopes da Costa..... Tomou posse em 1946
10 – Cândido Martins de Oliveira Júnior..... Tomou posse em 1948
11 – Paulo Tavares..... Tomou posse em 1950
12 – José Nogueira de Acayaba..... Tomou posse em 1955
13 – Francisco Vani Bemfica..... Tomou posse em 1963
14 – Reynaldo Ximenes Carneiro..... Tomou posse em 1977
15 – Mário Vani Bemfica..... Tomou posse em 1977
16 – José Ribeiro de Castro Félix..... Tomou posse em 1981

JUÍZES MUNICIPAIS

1 – João Evangelista da Silva..... Tomou posse em 1890
2 – José Bessone de Oliveira Andrade..... Tomou posse em 1893
3 – José Bessone de Oliveira Andrade..... Tomou posse em 1897
4 – Eduardo Eugênio Dantas Barroca..... Tomou posse em 1900
5 – José Lobo Leite Pereira..... Tomou posse em 1901
6 – José da Frota Vasconcelos..... Tomou posse em 1906
7 – José da Frota Vasconcelos..... Tomou posse em 1914
8 – José da Frota Vasconcelos..... Tomou posse em 1918
9 – Américo Salgueiro Autran..... Tomou posse em 1926
10 – Antônio Bráulio de Vilhena Júnior..... Tomou posse em 1930
11 – José da Frota Vasconcelos..... Tomou posse em 1933
12 – Ennes Cyro Poni..... Tomou posse em 1934
13 – Ennes Cyro Poni..... Tomou posse em 1936
14 – Ennes Cyro Poni..... Tomou posse em 1940
15 – Astolpho Tibúrcio Sobrinho..... Tomou posse em 1942
16 – Octávio Gonçalves Ferreira..... Tomou posse em 1946
17 – Astolpho Tibúrcio Sobrinho..... Tomou posse em 1947

PROMOTORES DE JUSTIÇA

1 – Juvêncio Elias de Souza..... Tomou posse em 1890
2 – José Antônio Mendes de Carvalho..... Tomou posse em 1891
3 – Antônio Pinto de Oliveira..... Tomou posse em 1892
4 – Antônio Pinto de Oliveira..... Tomou posse em 1893
5 – José Lobo Leite Pereira..... Tomou posse em 1893
6 – Antônio Pinto de Oliveira..... Tomou posse em 1896
7 – João Monteiro Peixoto..... Tomou posse em 1897
8 – Antônio Augusto Pereira Lima..... Tomou posse em 1898
9 – Pompílio Borges..... Tomou posse em 1899
10 – José Lobo Leite Pereira..... Tomou posse em 1903

11 – Francisco Marcos dos Santos..... Tomou posse em 1908
12 – Walfrido Silvino dos Mares Guia..... Tomou posse em 1912
13 – Walfrido Silvino dos Mares Guia..... Tomou posse em 1916
14 – Paulino de Araújo Filho..... Tomou posse em 1920
15 – Paulino de Araújo Filho..... Tomou posse em 1924
16 – Paulino de Araújo Filho..... Tomou posse em 1928
17 – Edgard Teixeira Valladão..... Tomou posse em 1933
18 – Astolpho Tibúrcio Sobrinho..... Tomou posse em 1935
19 – Plínio Pinto de Oliveira Resende..... Tomou posse em 1942
20 – José Marta..... Tomou posse em 1944
21 – Eugênio Paiva Ferreira..... Tomou posse em 1945
22 – Ruy Vitor do Prado (adj. Promotor)..... Tomou posse em 1971
23 – Vanessa Maria Valladão de Rezende..... Tomou posse em 1975
24 – Celso Ribeiro Lima..... Tomou posse em 1977
25 – Hélio Antônio de Oliveira..... Tomou posse em 1979
26 – Francisco Paulo da Fonseca (Plantão mês de Julho)..... Tomou posse em 1982
27 – Vanessa Valadão de Resende (Substituta)
28 – Luiz Ferreira Neves..... 1984
29 – Neila do Carmo Fanuchi..... 1984
30 – Luiz Irineu Bittencourt..... 1985

Ex-combatentes FEB

Ex-combatentes brasileiros, que participaram da Força Expedicionária Brasileira nas batalhas da Segunda Guerra Mundial, naturais de Varginha:

- Geraldo Martins Teixeira
- José Alves Da Costa Filho
- João Ozório De Castro
- Amir Silva
- José Lourenço Filho
- João Reinato Filho
- José Natal Arantes Filho
- Vasco Arruda
- Benedito Paulino Da Silva
- Leonidas Leal
- Maurilio Gonçalves Braga
- Alvaro D'elcide Ribeiro
- Francisco Gonçalves Alcantara
- Faustino José Nepomuceno
- Ozório Azevedo
- Humberto Tavares De Aguiar
- Joaquim Ulisses De Mendonça Filho
- José Elias De Oliveira
- Manoel Floriano Corrêa De Brito

Curiosidades 1

A Matriz do Divino Esp. Santo primitiva teve como construtor o "mestre" pedreiro José Simões Pereira, em 1832.

Quem deu começo às obras da 2ª matriz em Varginha em 1896 foi o padre Aureliano Deodoro Brasileiro (padre Lica). Dizem que a torre foi entregue à competência do preto "mestre Eduardo e, a nave, e a direção dos trabalhos ao Sr. Antônio Rodrigues de Souza".

Como homenagem ao mestre Eduardo o padre Nolasca ofereceu-lhe a campainha do santíssimo, ultimamente em poder de Francisco Limborço.

A Matriz do Divino teve sua Benção Solene em 7 de setembro de 1908 pelo Ddd. E Ver. Bispo Conde D. Nery, de Pouso Alegre.

A "GAZETA DE VARGINHA", o primeiro jornal da cidade, editou seu primeiro número em 1 de janeiro de 1893. Foram seus fundadores o Sr. Pedro Alcântara Rocha Braga e o Dr. Antonio Pinto de Oliveira. Existiu até 1897.

A planta da antiga Matriz do Divino foi feito por engenheiro da estrada de ferro Muzambinho. Sua torre, a mais alta do Sul de Minas, foi entregue ao mestre Eduardo e já se achava concluída em 1902/3. Um servente de pedreiro caiu da altura do relógio 20 metros espatifando nas pedras do adro, o doloroso acidente consternou toda a população.

A 19 de julho de 1895 a população foi despertada por uma salva de foguetes partida das proximidades do portão do cemitério, no alto da Avenida Rio Branco. É que pela primeira vez em Varginha chegava a água

canalizada na pequena caixa ali instalada. O manancial é o mesmo cujas águas descem ainda hoje pelo córrego dos pinheiros, entre a cidade e a Vila Barcelona. Era acionada por um "carneiro". Inaugurou-a o Major Evaristo Gomes de Paiva, então Pres. da Câmara (prefeito).

O Clube de Varginha antigo foi inaugurado oficialmente no dia 20 de Janeiro de 1922. O encarregado de sua construção foi o Dr. João da Silva Frota.

A Casa de Saúde Dr. Módena foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1926. Como já estava estabelecido em Varginha por algum tempo, muito atencioso com toda a população carente da cidade, o Dr. Módena foi homenageado em 25/11/26 por uma manifestação promovida por operários na Praça Roque Dr. Pinto (então Praça do Triangulo). Um dos oradores e manifestantes foi o trabalhador Joaquim Lourenço Teixeira (Nhôquim). Prédio do Raio X.

GUIDO DE SOUZA NOGUEIRA, nascido mais ou menos em 1845, filho de D. Ignez de Souza Nogueira, matriarca de uma das mais antigas e respeitadas famílias de Varginha, foi o primeiro varginhense formado em Ouro Preto em 1881, em Farmácia. Estudou primeira letras no Colégio Padre Vitor em Três Pontas, seguindo depois para Ouro Preto. Se estabeleceu com farmácia em Caiapó, no Est. do Rio. Parece ter morrido em 1935

No dia 26 de maio de 1895 faleceu no Pontal (Elói Mendes) a baronesa da Varginha.

RUAS

Rezende Xavier – antiga Rua da Paz;

Praça D. Pedro II – antigo Largo do Pretório;

Rua Rio de Janeiro – antiga Rua Muzambinho;

Rua Paraná – antiga Rua Francisco Horácio, depois Rua do Peixe;

Igreja Matriz - 1898 - Natal dos pobres

Vila Barcelona - Igreja São José

Rua Silva Bittencourt – antiga Rua do Carmo;
Rua Wenceslau Braz – Rua da Chapada e Rua S. Pedro;
Rua Delfim Moreira – Rua do Perpétua e Rua Municipal;
Rua Domingos Resende - Rua Barão da Varginha;
Rua Dep. Ribeiro Rezende – Rua 13 de Maio;
Rua S. Paulo – Rua 15 de Novembro - antes Rua da Harmonia
Rua Álvaro Costa – Travessa da Estação;
Av. Rio Branco – Largo de S. Miguel, Largo do Rosário, Largo da Matriz (na mesma época).

Em 1908 foi aberto o primeiro cinema em Varginha. Trouxe-o Pedro da Rocha Braga. Junto ao aparelho o vendedor deu ao sr. Pedro um filme (o primeiro passado em Varginha), chamado o "Pescador de Pérolas". Era um filme de duas "partes". E cada vez que a plateia se desgostava do filme do dia, pareava o soalho e lá do fundo alguém gritava: "Entra o Pescador". O operador atendia ao pedido e os espectadores saíam satisfeitos.

O aparelho era manivelado à mão e a luz, de arco-voltaico, era produzida por um motor estacionário à querosene. A focagem era curta e as figuras projetadas bastante esmaecidas e saltitantes. O aparelho de projeção ficava no meio do salão e a tela, numa espécie de palco. Os filmes ERAM FALADOS: as meninas do Sr. Pedro e alguns moleques ficavam atrás da tela repetindo à viva voz os letreiros que apareciam na tela. Caixotes de madeira, latas de querosene, pedaços de trilhos da estrada de ferro etc., imitavam os outros sons.

Na época, a meca do cinema era a Itália, não os EEUU. Os dois artistas mais famosos eram um tal Tantoline (cômico) e Francesca Bertini (dramática).

O Cinema Íris foi instalado no Teatro Municipal em 1916. Parece que seu primeiro gerente-operador do aparelho foi José Jordão (o velho). Gerenciou-o depois, Rafael Filardi e, em seguida, Nicola Napoli.

Em 1908 o Sr. Pedro da Rocha Braga fazia juntar diante de sua farmácia (na esquina ao lado do atual foro) localizada no porão de um sobrado pertencente a seu sogro Gabriel Severo da Costa, um mundão de gente extasiado com a sua "lanterna mágica", figuras recortadas em papelão que de acordo com o movimento da luz projetava numa tela sombras que pareciam se mover.

Em 28 de maio de 1892 foi inaugurada em Varginha a Estrada de Ferro Muzambinho (Minas e Rio). Foi seu primeiro agente aqui o sr. Ernesto dos Santos. O segundo agente foi o sr. Erlindo Costa.

Mais tarde começaram a aparecer os circos de cavalinhos, que traziam uma espécie de slides, que projetavam figuras fixas na tela. Um ou dois anos depois, começou a aparecer o cinema "itinerante", indivíduos que traziam consigo rústicos projetores fazendo exibições em salões de clubes e teatros. Os circos de cavalinhos também começou a trazê-los com novidades.

Ao levantamento do Cruzeiro da Praça Getúlio Vargas – na época feito de madeira, - notícias de então dizem que compareceram cerca de 6.000 pessoas. Esse número a nós, Nico Vidal, nos parece um tanto exagerado, já que o recenseamento de 1 de agosto de 1873 Varginha aparece como tendo o município apenas 7.195 pessoas, com certeza os escravos.

Antônio trouxe para Varginha o primeiro aparelho de Televisão. Era um RCA Victor (pequena tela redonda).

Os primeiros técnicos em televisão foram Mauro Teixeira (o Marreco) e Sebastião Bonifácio de Oliveira (o Farinha). Este ultimo foi à Mesbla em S. Paulo para aprender técnicas eletrônicas necessárias.

Nos tempos do Império para ser eleitor o pretendente tinha de provar renda líquida de 100$000 (cem mil réis) por ano. Cem mil réis era um

Natal dos Pobres - 1908 - Antigo teatro municipal

imposto considerável na época.

De 1820 a 1890 chegaram ao Brasil 360.224 italianos. Em 1880 já existiam alguns poucos em Varginha. Na época, aliás, aqui pouco queridos. Eram apelidados de "carcamanos", todos eram pouco asseados.

Em 22 de janeiro de 1895 foi feita a transferência do PAÇO MUNICIPAL do prédio da antiga cadeia para o de propriedade do Cel. Joaquim Severino de Paiva no Largo da Matriz. Era um grande sobrado que fazia esquina com a Rua João Urbano.

O Cinema Brasil – o primeiro cinema de Varginha - foi inaugurado em 1908.

O Cinema Íris foi inaugurado em 1913/1914

O Cinema Capitólio foi inaugurado em 10-12-1927

O Cinema Rex foi inaugurado em 1938

O Cinema Rio Branco foi inaugurado em 1956

A rodoviária antiga foi inaugurada em 1956. Foi desativada em 01/10/81, mas ônibus urbanos a ocuparam até 1983, quando foi demolida.

1º CAMPO DE FUTEBOL DE VARGINHA

Foi construído pelos srs.:

Alberto Moraes

Antônio Silvério

João Ferraz (do Banco Hipotecário)

João Meireles (vindo da cidade de Campanha)

Madalé (jogador de futebol), cujo nome nos falha.

O campo foi feito no fundo do terreno do prédio onde reside hoje o Sr. Homero Frota Filho (Homerinho).

O Sr. Luiz Maselli tinha um pequeno bar anexo ao campo.

O CLUBE BELA VISTA - 1917/18
Vicente Cottini
Benevides Cottini
José Lelo
João da Libania

CLUBE VERA CRUZ – Fot. 1918
José Henrique
Aristides Paiva (Tidi)
Dr. Jorge Beltrão

CLUBE "SANTA CRUZ" 1918
Dr. Francisco Limborço
Joaquim Cotinha
Antônio Ramos
João Tomé
José Ramos
Joaquim Ramos Ladeira
José Mendes
Alcebíades (filho mestre Eduardo)
Joaquinzinho (filho mestre Eduardo)
Benedito
Humberto Limborço

VARGINHA ESPORTE CLUBE – Fundado em 3/10/15.

Componentes do Teatro Amador de Chico do Matheus
Benevides Cottini (cantor)
Pedro Silva (1º mulher Nicolino Navarra).
"Perigo" – parente do Sr. Amâncio Silva
Manoel João Azze (filho do Sr. João Manoel)
João Mecelino

Nenê Pappale

Tatá

****

("Ah! Miserável; tu me matra-te a mim, desgraçado")

Esta foi frase que João Marcelino inventou quando o Sr. Pedro Braga levou os meninos a representarem no palco do Cinema Brasil.

COISAS ANTIGAS

18/01/1895

Dr. José Frota

Acaba de formar em Medicina na Capital Federal, o Dr. José Frota, que durante o curso sempre alcançou as mais altas notas quando entrava em exames.

28/04/1895

Matriz

Começaram as obras da Matriz d'esta cidade, que vão ser executadas por esforços do Revdmo. Sr. Vigário que tem particularmente recebido diversos auxílios para tão piedoso fim.

27/01/1895

Chuvas

Copiosamente tem chovido nesta cidade há perto de 40 e tantos dias (o grifo é nosso) causando ultimamente alguns prejuízos materiais.

Devido a isso o grande aterro da linha Muzambinho na entrada da cidade sofre bastante, e segundo consta, talvez seja interrompido o tráfego para a sua reconstrução.

Curiosidades 2

BANDA MUNICIPAL SANTA CRUZ – Fundada pela prefeitura no governo do pref. Manoel Rodrigues mais ou menos em 1904. Maestro: sargento PM Carlos de Tal...

A GUARDA NACIONAL foi criada durante a Regência Trina Permanente quando era ministro da Justiça Padre Diogo Antônio Feijó, ao qual ficava subordinada. Foi regulamentada pela Lei de 18 de agosto de 1831, e era composta apenas por pessoas da elite agrária interessadas em manter a ordem social. Com isso a Guarda Nacional passou como a principal forma repressiva da oligarquia agrária, sustentando sua hegemonia. Por se constituir numa força armada ligada à aristocracia rural de maneira direta, a Guarda Nacional é muitas vezes apontada como um dos antecedentes fundamentais do coronelismo político brasileiro.

O Sputnik russo de nº 11 foi lançado em 3 de novembro de 1957. Foi posto em órbita a 11.700km de altura.

BANDAS DE MÚSICA:

1874: EUTERPE VARGINHENSE – Professor: Cassiano Camilo de Oliveira. Diretor: Alferes João Batista da Fonseca.

1898/1910

15 DE NOVEMBRO

Presciliano Synfonio da Fonseca

1903

BANDA SANTA CRUZ

Maestro Marciliano Braga

1912/1920
UNIÃO VARGINHENSE
Maestro José Augusto de Lima

1930...
SANTA CECÍLIA
Maestro Amâncio Silva

1945...
LYRA VARGINHENSE
Maestro Romualdo da Cruz

FUNDAÇÃO DO VEC – AS 8338 – 20/3/1928

Banda Santa Cruz em 1922

Curiosidades 3

A fábrica de bebida do Sr. Luiz Mazelli, pela excelência de seus produtos, recebeu na Exposição Internacional de Turim (na Itália), uma MEDALHA DE OURO e outra de bronze, em 1911.

MIETA SANTIAGO, advogada, varginhense de nascimento, auxiliar do advogado-geral do Estado, foi a primeira mulher de Minas a requerer um título de eleitor em 1925.

Possivelmente na década de 1775, vindo de Formiga, aqui se aportou um Sr. Rezende com a família. Era primo de Manoel Gonçalves de Carvalho (o Braga Velho) e este deu-lhe para desfruto uma grande extensão de terra no lugar denominado "Tachos". Mais tarde os numerosos descendentes de Manoel Gonçalves de Carvalho moveram ação judicial no sentido de reaverem as ditas terras. A ação arrastou-se por duas gerações e terminou com a derrota dos descendentes de Manoel Gonçalves de Carvalho.

Os Rezende lá se encontram até hoje. (Fazenda Emílio Rezende)

NÊGO CIRILO: - José Antônio das Chagas

FRANCISQUINHO: - Francisco Antônio das Chagas

A REDE TELEFÔNICA de Varginha foi instalada em 1913 pelo Sr. José Lisbôa de Paiva. Mas o primeiro telefone instalaram-no os ingleses que vieram para construir a usina elétrica. Ligava os escritórios da Cia. (na casa que existia na esquina da Rua S. Paulo com a Rua Pres. Antônio Carlos (ao lado da Prefeitura) às obras lá junto ao rio. Era acionado à pilha ou bateria, com linha única. – 1911.

FÁBRICAS DE CERVEJA: A primeira fábrica de cerveja (cremos ter sido a primeira indústria de fato em Varginha), localizava-se no Bairro das Três Bicas, hoje Praça N.S. Aparecida, junto à 2ª bica, n'um barracão que fora bem mais tarde o curtume do italiano Salvador Guarrieiro. Seus proprietários foram Francisco Dionísio das Chagas & Cia. A cerveja se chamava CERVEJA AMERICANA.

AGENTES VENDEDORES:

Ford – Navarra & Irmãos

Buick – Walter de Paiva Rezende

Dodge Brothers – João Manoel Azze & Cia.

Chevrolet – G. Lucio & Irmão

Oakland – G Lúcio (?)

Oldsmobile – Benedito Lobato

Fiat – José Fenoci

Chrysler – Alberto Moraes (Chlaisler)

Rugby – Júlio Fonseca (Rugby)

Studebacker Pires, Rezende & Cia. Ltda.

VILA DOS POBRES

Foi inaugurada em 1927

José Lopes mandou construir as duas primeiras casinhas da inauguração. Houve missa campal. Na comissão: - José Loés, Urias Barroso, Alberico Gazola, Dr. Cesar Lutenback, Francisco Limborço etc. Foram as duas primeiras casas ao lado esquerdo da Avenida Francisco Navarra.

Já em 1928 o cidadão Domingos de Paula Teixeira de Carvalho, inteligente e curioso, fabrica GASOGÊNIO em sua fazenda (Arauto do Sul – 17/5/28).

Em 1928 o Sr. José Barcelona de Oliveira anunciava no "Correio do Sul" a venda de terreno para construção à prestação módica no Bairro

"Cidade Nova" (Vila Barcelona). Também construía pequenas casas e as vendia pelo mesmo sistema de prestação.

Na época, 1928 já existiam ali algumas pequenas casas.

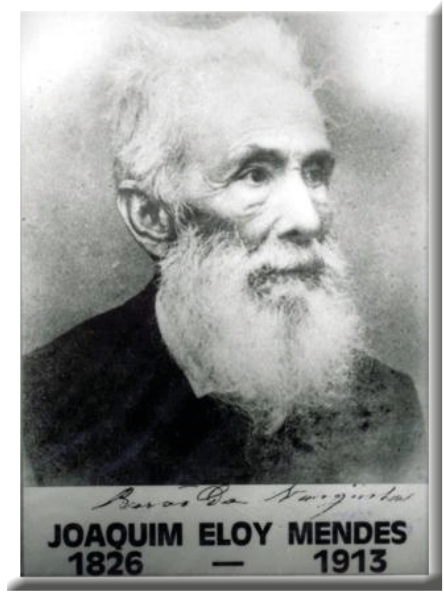
A iluminação elétrica foi inaugurada no dia 12 de abril de 1914 com a presença de Wenceslau Braz e Delfim Moreira. Nesse mesmo dia foi lançada a pedra fundamental do Ginásio Coração de Jesus.

O contrato com a empresa Vivaldi foi feito em 17 de fevereiro de 1912 pelo presidente da câmara Manoel Joaquim da Silva Bittencourt (Marósca).

Em época bastante remota existia uma cruz no Bairro das Três Bicas a que davam o nome de "Cruz da Cabeça" pois junto a ela eram depositadas para escárnio a cabeça de criminosos decapitados pela justiça. Duvidoso. Tudo indica não ser verdade essa afirmativa.

Em 1915 foi criado pela primeira vez um Tiro de Guerra em Varginha. Foi o Tiro de Guerra 255. Seu primeiro presidente: Dr. José Marcos de Resende.

Datas de nascimento e falecimento



- Joaquim Eloy Mendes (Barão de Varginha) – 1820 - 1913
- Dr. José Marcelino Rezende – 30/10/1879 – 18/5/43
- Godofredo – 03/06/1910 – 26/11/86
- Mateus Tavares da Silva – 15/12/1839 – 28/09/1906
- Maria Balbina da Silva (Esposa sr. Mateus Tavares) – 31/03/1876 – 24/12/1906
- Joaquim Procópio Bueno Junior – 10/01/1883 – 14/08/1958
- Dr. Oswaldo Valadão de Resende – 21/09/1907 – 09/02/1983
- Joaquim Severo de Paiva – 17/05/1847 – 28/03/1921
- Gabriela Severo da Costa – 23/11/1837 – 12/01/1923
- D. Augusta Sev. Matos (sua esposa) – 23/11/1873 – 26/06/1952
- Venâncio Franco de Carvalho – 18/05/1881 – 11/06/1980
- D. Ambrosina Figueiredo (D. Zinoca) – 21/08/1877 – 20/12/44
- Dr. Domingos de Figueiredo – 01/08/1873 – 19/01/44
- Cel. João Urbano de Figueiredo (o velho) – 25/05/1845 – 22/08/1910
- José Maximiano Franco de Carvalho – 08/10/1856 – 03/05/1922
- Galeano Alves Pereira – Falecido – 13/09/18
- Dr. Wladimir Pinto – 06/10/1899 – 28/09/1967
- Dr. Antônio Pinto de Oliveira – Eloy Mendes – 21/09/1865 – 23/06/1928
- Cel. Antônio Justiniano Resende Xavier – (Tonico Alves) – 05/04/1856

– 22/08/1927

- D. Ana Jacynta (Esp. Tonico Xavier) – 15/04/1865 – 02/04/1914
- Joaquim Francisco Pereira (Paraguay) – Aiuruoca – 16/05/1842 – 07/04/1932
- Dr. Matheus Nogueira Acayaba – 24/08/1875 – 24/07/1946
- Domingos Lucio – 30/08/1870 – 02/08/1926
- João Evangelista da Silva Frota – 23/09/1868 – 29/07/1935
- Dr. Ibrain Barbosa Chaves – 1891 – 16/03/1978
- João Paes de Carvalho – 24/06/78 – 23/02/1942
- Estevam Braga Sobrinho (Tevico) – 09/06/1893 – 06/08/1944
- Mathias Moinhos de Vilhena – 25/12/1906 – 17/12/1953
- João Batista Galeano (o filho) – 25/12/1891 – 26/10/1929
- José Gonçalves Pereira (José Lopes) – 18/08/1878 – 12/09/1947
- Cândido Foresti – Fal. em 11/03/1911
- Dr. José Bíscaro – 02/12/1921 – 06/02/1963
- Valério Máximo dos Reis – Fal. em 17/09/1924
- Emilio Justiniano de Resende Silva – 28/08/1873 – 27/02/1942
- Luiz Nogueira de Sá – 08/07/1889 – 22/07/1967
- D. Natalia Resende – 24/04/1899 – 23/11/1978
- D. Urbana Reis Tavares – 13/07/1879 – 24/07/1924
- Joel Reis – 31/05/1898 – 08/05/1972
- Antônio Rabelo da Cunha – 08/09/1852 (Portugal) – 19/07/1930
- Afonso de Oliveira Castro – 18/06/1885 – 11/04/1968
- Esposa: D. Maria Amélia Rabelo de Castro – 24/08/1887 – 22/12/42
- Cap. João Megda – 16/06/1865 – 19/04/1945
- Yvone (Dr. Domingos) – 02/12/1906 – 04/11/1918
- Osório de Oliveira Castro (Osório Megda) – 15/07/1887 – 16/04/1930
- José Adhelio Justiniano Resende Silva – 07/08/1875 – 11/11/1958

Titular de Ruas

JOSÉ ORLANDO FENOCI

Destacado comerciante e industrial de Varginha, filho do italiano José Fenoci e de D. Orminda Teixeira Fenoci. Foi membro de destaque do Partido Social Democrático sob chefia do Dr. Francisco Rosemburgo. Foi dono de importante padaria e de uma excelente fábrica de macarrão.

DR. JOSÉ DE ASSIS RIBEIRO

Nascido em São Paulo (capital), formado em veterinária, aqui chegara como fiscal de estabelecimentos de laticínio, "metier" em que diziam ser especialista de alta competência. Radicou-se aqui, casando com uma filha do Sr. Álvaro Mendes.

Foi um dos sócios fundadores da casa comercial "Doméstica", primeira a introduzir em Varginha os fogões a gás.

CEL. MANOEL JOAQUIM DA SILVA BITTENCOURT (MAROSCA)

Português de nascimento aqui se radicara, casando-se e constituindo família. Cidadão do mais alto gabarito, foi presidente da Câmara (de 1910 a 1913), tendo feito o calçamento de diversas ruas, fez a abertura da Avenida São José, a remoção da Igreja do Rosário da Av. Rio Branco para a praça do Cruzeiro, conseguiu por troca o terreno destinado ao novo cemitério municipal, concluiu a caixa d'água do Alto do Bié para coletar a água do lugar denominado "Bomba", além de outra caixa coletora no alto da Av. Rio Branco (a primeira caixa).

CEL. ANTÔNIO JUSTINIANO DE REZENDE XAVIER – (Tonico Alves ou Tonico Xavier)

Considerado Dr. em Medicina embora não titulado, excelente farmacêutico, foi por muitos anos considerado o médico dos pobres, aos quais atendia com desvelo e dedicação sem nada lhes exigir. Inteligente,

diagnosticava e aplicava às doenças acertados medicamentos, chegando mesmo a praticar intervenções cirúrgicas com pleno êxito.

Chefe político de incontestável prestígio, foi presidente da câmara no período de 1908/1910, cuidando com êxito do saneamento da cidade, cuidando para que a água consumida pela população fosse limpa e pura, acabando com os surtos periódicos de tifo e disenteria que chegou a dar a Varginha o ignóbil título de "Cemitério de Crianças".

Profundo conhecedor da flora medicinal, sempre recorrera a ela com pleno êxito.

PROFESSORA ELISA DA FONSECA (Elisa Cândida da Fonseca)

Normalista formada pela Escola Tradicional Normal da Campanha, fundou em Varginha em 1896 o Colégio Varginhense para educação de meninas, em cujo currículo eram incluídos canto e música. Educadora competente, imbuída de profunda instrução religiosa, sabia fazer-se respeitar e obedecer, o que logo granjeou a confiança dos pais de família, fazendo com que seu internato estivesse sempre com sua lotação completa. Seu externato tinha as vagas disputadíssimas tal o alto nível educacional do Colégio. Mais tarde teve como suas auxiliares suas filhas Judith e Jenny que, como a mãe, eram também ótimas educadoras.

DR. JOSÉ JUSTINIANO DOS REIS

Excelente médico. Político, foi por duas vezes candidato à prefeitura. Foi interventor da prefeitura nomeado pelo governador do Estado durante o ano de 1947.

CAPITÃO BERNARDINO JOSÉ PAULINO

Oriundo da Campanha da Princesa, onde se casou com D. Ana Macêdo, formada pela Escola Normal da Campanha. Foi funcionário de diversas repartições públicas em Varginha como cartórios, coletorias etc. Teve como filhos Astorlinda, Alice e Luiz Macêdo, sendo avô de D. Alice Macêdo (filha), também professora como a mãe.

DONA MARIA FIGUEIREDO RESENDE

Esposa do Deputado Domingos Ribeiro de Resende, filha do Cel. João Urbano de Figueiredo, antigo chefe político varginhense de grande prestígio no passado.

MAJOR VENÂNCIO FRANCO DE CARVALHO

Patriarca de numerosa e distinta família varginhense, foi o primeiro negociante de fazendas e armarinho da cidade. Prestou relevantes serviços à comunidade varginhense desde antes que passássemos à cidade. Muitos de seus descendentes continuam em nosso meio destacando-se por suas qualidades de bons cidadãos. Lúcia Carvalho, Samuel Dalia, (...)

JOSÉ BARCELONA DE OLIVEIRA

Ativo e experiente comerciante de atacado, inclusive de café, José Barcelona de Oliveira cuidou de outras atividades, destacando-se em todas por sua proverbial eficiência e retidão. Possuiu machina de beneficiar café, depósito de artigos para lavoura etc.

Foi pioneiro de uma atividade inusitada na época: - construiu pequenas casas que vendiam à prestações módicas e criou o primeiro bairro da cidade – a Vila Barcelona.

TENENTE JOAQUIM PINTO DE OLIVEIRA

Político varginhense e importante fazendeiro, irmão do saudoso Dr. Antônio Pinto de Oliveira, foi o tenente Joaquim Pinto pessoa estimadíssima de todos, (...) que implicasse no progresso da cidade e no atendimento ao bem estar da população. Chefe da tradicional família que deu a Varginha excelentes cidadãos.

MARIA ANTONIETA DE PAIVA

(Não foi a Franzes)- Mas era também muito bonita. Era filha do Sr. Jujuca Paiva e esposa do cidadão Vicente Greco. Faleceu prematuramente.

AMADEU PELOSO

Grande fazendeiro, produtor de café. Chefe de numerosa e respeitável família, e construtor da maioria das casas da Vila Peloso, bairro da cidade.

FRANCISCO SILVA TAVARES

Cidadão prestante, trabalhador e honrado, sendo pai de família exemplar. Entre seus descendentes estão os proprietários do estabelecimento comercial.

D. EDITH PEREIRA

Esposa do Sr. Pedro Pereira, que fez o loteamento de parte da Vila Floresta.

SEBASTIÃO OTAVIANO DA SILVA

Conhecido como Sebastião Porqueiro. Cidadão ativo e trabalhador, chefe de respeitável família. Fazendeiro de grandes recursos, além de importante lavoura de café foi também grande pecuarista.

DOMINGOS TEIXEIRA DE CARVALHO

Fazendeiro, um dos primeiros plantadores de café da região. Domingos Teixeira de Carvalho foi o construtor da igreja do Mártir totalmente a suas expensas. Também para que Varginha passasse à cidade, fez construir também a Casa da Instrução, o que foi feito também quase que totalmente com seus próprios recursos. A igreja foi inaugurada em 1873 e a Casa da Instrução em 1877/79.

Foi presidente da Câmara de 1886 a 1887. Proprietário de "Fazendas de São Domingos dos Tachos", que além dos grandes cafezais tinha criações de gados de raça, leiteiro por excelência.

PROFESSOR MÁXIMO (Fernando Máximo)

Professor de contabilidade, transmitiu a várias gerações de varginhenses seus excelentes conhecimentos da matéria, habilitando-os na luta para melhores dias. Lecionou em vários ginásios, foi contador da Prefeitura no governo do Dr. Manoel Rodrigues. Sisudo, modesto e culto, nunca deixou de prestar o seu concurso a qualquer evento social, beneficente ou cultural quando solicitado. Sua inteligência e valor está aí refletidos em seus descendentes.

PRESIDENTE ÁLVARO DE PAULA COSTA

Como presidente da câmara de 1925 e 1930, o farmacêutico Álvaro de Paula Costa foi uma espécie de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Havendo conseguido com o presidente do Estado Antônio Carlos de Andrade um empréstimo para a prefeitura de 2.500.00$000 (dois mil e quinhentos contos de réis), ele praticamente transformou a cidade alinhando e rebaixando ruas. Construiu rede de esgotos, passeios, jardinou a Avenida Rio Branco nivelando-a de ponta a ponta, arborizando-a etc., mudando completamente as feições da cidade.

Asfaltou a Avenida Rio Branco, a Rua Direita (Presidente Antônio Carlos), a Rua Delfim Moreira, tornando a cidade conhecida em todo o Brasil como a primeira cidade asfaltada do interior do país.

DEPUTADO DOMINGOS RIBEIRO DE REZENDE – (Mingutinha)

Foi deputado estadual e um dos mais importantes chefes políticos de Varginha. Na Assembleia muito conseguiu para Varginha e região do sul de Minas que o elegeu. Político conservador chefiou por várias décadas a política local, aproveitando com o seu grande prestígio junto aos governos do Estado no sentido de trazer melhoramentos e vantagens para a cidade.

MAESTRO MARCILIANO BRAGA

Músico consagrado e extremamente dedicado, através dos anos formou uma plêiade de ótimos músicos, muitos deles chegando a maestros de orquestras e de banda. Lecionou também por vários anos de ma-

neira graciosa as primeiras letras a muitos varginhenses.

Em 1913, com João Vidal Mercadet, Luiz Penha, Alfredo Braga de Carvalho fundou, em 1º de maio, a primeira Associação Operária, da qual a atual Associação Recreativa Beneficente Operária é prosseguimento.

DR. JOSÉ BÍSCARO

Jovem médico pertencente a destacada família varginhense. Muito humanitário em breve tempo conseguiu captar a estima e o respeito de toda a população de Varginha. Infelizmente veio a falecer junto a dois filhos menores, num trágico acidente na estrada Fernão Dias.

JOAQUIM PROCÓPIO BUENO

Fazendeiro, dono da Fazenda da Barra do Parmela. Agricultura e pecuária. Foi vereador, jurado etc. Chefe de família exemplar, deixou descendência por todos os títulos estimada e trabalhadora.

A memória da cidade cabe inteira na memória do homem

Cristina A. Câmara e Dora Macedo

Mas não é na memória de qualquer homem. Estamos falando de Antônio Vidal de Carvalho. Ele é varginhense, nascido em 28 de novembro de 1911 tendo portanto, autoridade e uma idade que testemunhou exatamente cada passo do desenvolvimento da cidade. Sua lucidez ao narrar os fatos históricos surpreendem a qualquer pessoa e sua narrativa causa inveja a qualquer outro historiador. O carinho com que envolve cada uma das milhares (sem exagero) de peças, fotos, folhas, livros e detalhes de seu acervo particular e os guarda como preciosidades, impõe respeito a quem se aproxima. Não esconde a mágoa daqueles que se utilizaram de suas memórias em favor próprio ou usurparam de peças e fotos caríssimas sem devolvê-las depois de emprestadas. Também, vaidosamente, confessa que o que guarda em seu escritório à Rua São Paulo é seu, de fato e de direito. É fruto de anos de coleta, conservação e estudos.

Hoje, caprichosamente, como guardião de um grande tesouro, não permite a ninguém aproximar-se daquilo que guarda a sete chaves: a autêntica história de Varginha.

Seriedade

Mas para falar ao DEBATES EM VARGINHA não fez objeção. Ao contrário, com toda paciência e delicadeza, com fala de um mestre em classe narrou tudo que hoje transcrevemos e muito mais. Para tanto, revirou todas as inúmeras caixas e gavetas, pastas e caixas em busca do seu melhor saber: falar de Varginha.

Verdadeiramente apaixonado por tudo o que conta e por tudo o que

tem, contagia e aguça o interesse de quem ouve. Sem dúvida, não há na cidade nenhum outro acervo ou exposição mais rica que a memória desse historiador.

História

Se hoje Varginha sabe de sua história, deve a Nico Vidal, como é carinhosamente conhecido na cidade, que guarda o que nenhum livro tem e o que ninguém sabe da cor. Nesta oportunidade, seria utopia pensar que bom se a comunidade, as crianças, as escolas tivessem acesso a tantas informações importantes. Mas isso seria um trabalho para a "Super Secretaria da Educação".

"Seu Nico" tem noção das relíquias que guarda, das preciosidades que tem. Por isso talvez as trate com tanto mimo e respeito. Nascido e vivendo aqui, esse contador por profissão, em plena atividade aos 85 anos já faz parte da própria memória da cidade. Conheceu pessoalmente tantas personalidades influentes, vivenciou fatos históricos e participou de outros não menos importantes.

Falou de sua infância, o momento mais feliz de sua vida. Lembrou as calças curtas e lamentou o desaparecimento de várias frutas como uvaia, araçá, loba, marmelinho do campo, araticum e principalmente as nozes, que já foram frutas nativas da região. Atribui à juventude o descaso para com a cultura e aos mais velhos o desinteresse pela preservação da memória. Esclarecidamente político, lembra que foi o fundador do antigo MDB de Varginha, lutando sozinho contra as ideias ditatoriais da época. Lembra também que chegou a ser eleito prefeito, não sendo empossado graças às "maracutaias" que lhe tiraram preciosos votos.

Obrigado, "Seu Nico"

Se é assim, se hoje sabemos onde se guardam as nossas memórias, sabemos quem tem competência e seriedade para falar da "aniver-

sariante", nada melhor que render nossas homenagens em nome dessa comunidade ao "guardião de nosso coração", porque é dentro dele que moramos silenciosamente há décadas. Escolhemos o cidadão Nico Vidal para receber nossa homenagem e gratidão, há que não podemos abraçar, literalmente, a própria cidade.

Mas quem saiu de seu "acervo particular" cheios de presentes fomos nós. Ganhamos o conhecimento, sua amizade e um raríssimo "biscuit" que vamos guardar a sete chaves sem mostrar a ninguém, ao contrário dele que, desprovido de ganância guarda e mostra os presentes que ganhou durante tantos anos, amando sua terra-natal.

Impresso em maio de 2021 pela Rograf Editora - Belo Horizonte/MG
Papel pólen 80g/m²
Tipografia: Merriweather
Tiragem: 200 exemplares (1ª edição)

varginhacultural.com.br /varginhacultural